

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

**FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E CONSTITUIÇÃO DO ETHOS
EM CARTAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO:
RELAÇÃO PAI/FILHO**

Juliana Mendes Campos Quintino

Belo Horizonte – MG

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Juliana Mendes Campos Quintino

**FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E CONSTITUIÇÃO DO ETHOS
EM CARTAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO:
RELAÇÃO PAI/FILHO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras – Lingüística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes

Belo Horizonte – MG

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Q7f Quintino, Juliana Mendes Campos
Formações imaginárias e constituição do *Ethos* em cartas de alunos do ensino médio: relação pai/filho / Juliana Mendes Campos Quintino. Belo Horizonte, 2009.
252f. : Il.

Orientador: Paulo Henrique Aguiar Mendes
Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Análise do discurso. 2. Imagem. 3. Pai e filho. I. Mendes, Paulo Henrique Aguiar. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 800.852

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes – (PUC-Minas) – Orientador

Prof. Dr. Hugo Mari – (PUC-Minas) – Examinador

Profª Dra. Juliana Alves Assis – (PUC-Minas) – Examinadora

Profª Dra. Maria Ieda Almeida Muniz – (Unimontes) – Examinadora

Prof. Dr. Antônio Carlos Soares Martins (IFETNMG – Campus Januária) – Examinador

Belo Horizonte/MG – Março de 2009

Dedico esta tese à minha adorada filha Ana Júlia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Celeste por dar-me a capacidade de enveredar pelos campos da pesquisa.

Ao meu orientador, professor doutor Paulo Henrique Aguiar Mendes, pelas análises e sugestões pertinentes ao trabalho desenvolvido.

Aos professores doutores que atenderam o convite para participarem da Banca Examinadora: Hugo Mari, Juliana Alves Assis, Maria Ieda Almeida Muniz e Antônio Carlos Soares Martins.

Aos professores e professoras do Programa de Doutorado em Lingüística (e Língua Portuguesa) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMinas, pelas discussões e ensinamentos suscitados durante as aulas.

Às funcionárias da Secretaria de Pós-graduação da PUC-Minas: Vera Lúcia Mageste de Salles Alves, Berenice Viana de Faria e Rosária Helena de Andrade por serem sempre atenciosas e solícitas.

Ao meu esposo Luiz Quintino pelo incentivo e apoio incondicional.

À minha mãe, pela ajuda constante na educação e criação de minha filha Ana Júlia.

À Ana Júlia, a quem dedico esta tese, por compreender as minhas ausências nas viagens e mesmo em casa, debruçada na pesquisa.

À historiadora e amiga Regina Caleiro, pelo empréstimo de material didático e de informática, durante a realização desta pesquisa.

Ao amigo Wandeir Lima e sua filha, Viviane Lima, por abrirem as portas do seu apartamento em Belo Horizonte, durante a realização dos meus créditos.

À Universidade Estadual de Montes Claros e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig, pelo consentimento e apoio financeiro desta pesquisa.

Pela felicidade de contar com uma família grande e inúmeros amigos, agradeço a todos do fundo do meu coração.

Concluindo os agradecimentos, não poderia deixar de reverenciar os alunos participantes desta pesquisa, que por meio das redações e questionários se fizeram protagonistas indispensáveis na elaboração desta tese.

RESUMO

Atualmente, percebe-se a existência de uma preocupação em torno da alteração das relações familiares. Nota-se que essas relações sofreram mudanças ao longo dos séculos e que a figura de pai que era vista como núcleo da família e detentora de respeito, assiste a uma alteração do seu poderio. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo observar as imagens de pai e de filho instauradas em textos de alunos provenientes do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais– IFETNMG – Campus Januária. Januária é um município localizado na região norte do Estado de Minas Gerais. Metodologicamente, foi realizada a análise lingüística desses textos, para que fosse possível deprendermos como se constrói os *ethé* discursivos de pai e de filho. Inscrevendo-nos em uma tradição da Análise do Discurso de linha francesa, nossa investigação centrou-se nas contribuições teóricas de D. Maingueneau (2005; 2006), especificamente os conceitos de *ethos*, as noções de cenas de enunciação: cenas englobante, genérica e cenográfica. Trabalhamos também com os pressupostos teóricos de Ducrot (1972, 1987), especificamente o conceito de negações polêmicas; e com as modalizações, por meio dos estudos desenvolvidos por Brandão (1998), Cervoni (1989) e Koch (2002). A primeira parte do trabalho fornece um esboço de todo o desenvolvimento da tese. Logo em seguida, realizamos um panorama geral sobre a história da formação da família brasileira. Após, dissertamos sobre a contribuição de alguns dos conceitos da Análise do Discurso utilizados em nossa investigação. Analisamos, posteriormente, as marcas lingüísticas (negações e modalizações) que nos permitiram desvendar os *ethé* paterno e de filho. À frente, discorreremos sobre a interferência do preestabelecido social na instauração dos *ethé* nos discursos instaurados pelos alunos. Finalizando a tese, realizamos uma investigação sobre as imagens que esses adolescentes têm de seus pais, na relação social pai-filho. Após finda essa pesquisa, podemos considerar que: 1) a figura de pai instaurada discursivamente é de alguém amigo, companheiro, não-autoritário, conselheiro; 2) a figura de filho é de alguém decidido, objetivo, contudo, alguém que se mostra educado no momento em que impõe a sua decisão para o pai; 3) a imagem de pai instaurada nos textos é muito parecida com a imagem que os alunos têm de seus pais. Sendo assim, é possível perceber que para instaurarem

uma imagem de pai em seus textos, os alunos se apoiaram na imagem que têm de seus próprios pais. Percebemos, ainda, que a imagem de pai que perfaz o imaginário dos filhos adolescentes não é mais como alguém autoritário, ríspido, sério todo o tempo, mas de alguém amigo, companheiro, conselheiro, brincalhão, alguém com quem o filho pode confidenciar os seus problemas, tendo a certeza de que será ouvido e orientado.

Palavras-chave: *ethos*; pai; filho; negações polêmicas; modalizações.

ABSTRACT

Nowadays, there is a clear concern over the family relationship change. We can notice these relationships changed along the centuries and that the father figure, which was considered the family nucleus and possessed the respect, watches a change in his power. Thus, this work aims to observe the images of father and son inserted in students' texts from the high school of Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais– IFETNMG – Campus Januária. *Januária* is a city located in the North of the State of Minas Gerais. A linguistic analysis of these texts was used as methodology to enable the understanding of the way the discursive *ethé* was built between father and son. Our investigation followed a tradition of the French stream of Discourse Analysis, more particularly the theoretical contributions of D. Maingueneau (2005; 2006), specifically the concepts of *ethos*, and the notions of enunciation scenes: global, generic and scenographic scenes. We also work with the theoretical framework of Ducrot (1972, 1987), specifically the concept of polemical negotiations and with the modalizations through the studies developed by Brandão (1998), Cervoni (1989) and Koch (2002). The first part of this work provides an outline of all the development of the thesis. Then, we provide a general view over the history of the Brazilian family formation. Next, we discussed over the contribution of some Discourse Analysis concepts used in this investigation. We analyzed later, the linguistic marks (negotiations and modalizations) which enabled to unveil the father and son *ethé*. Then ahead, we discussed the interference of the social pre-established aspects in the introduction of *ethé* in the introduced discourses by the students. In the end of the thesis, we investigated images these teenagers have over their fathers in the social relationship father-son. After the end of this research, we may consider that 1) the father figure introduced in the discourse is someone who is a friend, companion, counselor and not authoritarian; 2) the son figure is someone decisive, objective, however, someone who shows he is educated when he needs to show his decision to his father; 3) the father image introduced in the texts is very similar to the image the students have of their fathers. Thus, one may notice that in order to introduce a father image in their

texts, the students based on the image they have of their own fathers. We noticed still, that the father image that forms the imaginary of the teenagers is not someone who is authoritarian, rude, serious all the time, but someone who is a friend, companion, counselor, playful, someone with whom a child can tell his problems, being sure that he will be understood and guided.

Keywords: *ethos*; father; son; polemical negations; modalizations.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Reportagem utilizada para a redação das cartas pelos alunos do Ensino Médio	29
FIGURA 2 – Reportagem utilizada para a redação das cartas pelos alunos do Ensino Médio	30

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Imagens do enunciador e do co-enunciador, inseridas em uma formação imaginária	61
QUADRO 2 – Imagens da situação de enunciação	62

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Argumentos presentes nos textos escritos por meio da
Proposta 1 108

TABELA 2 – Argumentos presentes nos textos escritos por meio da
Proposta 2 112

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 – A importância deste trabalho	19
1.2 – A importância da argumentação na produção de textos escolares	21
1.3 – O desenvolvimento da nossa investigação	28
1.4 – A escolha do gênero epistolar como suporte para a nossa pesquisa	32
2. HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA FAMÍLIA BRASILEIRA – UMA VARIAÇÃO DA IMAGEM DA FIGURA PATERNA	35
2.1 – Da família patriarcal	35
2.2 – Do núcleo familiar moderno	40
2.3 – Da família na atualidade	41
2.4 – Da criação do <i>ethos</i>	44
2.4.1 – O <i>ethos</i> aristotélico	45
2.4.2 – O <i>ethos</i> sociológico	48
2.4.3 – Os <i>ethé</i> de Maingueneau	49
3. A CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA OS ESTUDOS SOBRE OS TEXTOS ARGUMENTATIVOS	51
3.1 – A escolha de uma teoria	51
3.2 – A Análise do Discurso: primeiros momentos	51
3.2.1 – A enunciação e os textos argumentativos escolares	52
3.2.2 – O sujeito da Análise do Discurso	56
3.2.2.1 – <u>Os sujeitos e os papéis sociais</u>	59
3.2.3 – As condições de produção discursivas	61
3.2.4 – A formação discursiva	64
4. MARCAS LINGÜÍSTICAS E IMAGENS DA RELAÇÃO PAI E FILHO	70
4.1 – O posto, o pressuposto e o subentendido	70
4.2 – A influência das negativas nos discursos	72
4.2.1 – A polifonia em enunciados negativos	75
4.2.1.1 – <u>A presença da polifonia em enunciados negativos</u> <u>da Proposta 1</u>	79

4.2.1.2 – <u>A presença da polifonia em enunciados negativos da Proposta 2</u>	90
4.2.2 – <i>Formação discursiva paterna X Formação discursiva de filho: os argumentos mais utilizados nos textos de análise</i>	108
4.2.3 – <i>A modalização como espelho da relação social pai-filho</i>	115
4.2.3.1 – <u>As modalizações presentes nos textos gerados por intermédio da Proposta 1</u>	117
4.2.3.2 – <u>As modalizações presentes nos textos gerados por intermédio da Proposta 2</u>	130
5. A INTERFERÊNCIA DO PREESTABELECIDO SOCIAL NA INSTAURAÇÃO DO <i>ETHOS</i> : RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS	142
5.1 – Análise dos textos com a primeira proposta de escrita	142
5.1.1 – <i>Da cena da enunciação</i>	144
5.1.2 – <i>Da cena englobante</i>	144
5.1.3 – <i>Da cena genérica</i>	145
5.1.4 – <i>Da cena cenográfica e da constituição do ethos discursivo</i>	145
5.2 – Análise dos textos com a segunda proposta de escrita	162
6. A FIGURA DO PAI NO IMAGINÁRIO DOS FILHOS ADOLESCENTES	176
7. CONCLUSÃO	188
REFERÊNCIAS	192
ANEXOS	198

1. INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Materna nas escolas tem passado por inúmeras mudanças devido aos estudos que vêm sendo desenvolvidos na área da linguagem. O ensino escolar que durante algum tempo priorizou o ensino da metalinguagem, em detrimento das atividades de funcionamento da língua, passa com a expansão das idéias lingüísticas a se preocupar em realizar o movimento contrário, e priorizar o estudo do funcionamento¹ da língua em detrimento do estudo metalingüístico descontextualizado. Pensando nisso, em um grande número de escolas, hoje, tem-se repensado o ensino da Língua Materna e os professores têm se dedicado prioritariamente ao ensino por intermédio de textos. Não obstante, o texto compreendido não como algo pronto e acabado, mas como um processo responsável pela interação entre o enunciador e o seu co-enunciador.

Essa mudança no ensino da Língua Materna também é um reflexo das sociedades contemporâneas que exigem cada vez mais dos falantes uma maior habilidade comunicativa. Neste sentido, é importante que os alunos aprendam a utilizar a língua em diversas situações, possibilitando-lhes uma interação eficaz. Para que isso aconteça é necessário que eles tenham contato “*com uma diversidade de textos, em diferentes contextos de interação, para que possam ampliar as capacidades comunicativas e, assim, utilizar a língua, buscando os efeitos de sentido pretendidos*”. (LEAL e MORAIS, 2006, p. 7)

Como a comunicação se efetiva por intermédio de textos, os estudos na área textual têm se desenvolvido em larga escala e há diversos estudiosos comprometidos nessa questão.

Pensando na importância de um trabalho que seja contextualizado, decidimos trabalhar com a escritura de textos a ser realizada pelos alunos². Sendo assim, apresentamos as propostas de redação aos alunos. Necessitamos mostrar a eles que, para escreverem uma carta, antes de iniciarem o texto, deveriam pensar no objetivo que queriam alcançar ao escreverem os seus textos, quem seria(m) o(s)

¹ O funcionamento da língua é visto por nós como a possibilidade de os alunos conhecerem uma maior quantidade de variedades lingüísticas, para que possam ampliar as suas capacidades de comunicar-se com eficiência nas mais diferentes situações comunicativas.

² Discorreremos mais detalhadamente sobre o desenvolvimento desta pesquisa um pouco mais a frente.

provável(is) co-enunciador(es) desses textos, quais os argumentos seriam mais convenientes em cada situação, etc. Tivemos, ainda, que fazê-los perceber que todos esses dados são relevantes para que se possa ser capaz de redigir um texto adequado a cada situação.

Tendo ciência de que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (AMOSSY, 2005, p.09), percebemos a importância da formação do *ethos* discursivo (Maingueneau, 2005c)³. Os professores, ao proporem aos seus alunos que escrevam textos, devem mostrar a eles a importância de conhecerem o(s) provável(is) co-enunciador(es) de seus textos, bem como o contexto em que veiculará o seu texto (mesmo que hipoteticamente), devem mostrar aos alunos como é importante a adequada construção da imagem de si dentro do discurso⁴, e explicar-lhes que é essa imagem que vai orientar para o sucesso do discurso, seja ele oral ou escrito.

Por que é importante que os alunos sejam capazes de criar um *ethos* discursivo adequado, especificamente dentro desta pesquisa? Porque mesmo sendo os alunos quem redigirão os textos, eles terão que escrever como se fossem uma outra pessoa. Almejamos descobrir como eles constroem os *ethé* de pai e de filho discursivamente, desejamos saber quais as imagens de pai e de si mesmos que eles constroem em seus discursos⁵.

Creemos com Maingueneau (2005b) que haja um *ethos* pré-discursivo⁶ que guia os discursos que são difundidos. Esse *ethos* é indispensável na orientação discursiva desses alunos, pois, sem ter uma imagem formada do enunciador que foi solicitado na proposta de redação recebida por cada aluno, não haveria como redigirem os seus textos adequadamente. A partir dos textos escritos, objetivamos

³ Em nossa tese trabalharemos com a concepção evocada pela Análise do Discurso de orientação francesa que concebe o *ethos* no nível discursivo, isto é, é o posicionamento discursivo no qual o enunciador está inscrito que confere a ele um *ethos*. O discurso “cria” o *corpo* de um *fiador* que, por meio de sua enunciação, produz efeitos discursivos na comunidade pressuposta e é, ao mesmo tempo, validada por aquele discurso. Na forma como se enuncia, percebe-se um *tom* que se apóia na dupla figura do enunciador, a de um *caráter* (conjunto de traços psicológicos) e a de uma *corporalidade* (maneira de vestir, movimentar-se e agir em um espaço social). Essas três dimensões discursivas se manifestam por meio de uma maneira de dizer e remetem a uma maneira de ser que é representada no corpo do enunciador. (MUNIZ, 2008). Assim, entendemos o que é *ethos* discursivo.

⁴ A noção de discurso é empregada em diferentes acepções. Em nosso trabalho deve ser entendida como “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas.” (MAINGUENEAU, 2005b)

⁵ É sabido que os discursos não são de fato os discursos paternos e de filho, o que se dará é um simulacro de uma situação, porém, é possível que percebamos quais os *ethé* discursivos instaurados a partir dos nossos sujeitos empíricos.

⁶ Revela a imagem que o co-enunciador possui do enunciador antes que este construa seu discurso. (MAINGUENEAU, 2005a)

realizar uma análise do *ethos* discursivo. Observaremos, também, como as imagens criadas pré-discursivamente influenciam na elaboração dos discursos.

Conforme Maingueneau (2006, p.68)

O *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também de fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*): diretamente (“é um amigo que lhes fala”), ou indiretamente, por exemplo, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala.

O *corpus* com o qual trabalhamos foi composto de 48 cartas argumentativas escritas por alunos do Ensino Médio (1º e 3º anos), provenientes de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFET, localizado no município de Januária, município situado no norte do Estado de Minas Gerais. No período da entrevista este Instituto era denominado Centro Federal de Educação Tecnológica de Januária – CEFET Januária, ocorrendo sua transformação pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Por isso haver nas cartas seu tratamento como CEFET. As cartas foram recolhidas em dois momentos, em agosto e dezembro de 2006. Esses diferentes momentos não serão utilizados como variável a ser observada, o que ocorreu foi somente uma ampliação do nosso *corpus*, possibilitando-nos o desenvolvimento de uma análise mais detalhada.

Todos os textos produzidos pelos alunos pertenciam ao mesmo gênero discursivo: epistolar (cartas) e, tinham o objetivo persuadir o co-enunciador, dessa forma todos os textos foram argumentativos em sua essência.

Por que textos argumentativos? Porque, como bem afirma Koch (2002), a argumentação é um ato lingüístico fundamental. Comunicamo-nos através de textos cujo objetivo é a persuasão. Alguns podem apresentar essa intenção mais explícita, outros podem deixá-la implícita, mas ela está muito presente nos textos. Sendo assim, nada mais coerente que a escola trabalhe com o aluno a argumentação.⁷

Como foram produzidos os textos que compõem o nosso *corpus*? Foram produzidos dentro do contexto escolar. Os alunos receberam diferentes propostas de escrita de textos, e a partir da proposta que cada aluno recebeu, ele deveria

⁷ Não defendemos o ensino apenas formal da argumentação, mas sim, o funcional. Os alunos devem ser capazes de perceber que o co-enunciador, o objetivo e o contexto de situação interferem diretamente na elaboração de textos. Esse conhecimento será utilizado no momento em que estiverem escrevendo os seus textos.

escrever uma carta. Foi uma atividade individual, um aluno não tinha o conhecimento da proposta que o outro havia recebido.⁸

Por que foram escolhidos os alunos do Ensino Médio? Em primeiro lugar, a escolha de alunos que estão no Ensino Médio deu-se pelo fato de terem a idade variando entre 14 e 16 anos, e assim, se adaptam ao perfil necessário para a elaboração dos textos a partir do tema proposto. Outro motivo que nos levou a escolher essa faixa etária é que a nossa investigação centra-se na relação pai-filho e, sabendo que no período da adolescência dos filhos, há variados conflitos entre eles e os seus pais, percebemos que essa seria a melhor idade para verificarmos as imagens que esses adolescentes têm de pais e de si mesmos.

Para o desenvolvimento desta investigação, a presente tese foi dividida em 05 capítulos.

O primeiro capítulo dedicou-se a explicitar a importância do nosso trabalho, a importância do uso do texto argumentativo no desenvolvimento da pesquisa e explanou como foi realizada a nossa investigação.

Com o intuito de substanciar a nossa análise, o segundo capítulo destinou-se a uma descrição das alterações sofridas pelo núcleo familiar, desde a família na época do sistema patriarcal até a atualidade.

Na seqüência, no terceiro capítulo, dissertamos sobre os conceitos da Análise do Discurso de vertente francesa utilizados para o desenvolvimento da investigação ora realizada.

Já no quarto capítulo, realizamos uma análise das marcas lingüísticas presentes nos textos que compuseram o nosso *corpus*, e, por intermédio delas, foi realizada a percepção da presença da polifonia em enunciados negativos. Foi efetuada também, a análise da modalização presente nos textos e que nos serviram como espelho para a compreensão da relação social pai-filho.

O quinto capítulo dedicou-se a uma análise da interferência do preestabelecido social na instauração do *ethos* na relação social entre pais e filhos.

O sexto capítulo destina-se a uma análise da figura de pai que os adolescentes têm, realizada por intermédio de entrevistas a adolescentes.

E, por fim, no sétimo capítulo há a conclusão.

⁸ Ao longo do trabalho discorreremos sobre essas diferentes propostas de redação.

1.1 – A importância deste trabalho

Na atualidade, tem se discutido sobre o desmoronamento da estrutura familiar. De acordo com Costa (1999, p.11) “No presente momento, tornou-se banal constatar que a família vai mal. As explicações dadas ao fato multiplicam-se...”.

Esse é um fato preocupante, haja vista ser a família a responsável pela instauração de uma estrutura sólida para a formação do caráter do indivíduo.

Há um discurso recorrente de que a organização familiar está sendo alterada⁹, e que essa alteração vem provocando uma crise na estrutura do núcleo familiar. É possível percebermos que esse fato é verdadeiro quando vemos hoje a luta que se instaurou no interior das famílias, quando pais matam filhos; filhos matam os pais, ajudados por madrastas e padrastos; quando percebemos casos de incesto, dentre outros acontecimentos.

Outro fato percebido também é que o respeito no interior das famílias está desaparecendo. É o que nos mostram alguns documentários realizados por estudiosos, as novelas, os programas televisivos, reportagens de jornais e revistas, que acabam por refletir e refratar tal mudança na organização da família. Pelo acesso a essas transformações através de reportagens que divulgam algumas realidades muitas vezes diferentes daquelas vividas pelos co-enunciadores (leitores, telespectadores), geralmente se dá uma alteração também no comportamento desses, e os meios de comunicação acabam não somente informando, mas também influenciando no dia-a-dia dos seus co-enunciadores.

A família tem um papel estrutural fundamental na sociedade e uma boa estruturação é imprescindível para a saúde física e mental dos indivíduos. Muitos delitos são cometidos por pessoas que não têm uma boa estrutura familiar, que geralmente não possuem pais presentes, que se preocupam com o dia-a-dia do filho, mas pais que trabalham o dia inteiro e quando estão em casa não se aproximam para conversas informais. E aqui, não podemos afirmar que a situação financeira determine que a família seja bem estruturada, pois muitas das famílias de classe média, atualmente, têm convivido com a violência entre os membros de suas famílias¹⁰.

⁹ Hobsbawm, 2000; Costa, 1999; Gomes e Resende, 2004.

¹⁰ Só para lembrarmos: o caso da Suzane Richtofen.

O conceito de família vem passando por grandes transformações nas últimas décadas, acompanhando as tendências de desenvolvimento nos âmbitos econômico, tecnológico, político e cultural. Dentre as transformações sociais ocorridas na estrutura familiar, podemos citar: o declínio do patriarcado, a participação da mulher no mercado de trabalho, o uso de métodos contraceptivos e a conseqüente redução do número de filhos.

A entrada da mulher no mercado de trabalho foi uma das maiores transformações ocorridas e gerou uma alteração nos papéis familiares assumidos pelos membros da família, alterando, assim, as relações de poder existentes.

Outro grande responsável pela alteração na configuração familiar é a evolução tecnológica que tem infundido transformações sociais provocadas pela expansão de informações e conseqüente desenvolvimento nos indivíduos de um desejo por um novo estilo de vida. E, se, como citado anteriormente, os meios de comunicação interferem na vida dos indivíduos, com a expansão das informações, todo o mundo se torna uma “aldeia global” e praticamente todos têm informações sobre o que acontece no mundo, o que pode de fato provocar uma alteração no estilo de vida dos indivíduos.

Percebendo todas essas alterações, especialmente na figura paterna, que até o século passado coordenava a família com mão de ferro e não era desobedecido nem questionado, objetivamos realizar uma investigação sobre os *ethé* paterno e de filho concebidos por adolescentes. Objetivamos conhecer um pouco mais sobre o mundo desses adolescentes por intermédio de seus textos. Supomos ser esse um tema relevante a ser pesquisado, pois se a estrutura familiar está com problema e se é ela a base da sociedade, percebemos que toda a sociedade corre o risco de entrar em colapso.

Outro fator importante a ser observado em nosso trabalho é a argumentação desenvolvida pelos alunos (adolescentes) em suas cartas. Objetivamos analisar como são utilizados os argumentos em seus textos. Discutamos um pouco mais sobre esse tema.

1.2 – A importância da argumentação na produção de textos escolares

Os estudos argumentativos têm a sua origem na Retórica aristotélica, quando o referido filósofo se preocupava com as técnicas de persuasão que deveriam ser utilizadas pelos oradores para que conseguissem a adesão do auditório. Aristóteles refere-se tanto à composição do discurso, quanto ao estilo do orador, afirmando que ambos são importantes.

Mas, ao longo dos séculos, engrossaram-se as fileiras contra a retórica e esse termo adquiriu uma conotação pejorativa. Mas, conforme Reboul (1998, p. 82), ela resistiu bravamente e não foi extinta, o que aconteceu foi uma

falsa saída de cena. Pois se a retórica perdeu o nome nem por isso morreu. Não só sobrevive, como se viu, no ensino literário, nos discursos jurídicos e políticos, como também vai renovar-se com a comunicação de massa, própria do século XX.

Somente no século XIX é que a retórica passa a ser considerada ultrapassada e cai em desuso. Ela acaba sendo absorvida pela literatura.

No limiar do século XX, o termo “retórica” era utilizado com o tom pejorativo. Porém, na década de 50, com o lançamento da obra “*Tratado da Argumentação: a nova retórica*”, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, a retórica recebe um novo atributo.

Pinto (1999), realizando elucubrações importantes sobre os diversos entendimentos que a retórica teve ao longo da sua criação, afirma que esta palavra acabou por “contaminar-se pelo seu passado”.

Inicialmente, afirma que separar a retórica para depois estudá-la separadamente poderia levar ao erro. O autor considera que “não há discurso argumentativo sem elementos retóricos”.

Segundo Pinto (1999, p. 91)

o estabelecimento da Retórica como disciplina independente só faz sentido se a entendermos como o estudo das técnicas argumentativas presentes em todo discurso que visa a adesão, mas com a condição de reconhecermos que tais técnicas constituem parte essencial do discurso e não existem fora do mesmo.

Hoje, a retórica, propriamente dita, não é mais ensinada seja por oradores seja por professores nas escolas, porém, ocorre o ensino da argumentação, esse continua presente nos currículos escolares. Os professores de Língua Materna do

Ensino Médio destinam uma grande parte da sua carga horária ao ensino da técnica argumentativa, seja ela oral ou escrita, haja vista que os prescritos¹¹ educacionais exigem que os alunos sejam capazes de defender suas idéias por meio de textos escritos e falados.

Percebemos, conforme exposto anteriormente, que a retórica de Aristóteles continua atual. A estrutura descrita pelo referido autor assemelha-se à que está vigente em nossos dias com o nome de dissertação. Percebemos que há uma adaptação a uma nova nomenclatura, mas a estrutura é basicamente a mesma. A preocupação com a argumentação continua e ganha força. Para corroborar essa preocupação, apresentaremos a seguir um pequeno esboço de trabalhos desenvolvidos na atualidade sob o prisma da argumentação.

Ducrot (2004,) em *Argumentação retórica e argumentação lingüística* postula que dentre os numerosos sentidos da palavra argumentação, para o autor, é necessário distinguir o sentido retórico (atividade de persuasão) e o sentido lingüístico (encadeamento de enunciados cujos primeiros servem de argumentos para o último considerado como conclusão). Ducrot (2004) demonstra em seus estudos que não há ligação direta entre a argumentação lingüística e a argumentação retórica, mesmo se a primeira pode contribuir indiretamente à realização da segunda, notavelmente servindo para melhorar a imagem que o locutor constrói de si mesmo em seu discurso.

Para Grize (2004), em *O ponto de vista da lógica natural - demonstrar, provar, argumentar*, a argumentação é considerada como uma atividade discursiva endereçada a qualquer um com intenção de convencer ou de persuadir de alguma coisa e demonstrar como uma atividade de cálculo não se endereça à ninguém em particular. Para esse pesquisador, uma argumentação se desenvolve sobre dois aspectos: primeiramente, deve provar para em seguida convencer, ou seja, levantar as dúvidas que poderiam existir no destinatário; a argumentação deve também esclarecer a situação de maneira positiva aos olhos do destinatário, uma vez que as palavras do discurso reenviam necessariamente aos objetos carregados de valores emotivo-afetivos.

Van Eemeren e Houtlosser (2004) em *Uma via sinóptica da aproximação pragmático-dialética*, apresentam uma orientação com o objetivo de reconciliar as

¹¹ PCN, LDB, Diretrizes Curriculares, dentre outros.

perspectivas dialéticas e retóricas desenvolvidas atualmente em paradigmas disjuntos. Elas se posicionam no sentido de que todo discurso argumentativo supõe um duplo objetivo: persuadir um destinatário, como é previsto pela retórica, e se valer de normas críticas a fim de preservar o caráter “racional” da argumentação, como é previsto pela dialética. O ajustamento estratégico visa a reduzir a tensão gerada pela perseguição desse duplo objetivo; quando o objetivo retórico o traz ao ponto de desprezar a proteção contra erros da dialética, o ajustamento estratégico torna-se falacioso. F. H. Van Eemeren e P. Houtlosser (2004) mostram, assim, que o recurso ao conceito de ajustamento estratégico facilita a identificação dos critérios, permitindo decidir se um movimento argumentativo preciso é ou não é falacioso.

Adam (2004) em *Uma aproximação textual da argumentação – “esquema”, seqüência e frase periódica*, retoma o “esquema de argumentação” de Stephen E. Toulmin (1957) que foi criticado por Grize, Plantin e Dominicy e mostra a revisão feita por Toulmin em seu esquema para colocá-lo em funcionamento na frase periódica simples e na seqüência argumentativa, prolongando o modelo da super-estrutura argumentativa de Teun A. Van Dijk.

Vignaux (2004) em *Uma aproximação cognitiva da argumentação* mostra em seus estudos que da retórica à lógica, de Aristóteles à Perelman ou Toulmin, existem numerosas aproximações do fenômeno “argumentação”. Pelo menos três grandes “tentativas” atravessam essas diferentes perspectivas: a do enciclopedismo – entregue à classificação inesgotável dos argumentos; a do logicismo – opondo a argumentação às formas mais “puras” da racionalização; e, enfim, a da sociologia, reenviando o discurso aos diferentes conceitos de sua produção. Ele propõe uma perspectiva diferente: a da re-inscrição dos processos discursivos e das estratégias discursivas no interior de uma problemática mais geral das formas de aproximação entre processos languageiros e operações cognitivas do sujeito enunciador.

Declercq (2004), em *Esquemas argumentativos e cultura oratória – o exemplo de Jean Racine*, o autor articula retórica, lingüística pragmática e estética teatral sob o ângulo comum da argumentação, aplicada à decodificação das estratégias persuasivas intra-cênicas e das produções extra-cênicas das emoções nas tragédias de Racine. A cultura retórica clássica liga, na problemática da *fala eficaz*, o conjunto das práticas eloqüentes cujos tópicos e os códigos definem a retórica como poética e hermenêutica ao fundamento das práticas languageiras tanto sociais como ficcionais. Racine tem como propósito empreender uma leitura sistemática da

Instituição oratória de Quintiliano que o inicia na representação verossímil das paixões e das técnicas argumentativas de refutação (erística), e de contorno (sofístico). Essa formação transparece paradigmaticamente em um entimema de *Andrômaco* cuja gênese dramática e a história teórica refletem simultaneamente em Quintiliano na *Lógica de Port-Royal*: o funcionamento cognitivo e estético do esquema argumentativo é, assim, duplamente esclarecido por uma reflexão retórica histórica e trans-histórica, cuja cena teatral é um vetor exemplar.

Para Plantin (2004), em *Situação dos estudos da argumentação – deslegitimação nas reinvenções*, a argumentação está ligada à retórica (como sua base cognitiva, a teoria da invenção) e à lógica do silogismo (como a terceira operação do espírito, vindo depois da compreensão e do julgamento) dentro de um paradigma clássico. O autor observa que próximo ao fim do século XIX, a retórica foi deslegitimada pela Terceira República, que valorizava o saber “positivo”, deixando a lógica se aproximar da matemática e deixar de ser a “arte de pensar”. Após a segunda Guerra Mundial, o conceito de argumentação foi completamente reconstruído dentro das Ciências Humanas. Primeiramente, nos anos 1950, dentro de uma visão racional-política fortemente orientada pelo modelo das práticas legais (Perelman, Toulmin); em seguida, nos anos 1970, dentro de um paradigma lingüístico-cognitivo, o de teorias generalizadas da argumentação como as de J. –B. Grize e de O. Ducrot, assim como no quadro de uma visão renovada de uma “nova dialética” ou lógica do diálogo crítico (Hamblin). A situação contemporânea está caracterizada por um uso generalizado do termo “argumentação”, por meio de disciplinas, e pela pesquisa de um consenso mínimo sobre uma metodologia e sobre um conjunto de conceitos.

Podemos perceber assim, que os estudos argumentativos são motivo para a realização de várias pesquisas. Com isso múltiplas teorias foram desenvolvidas seja no campo lingüístico ou argumentativo. A nossa reflexão se insere no campo lingüístico dentro da teoria da Análise do Discurso que contemplará a construção do discurso argumentativo nas produções textuais dos alunos do Ensino Médio.

A argumentação faz parte da nossa vida, ela está presente no nosso dia-a-dia por meio do que enunciamos. Autores como Koch defendem que a língua é argumentativa por natureza e afirmam que em todos os textos há a presença da argumentação que pode ser desenvolvida em maior ou menor escala, afirmativa

essa polêmica, mas que se faz importante para refletirmos sobre a importância da argumentação em nossas vidas.

Se nos deparamos com textos argumentativos a todo momento, faz-se necessário que eles sejam estudados pela escola, se essa quer preparar o seu aluno para que tenha um bom desempenho lingüístico na sua vida social e também para que consiga obter uma boa colocação dentro do mercado de trabalho.

Contudo, esse estudo não se deve restringir ao aprendizado da estrutura desses textos, os professores devem mostrar aos alunos que é importante observar o contexto situacional, pois esse é importante no direcionamento do que deve ser redigido pelos seus alunos. Sendo assim, ele deve chamar a atenção para a importância de se saber quais enunciadores estão envolvidos no processo, em que contexto de situação o texto é elaborado, bem como o objetivo que o enunciador pretende atingir ao elaborar o seu texto. Ressaltamos, ainda, que as pessoas realizam suas ações de linguagem sempre de forma situada, em determinados eventos de interação, e a escola não pode ignorar esse fato no processo de aprendizagem, já que ele é determinante em relação às escolhas que se faz ao enunciar.

Sabemos que ao se deparar com diferentes co-enunciadores, o enunciador tem a necessidade de adequar o seu discurso, variá-lo, tendo em vista adquirir a adesão do seu público.

Assim, temos alguns problemas. No contexto escolar, o aluno se vê preso a um restrito e quase invariável número de co-enunciadores, que ora são os colegas, ora é o professor. Muitas vezes, mesmo que os co-enunciadores sejam os colegas, se o texto tiver que passar antes pelo crivo do professor, os alunos escrevem pensando nestes e não naqueles. Desse modo, o professor acaba sendo o co-enunciador em potencial dos textos dos alunos e isso faz da escrita em sala de aula apenas um treino de escrita, é uma situação que se apresenta geralmente de uma maneira artificial.

Além da quase não-variação dos co-enunciadores, temos ainda um outro problema quando pensamos na escritura de textos em sala de aula, o contexto de enunciação é sempre o mesmo, não há uma variação existente.

Percebemos que o que realizamos em sala de aula em relação à escrita de textos é apenas um exercício em que são simulados diversos contextos de situação, diferentes co-enunciadores, vários objetivos. E assim temos vários empecilhos no

desenvolvimento dessa atividade. Mas, mesmo com esses empecilhos, o professor não deve ficar desestimulado e deixar de lado essa escritura, pois se o aluno realiza esse exercício de escrita na escola, quando precisar utilizar essa atividade de uma maneira real, terá menos dificuldade que aquele que nunca foi estimulado a escrever. A maior ou menor dificuldade em se escrever depende do hábito, se temos o costume de escrever, sentimos menos dificuldade que alguém que dificilmente escreve.

Mesmo sabendo de problemas anteriormente expostos, planejamos o desenvolvimento de uma investigação a ser realizada em sala de aula. A investigação foi desenvolvida a partir de textos escritos pelos alunos. Como dito anteriormente, eles deveriam escrever cartas, dispendo de uma variação de co-enunciadores, de contexto de situação e de objetivos. Averiguaremos se, mesmo sendo um simulacro, essa proposta de variação orientaria os alunos na escritura de seus textos.

Não há uma aceitação total sobre a funcionalidade desse tipo de atividade. Há quem critique esse simulacro de mudança de situação, afirmando que os alunos têm noção de que é apenas mais uma atividade a ser desenvolvida em sala de aula e por isso a alteração nas propostas de redação não alteraria as suas produções de texto.

Bastos (2001, p. 16) afirma que

Tudo é relativizado pelo produtor do discurso, em função de seu interlocutor e da situação [...] O aluno não tem seu interlocutor bem definido e a situação em que produz seu texto é muitas vezes forjada. Não pode, assim, elaborar boas hipóteses em relação ao que o seu interlocutor poderia deduzir de seu discurso. E, se toda a questão da coerência textual e conseqüente coesão depende do receptor e de sua habilidade para interpretar as indicações presentes no discurso de tal maneira que possa entendê-lo, parece que a situação escolar anda contrariando a ordem natural das coisas.

Temos ciência de que os alunos sabem que os textos são para os professores, mas acreditamos que se a proposta de escrita prevê enunciadores e co-enunciadores que estejam próximos da realidade do aluno, pessoas com as quais ele convive e conseqüentemente tem conhecimento dos papéis sociais

assumidos por elas, fica mais fácil para que consiga atingir o seu objetivo de escrita.¹²

Estando convencidos de que se não há uma proposta de um co-enunciador, não podemos orientar o nosso discurso, defendemos que mesmo sendo a situação um simulacro, ela acaba sendo mais produtiva do que se não houvesse nenhuma proposta.

É sabido que há muitas propostas de escrita que poderiam ser desenvolvidas no interior das escolas, sem que necessariamente as situações fossem de simulacro, como: a escrita de jornais que circulariam no interior das escolas; o jornal falado, em que os alunos poderiam elaborar notícias que seriam divulgadas através de caixas de som espalhadas pela escola; correio entre escolas ou entre alunos da mesma escola, mas nem sempre essas atividades são possíveis de serem desenvolvidas e o simulacro acaba sendo a alternativa que o professor possui e que possibilita aos alunos realizarem projeções tendo em vista contextos e situações diferenciadas. E a capacidade de realizar projeções é um exercício que o ser humano deve desenvolver ao longo da vida, pois a cada momento que nos comunicamos, devemos ter em mente quem é o nosso co-enunciador e a situação de comunicação em que nos encontramos para que possamos atingir o nosso objetivo.

Analisaremos duas diferentes situações de escrita: a primeira, de um pai escrevendo uma carta a um(a) filho(a), com o objetivo de convencê-lo(a) a repensar o seu tipo de relacionamento com a(o) namorada(o). E a segunda, de um(a) filho(a) escrevendo uma carta a um pai, com o objetivo de convencê-lo de que o seu tipo de namoro é o correto. As situações são parecidas, em ambas as propostas, o texto deve ser uma carta, deve ser argumentativo, objetivando convencer o co-enunciador de que tem razão em seu posicionamento.

Observaremos se os alunos são capazes de através desse simulacro, instaurarem-se nos textos e instituírem um *ethos* discursivo adequado a cada uma dessas situações, e a partir desse *ethos*, argumentarem em prol dos seus objetivos.

¹² Quando vamos falar *sobre* ou falar *como* uma pessoa que conhecemos de perto, que possuímos um estreito laço de relacionamento, é mais fácil conseguirmos adequar o nosso discurso.

1.3 – O desenvolvimento da nossa investigação

Como já informamos anteriormente, a nossa investigação foi desenvolvida com 48 alunos provenientes do Ensino Médio (1º e 3º anos) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – Campus Januária.

Inicialmente incentivamos uma discussão entre os alunos sobre quais os gêneros discursivos mais tinham conhecimento e que já haviam escrito em algum momento de suas vidas. Eles comentaram sobre diversos gêneros. Após essa discussão, verificamos que todos eles, ou já haviam escrito uma carta, ou, se não, já tinham lido uma. Solicitamos a eles que nos falassem sobre a estrutura de uma carta, sobre os co-enunciadores e sobre os objetivos que um enunciador pode almejar atingir ao redigir uma carta. Depois de toda essa preparação, e pela discussão efetivada, confirmamos que de fato todos conheciam uma carta. Sendo assim, resolvemos trabalhar com esse gênero discursivo, pois seria mais fácil para os alunos escreverem textos cuja estrutura e funcionamento eles já conheciam.

O segundo passo foi selecionar assuntos que agradassem aos alunos. Discutimos quais eram os assuntos sobre os quais eles gostavam de conversar com os amigos, em que eles, ao lerem uma revista ou jornal, se detinham mais demoradamente. E assim, chegamos à conclusão de que em meio aos assuntos apontados, um que lhes interessava era o namoro. De uma maneira geral, percebemos que todos gostam de ler e discutir sobre esse assunto.

Ao conhecermos quais os assuntos interessavam aos nossos alunos e classificarmos dentre eles aquele que mais foi recorrente, faltava-nos decidir de qual veículo de comunicação tiraríamos os textos que tratariam desses assuntos. Decidimos que seria interessante retirarmos de uma revista voltada para o público adolescente. Depois de olharmos várias revistas, encontramos matérias na revista “Capricho”, publicada no mês de abril de 2006, que tratavam sobre o namoro, o tema era “O namoro chiclete”. Ao lermos as diversas reportagens presentes na revista, verificamos quais seriam de interesse de toda a turma¹³. Escolhemos duas que tratavam sobre o tema, a saber: *Só vou se ele for* e *Namorada em primeiro lugar*. E de fato não estávamos errados, pois os alunos se deliciaram com as

¹³ Só nos foi possível saber se o assunto era ou não do interesse da turma, após termos realizado o longo debate sobre os gostos de cada um. (Da maneira como foi anteriormente explicitada no texto)

matérias e a discutiram com muito entusiasmo. Observemos as reportagens, a seguir:

ASSUNTO DE AMIGA
por Giovana Gonzales

Só vou se ele for!

Seu namoro virou um grude que nem você agüenta mais? Calma que tem conserto

“ Comecei a namorar este ano. Por causa disso, me afastei das amigas e da minha família, coisa que eu não queria de jeito nenhum! Estou muito grudada com ele, entende? Sei que não sou a única pessoa que passa por isso! Não agüento mais!
F. por e-mail **”**

É normal: a gente começa a namorar e transforma a coisa em algo açucarado e grudento. Porque no início, com aquela paixão e deslumbramento pelo outro, vocês querem se fechar numa concha. Por sorte, a maioria dos casais de namorados, depois de passar por essa fase crítica, volta ao normal. É natural. Logo, quando você menos esperar, estará voltando às baladas. Por sorte, todo mundo já passou por isso. Agora, se esse comportamento “eu e meu amor não precisamos do mundo” começa a durar demais, aí é necessário adotar medidas de emergência. Pois se você mesma está se sentindo incomodada com a situação, você mesma pode tomar as rédeas. E, quando perceber que – mais uma vez – vai passar um final de semana grudada com seu “mô”, pare, respire e ligue para os amigos perguntando o que eles vão fazer.



Você e ele são um casal chiclete?

- 1 As suas frases começam por “nós”.
- 2 Antes de tomar qualquer decisão, você liga para ele. E ele para você.
- 3 Quando seus amigos convidam você para algum programa, você se anima. Mas uma hora depois liga para eles falando que lesou. E diz: “Hoje nós vamos ficar em casa!”
- 4 Você não vê mais a galera.
- 5 Depois de meia hora longe do sujeito, você começa a ficar com saudade.
- 6 Sua família começa a fazer piadas sobre sua ausência.
- 7 Quando finalmente você consegue se desgrudar e sair com as amigas... passa a noite inteira falando DELE! Não há quem agüente.

alguém avisa...

... que todos se afastam quando namoram?

Quando a gente percebe que uma amiga ou amigo nosso arrumou um(a) namorado(a) e está prestes a formar um casal chiclete, começa a fazer uma espécie de convenção com os outros amigos. E comentamos, com sarcasmo, como aquela pessoa está “super-ridícula”. Provavelmente, quando for a nossa vez, vamos fazer o mesmo. Porque a fase de encantamento existe para todos. Estamos falando disso por quê? Ora, só para dizer que os amigos também precisam fazer força e entender a fase chiclete das pessoas. Se for uma fase, claro, e não um comportamento exagerado. Porque quando uma garota vira casal-grude, também pode ficar culpada por isso e tenta escapar da situação. E nós temos que ser amigos em vez de ficar só criticando. Como diz o ditado: “Quem tem telhado de vidro não atira pedra no telhado dos outros!”

ILUSTRAÇÃO CAIO BORGES

Um casal chiclete faz de um prato comum um banquete. Provérbio francês.

71

FIGURA 1 – Reportagem utilizada para a redação das cartas pelos alunos do Ensino Médio.

Fonte: Revista Capricho, do dia 2 de abril de 2006, p. 71.

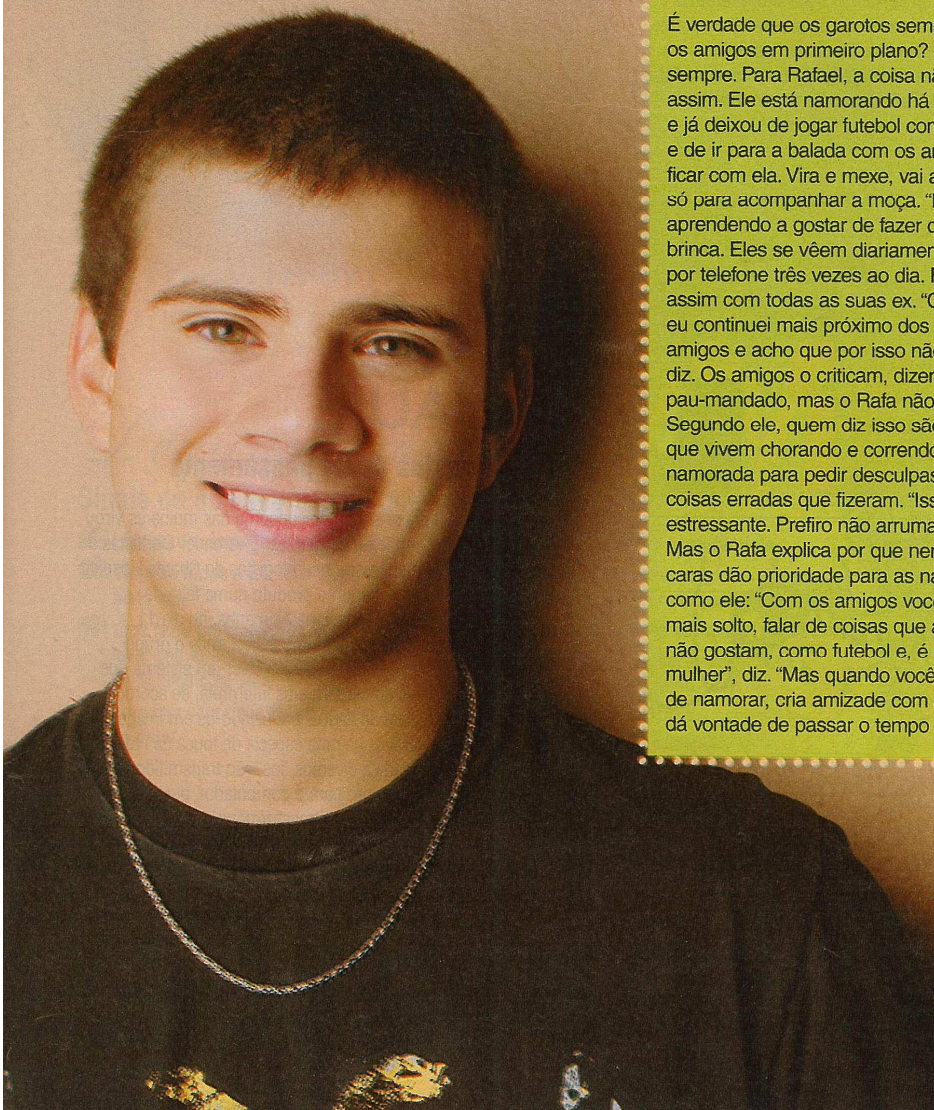
PAPO-CUECA

por Bárbara Semerene

Olha o cara!

Namorada em primeiro lugar

Rafael Duarte, 19 anos, pensa primeiro na menina e depois nos amigos



É verdade que os garotos sempre colocam os amigos em primeiro plano? Nem sempre. Para Rafael, a coisa não é bem assim. Ele está namorando há nove meses e já deixou de jogar futebol com a turma e de ir para a balada com os amigos para ficar com ela. Vira e mexe, vai ao shopping só para acompanhar a moça. “Estou até aprendendo a gostar de fazer compras”, brinca. Eles se vêem diariamente e se falam por telefone três vezes ao dia. Rafa não era assim com todas as suas ex. “Com a última, eu continuei mais próximo dos meus amigos e acho que por isso não deu certo”, diz. Os amigos o criticam, dizem que ele é pau-mandado, mas o Rafa não tá nem aí. Segundo ele, quem diz isso são os caras que vivem chorando e correndo atrás da namorada para pedir desculpas pelas coisas erradas que fizeram. “Isso é muito estressante. Prefiro não arrumar confusão.” Mas o Rafa explica por que nem todos os caras dão prioridade para as namoradas, como ele: “Com os amigos você pode ficar mais solto, falar de coisas que as garotas não gostam, como futebol e, é óbvio, mulher”, diz. “Mas quando você, além de namorar, cria amizade com a menina, dá vontade de passar o tempo todo junto.”

STEFAN ZANDER

81

FIGURA 2 – Reportagem utilizada para a redação das cartas pelos alunos do Ensino Médio.

Fonte: Revista Capricho, do dia 2 de abril de 2006, p. 81.

Tendo escolhido o gênero discursivo e o tema a ser debatido, iniciamos a elaboração de propostas de redação dos textos que se adequassem a nossa pretensão investigativa. Nas propostas¹⁴, os alunos deveriam perceber que o Eu real é diferente do Eu discursivo e, com isso, eles se instaurariam nos textos como enunciadores específicos, instituindo um *ethos* discursivo conveniente à proposta do texto. Tudo foi feito objetivando minimizar as dificuldades apresentadas pelos alunos no momento em que necessitam escrever.

Após a discussão e de posse de todos os dados necessários para que pudessem desenvolver uma escritura coerente dos textos, deu-se início à atividade, que foi desenvolvida em sala de aula. Foi solicitado aos alunos que a partir da proposta¹⁵ que tinham em mãos, pois estava anexa à reportagem, redigissem o texto que estava sendo pedido.

Havia as seguintes propostas:

Proposta 1

Imagine que você seja um pai de um adolescente que está tendo um “namoro grudento”. Preocupado com a situação e desaprovando o tipo de relacionamento do filho, redija uma carta a ele, tentando convencê-lo a repensar o seu tipo de namoro. Procure explorar as informações presentes nos textos.

Proposta 2

Imagine que você seja um jovem que está tendo um “namoro grudento” e que por isso não tem mais tempo para a família. O seu pai começa a reclamar e exige que você repense o seu tipo de relacionamento. Redija uma carta a ele, justificando que esse é o tipo de relacionamento correto. Procure explorar as informações presentes nos textos.

¹⁴ Propostas sempre deveriam estar presentes em qualquer texto que os alunos escrevessem, pois fora da escola não há textos construídos em vão, sempre que alguém abre a boca para dizer algo ou pega em um lápis ou caneta para escrever, tem um objetivo definido. E não há como ser diferente em sala de aula, se queremos preparar os nossos alunos para serem produtores de textos.

¹⁵ O aluno deveria redigir uma carta de acordo com a proposta de atividade que recebeu. Houve duas propostas e cada aluno, de posse de apenas uma, e sem saber o teor da outra, recebida pelos demais alunos, escreveu o seu texto. O motivo de não permitirmos que soubessem da existência de propostas diferentes foi para que não fossem influenciados por elas.

Cada aluno, ao receber a sua proposta de atividade, começou a elaborar o seu texto. A redação foi feita e os alunos não demonstraram dificuldades ao escrever, pelo contrário, expressaram que até gostaram de realizar a tarefa, pois o assunto era de interesse para eles.

Deixamos claro que todos os alunos foram avisados de que os seus textos serviriam de base para o desenvolvimento de uma pesquisa e, inclusive, ficaram entusiasmados com a possibilidade de participar dessa análise.

1.4 – A escolha do gênero epistolar como suporte para a nossa pesquisa

O homem, ser social, entra em contato tanto com a língua - com a sua estrutura, com os significados das palavras - quanto com as diferentes situações de comunicação e a partir desses contatos é capaz de apreender significativamente quando e onde deve/pode utilizar os diferentes textos em diferentes esferas do discurso.¹⁶ Dentro de cada situação de comunicação há uma gama de possibilidades de utilização de diferentes gêneros do discurso que devem ser apropriados àquela situação.

Na maioria das atividades humanas está presente o uso da linguagem, e como elas são variáveis, o uso da linguagem assim também se apresenta. Mas acreditamos que essa variedade não impede que um idioma, falado e compreendido pelos seus falantes nativos, possua uma unicidade. A variedade existe, mas dentro dessa variedade há uma freqüência de fenômenos que se repetem e ajudam na compreensão dos enunciados que são proferidos pelos falantes. Bakhtin (2003) os nomeia de Gêneros do Discurso.

Os gêneros do discurso podem ser tidos teoricamente como infinitos, pois são infinitas as possibilidades de variedade das atividades humanas e dentro de cada uma dessas esferas de comunicação é enorme a possibilidade de diferentes discursos.

¹⁶ O falante é capaz de saber se em um determinado momento ele pode ser mais formal ou informal. Por exemplo, em uma reunião onde se discutem assuntos de grande seriedade, possivelmente não caberia uma piada. Já em uma conversa de bar, a piada seria aceitável e a formalidade da reunião seria inadequada para essa situação.

Percebemos que um dos fatores que facilita a nossa comunicação é o conhecimento que temos de diversos gêneros discursivos existentes na nossa língua materna. É certo que se não conhecêssemos uma grande quantidade de gêneros do discurso e se a cada momento que tivéssemos que nos comunicar, necessitássemos criar um novo gênero, essa comunicação seria muito mais complexa, ou poderia nem sequer acontecer. (BAKHTIN, 2003)

Mas, se a comunicação parece ser fácil, a sua análise é complexa e árdua. E a cada tentativa de explicação mais detalhada, maior é a complexidade do problema. Atualmente há uma discussão bastante acalorada sobre a classificação dos textos em gêneros do discurso (textuais) e tipos textuais. Mas, não é nosso objetivo adentrarmos nesse estudo classificatório, necessitamos somente entender que a carta, gênero que foi redigido pelos alunos, está inserida no universo dos gêneros textuais que os alunos têm conhecimento e por isso foi escolhido para ser utilizado em nossa investigação.

Hoje, nós, professores de Língua Materna, precisamos considerar a heterogeneidade de textos existentes em nossa sociedade e adequar as nossas práticas didático-pedagógicas, levando em conta a necessidade de tornar os nossos alunos proficientes leitores e produtores de textos. Um grande desafio que se põe está em criar situações na sala de aula que permitam a esses alunos a apropriação dessa diversidade. E algumas dificuldades percebidas são, por exemplo: o grande número de gêneros discursivos existentes em nossa sociedade e o conhecimento prévio dos nossos alunos que muitas vezes é exíguo¹⁷.

Tendo em vista que o conhecimento prévio auxilia tanto na leitura quanto na escritura de textos, realizamos um levantamento sobre os gêneros conhecidos pelos alunos. Para que desenvolvêssemos a nossa pesquisa, necessitaríamos utilizar um gênero discursivo que fosse de conhecimento de todos ou da maioria dos alunos.¹⁸

Após sabermos quais os gêneros os alunos conheciam e demonstravam interesse em sua escritura, percebemos que, dentre eles, estava presente o gênero epistolar, e assim, optamos por trabalhar com as cartas, pois dessa forma, seriam

¹⁷ Quanto menor é o conhecimento prévio dos alunos sobre os diversos gêneros discursivos veiculados na nossa sociedade, maior é o grau de dificuldade que o professor encontra para desenvolver o seu trabalho. É certo que não estamos defendendo que porque não sabem não têm condições de aprender, mas é certo também que o desconhecimento é um fator que dificulta a aprendizagem.

¹⁸ Como não era a nossa intenção ensinar aos alunos os diversos gêneros discursivos, mas, sim, solicitar a eles que escrevessem os textos, fez-se necessário que soubéssemos qual(is) os gêneros era(m) mais conhecidos por eles, antes de pedir que escrevessem os textos.

mais produtivos os textos criados pelos alunos. Na concretização do discurso através de textos, a carta pareceu-nos um meio eficaz de comunicação, devido ao conhecimento do gênero epistolar que os alunos revelaram ter e por ser esse um gênero que circula com frequência em nossa sociedade. É importante observarmos esse fato, haja vista que a falta de prática na utilização de um determinado gênero é fator dificultador de sua utilização e como não era o nosso objetivo desenvolver com os alunos um estudo sobre gêneros textuais para somente depois solicitar a eles que escrevessem, optamos por fazer uso de um gênero que já fosse de conhecimento de todos, no nosso caso, o epistolar.

As cartas a serem redigidas pelos alunos são de cunho argumentativo em sua essência e, sendo assim, os enunciadores treinariam a habilidade de persuadir o co-enunciador.

Em suma, realizamos uma explanação sobre como foi desenvolvido o nosso trabalho, o porquê da sua importância e o porquê do uso do gênero epistolar “cartas”.

Após essa breve introdução, seguiremos discorrendo sobre o contexto familiar. Perpassaremos pelo sistema colonial, discutiremos o sistema patriarcal instaurado na época até chegarmos ao funcionamento do núcleo familiar moderno, quando discutiremos as transformações ocorridas no centro da família, e, conseqüentemente, as transformações sofridas pela figura paterna em sua relação social com os filhos. E, ainda, abordaremos como a família é percebida na atualidade.

Esse recuo histórico faz-se importante para que possamos compreender a relação social pai-filho, pois acreditamos que os pré-construídos interferem diretamente na escritura dos textos. cremos que no momento em que se posicionam e instauram um *ethos*, os alunos utilizam-se das imagens de pai e de filhos que estão presentes no imaginário popular da nossa comunidade discursiva. Sendo assim, foi importante que tivessem esse conhecimento sobre as figuras paterna e de filho para que fosse possível redigir um texto, caso contrário, seria impossível realizar a tarefa proposta.

2. HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA FAMÍLIA BRASILEIRA – UMA VARIAÇÃO DA IMAGEM DA FIGURA PATERNA

Para situar discursivamente o nosso objeto de estudo, acreditamos ser necessário realizarmos um percurso histórico da constituição das famílias brasileiras, a fim de conhecermos como se constituíam as relações familiares em tempos passados, bem como compreendermos essas relações na atualidade.

2.1 – Da família patriarcal

Nos primeiros séculos da colonização brasileira pelos portugueses, não havia a formação de famílias legais, o que se percebia era que os colonizadores portugueses, por estarem distantes da sua nação e em contato com as nativas – índias e negras – acabavam se entregando a uniões não estáveis com essas nativas. Como essas uniões não eram sólidas, os padres começaram a se preocupar com esses relacionamentos e perceberam a necessidade de se trazerem mulheres brancas portuguesas para a colônia, para que ocorressem os casamentos, as uniões fossem sacralizadas e a terra povoada.

A proliferação das famílias legítimas funcionaria como “peça vital da paz social que deveria sustentar o funcionamento do sistema colonial, passaria desde então a se constituir como um dos objetos centrais da ação do Estado” (FIGUEIREDO, 1997, p.25) e, assim, as autoridades buscavam estabilizar e disciplinar a população.

Em 1721, D. Lourenço de Almeida, então governador da capitania das Minas Gerais, fortaleceu a idéia de que o matrimônio torna as pessoas mais obedientes e incentivou essa prática, pois os solteiros, como não tinham obrigações com esposa e filhos, gastavam os seus recursos financeiros em festas e concupiscências, não se preocupando com o futuro, e, assim, a ordem ficava abalada.

Houve muitos casamentos, mas essa prática ficou comprometida pela pequena quantidade de mulheres brancas que moravam no Brasil, foi quando houve uma política de degredarem mulheres portuguesas - que haviam cometido crimes

diversos – para o Brasil. Sendo assim, aumentando o número de mulheres, aumentava-se a possibilidade de casamentos, já que os governantes não aprovavam os casamentos com índias ou negras, pois queriam manter a pureza; a brancura da raça.

A igreja, além de instituir e estimular os casamentos, defendeu que eles deveriam ser de caráter indissolúvel, o que causou vários problemas no interior das famílias, como agressões e separação de camas. Por intermédio do processo da colonização portuguesa, houve no Brasil o surgimento e o desenvolvimento dos latifúndios. Através do poderio latifundiário, “<<família>> passou a ser sinônimo de organização familiar <<latifundiária>>” (COSTA, 1999, p.37) e a ter muita força econômica na estrutura social que se formava.

Conforme Costa (1999), o pai, no sistema colonial, era o centro familiar. Todos deviam obrigações a ele. O poder paterno era respeitado por todos os membros da família. A relação entre pai e filhos era tão distante que chegava ao ponto de muitas vezes o pai não saber nem mesmo os nomes dos seus filhos, fato comprovado em vários testamentos antigos analisados por historiadores.

Como é possível perceber, a figura paterna instituída no século XVIII é de alguém autoritário, a quem todos deviam obrigações e deveriam temer. Essa figura, que era a base do sistema familiar brasileiro, mantinha distanciamento dos demais membros da família, tornando-se, assim, reservada, e por isso, muitas vezes, envolta em uma aura de curiosidade e respeito.

Já os filhos ocupavam uma posição secundária e assim como os outros membros da família sempre estavam a serviço do poder paterno. Os filhos naquela época (século XVIII) não tinham o mesmo tratamento que possuem atualmente. Naquela época

o pai, isentava-se, por sua vez, de maiores compromissos ou manifestações para com os filhos. Consciente de seus direitos e inconscientes do que ulteriormente foi definido como seu dever, o chefe da casa comportava-se de modo bastante diverso de um pai moderno. (COSTA, 1999, p.153-154)

Os filhos, no contexto do século XVIII, não tinham importância na vida dos pais e as mães não se preocupavam em criá-los. As mães, logo após o nascimento dos seus filhos, deixavam a cargo de escravas – as chamadas mucamas ou amas-

de-leite – a criação desses¹⁹. A tendência era que nas famílias abastadas, possuidoras de escravas, as mulheres desprezassem suas crianças, ficando as responsabilidades a cargo das amas-de-leite e amas-seca²⁰.

Por muitos séculos, a criança (filho) não foi tratada como é hoje. De acordo com Costa (1999, p. 155)

A criança até o século XIX, permaneceu prisioneira do papel social do filho. Sua situação sentimental refletia a posição que este último desfrutava em casa. A imagem da criança frágil, portadora de uma vida delicada e merecedora do desvelo absoluto dos pais, é uma imagem recente. A família colonial ignorava-a ou subestimava-a. Em virtude disto, privou-a do tipo e quota de afeição que, modernamente, reconhecemos como indispensáveis a seu desenvolvimento físico e emocional.

Na história social da infância, Philippe Áries (1981) argumenta que, até meados do século XIX, não havia uma distinção entre criança e adulto, sendo ambos pertencentes ao chamado *mundo do adulto*.

Essa não distinção afetaria o convívio sentimental e afetivo dos pais nos mimos para com seus filhos. Quando se tornavam adultos, somente o filho mais velho – o primogênito – era possuidor dos atributos e responsabilidades da família, as filhas e os demais filhos não tinham a mesma mobilidade junto ao pai e à família.

No início do século XIX, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, houve o período de urbanização, e as famílias brasileiras latifundiárias começaram a se mudar do campo para a cidade. Nesse período, ocorreu a imigração de fazendeiros para as cidades e houve a ascensão de comerciantes, bem como o desenvolvimento da burocracia. Tudo isso concorreu para o desenvolvimento da vida cidadina. Porém, essa mudança trouxe inúmeros transtornos, pois a população possuía hábitos e costumes trazidos pelas famílias oriundas do meio rural, especialmente aqueles relacionados à higiene, que deveriam ser alterados para que a vida nas cidades não se tornasse um caos, tais como: jogar lixo nas vias públicas, construir as suas casas onde entendia que fosse o melhor local, dentre outros. O

¹⁹ Como as escravas não tinham cuidados com a higiene dos bebês e muitas vezes não tinham amor por eles, não dedicavam a eles os cuidados necessários para que crescessem sadios e muitos morriam ainda muito criança.

²⁰ Não cabe a nós criticar as atitudes da época, pois há várias versões para explicar esse fato, por exemplo: as meninas se casavam muito novas, em média aos 12 anos, e não tinham maturidade para serem mães. Outra vertente defende que era cultura da época as famílias abastadas terem amas-de-leite.

que se percebe é que esses hábitos não foram imediatamente modificados, causando desordem nas cidades.

Além disso, os cidadãos não tinham um convívio social costumeiro, especialmente as mulheres que ficavam quase todo o tempo em suas casas, nas varandas localizadas preferencialmente nos fundos das casas. Os homens, mesmo que limitado, tinham um contato social maior, pois, todos os dias, depois do jantar, faziam a sesta, e logo após saíam passeando pela cidade.

Seguindo a tradição da época, a família não era composta apenas pelo pai, pela mãe e pelos filhos, ela era um verdadeiro clã, incluindo além da esposa e filhos, concubinas, padrinhos, afilhados, amigos, escravos, que era comandado pela temida e verdadeira figura do patriarca, que era temida, pois comandava com autoridade indiscutível a vida do clã e, venerada, porque encarnava na mente todas as virtudes e qualidades possíveis a um ser humano.

Ainda no século XIX, a figura paterna permanecia inalterada. O pai continuava sendo uma figura temida, obedecida, uma figura a quem os filhos respeitavam.

À mulher cabia a coordenação do funcionamento da casa, pois as famílias eram grandes. A quantidade de filhos girava em torno de 7 a 9 e, além deles, o número de escravos era significativo, o que ocupava todo o tempo das mulheres que permaneciam isoladas do convívio social, que, assim, ficava restrito à família e ao lar.

Neste contexto, era a mãe quem se ocupava em comandar os escravos para que a casa funcionasse bem, para que ficasse limpa e para que a comida ficasse pronta na hora certa. Mas, o domínio era do pai, que em um “sistema piramidal”, era destinada a ele a posição do topo da pirâmide. O pai era o responsável pela “iniciativa econômica, cultural, social e sexual” e “representava o princípio de unidade da propriedade, da moral, da autoridade, da hierarquia, enfim, de todos os valores que mantinham a tradição e o *status quo* da família”. (COSTA, 1999, p. 95)

O pai era o ápice da pirâmide e todos os outros membros da família o obedeciam passivamente. Era o pai quem decidia todas as questões políticas em sua família, decidia quem estudaria, quem se casaria com quem, qual a profissão que os filhos deveriam ter, e a família atendia prontamente a todos os mandos e desmandos paternos, sem questionamento.

Numa síntese do modelo das relações familiares em meados do século XIX, Costa (1999, p. 96) explana resumidamente que

Portanto, o <<estar>>e o convívio coloniais pouco tinham em comum com seus congêneres de épocas mais recentes. O desconforto material despreparava o ambiente para receber a família. A quantidade de pessoas estranhas pulverizava as relações afetivas e pessoais. O temor ao pai mantinha fixa a distância emocional entre os indivíduos. O <<estar>> não criava a intimidade. Não favorecia a concentração de interesse entre cônjuges, pais e filhos.

O modo de vida familiar sofreu alterações quando os dispositivos normalizadores como a higiene²¹ começaram a mudar os hábitos dos cidadãos e eles começaram a abrir as suas casas para o convívio social. Nesse período, ao dar a atenção devida às inocentes crianças, o Estado e a ordem médica interferem na conduta da norma familiar. Foi quando sentiram a necessidade de adquirirem móveis, talheres, vestimentas mais luxuosas, e a população alterou os seus hábitos que se tornaram mais sofisticados, pudorosos e requintados.

Com o progresso das instalações hidráulicas, houve a redução de um grande número de serviçais e escravos dentro das casas.²² Desse modo, a privacidade familiar, o convívio íntimo entre os membros da família (pai, mãe, filhos) passou a ser valorizado. Conforme Costa (1999, p.86-87)

A família dominada pelo sentimento de privacidade distingue-se da família antiga, em vários sentidos. Em primeiro lugar, pais e filhos começam a valorizar o convívio íntimo e exclusivo entre eles, abandonando a companhia contínua de elementos estranhos, porventura residentes na casa. Em segundo lugar, os pais passam a ter maior interesse pelo desenvolvimento físico-sentimental dos filhos, educando-os de maneira mais individualizada e levando-os, em conseqüência, a ganhar maior consciência de suas próprias individualidades. Em terceiro lugar, o amor entre os pais e filhos torna-se a energia moral responsável pela coesão familiar, substituindo progressivamente a ética religiosa e os imperativos de sobrevivência material.

O sistema patriarcal, que até meados do século XIX era a espinha dorsal da sociedade, começou a mostrar sinais de fraqueza nos primeiros anos da República. O enfraquecimento não se deveu à incompatibilidade com o novo regime, mas ao crescimento e ao desenvolvimento das cidades que faz com que os senhores rurais

²¹ A higiene se deu mediante um trabalho desenvolvido pelos médicos denominados higienistas, que se preocupavam com a saúde da população urbana. Acerca do tema, ver Costa (1979), o qual salienta uma aliança entre Estado, Igreja e Medicina visando, por meio do controle da higiene, a uma atenção à educação e à família.

²² Às vezes chegavam a 70 o número de homens e mulheres trabalhando em prol da casa.

percam o seu poderio, pois os membros do clã passam a ter mais liberdade, oportunidade de emprego, etc.

E, assim, houve uma alteração no bojo do núcleo familiar, que chamaremos núcleo familiar moderno, quando a figura paterna começou a sinalizar mudanças em torno do imaginário popular da época.

2.2 – Do núcleo familiar moderno

O historiador inglês Eric Hobsbawm, em sua obra *Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)*, enfatiza em seu Capítulo 11 – *Revolução Cultural* – as transformações ocorridas através da família e da casa, por meio da estrutura de relações entre os sexos e gerações.

Na segunda metade do século XX, a família nuclear – um casal com filhos –, modelo de família há muito tempo existente começa a mudar rapidamente, notadamente com maior impulso nos países ocidentais “desenvolvidos”. Os divórcios se multiplicavam, havendo a diminuição do casamento formal e, conseqüentemente, a redução no desejo de gerar filhos, fato que refletiu, sobremaneira, em número de pessoas vivendo sós.

Na própria Itália do papa, o divórcio se tornou legal em 1970, um direito confirmado por referendo em 1974. A venda de anticoncepcionais e a informação sobre controle da natalidade foram legalizadas em 1971, e em 1975 um novo código de família substituiu o velho, que sobrevivera do período fascista. Finalmente, o aborto tornou-se legal em 1978, confirmado por referendo em 1981. (HOBSBAWM, 2000, p. 316)

Essa crise familiar deflagrada veio ao encontro das transformações ocorridas entre as décadas de 1960 e 1970, período decorrente da liberalização e conquistas das mulheres, tanto quanto do movimento homossexual, além de outras formas de dissidência cultural-sexual. Atos até então proibidos, tornavam-se permissíveis, não só pela lei e pela religião, como também pela moral consuetudinária. Indubitavelmente, como todas as transformações e revoluções, essa tendência não era igual em todas as partes.

O reflexo dessa dissidência familiar provocou uma avalanche de mudanças no comportamento de uma cultura juvenil sem precedência.

A juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade (...) até a metade da casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente. (HOBSBAWM, 1995, p. 317)

Os jovens agora faziam parte de uma sociedade globalizada e capitalista. Buscavam um espaço no mercado de trabalho e participavam cada vez mais de manifestações políticas ao conquistarem direitos às eleições a partir dos 18 anos.

A evolução tecnológica veio reforçar essa liberdade da cultura juvenil em relação à família. Para Hobsbawm (1995, p. 320) “o que os filhos podiam aprender com os pais tornou-se menos óbvio do que o que os pais não sabiam e os filhos sim. Inverteram-se os papéis da geração”.

Essa mudança nos campos social e econômico, a partir da segunda metade do século XX, revelou que a família tradicional seria, pois, uma das instituições mais solapadas pelo individualismo moral.

Porém, estamos em concordância com os pesquisadores Gomes e Resende (2004, p. 119) quando afirmam que

Antes de assimilar o esboço de nova configuração familiar, modelado no processo que introduziu a mulher no mercado de trabalho, o homem é surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo constante questionamento de sua autoridade.

Esse questionamento da autoridade paterna acaba gerando uma nova visão da figura paterna, e o lugar social paterno assumido com tanto autoritarismo até meados do século XIX, quando a organização familiar estava baseada na hierarquia, começa a mostrar sinais de fragilidade e, na atualidade, está sendo visto com outras características.

2.3 – Da família na atualidade

A figura do pai, que foi sempre apoiada por um sistema patriarcal, ocupava na estrutura familiar um lugar de destaque. Porém, de acordo com Gomes e Resende (2004, p.119)

Esta situação vem-se modificando, lenta e progressivamente, sob a égide de transformações mais amplas, em cujo fluxo imbricam-se, de modo indissociável, sociedade e família. Porém, a mudança de hábitos não

acompanha o ritmo da transformação de valores. Antes de assimilar o esboço de nova configuração familiar, modelado no processo que introduziu a mulher no mercado de trabalho, o homem é surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo constante questionamento de sua autoridade. Tais mudanças não contribuíram para reduzir o vazio instalado na rede de relações afetivas. O distanciamento entre o homem e os demais membros do núcleo familiar denuncia-se na fragilidade do vínculo estabelecido entre pai e filho, principalmente quando se trata de crianças do sexo masculino.

Os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres estão se alterando rapidamente, fato que vem gerando diferentes expectativas de como devem ser as atitudes do pai e da mãe no contexto familiar. Percebe-se que há mudanças efetivas na divisão de papéis no cotidiano familiar, gerando uma transformação que vem provocando uma variação na estrutura familiar, que muitas vezes é tida como desestrutura da família. São muitas as justificativas para essa desestruturação, e podemos citar como algumas delas: a perda da autoridade paterna, o desrespeito entre marido e mulher, a emancipação da mulher, a evolução tecnológica, dentre outras. A emancipação da mulher, que passa a trabalhar fora do lar, fez com que os filhos fossem criados por outras pessoas e isso gerou um afastamento entre pais e filhos. Esse afastamento provoca uma perda de poder paterno, pois os valores que eram repassados pela mãe, agora ficam a cargo de pessoas que, na maioria das vezes, não têm ligação com os laços familiares e podem possuir outros valores morais.

Como vimos, nem sempre a relação familiar foi percebida como na atualidade, ela sofreu grandes alterações ao longo dos séculos e o núcleo familiar foi sendo modificado com os novos tempos em que estamos inseridos. A figura do pai que no passado era tida como o centro do lar, pois era o único quem dava as ordens que deveriam ser seguidas por toda a família, sem restrições, passou a não ter mais a soberania que tinha.

Hoje temos famílias cujas mães são o seu centro. Portanto, são elas quem trabalham para sustentar o lar e muitas vezes ganham mais que os maridos. As mulheres se tornaram independentes e não mais se encontram em posição de inferioridade em relação aos maridos, elas ocupam uma situação de igualdade.

Hoje, percebemos também que o *ethos* paterno está sofrendo grandes alterações, o respeito²³ que os pais possuíam se perdeu e muito em relação aos

²³ Ao menos o tipo de respeito que possuíam antigamente.

filhos, às vezes, nem mais existe. Com todas essas alterações encontradas no seio familiar e com a grande diversidade existente na estruturação das famílias, julgamos ser interessante analisarmos como os adolescentes percebem hoje os papéis sociais assumidos por eles e pelos pais; objetivamos descobrir como no interior das Formações Imaginárias se dá a instauração da imagem que eles têm da relação entre pais e filhos. Essa análise dar-se-á por intermédio de textos escritos (cartas) por alunos provenientes do Ensino Médio.

Como os alunos deveriam redigir os seus textos como se fossem outras pessoas, eles precisariam ter em seu imaginário imagens formadas dessas pessoas antes da escritura dos seus textos. E é por intermédio desse jogo imaginário que deverá ser instaurado que pretendemos desvelar quais são as imagens que esses adolescentes têm de pais e de si mesmos.

Acreditamos que essas imagens sejam pré-construídas e por isso apoiar-nos-emos no conceito de Maingueneau (2005) que afirma existir um *ethos* pré-discursivo, corroborado por Amossy (2005) como *ethos* prévio, os quais dissertaremos sobre eles um pouco a frente em nosso trabalho.

Pressupomos que é por intermédio desse *ethos* pré-discursivo que os alunos sejam capazes de, ao redigirem os seus textos, criarem um enunciador que se instaure no lugar de um pai, bem como no lugar de um filho e assim sejam capazes de desenvolver os seus textos. Se a figura paterna não fizesse parte do imaginário desses adolescentes, muito possivelmente, eles não seriam capazes de realizar a tarefa proposta. Mesmo que alguns deles não tivessem pais, essa instauração poderia ter se efetivado pela figura de outros pais que eles conhecem e que fazem parte da sua comunidade discursiva. Sendo assim, concordamos com Maingueneau (2005) quando defende a “primazia do interdiscurso”.

Mas não é somente a imagem *ethótica* que orienta o discurso, a imagem que se cria do co-enunciador também orienta na elaboração discursiva. Por intermédio dessa imagem criada do “outro”, o enunciador deve se preocupar em projetar o seu discurso tendo em vista a sua adesão. Sendo assim, percebemos que é pelo conhecimento de uma representação cultural preexistente, que seja partilhada com o co-enunciador, é que se torna possível que o enunciador elabore o seu discurso de modo que seja mais provável a adesão do “outro”.

Assim sendo, pressupondo que os alunos criaram imagens que serão instauradas em seus textos, isto é, instituíram os *ethé* de pai e de adolescentes,

propomo-nos a analisar essas imagens e observar como se dá essa construção imaginária. Por meio dos textos cremos ser possível analisar as imagens que esses adolescentes criam de pais e de si mesmos.

Não estamos discutindo aqui se as imagens instituídas discursivamente são dos pais reais dos adolescentes, se são de pais que eles próprios gostariam de ser ou, ainda, se são imagens de pais de amigos; bem como também, nada nos garante que no momento em que ele próprio deve se instaurar como filho, a imagem instituída de um filho, seja a sua própria imagem. Enfim, a nossa proposta é a realização de uma investigação para saber quais os efeitos de sentido provocados quando da instauração das imagens no interior dos textos dos alunos, analisaremos quais são os *ethé* instaurados discursivamente.

Os nossos estudos serão realizados à luz de alguns conceitos desenvolvidos no interior da Análise do Discurso. Interessa-nos o texto, neste estudo, não como objeto final de sua explicação, mas como algo que nos permite ter acesso ao discurso, haja vista que o discurso não pode ser concebido fora do sujeito e nem esse fora da ideologia.

É através da linguagem que o sujeito se constitui e instaura o seu *ethos* discursivo, deixando as suas marcas no texto. É por intermédio dos discursos proferidos que somos capazes de desvendar os segredos mais íntimos que o enunciador vai deixando nos seus discursos. Sendo assim, objetivamos analisar as imagens de pai e de filho instauradas discursivamente. Para isso, temos a necessidade de trabalhar com o conceito de *ethos*.

Para que possamos refletir sobre o conceito de *ethos* e o contexto no qual foi criado e desenvolvido, realizaremos um estudo sistematizado sobre ele no capítulo seguinte.

2.4 – Da criação do *ethos*

Como bem afirma Amossy (2005, p. 9) “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”, imagem essa que é designada pelos analistas do discurso de *ethos*.

O *ethos* se mostra nas mais diversas situações, desde as mais formais, como em uma entrevista de emprego, até as mais corriqueiras, como numa conversa de bar. São nessas comunicações languageiras que vamos nos mostrando para os outros, como na metáfora do teatro, vamos colocando e tirando máscaras a todo tempo e com isso, construindo as nossas imagens e assumindo os nossos papéis sociais nos mais diversificados contextos.²⁴ Muitas vezes a nossa imagem aparece até mesmo a nossa revelia, pois manter uma falsa imagem é um trabalho árduo, e que a qualquer momento, por um deslize, o enunciador pode dar pistas do seu verdadeiro “eu”.

Esse conceito não é homogêneo nem recente, observamos que diferentes estudiosos apresentam variações de entendimento em relação ao significado desse conceito.

A discussão *ethótica* é bastante antiga e foi formulada pela primeira vez, ainda no século V a.C. por Aristóteles. O referido filósofo dedicou uma parte dos seus estudos ao conhecimento da linguagem.

2.4.1 – O *ethos* aristotélico

Como não é nossa intenção desenvolver uma exaustiva retomada de todos os estudos desenvolvidos por Aristóteles na área da linguagem, faremos um recorte, no qual discutiremos sobre os estudos voltados para a retórica. Preocupar-nos-emos com a argumentação, especialmente quando Aristóteles discorre sobre os três pilares que a sustentam: *ethos*, *pathos* e *logos*. Enfatizaremos o *ethos* já que para Aristóteles é o mais importante em meio aos três pilares, os quais ele denomina “provas”.

Aristóteles (1959, p.4) defende que há provas que devem ser fornecidas pelo discurso e que elas são de três espécies “umas residem no caráter moral (*ethos*); outras nas disposições que se criaram no ouvinte (*pathos*); outras no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar (*logos*)”.

²⁴ Na nossa pesquisa, os enunciadores deverão ocupar as posições discursivas de pai de adolescente e de adolescente, instaurando um *ethos* paterno e um *ethos* de adolescente em seus textos.

O autor afirma, ainda, que é na articulação, na elaboração do seu discurso que o locutor deve se mostrar, que deve construir o seu *ethos*. É a partir da sua instauração no discurso, que deve ser capaz de convencer o seu auditório. Na sua *Retórica*, Aristóteles acredita que a prova pelo *ethos* consiste em que o enunciador consiga formar uma imagem positiva de si em relação ao seu co-enunciador durante o discurso e, para isso, deve mobilizar tudo o que for possível (fala, vestimenta, postura de voz, dentre outros) para atingir o seu objetivo que é a aceitação da sua argumentação. Como Aristóteles defende que o discurso é o lugar em que se forma o *ethos*, isenta-se assim de desenvolver a noção de *ethos* pré-discursivo.

Conforme o referido autor, o *ethos* é a imagem que o orador cria de si em relação ao auditório. Essa imagem criada e aceita pelo auditório auxilia o orador na estruturação do seu discurso. A construção de uma imagem positiva perante o interlocutor beneficia o orador na tentativa de conseguir a adesão do seu auditório.

Aristóteles sustenta que o *ethos* não deve ser apresentado diretamente ao seu auditório. O locutor, durante o discurso, não deve informar como ele é, mas sim deve ser capaz de, por meio do seu discurso, fazer com que o auditório seja capaz de elaborar uma imagem e a partir daí consiga formar um *pathos* favorável ao seu discurso.

Se o orador opta por se apresentar diretamente no discurso, pode ser que ele desenvolva perante o auditório um *ethos* de “presunçoso, pretensioso”, por isso não é interessante que o próprio locutor se caracterize, o mais inteligente é que estimule o seu auditório a formar o seu *ethos* de uma maneira indireta, que a partir do discurso, o auditório seja capaz de inferir a figura do *ethos*.

Para que aconteça a criação da imagem que queremos, temos que nos fazer críveis pelo nosso auditório, pois o *ethos* refere-se também à credibilidade em si que o orador deve incitar no seu auditório, que deve acreditar no que o locutor diz. Sem se mostrar verdadeiro, o orador não alcançará o seu objetivo proposto, ele deve atingir uma legitimidade de fala para começar a ser capaz de conseguir essa credibilidade do auditório. Para que isso aconteça, conforme Aristóteles, é necessário que o locutor inspire confiança através da prudência (*phrónesis*), da virtude (*arete*) e da benevolência (*eúnoia*) para com o auditório.

Quando Aristóteles defende que a honestidade deve ser percebida por meio do discurso do orador, há uma crítica aos sofistas que defendiam que o objetivo maior do discurso era a adesão do auditório, mesmo que para isso não se usasse a

verdade. Aristóteles acredita que acima de tudo o orador deve se mostrar verdadeiro e assim não deve enganar o seu auditório.

Outra crítica aristotélica em relação aos sofistas é a preocupação excessiva que eles dedicam ao estímulo das emoções em prejuízo à preocupação com a argumentação lógica que é a sua preocupação central. Aristóteles defende a ética. Ele sustenta que a retórica deve ocupar-se com a verdade, através de provas que possam ser trabalhadas de dois tipos: as provas artísticas e as inartísticas. Estas se referem aos dados, às provas já previamente existentes, às evidências concretas, como por exemplo: confissões sob tortura, documentos escritos, etc. Aquelas são as criadas pelo orador através dos seus argumentos inventados quando da sua exposição.

Como pode ser percebido, o *ethos* é a categoria mais importante dentre as três, pois ao desenvolvermos um *ethos* favorável, no qual se pode confiar, é mais provável que haja a aceitação da argumentação pelo auditório.

Para que consiga a adesão de seu auditório, faz-se necessário que o locutor consiga adequar os seus argumentos ao seu auditório, para que ele consiga o efeito *pathêmico* necessário e atinja o seu objetivo. Para que isso se efetive, é necessário ter conhecimento dos *topoi* comuns a diferentes tipos de auditório. O referido filósofo descreve vários *topoi* que podem ser utilizados tendo em vista diferentes auditórios. Ele descreve os assuntos que devem e podem ser levantados tendo em vista os diferentes auditórios. Aristóteles faz uma distinção entre as classes sociais a que pertencem o auditório, à idade, ao sexo, dentre outros. O referido autor afirma ainda que é imprescindível essa adequação se queremos a adesão do auditório e para isso é necessário que trabalhem com os *topoi* certos.

Mendes (2005, p.304) corrobora com Aristóteles quando defende que

O fato é que a eficácia de tais critérios de construção do *ethos* só pode ser medida em função das reações do auditório, que é em última instância o alvo de qualquer discurso persuasivo, o que implica dizer que a construção discursiva do *ethos* do enunciador deve estar dialeticamente associada a uma projeção discursiva de disposições afetivas relacionadas ao *pathos* do auditório, de modo a se estabelecer uma relação de empatia numa dada situação de interação.

Então, podemos notar que, para Aristóteles, há uma correlação entre o enunciador e o seu co-enunciador, eles são interligados, e é a partir de um sistema

de crenças e valores que o discurso se funda. É por isso que Aristóteles discorre sobre os vários temas que devem ser abordados dependentes do seu auditório.

Em suma, de maneira sintética, Maingueneau (2006, p. 60) expõe as idéias de Aristóteles.

O *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constitui por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à fala;
O *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;

É uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada.

Já há Bourdieu (1998) que, na elaboração do conceito de *ethos*, não se preocupa em avaliar o *ethos* instaurado discursivamente, para esse estudioso, o importante é a imagem criada do orador antes mesmo da elaboração discursiva. O lugar social ocupado pelo orador é que deve orientar a aceitação ou não do discurso proferido.

2.4.2 – O *ethos* sociológico

Bourdieu, renomado sociólogo, desenvolveu trabalhos dedicados a mostrar que o poder destinado às palavras, na verdade não deriva delas, mas de quem as está enunciando.

Conforme o autor, o valor que a palavra possui, a sua força ilocucionária, vem do lugar social assumido pelo locutor, é assim, anterior ao discurso. Para ele, as palavras só adquirem sentido a partir da autoridade conferida ao locutor. As trocas simbólicas ocorrem em contextos em que os interlocutores ocupam lugares que os dão a legitimidade para dizer o que estão dizendo²⁵. O estudioso privilegia a dimensão social do *ethos* e não aceita como haver uma separação entre o discurso interacional e institucional.

²⁵ Quando um indivíduo ocupa o lugar de padre, ele está apto a realizar um sermão; assim, como somente um juiz tem a autoridade para declarar que a sessão está aberta.

Bourdieu (1998) acredita que o valor não está na palavra, ele está na pessoa que a enuncia. O referido sociólogo afirma que as palavras oriundas de pessoas que têm uma credibilidade prévia são mais aceitas pelo auditório. Acredita-se que essas pessoas possuam um capital lingüístico.

Sendo assim, nesta teoria, podemos perceber que o *ethos* é pré-construído e é ele quem direciona o discurso. O sociólogo não comunga com a idéia de *ethos* defendida por Aristóteles, que defende a criação *ethótica* no interior do discurso. Bourdieu (1998) crê que o *ethos* não influencia no momento da construção do discurso, posto que já está formado pelo auditório. Nessa forma de perceber a acepção do discurso, o tripé (eu – tu- discurso) deixa de formar um triângulo isósceles para destacar a supremacia do “eu” em relação ao “tu”.

Podemos perceber que tanto uma quanto a outra forma de privilegiar o *ethos* são unilaterais e que a unilateralidade acaba dando uma certa incompletude aos dois. Cremos que para que se complete o discurso, tanto a imagem prévia que se tem do enunciador, quanto a imagem que é instaurada discursivamente têm a sua importância, e por isso em nosso trabalho optamos por aderir ao conceito de *ethos* defendido por Maingueneau (2005b) e também por Amossy (2005), quando defendem a importância tanto do pré-discursivo, quanto do discursivo.

2.4.3 – Os *ethé* de Maingueneau

Durante a elaboração discursiva, para que haja uma clareza e uma adequação na exposição argumentativa, o enunciador constitui um *ethos* adequado ao contexto e ao seu co-enunciador e isso só é possível a partir do conhecimento antecipado desses, sendo possível assim, instaurar um *ethos* pré-discursivo, conceito desenvolvido por Maingueneau. Conforme o autor, ele é de fundamental importância na elaboração discursiva, pois vai validar a ação de um determinado *ethos* em uma determinada situação.

Acreditamos, por intermédio dos estudos desenvolvidos na AD, que tanto o *ethos* discursivo quanto o pré-discursivo influenciam no discurso, e por isso adotaremos essas duas concepções de *ethos* em nosso trabalho.

Creemos que se o co-enunciador tem uma imagem positiva do enunciador, há uma maior disponibilidade daquele em aceitar o que esse tem a dizer, bem como, há uma maior possibilidade de dar credibilidade ao discurso. Porém, julgamos que é não e pelo discurso que de fato o *ethos* vai se instaurar e corroborar ou não para que o *ethos* pré-discursivo se instaure e se legitime, ou que ele seja refutado e aquela imagem previamente estabelecida não se convalide discursivamente.

As imagens que se formam no nosso imaginário popular, os papéis sociais presentes em nossa sociedade, ajudam-nos a compreender e a aceitar ou não os discursos que são proferidos pelas pessoas no nosso dia-a-dia, sendo as cenas da enunciação, responsáveis pela formação dessas imagens.

Partimos do pressuposto de que em nossa investigação as imagens de pai e de filho previamente estabelecidas no interior da nossa comunidade discursiva foram essenciais para que os alunos conseguissem elaborar os seus textos, pois julgamos que só foi possível que eles adequassem os seus discursos por intermédio das imagens formadas do provável enunciador e do co-enunciador que deveriam ser instaurados nos textos, fazendo uso do interdiscurso, dos pré-construídos.

Há também outras noções que estão interligadas ao *ethos*, mas que não serão desenvolvidas ao longo do nosso trabalho são elas: o *pathos*²⁶ e o *logos*²⁷.

Durante a elaboração discursiva, para que haja uma clareza e uma adequação na exposição argumentativa, o enunciador deve constituir um *ethos* adequado ao contexto e ao seu co-enunciador e isso só é possível a partir do conhecimento antecipado desses, sendo possível assim, instaurar um *ethos* pré-discursivo, conceito desenvolvido por Maingueneau (2005b), e o qual Amossy (2005) denomina *ethos* prévio. Conforme os autores, ele é de fundamental importância na elaboração discursiva, pois vai validar a ação de um determinado *ethos* em uma determinada situação.

²⁶ O *pathos* refere-se às emoções, às paixões, aos sentimentos que o enunciador deve ser capaz de instigar no seu co-enunciador, como, por exemplo, a compaixão, o medo e a cólera. O *ethos* está para o enunciador assim como o *pathos* para o co-enunciador. Sendo assim, o enunciador deve estudar o seu público antes de ir à fala. Esse fato nos faz perceber que não dá para desvincular a figura do enunciador da figura do co-enunciador. O enunciador só é capaz de trabalhar bem o seu discurso a partir do momento que tem conhecimento do seu co-enunciador.

²⁷ Nos estudos aristotélicos, a figura do *logos* que diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso também é vista como importante para o desenvolvimento do discurso argumentativo. Ela está interligada diretamente ao *ethos* e ao *pathos*. Para Aristóteles, que trabalha com o *ethos* discursivo, existe a crença de que será no *logos* que *ethos* se fundará. É a partir do discurso que o orador é capaz de atingir as emoções em seu auditório. Sendo assim, é possível perceber que o *logos* é o lugar em que se desenvolve o *ethos* e conseqüentemente, o *pathos*.

3. A CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA OS ESTUDOS SOBRE OS TEXTOS ARGUMENTATIVOS

3.1 – A escolha de uma teoria

Neste capítulo, versaremos sobre a Escola Francesa da Análise do Discurso que como parte integrante da Ciência da Linguagem nos oferece uma perspectiva científica para realizar estudos sobre a linguagem, tendo em vista que essa disciplina trabalha com o lingüístico e com o social.

Utilizaremos em nossa pesquisa algumas das noções desenvolvidas por essa disciplina e que nos auxiliarão na compreensão e na análise de textos escritos por alunos provenientes do Ensino Médio. Buscaremos ultrapassar uma hermenêutica textual para constituir uma análise do discurso. Nas páginas que se seguem, pretendemos discutir sobre aspectos teóricos da constituição e do desenvolvimento da Análise do Discurso, percurso que consideramos imprescindível para melhor compreendermos a pesquisa realizada.

3.2 – A análise do discurso: primeiros momentos

A Análise do Discurso em sua vertente francesa tem despertado a atenção de inúmeros estudiosos da língua, que contrários à separação entre os estudos da língua e os estudos dos seus enunciadores - o que dá à disciplina um caráter social – passam a analisar a linguagem tendo em vista tanto um contexto de situação como os sujeitos envolvidos no processo de enunciação.

Sendo assim, a Análise do Discurso atualmente adquiriu um status de fundamental importância nos estudos de diferentes disciplinas. Podemos perceber que não somente a lingüística faz uso das noções criadas e desenvolvidas dentro desse contexto, mas diferentes áreas têm ancorado as suas pesquisas nessas noções, como a sociologia, a história, a psicologia, dentre outras. Isso explica uma de suas características fundamentais: sua perspectiva transdisciplinar.

Como a Análise do Discurso é a base teórica principal do nosso estudo, discorreremos sobre alguns conceitos elaborados nessa área e que serão utilizados em nossa tese.

Pelo fato de ser um domínio de pesquisa que se iniciou recentemente e que vem se desenvolvendo a passos largos, corroboramos com a idéia de que a Análise do Discurso é uma disciplina que está em formação. Sendo assim, reportamos a Seguin (1994, p.37) quando afirma que

A análise de discurso (doravante AD) é um domínio de pesquisa cuja identidade é ambígua. Ele abriga, com efeito, vários tipos ou níveis de análise, várias correntes teóricas, vários horizontes disciplinares, várias tendências epistemológicas, várias sensibilidades temáticas, várias características nacionais.

A expressão “análise de discurso” gera ainda hoje uma grande variedade de sentidos devido às diversas áreas científicas que fazem uso dela para identificarem sua prática de análise. Mesmo sendo uma disciplina recente, vem contribuindo para o desenvolvimento dos estudos da linguagem, por isso utilizaremos em nossa pesquisa alguns conceitos que foram criados e/ou desenvolvidos nesta área. A seguir, discutiremos essas categorias e discorreremos sobre a importância de cada uma delas em nossa pesquisa.

3.2.1 – A enunciação e os textos argumentativos escolares

Os estudos enunciativos foram colocados em foco e estiveram no centro das atenções dentro da Lingüística, a partir dos estudos desenvolvidos por Emile Benveniste, nas décadas de 70 e 80. O referido teórico preocupava-se com a interação discursiva, não conseguia conceber os sujeitos fora do seu contexto enunciativo. Sendo assim, os sujeitos deveriam ser vistos como seres históricos, sociais, políticos e ocupantes de papéis sociais dentro de uma determinada comunidade. Esses sujeitos histórico-sociais, ao empregarem a língua, se apropriam das inúmeras possibilidades de utilização do léxico e a realizam de uma maneira individual, que os caracteriza como enunciadorees. E assim, Benveniste (1989, p.82)

conceitua a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.”.

Sendo a enunciação um ato individual, a cada momento em que um enunciador se apropria da língua, ele se mostra em seu discurso. Somos capazes de, ao analisar um discurso, criar uma imagem do seu enunciador, e nesse jogo de imagens é que vamos criando os estereótipos dentro das sociedades. De acordo com Benveniste (1989, p.87) o que “caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”.

Sendo assim, não apenas o enunciador revela toda a complexidade do quadro da enunciação, o co-enunciador é também indispensável para a compreensão desse quadro, pois é em função dele, do co-enunciador, que a elaboração do discurso é orientada. E aqui entra em cena o jogo de imagens²⁸ que se formam dos seres envolvidos na cena de enunciação.

As imagens são formadas tendo em vista a sociedade em que os sujeitos estão inseridos bem como as posições sociais que eles ocupam e os diferentes papéis sociais assumidos. A partir dessas informações, as imagens vão sendo elaboradas, e o discurso sendo construído.

Os papéis sociais que os indivíduos assumem ao longo da vida ajudam a orientar a elaboração dos discursos²⁹ e são as imagens que fazemos de uma pessoa enquanto ocupante de uma determinada posição social que nos faz elaborar o nosso discurso. É a construção da imagem do outro, bem como a imagem de si mesmo que orientam na elaboração discursiva. Ao longo da vida, os enunciadores são capazes de criar diferentes imagens de si, dependentes dos co-enunciadores e do contexto enunciativo em que estão inseridos.

Bakhtin (1978, p.125), na mesma direção que Benveniste, afirma que:

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação.

²⁸ Entenda-se aqui o jogo de imagens de Pêcheux, o qual discutiremos posteriormente.

²⁹ O papel social que o enunciador assume, bem como o co-enunciador, orienta os seus discursos. Por exemplo, se um pai conversa com o filho, o discurso é diferente daquele em que um pai conversa com outro pai. Uma conversa de uma mesma pessoa que assume o papel de diretor de uma grande empresa é diferente do papel assumido por essa mesma pessoa quando está conversando com a sua esposa ou com um amigo em um bar.

Sendo assim, entendemos que o que fica guardado no íntimo dos falantes orienta a exteriorização dos discursos ouvidos, pois o conhecimento arquivado em cada um de nós acaba por orientar os nossos discursos. A partir do momento em que o enunciador instaura o seu co-enunciador, já faz pressuposições dos conhecimentos desse.

De acordo com Mello (2003, p. 35) o “‘eu’ só existe em relação com o ‘outro’ e todo locutor deve procurar adaptar em seu projeto de ação, em seu projeto de fala, um interlocutor e procurar adaptar constantemente seus meios às reações percebidas desse outro.”

De acordo com Bakhtin (1997, p. 112), a enunciação “não pode ultrapassar as palavras de uma classe e de uma época bem definidas”, e assim ele conceitua a enunciação:

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor.

Quando há a proposta bakhtiniana da possibilidade de existir um representante médio de um grupo social, podemos inferir uma ligação entre essa afirmativa e a concepção das imagens preestabelecidas, pois somente somos capazes de conceber esse representante médio a partir do nosso conhecimento prévio do grupo social e da imagem que temos desse grupo.

Esses estudos que se preocupam com o contexto enunciativo percebem os enunciadores, co-enunciadores e o contexto como constitutivos dos discursos proferidos. A língua passa a ser compreendida como algo que evolui constantemente e que tem um vínculo com as comunidades. Ela é responsável pela comunicação entre os falantes e até pela própria existência de uma sociedade.

Sabemos que para que exista uma comunidade, há a necessidade de que os falantes possuam uma língua em comum, para que possa haver a interação entre as pessoas. Há uma relação bilateral entre a língua e o falante: não há falante sem a existência de uma língua, porém, também não há uma língua sem falantes, há entre eles uma relação de interdependência. Não estamos pensando aqui no falante enquanto aquele que fazendo uso dos órgãos do aparelho fonador e da chamada “competência” chomskiana produz enunciados gramaticais de sua língua materna, mas estamos pensando naqueles “sujeitos da língua enquanto constituídos por este

espaço de línguas e falantes que chamo espaço de enunciação”. (GUIMARÃES, 2002, p.18)

A Análise do Discurso não pensa os enunciados fora de um contexto, ela se preocupa com os efeitos que são produzidos a partir dos textos em função do momento e do lugar em que foram produzidos e/ou interpretados, bem como de quem o proferiu e/ou interpretou, do lugar social ocupado por eles.

Todo o aparato teórico desenvolvido pelos estudos sobre a enunciação dentro da Análise do Discurso contribuiu consideravelmente para que houvesse uma nova postura, seguida por um elevado número de professores de língua portuguesa, em consideração ao estudo executado com a produção de textos dentro da sala de aula.

Hoje nas escolas, há também uma crescente preocupação com os estudos do texto em detrimento dos estudos restritos, no máximo, às frases soltas, sem contextualização, quando os professores tinham como preocupação primordial, os estudos da fonologia, da morfologia e da sintaxe³⁰, muitas vezes desconsiderando os estudos voltados para a semântica. Neste contexto, quando há o crescimento da preocupação dos estudos dos textos inseridos em um contexto enunciativo, os estudos fortemente estruturalistas começam a perder campo para aqueles que se preocupam tanto com o contexto social quanto com o indivíduo.

Em relação às redações não era diferente. Na hora da correção, os professores preocupavam-se somente com aspectos formais da redação, com problemas de ordem gramatical³¹. Quando o aluno percebia que quanto menos escrevia, menos errava e quanto menos errava maior era a sua nota, ele começava a escrever cada vez menos e a única preocupação dele era em relação aos erros que o professor valorizava³² e acabava por deixar de lado o sentido do texto e a sua adequação em relação ao contexto situacional.

Pensando em como eram realizadas as propostas e a correção das redações, quando não se pensava no sujeito discursivo que deveria ser instaurado, no enunciador e no co-enunciador envolvidos no discurso, notamos que essas redações muitas vezes não atingiam a expectativa que o professor tinha em mente.

³⁰ O aprendizado da língua muitas vezes era reduzido a exercícios de repetição e o aluno reproduzia frases trocando palavras por outras, sem uma reflexão sobre qual efeito a troca dessas palavras por outras poderia causar no texto.

³¹ Concordâncias verbal e nominal, regências verbal e nominal, colocação pronominal, ortografia, acentuação, pontuação, dentre outros.

³² Fato que devemos evitar, pois o ideal não é a valorização dos erros, mas a valorização dos acertos e da evolução que o aluno teve na escola.

Supomos que um dos fatores que concorriam para que esse fato acontecesse era a não compreensão por parte do aluno da intenção do professor ao solicitar a redação do texto. O aluno muitas vezes não conseguia apreender qual era essa intenção e redigia as suas redações, que, por sua vez, eram julgadas inadequadas pelo professor.

Essa inadequação textual acontecia inúmeras vezes por falta de uma proposta de interlocução, fazendo com que o aluno se visse perdido em vários momentos durante a escrita do seu texto. Com o desenvolvimento dos estudos na área da enunciação, começou-se a defender que textos não apareciam do nada, havia a necessidade de se estabelecer quem eram os sujeitos discursivos envolvidos no contexto, qual era o contexto de situação da produção do texto e qual (is) papel(is) social(is) o enunciador ocupava discursivamente.

Sendo assim, não há como não abordarmos a noção de sujeito em nosso trabalho, haja vista que será a argumentação desenvolvida pelos sujeitos enunciadorees instaurados nos textos que nos darão possibilidade de realizarmos a nossa pesquisa.

3.2.2 – O sujeito na Análise do Discurso

O discurso não pode ser concebido fora do sujeito e nem este fora da ideologia. É com a linguagem que o sujeito se constitui e é também nela que deixa as marcas desse processo ideológico. Sendo assim, percebemos que o discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos (MAINGUENEAU, 2002, p.54-57). Podemos assim intuir que a linguagem não é neutra, mas repleta de ideologia proveniente das formações ideológicas existentes.

Os enunciadores expressam, em geral, inconscientemente, competências de fala interiorizadas, dependendo de seu meio, de sua formação, de sua educação. Eles reproduzem os discursos que os constituem enquanto sujeitos discursivos. Essa competência discursiva define “aquilo que pode ser dito” e permite aos sujeitos interpretarem e produzirem enunciados que pertencem a sua formação discursiva. O sujeito pode ainda identificar formações discursivas antagônicas e incompatíveis com a sua formação discursiva ou o seu posicionamento, ou seja, o sujeito

discursivo possui uma capacidade de adequação de seu discurso às regras de seu posicionamento discursivo, atendendo às proibições, bem como às exigências que lhe são imputadas por cada sistema de restrição:

Esse sistema de restrições deve ser concebido como um modelo de competência interdiscursiva [...]. Postulamos, nos enunciadores de um discurso dado, o domínio tácito de regras que permitem produzir e interpretar enunciados que resultam de sua própria formação discursiva e, correlativamente, permitem identificar como incompatíveis com ela os enunciados das formações discursivas antagonistas. (MAINGUENEAU, 2005, p. 23)

A competência é, pois, um conceito operacional que tem como base a relação entre as diferentes posições enunciativas e os sujeitos enunciadore, que ocupam tais posições. Esse fato nos faz perceber que o dialogismo está presente nos discursos. Todo discurso é constituído por intermédio de um debate com a alteridade e na relação entre diferentes discursos, mesmo que não seja explicitamente marcado no texto. E, ainda, conforme Maingueneau, há o interdiscurso que orienta nessa elaboração discursiva.

Mas, nem sempre o sujeito foi visto como dialógico. Os estudos dessa área não se desenvolveram de uma só vez, eles foram divididos em três fases. Em cada uma dessas fases, o sujeito foi compreendido diferentemente.

A primeira fase desenvolveu-se com Pêcheux. Conforme o referido autor (1997, p.311)

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que 'utilizam' seus discursos quando na verdade são seus 'servos' assujeitados, seus 'suportes'.

Assim sendo, percebemos que o sujeito era compreendido como assujeitado, era tido como dominado pela máquina discursiva, que, conforme Pêcheux (1997, p.312), pode ser "(por exemplo, um mito, uma ideologia, uma episteme)."

A segunda fase tem início com a noção de formação discursiva, emprestada de Foucault, que conforme Pêcheux (1997, p.314)

Começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com o seu 'exterior': uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadida' por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de 'preconstruídos' e de 'discursos transversos')

De acordo com Pêcheux (1997), nesta fase, ainda percebemos o sujeito assujeitado à maquinaria da Formação Discursiva, e que o “sujeito da enunciação” é somente uma ilusão do “ego-eu [‘moi-je’]”

Dessa forma, o sujeito não tinha voz própria, o que ele dizia estava predeterminado pela maquinaria a que estava vinculado.

Já na terceira fase, “a noção de sujeito sofre um deslocamento que inaugura uma nova vertente, bastante atual, da Análise do Discurso”. Agora, como a própria “noção de discurso marcado radicalmente pela heterogeneidade – afirma-se na AD-3 o primado do interdiscurso, tem-se um sujeito essencialmente heterogêneo, clivado, dividido.” (MUSSALIM, 2004, p. 134)

Atualmente, para a Análise do Discurso, o que está em questão não é apenas o sujeito em si, o que de fato será relevante é o lugar ideológico de onde enunciam esses sujeitos, a noção de sujeito como aquele que se desdobra em vários sujeitos dentro de um mesmo texto, é a sua dispersão. Assim, percebemos a importância de uma concepção de ser humano na qual a presença do outro se torne elemento indispensável e constitutivo do discurso. Conforme Bakhtin, a alteridade dá suporte ao dialogismo e constitui toda atividade humana, situando-se assim na centralidade da linguagem. Sendo assim, notamos que não apenas o enunciador influencia na elaboração dos textos, a imagem que se tem do “outro” (co-enunciador) está sempre presente nessa elaboração dialógica. O co-enunciador passa a ter uma grande importância na orientação da elaboração discursiva, o que nos faz notar que o sujeito só se constitui em uma interação dialógica entre o eu e o “outro”, e a partir dela, confere significado aos enunciados produzidos, assim, o mesmo enunciado poderá expressar diferentes significados em diferentes contextos comunicativos.

Um dos precursores dos estudos referentes ao sujeito é Bakhtin, conforme Mello (2003, p. 35), ele percebia o sujeito

como um ser histórico e produtor de um conjunto de relações sociais, e propõe o então chamado ‘indivíduo social’ nos estudos preliminares de uma teoria do dialogismo social. É a consciência do outro, de sua atitude, de sua *parole*, que Bakhtin (1970) vê como mecanismo profundo das obras de Dostoievski.

É importante observarmos o sujeito, pois em nossa pesquisa temos a proposta de que haja uma instauração de diferentes sujeitos discursivos quando da

escritura dos textos. A variação deve acontecer tanto de enunciador quanto de co-enunciador e, por intermédio dessas variações, objetivamos conhecer os *ethé* paterno e de filho que se instauram nos textos dos nossos sujeitos empíricos, observando a relação entre eles.

Para atingirmos nosso objetivo, interessa-nos o postulado proposto por Maingueneau (2005; 2006) sobre *ethos* discursivo e pré-discursivo, também nomeado *ethos* prévio por Amossy (2005). Apoiar-nos-emos também no conceito de cena de enunciação, a qual Maingueneau (2006) desdobra em três cenas: englobante, genérica e cenográfica.

Ao analisarmos o sujeito discursivo, preocupar-nos-emos com as imagens constituídas nos discursos, e assim, verificaremos nesse jogo de imagens, a criação do *ethos* nos textos, e perceberemos se o *ethos* pré-discursivo influencia ou não na elaboração dos seus textos.

3.2.2.1 – Os sujeitos e os papéis sociais

O sujeito³³ compreendido dentro de uma sociedade é um ser de contradição. Ele é simultaneamente livre e dependente do contexto em que se insere. Livre para se posicionar em diferentes domínios discursivos e até para se situar de diferentes maneiras dentro de um mesmo domínio discursivo. Porém, a partir do momento em que o sujeito se posiciona em um determinado lugar social, fica de certa forma subordinado a ele. O sujeito muitas vezes se vê impossibilitado de *dizer* ou *fazer* tudo o que quiser, o lugar social ocupado, o limita. Esse limite é imposto pela própria sociedade que possui um conhecimento anterior dessas limitações. Contudo, acreditamos que mesmo que o lugar social delimite o discurso, este é constituído pelo próprio ato de enunciar.

Conforme Muniz (2008, p. 102) “percebemos que o discurso obedece a regras que interagem com o enunciador e, ainda com o social que dita os papéis, os lugares e o modo de circulação de um enunciado.”

³³ Sujeito compreendido como um ser histórico-social, recortado por uma memória discursiva.

Sendo assim, os sujeitos quando se pronunciam em determinados Domínios Discursivos, a partir das posições assumidas dentro desses Domínios, se apossam dos discursos recorrentes para elaborarem e pronunciarem os seus. Os Domínios Discursivos acabam sendo recortados por vários discursos que se materializam através de textos. Dentro de um mesmo texto, pode haver a presença de discursos provenientes de diferentes Domínios Discursivos.

Dentro de cada Domínio Discursivo há uma coletividade de sujeitos que compartilha de uma mesma gama de aspectos socioculturais e ideológicos, e que não raras vezes, entram em oposição a outros grupos de sujeitos. Para que o sujeito enuncie, tem que se posicionar socialmente, enquanto sujeito discursivo, polifônico, que não deve ser visto como individualizado, e sim como representação de um contexto social, um ser social que revela, reproduz e expande a ideologia do seu contexto sócio-histórico-cultural.

Em nossas propostas, há a presença de dois diferentes sujeitos discursivos. O aluno deveria se posicionar como:

- a) um pai de um adolescente que está tendo um “namoro grudento”;
- b) um adolescente que está tendo um “namoro grudento”.

A partir da análise dos textos produzidos, pretendemos saber como os alunos se constituem como sujeitos discursivos dentro de cada proposta de redação que receberam e, a partir desse posicionamento, analisaremos a instauração do *ethos* paterno e do *ethos* de filho em seus textos.

O que nos interessa é analisar de que forma o sujeito se marca enquanto sujeito discursivo através do que diz. Como ele se posiciona como sujeito no seu texto. Observamos que esses diferentes posicionamentos se dão a partir das formações imaginárias presentes na memória discursiva do enunciador. A imagem que ele tem do seu co-enunciador influencia diretamente na elaboração do seu texto – a imagem que se tem de um pai de adolescente, de um filho – e funciona como um leme para guiar a elaboração dos discursos.

Verificaremos nos textos como esses alunos se instauram como sujeitos discursivos, como utilizam a noção que têm de pai e do lugar social ocupado por ele, bem como qual a imagem que têm de si mesmos em relação aos pais. Por intermédio do interdiscurso, observaremos como eles se constroem discursivamente,

quais as marcas deixam para que possamos examinar e investigar o *ethos* instaurado nos textos.

3.2.3 – As condições de produção discursivas

A noção de Condição de Produção Discursiva nasce com Pêcheux (1997). Para o referido autor (1997, p.82), os protagonistas do discurso não são representados por “organismos humanos individuais” dentro de uma presença física, e, sim, dentro de uma representação de “lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Isso é o que Pêcheux (1997) chama de jogo de imagens. O autor trabalha com as imagens que os sujeitos têm de si e dos outros na enunciação. Para compreendermos esse jogo, reproduziremos a seguir os quadros explicativos desenvolvidos por Pêcheux.

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente	
A	$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	$I_B(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

Quadro 1 – Imagens do enunciador e do co-enunciador, inseridas em uma formação imaginária

Fonte: Pêcheux (1997)

	Expressões que designam as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A (R)$	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B	$I_B (R)$	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Quadro 2 – Imagens da situação de enunciação

Fonte: Pêcheux (1997)

Ao analisarmos os quadros anteriores, verificamos que Pêcheux (1997) trabalha com as imagens do enunciador e do co-enunciador, denominados “protagonistas do discurso”. Inicialmente, pensa-se em qual é a imagem que o enunciador faz do lugar que ele próprio ocupa e qual é a imagem que o enunciador faz do co-enunciador. Pêcheux também retrata sobre a imagem que o enunciador faz da imagem que o co-enunciador faz do enunciador no momento da enunciação e também sobre qual é a imagem que o enunciador faz da imagem que o co-enunciador tem de si próprio. Além das imagens do enunciador e do co-enunciador, o autor se refere à imagem que tanto o enunciador quanto o co-enunciador fazem do que é enunciado.

No interior das Formações Imaginárias pecheutianas instaura-se o jogo de imagens de um discurso, e é a partir dessas imagens que o sujeito enuncia. Assim, no discurso, as Formações Imaginárias são responsáveis por designarem os lugares que o enunciador e o co-enunciador se instauram a partir das imagens que têm de si e do outro.

Somente através desse processo de representações imaginárias, torna-se possível criar estratégias argumentativas que fazem parte da nossa investigação. Observaremos como se dá o jogo de imagens quando os alunos têm que se instaurar nos discursos como pai de um adolescente, bem como, adolescentes, em uma relação social pai-filho. Desejamos observar quais são as imagens que eles têm de si e de pais de adolescentes.

A Análise do Discurso atual reformulou esse conceito. Nesse jogo de imagens, mesmo estabelecendo as condições de produção discursiva, isto é, aquilo que o sujeito pode/deve dizer, a partir do lugar social ocupado e das representações do Outro em sua enunciação, devemos perceber que não existe um preestabelecido que garanta a enunciação do sujeito, pois esse jogo vai ser constituído à medida que

se constitui o próprio discurso. Em suma, o sujeito não está completamente livre para falar o que quer, a própria opção do que vai dizer já nasce determinada pelo lugar social que ele ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido, mas as imagens que o sujeito constrói ao enunciar só se constituem no próprio processo discursivo. (MUSSALIN, 2004, p. 137)

Para que possamos compreender o porquê das adequações da linguagem produzidas pelos alunos, retomaremos o conceito de Condições de Produção. As Condições de Produção podem ser entendidas em dois sentidos: num sentido *stricto sensu*, podem ser compreendidas como o contexto imediato em que procedeu o discurso. Porém, num sentido *lato sensu*, e é o que cremos ser o mais revelador, a Condição de Produção é percebida como a compreensão do contexto sócio-histórico e ideológico.

A contribuição pecheutiana em relação ao conceito de Condições de Produção se dá no fato de o referido autor não destacar a presença de pessoas físicas envolvidas no discurso. O que ele destaca é o lugar social que esse indivíduo ocupa. A partir desse posicionamento ocupado pelo indivíduo é que vai se dar o seu direcionamento do discurso. Tendo conhecimento do lugar social ocupado pelo enunciador, somos capazes de antecipar muitas características do seu discurso e compreender inúmeras falas por ele proferidas.

O lugar social ocupado pelos indivíduos envolvidos no processo de enunciação também depende do jogo das imagens. Essas imagens são constituídas a partir de três posicionamentos: a imagem que temos do nosso co-enunciador, a imagem que temos do nosso objeto, bem como a imagem que temos de nós mesmos. E através da antecipação esse jogo fica mais complexo, pois temos que jogar com imagens que o “locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso, etc”.

Partindo desse jogo de imagens, bem como dos já-ditos existentes, tentamos pressupor, antecipar o que o outro quer ouvir e assim tentar persuadi-lo. Nesse jogo, ganha quem consegue antecipar mais aproximativamente o que o “outro” gostaria de ouvir. E é nesse jogo de adivinhações que forma-se a argumentação. A partir do conhecimento que o enunciador tem do seu co-enunciador, ele é capaz de fazer previsões de quais reações, sentimentos, as suas palavras irão provocar no “outro” e, por isso, diz de um jeito ou de outro e já pensa na possível resposta que receberá e na contra-resposta que dará.

De acordo com Brandão (2004, p.44),

No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis, acham-se representadas por uma série de 'formações imaginárias' que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

Afirmativa importante para nos orientar em uma primeira análise dos textos produzidos pelos alunos do Ensino Médio, por isso a importância de sabermos que os discursos são complementares. Não há discurso independente, ele está sempre no meio de um processo discursivo que é contínuo e está inserido em um contexto social. E é somente a partir desse contexto que somos capazes de fazer as nossas previsões.

Como vimos, os sujeitos discursivos são constituídos por intermédio de seus discursos, e, conseqüentemente, as posições que os enunciadores ocupam estão inseridas em diferentes Formações Discursivas que orientam esses discursos, e, por isso, faz-se importante que nos detenhamos nesse conceito.

3.2.4 – A formação discursiva

Os estudiosos da Análise do Discurso postulam que não há discurso em que não se perceba a inscrição de outrem, haja vista que todo discurso insere-se em um continuum e estabelece relações com outros discursos. Nesse estabelecimento de relações, são percebidas as regularidades dos discursos.

Percebendo essas regularidades, estudiosos desenvolveram o conceito de Formação Discursiva.

O conceito de Formação Discursiva inicialmente foi desenvolvido pelo filósofo Foucault, que em sua obra *A Arqueologia do Saber* (1994), discorre sobre o que vem a ser FD. Conforme Foucault (1994), Formação Discursiva é

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

Foucault (1994) defende que a Formação Discursiva é responsável por determinar o que pode/deve ser dito pelo sujeito a partir da ocupação de um determinado lugar social, o que nos faz intuir que haja regras responsáveis pela formação das Formações Discursivas que funcionam como mecanismos de controle.

Foucault (1994), a princípio, pensou no agrupamento de enunciados tendo em vista a sua unidade em relação aos tipos de enunciados, aos conceitos e aos temas desenvolvidos. Dentro dessa perspectiva, explica que se é possível perceber regularidades nesse conjunto, pode-se falar em Formação Discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciados, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos e transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e de conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teoria’, ou ‘domínio de objetividade’. (FOUCAULT, 1994, p. 153)

Foucault estuda “grupos de enunciados” no interior de uma formação social, nas relações que eles mantêm entre si e com os fenômenos não-discursivos como acontecimentos técnicos, políticos, sociais etc. A questão central é: quais são as condições graças às quais podemos falar de um discurso (discurso da escola, da medicina, da economia, da justiça etc.)? Ele chega às seguintes conclusões: é necessária a existência de um conjunto de objetos que possam ser identificados como comuns, como, por exemplo, a doença mental para o discurso psiquiátrico; é necessário poder falar de uma modalidade enunciativa, ou seja, um tipo de enunciação que seja recuperável e que obedeça a uma normatividade; é necessário que exista um sistema de conceitos permanentes que possam ser considerados operantes em determinado domínio ou momento; e, é necessário que exista a permanência de uma temática que aparece em um campo específico e que exista a possibilidade de ser reconhecida.

Foucault observa a existência de “regras de formação” que configuram a identidade de uma Formação Discursiva. Compreende-se que enunciado e Formação Discursiva estão estreitamente ligados, por meio do que Foucault chama “práticas discursivas”.

A partir dessas idéias, constitui-se para Foucault a noção de arquivo, que designa um conjunto de saberes em uma sociedade dada e uma época dada, não como uma coleção de conhecimentos, mas como um sistema de regras e práticas:

Eu chamarei arquivo, não a totalidade dos textos que foram conservados por uma civilização [...] mas o jogo de regras que determinam em uma cultura a aparição e o desaparecimento de enunciados, sua permanência, seu enfraquecimento, sua existência paradoxal de acontecimentos e de coisas. (FOUCAULT, 1994, p. 108)

Tendo em vista a grande dificuldade encontrada na organização dos diversos enunciados em conformidade com as propostas de agrupamento anteriormente expostas, passa-se a pensar as Formações Discursivas não mais fechadas, não mais como unidade, mas, sim, como dispersão. Mas, mesmo na dispersão há regularidades nas Formações Discursivas e são elas as responsáveis pelas condições de produção dos discursos.

Ao longo dos tempos, a noção de Formação Discursiva foi revisitada por outros estudiosos que a reelaboraram e alteraram o seu significado. Conforme Pêcheux (1988) o conceito de Formação Discursiva compreende o lugar de construção dos sentidos, é ela quem determina o que pode e deve ser dito pelo enunciador, tendo em vista a posição que ocupa em uma determinada conjuntura. Formação Discursiva, para Pêcheux (1988, p.160) significa

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

Conforme Orlandi (1988), a Formação Discursiva não somente determina o que pode e deve ser dito, mas também o que não se pode e não se deve dizer. Entendemos, portanto, que a Formação Discursiva se circunscreve não somente na zona do dizível, mas também do não dizível.

Há também Charaudeau (1999), que trabalha com uma recorrência comportamental dos indivíduos em atos de interação social. E, sendo eles recorrentes, faz com que possam ser analisados.

De acordo com Charaudeau (1999, p.33-34)

Os comportamentos dos indivíduos nos seus atos de interação social são mais ou menos recorrentes, o que fundamenta a hipótese de que eles estão submetidos a certas condições de realização e que obedecem a certas regras, o que nos autoriza a constitui-los em objeto de análise.

Já Maingueneau (2005, p.12), na edição brasileira de *Gênese dos discursos*, faz uma crítica à noção de Formação Discursiva e afirma que “Alguns pontos me parecem hoje discutíveis: por exemplo, a utilização frouxa da noção de ‘formação discursiva’” e por isso prefere nomeá-la “posicionamento”.

Em cada Domínio Discursivo há uma regulação discursiva, um acordo previamente estabelecido, que se queremos nos comunicar, devemos seguir. Em cada domínio, faz-se necessário que tenhamos uma maneira diferente de nos comunicarmos, que deve ser alterada a cada momento que sentirmos a necessidade. E nós, enquanto falantes de uma língua, temos essa sensibilidade na comunicação. A essa sensibilidade podemos nomeá-la “memória discursiva”, é ela quem possibilita a circulação e o entendimento de discursos formulados anteriormente (os já ditos), isso faz com que os falantes reconheçam como devem ser elaborados os seus discursos em diferentes contextos de enunciação.

Assim sendo, a situação de comunicação é muito importante para a estruturação dos discursos, pois dependendo de como o “eu” se coloca em relação ao “outro”, o discurso será elaborado de diferentes maneiras. O conhecimento de como deve se portar diante de diversas situações comunicativas é fundamental para que o enunciador consiga se comunicar com clareza. Se não há o conhecimento, a comunicação pode ficar truncada, e a interação não se efetiva. O que facilita a comunicação é que dentro das comunidades os discursos são recorrentes e isso faz com que a comunicação fique mais clara e objetiva, pois tendo o conhecimento do que pode acontecer em uma determinada situação, é mais fácil conseguir esperar algo dela e compreender os discursos proferidos naquele contexto.

Nem sempre o discurso que é aceito em uma determinada situação, será aceito em outra. Muda-se a situação, muda-se o discurso. A situação de comunicação acaba restringindo os discursos, tanto pela própria situação, que às vezes exige formalidade (uma palestra), informalidade (uma conversa num bar), sobriedade (uma aula), explosão de alegria (um show de rock), silêncio (um velório), dentre inúmeras outras; quanto pelos papéis sociais assumidos pelos enunciadores

e co-enunciadores em cada um desses contextos de enunciação. É imprescindível levar em consideração de qual lugar o sujeito discursivo enuncia, qual a sua função no ato da enunciação, bem como em que condições este discurso foi produzido. Temos que nos preocupar com todas essas questões, haja vista que são determinantes de significado.

Dessa forma, é pertinente afirmarmos que os lugares sociais ocupados pelos enunciadores inseridos no ato de enunciação orientam tanto na elaboração quanto na elocução do discurso. Dentro de cada enunciação, temos os enunciadores e co-enunciadores ocupando diferentes papéis sociais, que orientam na formulação dos seus discursos. É por isso que todo texto possui algo de individual e coletivo, simultaneamente. O coletivo ocorre porque o texto faz parte de um gênero discursivo, de uma situação comunicativa, porque há sujeitos que articulam o discurso e assumem papéis sociais para proferi-los, e isso faz a coletividade do texto. Mas há também o que é subjetivo, que mesmo que já tenha sido dito, exatamente daquela forma, nunca aconteceu antes, naquela mesma situação, é a enunciação que faz com que cada ato enunciativo seja único e irrepetível.

A cada momento em que o sujeito se insere em uma determinada Formação Discursiva e assume uma determinada posição discursiva, ele utiliza lexemas que adquirem novos ou diferentes sentidos, pois o sentido das palavras não é pré-existente, ele é determinado pelas posições ideológicas ocupadas pelos sujeitos discursivos e que são colocadas em jogo no momento da enunciação. Os sentidos são regulados socialmente e mudam em conformidade com as posições ocupadas por aqueles que enunciam. Sendo assim, percebemos que o sentido não se faz compreender somente na materialidade discursiva, mas também a partir de uma série de relações que se estabelecem entre o enunciado, o enunciador e o contexto de enunciação.

Conforme Orlandi (2002, p. 40),

não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição.

São esses lugares sociais assumidos pelos sujeitos que permitem a eles dizer algumas coisas que não poderiam ser ditas em outras situações discursivas. E as

suas palavras significam tendo em vista o lugar social assumido pelo enunciador. Está presente em cada situação todo um jogo imaginário que acaba por presidir a troca de palavras. Não importa o ser empírico, mas a posição discursiva ocupada por ele discursivamente. Acreditamos que o ser só se constitui como sujeito discursivo por intermédio da sua inserção em uma determinada Formação Discursiva. Sendo assim, as suas palavras adquirem um sentido a partir do papel social que está assumindo durante o seu discurso.

Acreditamos com Maingueneau (2005) que há um discurso que é interiorizado pelos sujeitos, enquanto pertencentes a determinados grupos ou classes sociais, sendo representativo da posição social que ocupam. Há assim, uma espécie de tautologia. É como um acordo tácito, em que os indivíduos ocupam as posições sociais e devem assumir, assim, “o falar languageiro” das pessoas que ocupam a mesma posição.

Desse modo, a Análise do Discurso pode oferecer importantes contribuições nas análises dos efeitos de sentido produzidos pelo enunciador no interior de seus discursos.

4. MARCAS LINGÜÍSTICAS E IMAGENS DA RELAÇÃO PAI E FILHO

Defendemos com Koch (2000, p.89-90) que

os componentes sintático, semântico e pragmático se encontram indissolivelmente integrados, pelo fato de existirem traços pragmáticos que exercem interferência direta quer no nível semântico, quer no nível sintático, de modo que não se pode considerar os fatores de ordem pragmática como extralingüísticos.

Sendo assim, não podemos desconsiderar as marcas lingüísticas quando da análise dos nossos textos, pois são elas que subsidiam a análise dos efeitos de sentido que provocam ao serem instituídas discursivamente. Notamos que as marcas lingüísticas que se fazem presentes nos textos, também são importantes para que possamos compreender o extradiscursivo.

Percebemos, assim, que uma análise mais detida dessas marcas lingüísticas nos ajudará a compreender os efeitos de sentido existentes no discurso.

O que está posto, a superfície textual, influencia diretamente na nossa compreensão dos pressupostos e dos subentendidos que também são indispensáveis para que possamos compreender de fato os enunciados. Sendo assim, discorreremos sobre esses conceitos, desenvolvidos em Ducrot (1987).

4.1 – O posto, o pressuposto e o subentendido

Ducrot (1987) afirma que o lingüista, ao realizar uma análise semântica de um enunciado, descrevendo os múltiplos contextos em que ele possivelmente apareceria, mostra que conhece a língua, e por intermédio desse conhecimento, é capaz de descrever os diversos sentidos que um enunciado pode adquirir. Mas, decifrar a significação de um enunciado fora de um contexto é apenas uma hipótese, que não nos parece produtiva, haja vista que um enunciado pode adquirir diversos e inimagináveis sentidos dependentes do contexto de situação no qual está inserido e a tentativa de realizar uma descrição semântica da língua é algo complexo e já renunciado pelos lingüistas. Verificamos que o importante é a descrição dos

enunciados inseridos em seus contextos, objetivando analisar quais os efeitos de sentido podem ser apreendidos a partir das suas enunciações. Pensar em realizar uma descrição de enunciados da língua fora de seus contextos seria como afirma Ducrot (1987, p.14), uma “ficção científica”, mas, mesmo assim, o referido autor não descarta a hipótese de se realizar tal feito.

Se compararmos as línguas naturais a um código, que se ocupa em transmitir informações a outrem, estamos admitindo que todos os conteúdos são expressos de maneira explícita.

Sabemos que em diferentes contextos e situações, temos a necessidade de expressar nossas idéias, opiniões, mas que ao mesmo tempo, pode não ser aconselhável que as digamos, pois naquele momento poderia provocar reações indesejáveis no nosso co-enunciador. Em contextos em que determinada atitude pode ser considerada repreensível, devemos fazê-la de forma implícita, que permita a compreensão por parte do co-enunciador e que possibilite ao enunciador eximir-se da responsabilidade de tê-la dito.

Ainda, conforme Ducrot (1972), há mais um motivo para não deixarmos explícito tudo o que queremos dizer, é que o que é explícito pode ser refutado.

Para realizar uma descrição, além dos conhecimentos lingüísticos, o estudioso deve conhecer “um certo número de leis de ordem psicológica, lógica ou sociológica, um inventário das figuras de estilo empregadas pela coletividade que fala a língua L” (DUCROT, 1987, p.15)

Para melhor compreendermos o posto, faz-se necessário que reflitamos sobre o pressuposto e o subentendido.

Conforme Ducrot (1987), o pressuposto pertence ao sentido literal do enunciado, ele é inerente ao próprio enunciado. É certo que não da mesma forma que o posto, mas não há como o enunciador negar a sua existência, pois se ele for negado, o enunciado tornar-se-á falso. É como se ele estivesse implicitamente presente no enunciado.

De acordo com Ducrot (1987, p. 20), o pressuposto “é apresentado como uma evidência, como um quadro incontestável no interior do qual a conversação deve necessariamente inscrever-se, ou seja, como um elemento do universo do discurso.”

Já o subentendido, permite ao enunciador a possibilidade de dizer algo sem ter que se expressar diretamente. Esse é um recurso que torna possível ao

enunciador eximir-se da responsabilidade pelo “dito” e responsabilizar o co-enunciador pelo que foi entendido.

Ducrot (1987) afirma que o subentendido somente pode ser compreendido após o enunciado ser proferido e o co-enunciador ter acesso a este. E, assim, torna-se possível realizar uma interpretação do enunciado. Sendo assim, percebemos que o subentendido não aparece explicitamente, contudo, existe e pode ser percebido. Esse fato nos faz perceber junto com Ducrot (1987) que o pressuposto pertence à frase, enquanto o subentendido pertence ao enunciado.

Resumindo, Ducrot (1987, p.20) afirma que

Se o posto é o que afirmo, enquanto locutor, se o subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, o pressuposto é o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como o objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação.

Ao observarmos os textos dos alunos, percebemos que existe o uso recorrente de negativas. Partimos do pressuposto de que nessas negativas podem ser percebidos subentendidos.

Acreditamos que os subentendidos podem ser notados por intermédio dos pré-discursivos de uma comunidade discursiva. Neste trabalho, investigaremos os pré-discursivos de duas diferentes formações discursivas: a de pai e a de filho.

4.2 – A influência das negativas nos discursos

Há uma diversidade de questões que precisam ser elucidadas em meio à problemática das negativas. A sua interpretação não é simples, pois há várias dificuldades no discernimento dos sentidos que envolvem as sentenças negativas, a polifonia é uma delas. Pelo fato de estar presente e influenciar na compreensão dos enunciados, traz para o texto as vozes de outros. Por intermédio do uso de negativas, o locutor (L) institui enunciadores que se tornam responsáveis pelo enunciado. Conforme Ducrot (1987, p.202)

O locutor L que assume a responsabilidade do enunciado “Pedro não é gentil” coloca em cena um enunciador E_1 que sustenta que Pedro é gentil, e um outro, E_2 , ao qual L é habitualmente assimilado, que se opõe a E_1 .

Quando o locutor nega a gentileza de Pedro, é porque conhece que há uma voz anterior que afirma que Pedro seja gentil, e tendo conhecimento desse fato, e não concordando com ele, faz uso de negativas.

Como as negativas estão presentes em grande quantidade de enunciados presentes em nosso *corpus*, faremos uma análise da polifonia que se institui através do seu uso recorrente.

Julgamos que o que é negado pelos enunciadores não é somente o fato enunciado, mas as crenças e valores de uma determinada comunidade discursiva. Em nosso trabalho, algumas negativas são utilizadas para negar o fato ocorrido, em outras há a negação de que o enunciador esteja contrariando o que a comunidade valoriza, nesses momentos, nega que esteja cometendo o ato.

Outra dificuldade na interpretação dos enunciados negativos é a interferência provocada pelo pré-discursivo que se faz presente nas negativas. Ao redigirem os seus textos, os nossos sujeitos empíricos se instauraram como pai ou como filho, e fizeram uso do pré-discursivo que é comum nas formações discursivas de cada um desses prováveis enunciadores para que pudessem elaborar os seus discursos. Por intermédio da análise do pré-discursivo, pressupomos que somos capazes de inferir as imagens que os nossos alunos criam de pais e de si mesmos.

Muitas vezes, o que é negado não é o que está posto no texto, e, sim, o que é tácito para uma determinada comunidade discursiva. Sendo assim, Ducrot (1987) argumenta que não há somente um tipo de negações, elas são utilizadas de diferentes maneiras.

Ducrot (1972), a princípio, realizou uma bipartição das negações em: descritivas e polêmicas. Para ele, as negações descritivas são como uma descrição realizada pelo autor, há o uso da negativa somente para negar um fato específico, sem, contudo, opor-se a um discurso contrário existente em determinada formação discursiva.

Quando descrevemos um certo estado, por exemplo:

A - Hoje não está chovendo.

Quando esse enunciado é citado em um contexto no qual não há oposição a nenhuma crença existente no interior de uma determinada formação discursiva,

dizemos que o que ocorre é uma descrição de um estado não chuvoso do dia. E, por isso, Ducrot (1972) considera esse tipo de negação como descritiva.

Porém, há um outro tipo de negações, o qual Ducrot (1972) denomina polêmicas. Essas negações são aquelas que estão em oposição às descritivas, visto que se opõem a um discurso veiculado por uma determinada formação discursiva, dando uma opinião inversa.

Para exemplificar a negação polêmica, podemos citar o mesmo enunciado anteriormente exposto “Hoje não está chovendo.” Se estivesse inserido em um contexto no qual a comunidade discursiva acreditasse que naquele dia deveria chover (dia de finados, cheia de São José), o seu uso provocaria um efeito de sentido diferente do especificado anteriormente. Nesse caso, a negação não seria utilizada com o sentido de descrever um estado do dia, mas poderia está sendo utilizado com o objetivo de negar um discurso existente, refutar uma crença de uma determinada comunidade discursiva, podendo, assim, ser considerado o que Ducrot (1972) denomina “negação polêmica”.

Já em Ducrot (1987), há uma nova divisão das negações. Dessa vez, há uma tripartição. O autor conserva o conceito de negações descritivas, que permanece com o mesmo sentido o qual foi exposto anteriormente. Porém, as negações polêmicas são revistas e o autor realiza uma subdivisão em: metalingüísticas e polêmicas. A metalingüística é uma negação “que contradiz os próprios termos de uma fala efetiva à qual se opõe. Direi que o enunciado negativo responsabiliza, então, um *locutor* que enunciou seu positivo correspondente” (DUCROT, 1987, p.203-204).

Quando em um diálogo um locutor refuta não o enunciado, mas o seu pressuposto, anula a negação realizada. Vejamos um exemplo:

A - Pedro parou de fumar.

B - Mas ele nunca fumou.

Nesse caso, o fato de Pedro nunca ter fumado, anulou a negação realizada por A, pois se o pressuposto é falso, o posto é anulado. Esse é o tipo de negação denominada por Ducrot (1987) como “Metalingüística”.

Há um outro tipo de negação o qual Ducrot (1987) denomina de negação “polêmica”, aquela que é instaurada não em oposição a um locutor, mas em oposição a um enunciador colocado em cena

e que pode não ser assimilado ao autor de nenhum discurso efetivo. A atitude positiva à qual o locutor se opõe é interna ao discurso no qual é contestada. Esta negação “polêmica” tem sempre um efeito rebaixador e mantém os pressupostos. (DUCROT, 1987, p.204)

Trabalharemos em nossa análise somente com a negação polêmica, pois foi essa a recorrente nos discursos analisados. Não nos preocuparemos com as negações descritivas - que foram utilizadas com o intuito de descrever fatos, ações – que por ventura se fizeram presentes em nossos textos de análise, pois temos o objetivo de analisar os pré-discursivos das formações discursivas paterna e de filho. Cremos que ao verificarmos quais as crenças e valores estão sendo refutados, conseguiremos refletir sobre esses pré-discursivos.

Ao analisarmos as negações, observaremos somente aquelas que se fizeram presentes na superfície textual por intermédio da presença do morfema negativo “não” em seu contexto.

Uma vez que as negações polêmicas estão em oposição a crenças e valores de uma determinada formação discursiva, e não especificamente em oposição ao fato enunciado, cremos que nesse momento, a polifonia se instaura discursivamente, haja vista ser possível perceber a “voz” de outrem nos discursos proferidos.

Sendo assim, trabalharemos com a presença da polifonia em enunciados negativos, que julgamos ser oriunda do pré-discursivo das formações discursivas paterna e de filho.

4.2.1 – A polifonia em enunciados negativos

Ducrot (1987), descrevendo sobre a polifonia, faz uma distinção inicialmente entre o locutor (L) e o ser no mundo (λ). Percebemos que o “locutor” está para a enunciação assim como o “ser no mundo”, para o enunciado. O referido autor reflete que essa distinção pode ser observada, por exemplo, na retórica aristotélica.

Quando Aristóteles defende que é necessário que o orador instaure uma imagem de si no discurso, o *ethos*, ele está instaurando um locutor, uma imagem de si instaurada discursivamente, é um ser do discurso que não necessariamente existe no mundo. O ser no mundo não é importante neste momento, e se for diretamente tratado no discurso, pode causar a não-aceitação do discurso por parte do auditório.

Posteriormente, Ducrot (1987) insere em seu texto uma terceira figura, o enunciador. Ele faz uma distinção entre este e o locutor, ambos presentes na enunciação. Ao locutor cabe a instauração de enunciador(es) nos discursos. Esses enunciadores podem ou não transmitir os pontos de vista do locutor.

Conforme Ducrot (1987, p. 197) “o enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor”. Da mesma maneira que o autor pode colocar em cena vários e diferentes personagens e nenhum deles ser a sua imagem, o locutor pode colocar em cena, na enunciação, diferentes enunciadores sem que, contudo, nenhum deles seja a sua imagem.

Em nossa investigação é interessante que observemos essa distinção, haja vista que os nossos “seres no mundo”, os nossos sujeitos empíricos, deverão se instaurar como locutores e a partir da enunciação, instaurarem diferentes enunciadores. A partir da instauração dos enunciadores “pai de adolescente” e “filho”, analisaremos as imagens que eles instituem de pai e de filho na relação social pai-filho por intermédio das vozes que serão instauradas nos textos.

É importante ressaltar que em nossa análise, os “seres no mundo” não serão levados em consideração, haja vista que analisaremos o *ethos* discursivo, as imagens instauradas discursivamente. Dessa forma, se o “ser no mundo” não é de fato um pai, isso não deve ser fator dificultador para a nossa investigação, pois o que vai nos orientar são os discursos proferidos.

Se ficássemos presos ao “ser no mundo”, até mesmo poderíamos nos questionar sobre a imagem de filho instaurada discursivamente, será que a imagem mostrada é de fato o filho que ele é?

Acreditamos que quando um analista do discurso está observando os seus dados, não pode ser influenciado pelo sujeito empírico, sob o risco de fazer com que os seus resultados sejam alterados por este, e sendo assim, nos prenderemos à análise do discurso.

E como em nossos dados as negativas foram usadas reiteradamente, especificamente as que julgamos serem polêmicas, acreditamos que seja importante que as analisemos.

A análise será realizada não sobre as marcas lingüísticas, mas por intermédio delas. E, acreditando com Ducrot (1972; 1987) que as negações polêmicas podem ser compreendidas como uma forma de explicitar a polifonia no discurso, pretendemos por intermédio do desenvolvimento de uma análise atenciosa dessas negativas, refletir sobre a função exercida por elas na produção de sentido de um texto.

A polifonia caracteriza-se pela inserção que o enunciador faz do outro (co-enunciador) em seu discurso, seja através de crenças ou de valores que são atribuídos a este, e que são recorrentemente conhecidos e aceitos no contexto social. É a voz do outro que se faz presente nos discursos.

Pelo caráter polifônico que as negativas retomam no interior do discurso por intermédio de seu posicionamento discursivo em determinadas formações discursivas que se entrecruzam nos textos, analisaremos os efeitos de sentido que a utilização dessas negativas provoca a partir do momento em que os enunciadores se instauram na formação discursiva paterna³⁴. Quando nos textos analisados o enunciador se instaura na formação discursiva paterna, apossa-se de discursos próprios desse universo discursivo para reproduzi-los em seus textos.

A presença recorrente de negativas nos faz intuir que os enunciadores fazem o uso do jogo de imagens³⁵ *pecheutiano*, que são capazes de se instaurarem discursivamente, seja como uma *figura* paterna, seja como uma figura de filho. E, também, podemos notar por intermédio dos discursos realizados, que tendo em vista imagens pré-construídas, trazem para o interior de seus discursos as vozes delas, através do uso de negativas, fazendo presente a polifonia.

Pelas negativas utilizadas, é possível notar a presença do interdiscurso³⁶. As negativas são utilizadas como uma forma de reforçar o pré-discursivo³⁷ que é

³⁴ Neste primeiro momento, analisaremos os textos em que os nossos sujeitos empíricos terão que instaurar nos textos um *ethos* paterno e, assim, verificaremos qual é a imagem que os alunos fazem da figura paterna. Posteriormente, dissertaremos sobre a outra proposta de criação do *ethos* de filho.

³⁵ Pela imagem que tem formada do seu co-enunciador, o enunciador procura adequar o seu discurso para conseguir atingir o seu objetivo.

³⁶ O sentido de interdiscurso que utilizamos no texto é o mesmo desenvolvido nas pesquisas de Maingueneau. “um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (MAINGUENEAU, 2005, p.21).

característico do discurso paterno. Os enunciadores se instauram por meio de sua formação discursiva e enunciam, reforçando, assim, a sua argumentação.

Sendo o pré-construído de fundamental importância para a análise dessas questões, observaremos que os enunciadores instituídos por intermédio da **Proposta 1**³⁸, retomam em seus textos alguns discursos que são característicos do discurso paterno, conseguindo assim, instaurar a figura paterna em seus textos, buscando, dessa forma, contemplar o objetivo proposto para a escritura dos textos; bem como aqueles que tiveram em mãos a **Proposta 2**³⁹ de escrita, também instauraram o enunciador proposto em seus textos, fazendo uso do interdiscurso que caracteriza o discurso do adolescente.

Inicialmente, analisaremos as negativas presentes nos textos escritos com a **Proposta 1**. Observaremos a seguir, os discursos mais reproduzidos nos textos. Analisaremos, também, o porquê da utilização reiterada de negativas quando os enunciadores proferem esses discursos. Citemos como exemplo: a preocupação com o futuro profissional dos filhos, com a presença do filho no seio familiar, com a dedicação aos estudos e, conseqüentemente, com a felicidade dos filhos.

Um discurso da figura paterna recorrente nos textos está relacionado à presença do filho no seio familiar. Notamos, neste momento, a interferência do interdiscurso, porquanto em nossa sociedade é comum os pais cobrarem uma proximidade dos filhos, pois dispõem de um senso de proteção em relação ao filho e a proximidade deste acaba dando uma sensação de que o filho está protegido dos "perigos do mundo".

Procederemos ao levantamento dos enunciados negativos produzidos sobre diferentes pré-discursivos, que observamos, são reiterados no discurso paterno e analisaremos a presença da polifonia instaurada nesses enunciados. Discutiremos somente sobre as negações polêmicas, com o objetivo de refletirmos sobre as crenças e valores que se apresentam por intermédio de cada uma das negativas. O

³⁷ Notamos que alguns dos pré-discursivos utilizados nos textos foram: preocupação paterna com o convívio do filho com a sua família, preocupação paterna com o futuro do filho, com os estudos desse, com as amizades, dentre outros.

³⁸ Imagine que você seja um pai de um adolescente que está tendo um "namoro grudento". Preocupado com a situação e desaprovando o tipo de relacionamento do filho, redija uma carta a ele, tentando convencê-lo a repensar o seu tipo de namoro. Procure explorar as informações presentes nos textos.

³⁹ Imagine que você seja um jovem que está tendo um "namoro grudento" e que por isso não tem mais tempo para a família. O seu pai começa a reclamar e exige que você repense o seu tipo de relacionamento. Redija uma carta a ele, justificando que esse é o tipo de relacionamento correto. Procure explorar as informações presentes nos textos.

levantamento dos enunciados negativos dar-se-á em nosso *corpus* somente através do operador negativo “não”.

4.2.1.1 – A presença da polifonia em enunciados negativos da Proposta 1

Muitas são as vozes que se fazem presentes e que ajudam a compor o discurso paterno instaurado discursivamente nos textos em questão. Realizaremos uma análise dessa diversidade para que possamos compreender a importância do interdiscurso nos discursos proferidos.

Iniciaremos abordando um assunto que se fez recorrente nos textos dos alunos por intermédio do uso de negativas: a importância da presença do filho no seio familiar. Acreditamos que as negativas a serem analisadas são polêmicas e nelas podemos encontrar crenças ou valores velados que podem ser percebidos por intermédio do pré-discursivo existente na formação discursiva paterna.

Existe uma crença, um pré-discursivo de que é saudável que o filho tenha contato com os membros da família, pois esta é vista como uma instituição que constitui um dos pilares da formação do indivíduo, que deveria servir de modelo para esse, bem como ser responsável pela sua educação. E como na formação discursiva paterna esse é um tema reiterado, os nossos enunciadores, posicionando-se como pais de adolescentes, fizeram uso desse assunto. Observemos:

Enunciados de 01 a 08

Pré-discursivo: A importância da presença do filho no seio familiar

TEXTO 4

(01) não da atenção à família e nem aos amigos, nos poucos momentos que fica em casa só fala na namorada, não joga mais futebol e nem videogame, isso é preocupante.

Crença velada: o filho deveria dedicar-se à família, dispensando-lhe atenção.

TEXTO 13

(02) *nós quase não o vemos mais, até mesmo seus amigos andam reclamando que ligam e você nunca esta em casa.*

Crença velada: o filho deveria ficar mais tempo com a família.

TEXTO 14

(03) *you quase não fica com a gente.*

Crença velada: É necessário que o filho fique mais tempo com a família.

TEXTO 19

(04) *Depois que você começou este namoro quase não para quieto aqui.*

Crença velada: o filho deveria ficar mais tempo em casa.

TEXTO 20

(05) *Filho depois que você começo a namora com aquela garota você não tem mais tempos para sua família e seus amigos.*

Crença velada: o filho necessitaria dedicar um tempo para a família.

TEXTO 23

(06) *you não me liga mais, não me procura, não vai mais a balada e nem no futebol.*

Crença velada: o filho deveria sempre procurar os pais.

TEXTO 26

(07) *Meu filho você não acha que esta na hora de você dar um tempo, terminar com essa menina, pois você não tem mais tempo para a sua família,*

Crença velada: o filho necessitaria dedicar um tempo para a família.

TEXTO 27

(08) *olhe só um namoro grudento não é bom você larga da família, dos amigos e de várias outras coisa.*

Crença velada: o filho deveria sempre estar perto da família.

O provável enunciador em cena, possivelmente não é um enunciador definido, mas, sim, uma determinada formação discursiva, a formação discursiva paterna, que propaga a crença de que a família é importante para os filhos. Percebemos que a crença de que os filhos devem ter um estreito laço de relação

com a família é divulgado pela formação discursiva paterna. Os pais defendem que os filhos estejam sempre perto deles. Notamos assim, a interferência do pré-discursivo nos textos, pois quando os enunciadores falam do lugar de pai, lançam mão de um discurso que é não somente aceito, mas reiterado no interior da formação discursiva paterna, fato que nos remete à presença de enunciados polifônicos, haja vista que a voz ouvida não é de somente “um” enunciadador, mas de toda uma comunidade discursiva.

Em todas as negativas expostas, observamos que a afirmativa implícita é apenas uma: o filho deveria passar mais tempo com a família⁴⁰, mesmo sendo exposta por intermédio de diferentes argumentos, como: “ter mais contato”, “dar mais atenção”, “não se esquecer”, “não fica com a gente” e “não pára quieto”.

Notamos que a ausência do filho no seio familiar é traduzida de diferentes maneiras. Em algumas negativas, é possível verificar que essa ausência é física, o filho se distanciou fisicamente da família, o que podemos notar nos **exemplos 2, 3 e 4**. Já em outros casos, como nos **exemplos 1, 5, 6, 7 e 8**, não necessariamente há uma ausência física, pode ser que mesmo estando presente no interior da casa, o filho esteja afastado da família, não dispensando atenção a ela, não ficando reunido com os entes familiares para conversarem, pois, mesmo juntos em um mesmo ambiente, pode haver um distanciamento no relacionamento.

Outro fator que pode ser percebido é que, ao utilizar a negação, o enunciadador se apossa do que é comumente aceito e divulgado por intermédio do senso comum e utiliza esse discurso reiterado. É possível pressupor que a figura paterna fazendo uso da polifonia e inserindo em seu discurso o que é comumente aceito pela formação discursiva paterna, se isenta e não assume sozinho a responsabilidade sobre o que foi dito. Esse recurso pode ter sido utilizado, objetivando instaurar uma maior autoridade por intermédio de se apoiar no que é aceito por outros. Esse fato vem corroborar a nossa tese de que a figura paterna instaurada nos textos é de alguém que não se institui discursivamente como autoritário, mas sim de alguém

⁴⁰ Conforme estudo desenvolvido por Wagner et al (2002, p.75), percebeu-se que “A adolescência é uma fase de emoções intensas, na qual o sujeito está em busca da consolidação da sua própria identidade. Como uma das primeiras manifestações deste processo, ocorre o afastamento da família de origem e um maior envolvimento com o grupo de iguais. Esse afastamento das figuras parentais, em muitos momentos, pode tomar a forma de rebeldia, mesmo quando não existem motivos aparentes para isso.” Assertiva que vem corroborar a nossa tese de que faz parte do interdiscurso da nossa comunidade discursiva o fato de que os adolescentes se afastam de suas famílias nessa fase da vida, quando se aproximam intensamente dos seus pares, talvez em busca da sua própria identidade.

preocupado com o bem estar do co-enunciador, alguém que deseja ser amigo, conselheiro. Ele se instaura como alguém confiável.

Sabendo que nessa fase da vida o adolescente busca a sua identidade, e por isso procura os seus pares, podemos levantar a hipótese de que a figura paterna instaurada discursivamente, se mostrando mais amiga, pode ficar mais próxima dos filhos e, assim, pode ajudá-los em seus momentos de indecisão. Sendo assim, notamos que a relação social entre pai e filho tem passado por transformações e, atualmente, há uma maior proximidade entre os dois, mesmo que ainda não seja muito grande, há um número expressivo de jovens que já têm uma maior relação com os pais nessa fase da vida, é o que nos mostra pesquisas desenvolvidas nessa área⁴¹.

Outro tema recorrente nos textos é a amizade. E, mais uma vez, o interdiscurso é fonte da nossa investigação. Sabemos que nesta fase da vida (adolescência), os adolescentes vivem em grupos, e com isso acabam se afastando até da família em prol das amizades. Nessa fase, as amizades têm um grande valor, e passam a ser um fato visto como normal pela formação discursiva paterna. Porém, mesmo sendo normal, muitas vezes são questionadas e até criticadas pelos pais. Contudo, quando as amizades são abandonadas por alguma razão, acabam sendo motivo de preocupação para os pais⁴², pois se ter amizades na adolescência é tido como “normal”, ao se deparar com um filho que as deixa de lado, esse acaba sendo um fator preocupante para os pais. E, assim sendo, não poderia deixar de aparecer nos textos analisados.

⁴¹ De acordo com o trabalho desenvolvido por Wagner et al (2002), quando perguntaram aos adolescentes em relação à comunicação em família, obtiveram os seguintes resultados em relação à comunicação entre os adolescentes e os seus pais: “ Nesses diálogos, a maior parte dos sujeitos (56,3%) diz conseguir de forma freqüente chegar a algum acordo com ele, apontando para uma relação de compreensão e troca entre pai e filho(a). Já 39,8% dos sujeitos declaram ter um entendimento pleno com seu pai, sentindo-se *sempre* compreendido por ele. Apenas 3,9% dos jovens referem *nunca* haver possibilidade de fazer acordos com o pai. Avaliando a coerência do pai entre aquilo que ele diz e o que pratica, 53,7% dos adolescentes afirmam que o pai é *muito* coerente e 39,9% reconhecem *alguma* coerência entre o discurso e a conduta do seu pai. Este dado indica que a figura paterna nestas famílias mantém um papel de credibilidade frente aos filhos.” Os nossos enunciadores também pretendem alcançar essa credibilidade em relação aos seus co-enunciadores e para isso se posicionam como mais amigos e menos autoritários em seus textos.

⁴² É fato que há pais que, preocupados com amizades indesejadas, procuram afastar os seus filhos dessas. Porém, quando os filhos se afastam de todas as amizades em prol de um namoro, também há uma preocupação paterna, pois essa é uma fase em que é considerada “normal” a aproximação dos adolescentes de outras pessoas da sua mesma faixa etária, essa é uma fase, como já dito anteriormente, em que há uma busca pela identidade que vai se fixando na adolescência.

Enunciados de 09 a 16**Pré-discursivo: A importância das amizades na fase da adolescência****TEXTO 4**

(09) **não da atenção** à família e **nem aos amigos**, nos poucos momentos que fica em casa só fala na namorada, não joga mais futebol e nem videogame, isso é preocupante

Crença velada: o adolescente deveria dedicar-se às amizades, ser sociável.

TEXTO 8

(10) você não sai, **não fala com os outros**, não joga futebol e até mesmo perdeu contato com a família.

Crença velada: é importante que os adolescentes conversem com outras pessoas.

TEXTO 17

(11) se fechar pra tudo, não pode! Você tem que curtir, você é novo! Se vc está apaixonado curta a garota mais **não esqueça de outras coisas, suas amizades**, estudar que é o mais importante.

Crença velada: as amizades devem ser sempre lembradas.

TEXTO 18

(12) **Não é compreensível que você abandone sua escola, seus amigos** e viva como se só existisse ele. Você nem se preocupa mais em arrumar, sair com seus amigos.

Crença velada: os adolescentes devem zelar pelas amizades.

TEXTO 19

(13) meu filho **você já não sai mais com os amigos**

Crença velada: os adolescentes devem sair juntos.

TEXTO 20

(14) Filho depois que você começo a namora com aquela garota **você não tem mais tempos para sua família e seus amigos**.

Crença velada: os adolescentes devem dedicar um tempo aos amigos.

TEXTO 23

(15) *you do not care anymore, you do not look for, **you do not go to the party and not to football.***

Crença velada: os adolescentes devem buscar a presença dos amigos para saírem e se divertirem.

TEXTO 27

(16) *look only at a boyfriend **is not good you leave** the family, **of friends** and of various other things.*

Crença velada: os adolescentes devem conservar as amizades.

Na maioria dos casos em que a negação foi utilizada, notamos que os enunciadores comunicam aos seus co-enunciadores que estão percebendo o afastamento deles em relação às suas (co-enunciadores) amizades. Contudo, nos **exemplos 11 e 12**, os enunciadores, além de constatarem o afastamento, se posicionam como conselheiros e recomendam que as amizades devam continuar. Eles defendem que as amizades não devem ser esquecidas e que não é possível compreender o distanciamento.

Percebemos também que em grande parte dos exemplos, os enunciadores citam explicitamente que percebem o afastamento em relação às amizades. Somente nos **exemplos 10 e 15** é que os enunciadores defenderam a importância das amizades de uma maneira indireta. Nesses exemplos, somente por intermédio do contexto é que se torna possível inferir que esteja havendo um distanciamento das amizades. No **exemplo 10**, quando “não fala com os outros” é exposto entre “você não sai” e “não joga futebol”, podemos, por intermédio de um pré-discursivo inferir que quando os adolescentes saem e/ou jogam futebol, essas ações são realizadas entre amigos. Sendo assim, se há a ação de sair e de jogar futebol, há a aproximação dos amigos. Fato também notado no **exemplo 15**, quando são citadas as ações de ir à balada e jogar futebol.

Notamos assim que nas crenças veladas está uma que se repete através de diferentes enunciados: o adolescente deve cultivar as amizades, pois elas são muito importantes nessa fase da vida. E, como vimos, nesse período em que os adolescentes estão consolidando a sua própria imagem, acabam se ligando aos seus pares na busca pela sua identidade.

De acordo com Matos et al (2005, p.22), é natural que na fase da adolescência, o adolescente se afaste da família. Segundo os estudiosos,

A separação dos pais, que leva à individuação, não pode ocorrer sem que haja ansiedades frente à perda dos referenciais, e, para buscar suprir esse sentimento, o adolescente usa como novos modelos de identificação o grupo de iguais, adotado como uma “nova família”, que fornece parâmetros de formas de pensar, agir, vestir, falar etc. antes proporcionados pelas figuras parentais.

Percebemos que a figura paterna, ao tratar do tema “amizades”, utilizou-se do pré-discursivo para constituir o seu discurso. O enunciador fez uso do recorrente discurso de que os adolescentes convivem muito tempo com as amizades, e assim, desenvolvem nesta idade (adolescência) o hábito de andar em grupo. O enunciador desse discurso, mais uma vez não é uma pessoa específica, mas, sim, é a formação discursiva paterna, que acredita neste convívio intenso entre os adolescentes. E, mais uma vez, faz-se presente a polifonia nos textos analisados.

Percebemos mais um assunto recorrente nos textos analisados, a preocupação dos pais com os estudos dos filhos. Existe uma crença de que o melhor que os pais podem deixar para os filhos são os estudos, sendo assim, ao se posicionarem como pais de adolescentes, os enunciadores fizeram uso dessa crença.

Enunciados de 17 a 21

Pré-discursivo: A necessidade de que os filhos estudem, se almejam um futuro promissor

TEXTO 13

(17) *Suas notas caíram muito pois **você não tem mais tempo nem para estudar.***

Crença velada: os estudos são importantes e por isso é necessária uma dedicação a eles.

TEXTO 15

(18) ***E isso não é bom, pode influenciar nos seus planos de estudo, trabalho, emprego e até mesmo lazer e divertimento.***

Crença velada: o adolescente não deve se afastar dos estudos.

TEXTO 17

(19) ***Eu soube que você quase não estuda, não sai, nem se alimentando direito você está, tudo por causa dessa garota. Vocês não se desgrudam um minuto. Meu filho isto é preocupante.***

Crença velada: O adolescente necessita estudar.

(20) ***se fechar pra tudo, não pode! Você tem que curtir, você é novo! Se vc está apaixonado curta a garota **mais não esqueça de outras coisas**, suas amizades, **estudar que é o mais importante.*****

Crença velada: os adolescentes devem considerar o estudo como algo importante.

TEXTO 18

(21) ***Não é compreensível que você abandone sua escola, seus amigos e viva como se só existisse ele. Você nem se preocupa mais em arrumar, sair com seus amigos.***

Crença velada: o estudo deve ser visto como importante e por isso não deve ser abandonado.

Notamos que dentre as cinco vezes que o “estudo” foi colocado em pauta nos textos, por intermédio das negações polêmicas, em três delas, recebeu um destaque em relação aos outros valores e crenças. É possível perceber esse fato pelo uso do conectivo “nem”, utilizado no **exemplo 17**, que instaura o efeito de sentido de que o que será enunciado é mais importante que o enunciado anterior, por isso, é citado por último, para preparar o co-enunciador para o desfecho do enunciado. Também no **exemplo 20**, quando é explicitado que “estudar é o mais importante”, o enunciador explicita a importância dos estudos, que no enunciado é exposto como maior que o namoro e que as amizades. Essa importância se fortalece quando no **exemplo 21**, é negada a compreensão pelo abandono da escola, pois não é possível compreender como alguém que tem a possibilidade de estudar, não o faça com presteza.

Como vimos, a crença de que os estudos são importantes na adolescência, de que é necessário estudar, se fez percebida nos textos. Há um pré-discursivo divulgado em nossa sociedade de que a herança que os pais podem deixar para os filhos e que não pode ser tirada deles é o conhecimento adquirido ao longo da vida, especialmente aquele sistematizado, adquirido por intermédio dos estudos regulares, nas escolas. E essa é uma crença divulgada na formação discursiva

paterna, pois os pais defendem que se os filhos querem ter uma possibilidade de futuro promissor, é mister que estudem, pois os estudos estabelecem a possibilidade de conseguirem um bom emprego, onde ganhem um bom salário e possam realizar os seus sonhos, sendo por isso necessário. E, se os estudos são vistos como importantes pelos pais, quando os enunciadores se instauram discursivamente como pais, não poderiam se esquecer de utilizar esse argumento.

Percebemos, então, que a polifonia se fez presente por intermédio da defesa da importância dos estudos para a vida do co-enunciador. O enunciador demonstra uma resistência em aceitar que o co-enunciador se afaste dos estudos, e defende que esse fato não deve permanecer. A defesa se dá através de diferentes argumentos, como: estudar é o mais importante, não é compreensível que você abandone os estudos, o namoro não deve influenciar nos estudos, dentre outros. Todos esses argumentos levam à percepção de uma única crença: A necessidade de que os filhos estudem se almejam um futuro promissor.

E, assim, podemos perceber a primazia do interdiscurso, defendida por Maingueneau (2005), quando da elaboração dos discursos.

Mais uma vez observamos que a figura paterna instaurada nos textos utiliza as negações de modo recorrente para defender, às vezes indiretamente, as suas crenças. Esse fato vem corroborar a nossa tese de que o *ethos* instaurado nos textos é de um pai que não dá ordens ao filho, mas que solicita indiretamente e faz uso dos discursos recorrentes na sociedade através de negações, pois assim deixa implícitas as suas crenças, podendo a qualquer momento em que for questionado, esquivar-se da responsabilidade de tê-las defendido.

Um outro tema abordado no transcorrer dos discursos refere-se à preocupação paterna em relação ao futuro do filho. Notamos a recorrente utilização de negativas na alusão ao tema, observemos:

Enunciados de 22 a 26

Pré-discursivo: A preocupação paterna com o futuro do filho

TEXTO 1

(22) *não quero que quando for tarde demais você olhe para trás e veja que não obteve êxito em sua juventude.*

Crença velada: para que se tenha um bom futuro, é necessário prepará-lo na juventude.

TEXTO 7

(23) ***Não se esqueça que todos aqui torcemos muito para que você vença na vida***

Crença velada: os pais devem desejar um futuro próspero aos filhos.

(24) ***tome muito cuidado para não se envolver tanto com essa sua namorada e se previna por que nada ocorra e que no futuro possa se arrepender, como por exemplo um filho.***

Crença velada: se os namorados se envolvem muito um com o outro, há a possibilidade de uma gravidez indesejada e isso atrapalharia o futuro de um adolescente.

TEXTO 24

(25) ***por que você não pare para pensa porque eu já passei porrisso meu filho isto o normal mais pode, atrapalhar o seu futuro.***

Crença velada: quando o namoro é intenso acaba prejudicando o futuro do adolescente.

(26) ***E não estou pedindo para você termina mais sim para pensa porque o seu lindo futuro.***

Crença velada: o namoro pode atrapalhar o futuro promissor do adolescente.

Percebemos que há uma crença de que os pais se preocupam com o futuro dos filhos. E na formação discursiva paterna essa é uma preocupação constante. É comum os pais pedirem aos filhos que se preparem (estudem, trabalhem) na juventude para que na maturidade não venham a se arrepender. Um dos motivos que levam o jovem a não pensarem no futuro é o namoro. Nas negações observadas, os pais solicitam aos filhos que repensem o namoro, pois podem se prejudicar em um futuro próximo. Os pais afirmam que os filhos, dedicando-se apenas ao namoro, deixam de estudar e, assim, prejudicam os seus futuros, bem como podem ter um filho, e assim, atrapalharem os planos para um futuro promissor.

Os enunciadores abordam o assunto de diferentes maneiras. Nos **exemplos 22, 24 e 25**, o enunciador aconselha o seu co-enunciador a repensar as suas atitudes para que em um futuro próximo não venha a se arrepender de suas ações.

Já no **exemplo 23**, não entendemos que tenha havido um conselho, mas a exposição de um desejo de que o filho “vença na vida”, desejo esse bastante comum no interior da formação discursiva paterna.

E, no **exemplo 26**, não percebemos nem a existência de um conselho, nem de um desejo, mas, sim, de um pedido, uma solicitação para que o namoro seja repensado, pois se isso não ocorrer, pode ser que o filho atrapalhe o seu (filho) futuro promissor.

Em suma, notamos que a partir do uso das negações polêmicas, os enunciadores trouxeram valores e crenças característicos da formação discursiva paterna para o interior dos seus discursos. Sendo assim, foi relevante esse levantamento mais detalhado dos pré-discursivos percebidos nos textos para que pudéssemos analisar as imagens de pai que foram instauradas discursivamente. Percebemos que os enunciadores ao se posicionarem como pais, fazendo o uso recorrente das negações, nos faz intuir que a imagem de pai instaurada discursivamente é de alguém frequentemente não-autoritário, que geralmente não dá ordens, mas solicita ao filho os seus desejos, muitas vezes de uma maneira indireta, isentando-se, assim, da responsabilidade sobre o que foi proferido. Percebemos que a figura paterna caracteriza-se por se posicionar como amiga, tentando, assim, conseguir ficar mais próxima dos filhos. Essa é uma posição assumida por muitos pais na atualidade, pois como a sociedade está em transformação e os pais não mais possuem a autoridade que possuíam, optam por serem amigos, conselheiros dos filhos, para que não percam o contato e a confiança deles. Esse fato é percebido por Gomes e Resende (2004, p. 120), eles afirmam que há um novo perfil de pai que vem e esboçando. Segundo os referidos autores, o pai atual

É um homem oriundo das classes médias ou altas, que se beneficia de uma formação e de uma renda mais elevada que a média. Tem uma profissão liberal que lhe permite, bem como à sua mulher, dispor livremente de seu tempo e a cultura masculina tradicional. A maioria se diz em ruptura com o modelo de sua infância e não quer, por nada, reproduzir o comportamento do pai, considerado “frio e distante”.

Continuando, os autores afirmam que geralmente, os pais que foram criados em um ambiente com pouco afeto, construíram “a imagem de pai ideal, na qual deveriam se transformar mais tarde: ao ocupar o lugar de pais, tentam assumir paternidade ligada mais ao afeto, à partilha e ao diálogo, seja com os filhos, seja com a esposa.” (GOMES E RESENDE, 2004, p.123)

Ao observarmos esse apontamento e verificarmos os nossos textos, podemos observar que esse “pai ideal” é instaurado em nossos textos de análise. A figura

paterna instituída em nossos textos é de pai amigo, conselheiro, que tem um relacionamento próximo do filho. Notamos que o *ethos* paterno não é autoritário, é instituída a figura de um pai protetor e que se preocupa com o futuro do filho, com as suas amizades, com os estudos, dentre outros temas.

4.2.1.2 – A presença da polifonia em enunciados negativos da Proposta 2

Realizaremos uma análise dos efeitos de sentido instaurados por intermédio das negações presentes nos textos. Como são recorrentes, é importante essa observação.

Objetivamos refletir sobre a polifonia instaurada nos textos por intermédio dos pré-discursivos, haja vista que eles trazem em seu bojo crenças veladas que se encontram implícitas, mas que são aceitas e recorrentes nas formações discursivas de pai e de filho. Sendo assim, há a voz do “outro” presente nos discursos. E, por intermédio das negações, observaremos a constituição da imagem de filho instaurada nos textos que foram redigidos a partir da **Proposta 2**.

Um tema reiterado através do uso das negações foi a importância da presença do filho no seio familiar. Os enunciadores percebem que há uma crença de que os adolescentes devem dispensar uma atenção especial à família e, sendo assim, utilizam esse pré-discursivo característico da formação discursiva paterna, haja vista serem os pais os responsáveis por divulgar que o filho deve dar atenção à família. Fazendo uso do jogo de imagens, o enunciador instaurado discursivamente se antecipa e instaura uma figura do seu co-enunciador, utilizando-se de crenças e valores defendidos pelos seus co-enunciadores, para que a sua argumentação atinja o objetivo de persuadir o outro.

Ao se instaurarem discursivamente por intermédio da figura de filho, os enunciadores se defendem, ora negando a sua ausência na família, ora aceitando, mas, justificando através de motivos que julgam serem cabíveis.

Enunciados de 01 a 10

Pré-discursivo: A importância do filho no seio familiar

TEXTO 2

(01) *comecei a namorar este ano e **por isso me afastei dos meus amigos e até de você e minha família. Coisa que eu não queria de jeito nenhum** estou muito grudado com ela.*

Crença velada: quando namoram, os adolescentes costumam se distanciar da família.

TEXTO 3

(02) *Mas **não se preocupa, vocês podem estar sentindo falta de minha presença física, mas tenham certeza que vocês estão sempre em meu** ♥*

Crença velada: os filhos devem ficar próximos da família, mesmo quando começam a namorar.

TEXTO 6

(03) *O senhor fala que **eu não dou mais atenção a ninguém só penso em namorar, não é verdade ninguém vai substituir minha família***

Crença velada: os adolescentes necessitam dispensar atenção à família, mesmo quando estão namorando.

(04) *Eu sei que **às vezes não dou atenção à vocês** minhas as amigas eu não me sinto bem, mais pai estou apaixonada tenho de dar atenção a ele também.*

Crença velada: quando namoram, os adolescentes deveriam permanecer com a proximidade dos familiares.

TEXTO 10

(05) ***a vida e assim eu não posso ficar junto com vocês mais todo o tempo** tenho que começar a construir a minha família,*

Crença velada: quando namoram, os adolescentes se afastam da família.

TEXTO 11

(06) *a tia Edna me ligou e falou que o senhor já está implicando com meu namoro, disse que **não tenho mais tempo para a família**, que só fico com ele e que só falo dele.*

Pai, o senhor está sendo injusto, a maior parte da minha vida eu fiquei com vocês agora tenho que cuidar de mim.

Crença velada: os adolescentes se distanciam da família quando começam a namorar.

TEXTO 13

(07) *Estou escrevendo para dizer que **não poderei ir para Porto Seguro passar as férias aí com o senhor,***

Crença velada: os filhos devem passar as férias com os pais.

TEXTO 18

(08) ***Você sempre reclama que eu não me preocupo com você,** mas está enganado; é que nesta fase da minha vida estou muito feliz com o meu namorado;*

Crença velada: os filhos deveriam se preocupar com os pais.

(09) ***Eu não me esqueci de você** e para te deixar mais feliz, nas férias estarei ai com o meu namorado e você verá como ele é maravilhoso.*

Crença velada: Os adolescentes, mesmo namorando, devem passar um tempo com os pais.

TEXTO 19

(10) ***já não lhe dou à atenção que merecem,** mas tudo é uma questão de tempo e logo isso vai passar.*

Crença velada: os adolescentes necessitam dispensar atenção à família, mesmo quando estão namorando.

Nos exemplos expostos, percebemos que todos os enunciadores fizeram uso da crença de que a proximidade da família é importante para os filhos. Essa proximidade é defendida de diferentes maneiras, por exemplo: passar mais tempo em casa, preocupar-se com os pais, passar as férias em família, dentre outras.

Contudo, o que notamos é que nem todos utilizaram a proximidade da família com o mesmo intuito. Podemos observar que nos **exemplos 01, 04 e 10**, os enunciadores aceitam o fato de que ao estarem namorando, se afastaram da família, não o questionam, porém se dizem sentidos por terem se afastado e demonstram o desejo de se aproximarem novamente em um futuro próximo.

Nos **exemplos 02, 05, 06, 07 e 08**, os enunciadores, assim como os anteriores, concordam com a importância da proximidade da família, mas, mesmo assim, assumem o fato de estarem afastados dela. Porém, diferentemente dos **exemplos 01 e 10**, se dizem felizes, não demonstrando arrependimento ou sentimento de culpa mediante o afastamento.

Já nos **exemplos 03 e 09**, os enunciadores se utilizam dessa crença para refutarem o fato de estarem distantes da família, afirmam a importância da proximidade e não aceitam que sejam tidos como ausentes.

Outra observação que pode ser realizada é em relação ao tipo de distanciamento tratado nos textos. Em alguns momentos, percebemos que é físico, como nos **exemplos 01, 02, 05, 06 e 07**. Já em outros momentos, como nos **exemplos 03, 04, 08, 09 e 10**, esse distanciamento não se faz necessariamente físico, pode ocorrer que o filho esteja no âmbito da casa, mas que mesmo assim, não se aproxime dos familiares. Nesses casos, os enunciadores não sinalizam sobre o tipo de afastamento a que estão se referindo.

Como percebemos, o pré-discursivo está presente nos enunciados, pois todas as crenças veladas, não são de enunciadores determinados, mas de uma formação discursiva determinada, a formação discursiva paterna, que é responsável por propagar o discurso da importância da família na vida do adolescente, sendo por isso indispensável a presença do filho no seio familiar. O discurso é colocado em cena pelo enunciador proposto (Um adolescente que está passando por um namoro “grudento”).

Percebemos que o objetivo de os enunciadores colocarem em cena crenças características da formação discursiva paterna é para, ou refutarem, ou argumentarem a favor delas. Sendo assim, antecipam a figura do co-enunciador e a trazem para o interior de seus discursos, objetivando conseguirem a sua adesão.

Nas negações observadas, notamos que o motivo pelo qual o enunciador se afasta da família é o namoro, fato comumente observado dentre os adolescentes, pois esses, quando iniciam os seus namoros, acham normal que se afastem de seus familiares em prol do namoro. Porém, como vimos, nem todos os enunciadores aceitam que estejam tendo esse afastamento.

Ao utilizar a negação, é possível pressupor que, diferentemente da figura de pai instaurada nos textos, a figura do filho não se isenta e assume a responsabilidade sobre o que foi dito. Portanto, o enunciador se posiciona de maneira objetiva no interior de seu discurso, não se isentando do que foi proferido e, se questionado, não pode se eximir da autoria do discurso. O que é possível perceber é que ele se apossa do que é comumente aceito e divulgado por intermédio da formação discursiva paterna e utiliza esse discurso reiterado para embasar o seu. Esse fato vem corroborar a nossa tese de que a figura de filho

instaurada nos textos é de alguém determinado, que sabe o que quer e luta por seus objetivos.

Percebemos que no texto se instaura uma imagem de enunciador que se caracteriza como uma *pessoa determinada*, que percebe o que os outros pensam de seu tipo de relacionamento, mas que, mesmo assim, não está disposto a desistir ou alterar o seu namoro. Notamos que, pelo contrário, ele se defende, utilizando argumentos que julga serem convincentes para que o seu co-enunciador seja persuadido a aceitar que ele (enunciador) está certo.

Outro tema recorrente nos textos foi a aprovação do namoro pelos pais. E, mais uma vez, é possível notarmos que os enunciadores se utilizaram de crenças aceitas em nossa sociedade. Há uma crença em nossa sociedade de que os filhos ao namorarem devem ter o consentimento dos pais. É importante que os pais aprovem o relacionamento do filho, e, tendo conhecimento desse fato, os enunciadores utilizam-no.

Enunciados 11 a 14

Pré-discursivo: A necessidade de que os pais aprovem o namoro

TEXTO 5

(11) ***Pude perceber que o meu relacionamento com o meu namorado não está te agradando nem um pouco***

Crença velada: é importante que os pais aprovem o namoro dos filhos.

TEXTO 13

(12) ***sei que o senhor não aprova o meu namoro com ela, sei que acha ela muito grudenta***

Crença velada: os pais devem concordar com os namoros dos seus filhos.

TEXTO 14

(13) ***Sei que o senhor não está muito satisfeito com o meu namoro, ou melhor, a forma, com a qual eu e meu namorado nos relacionamos***

Crença velada: os pais devem ficar satisfeitos com os namoros dos seus filhos.

TEXTO 17

(14) *Então, não reprima o meu namoro e sim supere-o.*

Crença velada: os pais devem aceitar os namoros dos seus filhos mesmo que intensos.

Partindo do pré-discursivo de que os filhos desejam a aprovação dos seus namoros por parte dos seus pais, os enunciadores utilizaram negações para que uma crença velada pudesse ser percebida implicitamente nos textos: os pais devem aceitar e apoiar o namoro dos filhos. Nos exemplos observados, pudemos notar que houve diferentes efeitos de sentido por meio de seus usos. Nos **exemplos 11, 12 e 13**, o enunciador utiliza as negações com o objetivo de informar ao co-enunciador que tem conhecimento da não-aceitação de seu namoro por parte dele, contudo, não sinaliza se vai ou não terminar o namoro. Já no **exemplo 14**, há não somente a informação de que conhece o fato da não-aceitação do seu namoro, mas também há a solicitação ao co-enunciador de que aceite, “supere”, o seu namoro, o que nos faz intuir que o enunciador não deseja terminar o namoro.

Por intermédio dessas negações, é possível perceber que há o entrecruzamento de duas formações discursivas no interior do discurso: a paterna e a de filho.

Na formação discursiva de filho, há uma voz que assevera que os filhos reconhecem que é importante para eles que os pais aceitem os seus namoros. Entre os filhos há uma crença de que os pais devem apoiar os seus namoros, pois o importante é que estejam felizes e não a forma de relacionamento que estão tendo.

A aceitação do namoro dos filhos pelos seus pais é um discurso recorrente na formação discursiva de filho, que não aceita que o pai não aprove o seu namoro.

Em oposição a essa, há uma outra crença defendida pela formação discursiva paterna que se relaciona à experiência de vida. Há uma crença de que os pais têm mais experiência de vida que os filhos e por isso sabem o que é melhor para eles, se achando assim, no direito de opinar e até de se opor ao relacionamento do filho, quando achar que não esteja adequado. Sendo assim, notamos o impasse, pois os filhos acreditam que os pais devem apoiar os seus namoros, pois crêem que possuem condições de decidir sobre os seus namoros. Já os pais, por se julgarem mais experientes, crêem que sabem mais que os filhos e por isso acham que devem opinar e consideram que os filhos devem aceitar as suas opiniões, mesmo que sejam contrárias às dos filhos.

Entender essa interferência do pré-discursivo é importante para compreendermos as imagens de pai e de filho instituídas no discurso.

Diante do exposto, é possível perceber a polifonia instaurada nos textos, evocada pelo interdiscurso, que se faz presente no momento em que a figura do filho instaurada discursivamente evoca para os seus textos os discursos que são recorrentes tanto na formação discursiva paterna quanto na formação discursiva de filho, trazendo à baila, as crenças e valores defendidos nessas comunidades discursivas.

O tema namoro, como não poderia ser diferente, haja vista ser o foco da argumentação dos enunciadores em questão, é recorrente em diferentes crenças, como: a importância da aprovação do namoro pelo pai, a percepção que os pais têm de que os seus filhos mantêm um namoro excessivo e a importância que os adolescentes dão ao namoro. Esse tema é importante para os adolescentes e conforme Matos et al (2005, p.23)

Os relacionamentos amorosos na adolescência são uma espécie de “ensaio” para a vida adulta, e as experiências vividas podem ser vistas como maneiras de o indivíduo aprender a se relacionar e testar suas capacidades para tal, o que envolve “ficar”, namorar, ter relações sexuais etc. Neste sentido, pode-se dizer que a vida amorosa e sexual dos adolescentes está inserida em um contexto global de busca pela aquisição de uma identidade.

Outro tema abordado nos textos foi o namoro exagerado, o chamado “namoro chiclete”. O enunciador, utilizando-se do pré-discursivo existente de que dentre os adolescentes são percebidos diferentes tipos de namoro⁴³, nega que esteja tendo um namoro exagerado e defende que esta é a melhor maneira de se namorar. Defende, ainda, que os pais não precisam se preocupar, pois ele sabe o que está fazendo, e o namoro é algo que faz bem a ele.

⁴³ Uma forma de relacionamento comum na adolescência é o “ficar”. Em pesquisa realizada com adolescentes do Rio de Janeiro, pesquisadores da área da Psicologia concluíram que o “ficar” é mais utilizado com o intuito de se chegar a um namoro estável. Conforme pesquisa realizada por Matos et al (2005, p.31), obteve a seguinte conclusão: “Em nosso estudo, a forma de relacionamento citada pelos sujeitos como a mais freqüente na atualidade foi o “ficar”, uma relação inicialmente sem compromisso, mas que funciona como uma espécie de “teste”, para que se conheça uma outra pessoa, verificando-se se há afinidade, se é possível desenvolver um sentimento de amor, para, então, poder vir a namorar. Considerando que os entrevistados citaram como principais itens necessários para um relacionamento dar certo o amor, a fidelidade e a confiança, parece-nos que os jovens desejam se envolver afetivamente, ansiando por relações “verdadeiras”, das quais buscam certificar-se através do “ficar”, que seria uma forma de evitar uma decepção futura.” Sendo assim, percebemos que o objetivo precípua dos adolescentes é encontrar um amor verdadeiro, o que foi defendido pelos nossos enunciadores em seus textos.

Enunciados 15 a 23

Pré-discursivo: A necessidade que os adolescentes têm de namorarem exageradamente

TEXTO 1

(15) **O senhor mesmo namorou com minha mãe e não aconteceu nada.**

Crença velada: os pais também namoraram antes de se casarem

TEXTO 2

(16) *estou muito grudado com ela, sei que não sou a única pessoa que passa por isso!*

Crença velada: quando na fase da adolescência, os jovens têm o hábito de namorarem excessivamente.

TEXTO 9

(17) *Um dia, um dos meus amigos falou que eu e ela era igual chiclete e que não se desgrudava nunca e disse também que eu era pau mandado e iria sofrer muito quando ela enjoasse de mim.*

Crença velada: os adolescentes querem namorar exageradamente.

TEXTO 11

(18) **não posso viver um minuto sem ele.**

Crença velada: quando se começa a namorar, quer-se estar sempre próximo do ser amado.

(19) *Pai, não precisa se preocupar comigo porque quando não estamos juntos, nós ligamos a todo momento um para o outro e as minhas notas na escola são umas das melhores,*

Crença velada: os adolescentes ficam muito tempo junto com o enamorado.

TEXTO 12

(20) **Não lembra, quando o senhor namorava a mamãe?**

Crença velada: antes de se casarem, os pais namoraram.

TEXTO 13

(21) *Aliás, não existe coisa melhor que namorar a Maria, ela não sai de perto de mim,*

Crença velada: os adolescentes têm o hábito de namorar excessivamente.

(22) **ela** é ótima **não me larga um momento**, adoro isso nela.

Crença velada: os adolescentes têm o hábito de namorar intensamente.

TEXTO 15

(23) *E ao contrário do que você pensa, **estar junto compartilhando os momentos da vida e dividindo as alegrias e tristezas não é chatície**, pelo contrário é vontade de está sempre ao lado de alguém muito importante para doar todos esses acontecimentos.*

Crença velada: quando se ama, deve querer-se estar junto.

TEXTO 19

(24) *me parece que você ainda não sabem que realmente estou apaixonado e por isso **estou tanto envolvido**.*

Crença velada: quando os adolescentes se apaixonam, têm o hábito de namorar demasiadamente.

TEXTO 21

(25) *Bom mesmo é saber que, **eu não sou a única**, todo mundo já passou por isso, até mesmo você.*

Crença velada: os adolescentes costumam ter namoros intensos.

Há uma crença de que os adolescentes namoram exageradamente. Notamos que esse exagero pode ser percebido de duas maneiras: ou os adolescentes têm muitos namorados, ou namoram excessivamente com uma só pessoa. Um tipo de relacionamento comumente divulgado e aceito dentre os adolescentes é o “ficar”, que se caracteriza pelo não-comprometimento entre os enamorados, que geralmente “namoram” somente por uma festa.

Mas, quando esses adolescentes estão namorando, é comum que queiram dedicar um grande tempo em prol do relacionamento e acabam se afastando da família, dos amigos, dos estudos, dentre outros.

Esse afastamento acaba gerando uma insatisfação nas pessoas que convivem com os enamorados. Mas, por intermédio dos discursos, percebemos que os adolescentes não se importam com a insatisfação gerada pelo namoro excessivo. Dentre os exemplos em que o pré-discursivo de que os adolescentes namoram demasiadamente pôde ser percebido, verificamos que nos **exemplos 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24**, os enunciadores aceitam o fato de estarem tendo um namoro

“chiclete”, se dizem felizes e não demonstram vontade de alterarem os seus relacionamentos. Já no **exemplo 17**, o enunciador somente afirma que tem ciência de que os outros têm conhecimento do seu tipo de namoro, não se posicionando contra ou favor do que eles pensam. O enunciador não confirma se aceita o fato de acharem que ele tem um namoro “chiclete”, ou se acha que o co-enunciador está exagerando.

Nos **exemplos 15 e 20**, o enunciador utiliza o co-enunciador como modelo para exemplificar que o namoro pode ser promissor. Nesses exemplos, houve a afirmativa de que na adolescência, o co-enunciador namorava também, e, que esse namoro não gerou nenhum desgaste, pelo contrário, foi um namoro promissor, sério, que culminou, posteriormente, com o casamento dos enamorados.

E, para fortalecer o argumento de que os adolescentes passam por uma fase de namoro exagerado, o enunciador argumenta que não é o único a passar pela fase do namoro na adolescência, pelo contrário, todos já passaram por essa fase quando adolescentes e, assim, reforça a argumentação em defesa do namoro exagerado.

Nos **exemplos 16 e 25**, o enunciador se apóia na crença que é aceita e difundida pela nossa sociedade de que os adolescentes passam por uma fase de namoro exagerado e argumentam que eles não são os únicos a viverem essa fase, pelo contrário, todos já passaram por ela e se assim é, não há por que ser recriminado. E acrescenta que, como é uma fase, há a certeza de que irá passar. Sendo assim, por que o co-enunciador precisa ficar tão preocupado?

Dessa maneira, o enunciador se apóia em um discurso reiterado para que possa argumentar em prol da sua forma de namorar, um deles é que se todos os adolescentes namoram excessivamente, por que teria que ser diferente com ele? Haja vista ser esse discurso recorrente, o enunciador o utiliza para fundamentar a sua argumentação. Por intermédio do pré-discursivo de que há um namoro exacerbado na fase da adolescência, a figura do adolescente instaurada discursivamente como enunciador, se defende e argumenta que esse tipo de namoro não é prejudicial, pelo contrário, faz bem à sua vida.

Sendo assim, notamos que nas crenças veladas está uma que se repete por intermédio de diferentes enunciados: os adolescentes namoram excessivamente⁴⁴, e, assim, percebemos, mais uma vez, a presença de uma crença recorrente nas formações discursivas de pai e de filho; os filhos sendo a favor do namoro e os pais, geralmente, sendo contrários, haja vista que esse namoro acaba prejudicando as outras atividades que o filho deve se dedicar. Assim sendo, o enunciador fazendo uso do jogo de imagens, instaura-se como filho e antecipa a imagem do seu co-enunciador, um pai, utilizando-se de discursos reiterados na formação discursiva paterna para que possa argumentar positivamente e conseguir a adesão do outro.

Como a crença exposta é assentida pelas formações discursivas de pai e de filho, o enunciador traz para o seu discurso, a voz dessas formações, inserindo outros em seu discurso. Podemos, assim, notar a polifonia instituída discursivamente por intermédio do uso das negações anteriormente analisadas.

Após percebermos que os adolescentes têm a necessidade de namorar, e que namoram excessivamente, outro tema abordado nos textos foi a importância que o namoro ocupa na vida dos adolescentes. Nessa fase da vida, o namoro é visto como algo muito importante, observemos a seguir.

Enunciados 26 a 28

Pré-discursivo: A importância do namoro na fase da adolescência

TEXTO 13

(26) Aliás, **não existe coisa melhor que namorar a Maria**

Crença velada: o amor costuma ser um grande sentimento na vida dos adolescentes.

TEXTO 20

(27) *e realmente **você não tem noção do tamanho amor que sinto pela garota,***

Crença velada: o amor na adolescência costuma ser desmedido.

⁴⁴ A revista Veja On-line, em fevereiro de 2002, traz uma reportagem que enfoca um estudo realizado pela Unesco, em 2001. A pesquisa se deu em parceria com o Ministério da Saúde e ouviu 16.000 jovens de 14 capitais brasileiras. Dentre outros assuntos, a referida pesquisa focava aspectos comportamentais dos jovens brasileiros, na faixa etária de 11 a 24 anos. De acordo com a reportagem, dentre outras conclusões “As estatísticas da Unesco mostram que se aprofundou entre os brasileiros de 11 a 24 anos a tendência aos namoros breves mas intensos que marcaram a adolescência nos anos 90.” A pesquisa mostrou que os jovens estão iniciando o namoro com menos idade e que os namoros estão ficando mais intensos, inclusive com relações sexuais.

(28) *Quanto a ela, não pretendo abandona-lá pois sinto que se acontecer isto não teria mais razões para viver.*

Crença velada: durante a adolescência, o amor deve ser algo indispensável.

Nos exemplos observados, percebemos que há a recorrência de uma crença velada que se repete por intermédio de diferentes enunciados: o amor é um dos mais importantes sentimentos despertados na adolescência⁴⁵. E, por ser importante, é possível perceber que nos enunciados construídos por intermédio de negações, há uma crença velada de que o amor é o maior sentimento que os adolescentes vivem na adolescência e por ele, poderiam até mesmo morrer. Percebemos que no **exemplo 26**, o enunciador afirma que o namoro é a melhor coisa que tem em sua vida. E, sendo assim, pelo fato de o amor ser desmedido, no **exemplo 27**, há a utilização da crença de que o co-enunciador não consegue imaginar como é ilimitado esse sentimento. Neste caso, o adolescente defende a idéia de que os pais não conseguem compreender o namoro, porque não são capazes de alcançar a compreensão de um amor desmedido. E, para corroborar a extensão desse amor, o **exemplo 28** reflete bem esse quadro, pois nele podemos perceber que o enunciador defende que morre pelo amor, que se o relacionamento acabasse, não “teria mais razões para viver”.

Como vimos, o enunciador constrói o seu discurso fundamentado no pré-discursivo, no que é assentido pela formação discursiva dos adolescentes.

A referida crença foi utilizada como suporte para corroborar a argumentação desenvolvida pelo enunciador. Ele admite a veracidade do discurso reiterado na formação discursiva dos adolescentes, e se posicionando discursivamente como um filho adolescente, faz uso do discurso para que possa convencer o seu pai de que aceite o seu namoro, pois esse é de extrema importância para ele. E, por intermédio dele, tenta convencer o co-enunciador de que, mesmo agindo de uma maneira tida

⁴⁵ A cientista social Vanda Aparecida da Silva realizou durante quatro anos uma pesquisa na cidade de Rosário das Almas, localizada no Vale do Jequitinhonha, no norte do Estado de Minas Gerais. A pesquisa foi realizada para compor o *corpus* da tese de doutoramento da pesquisadora e foi aplicada por intermédio de entrevistas a jovens da faixa etária de 14 a 19 anos e, teve o objetivo de compreender melhor o universo desses adolescentes. “Ao final do trabalho, a pesquisadora concluiu que a sexualidade é o principal foco de tensão no âmbito das relações de educação formal, não-formal e familiar desses rapazes e moças”, pois foi constatado que “as representações sexuais tinham uma importância central na vida dos jovens de Rosário das Almas.”

como incorreta pela formação discursiva paterna, ele está agindo da maneira que acha mais acertada e, sendo assim, não pretende mudar o seu relacionamento.

Podemos observar que mais uma vez há o uso do pré-discursivo para a constituição do discurso. O enunciador traz para o interior do seu discurso o discurso de uma comunidade discursiva, o que nos permite perceber a polifonia instaurada discursivamente através do uso das negações.

Outro discurso presente nos textos é o da amizade, que não poderia deixar de aparecer, haja vista essa ser presente na faixa etária da adolescência.

Enunciados 29 a 31

Pré-discursivo: A importância da amizade na faixa etária da adolescência

TEXTO 2

(29) *comecei a namorar este ano e por isso me afastei dos meus amigos e até de você e minha família. Coisa que eu não queria de jeito nenhum* estou muito grudado com ela.

Crença velada: quando começam a namorar, os adolescentes se afastam dos amigos.

TEXTO 6

(30) *Eu sei que às vezes não dou atenção à vocês minhas as amigas eu não me sinto bem, mais pai estou apaixonada tenho de dar atenção a ele também.*

Crença velada: os adolescentes se afastam das amizades quando começam a namorar.

TEXTO 8

(31) *E ainda disse que eu me afasto dos meus amigos, do meu trabalho por causa também do meu namoro coladinho. Pai não tem nada a ver!*

Crença velada: Os adolescentes se afastam dos amigos quando estão namorando.

Dentre as negações observadas, em três momentos pudemos notar que os enunciadores trabalham com a importância das amizades de diferentes maneiras. Nos **exemplos 29 e 30**, o enunciador aceita que se afastou das amizades devido ao namoro, mas afirma que não queria esse afastamento, porém, por estar muito envolvido com o namoro, não consegue se dedicar ao relacionamento amoroso e aos amigos e, naquele momento, o namoro é mais importante. Porém, percebemos que essa não é uma decisão facilmente aceita pelo enunciador, que, ao se afastar

dos amigos, demonstra um sofrimento. Há nesse contexto um conjunto de emoções que se opõem e que deixam o enunciador entristecido. Já no **exemplo 31**, o enunciador não admite o fato de ter abandonado as suas amizades em prol do namoro, instaurando, assim, um impasse entre ele e o co-enunciador.

Nas negações ocorridas, pudemos observar uma voz, que se refere à importância da amizade durante a adolescência. Os adolescentes têm um amplo convívio nessa fase, eles costumam sair em grupo e valorizam as amizades. A crença velada de que “os amigos são esquecidos devido ao namoro” nos faz intuir que se o enunciador utiliza o argumento de que o namoro faz com que o adolescente se esqueça até das amizades, essa assertiva provoca o efeito de sentido de que o namoro é algo de fato muito importante para ele, pois como já vimos, nessa fase da vida, as amizades ocupam um lugar muito especial na vida das pessoas.

Outro tema retratado nos textos é a preocupação paterna com o namoro dos filhos. Há um discurso recorrente em nossa sociedade de que os pais se preocupam com o bem estar da família, e, assim, além de trazer a sua voz, há também a voz de uma comunidade discursiva na qual estão inseridos o enunciador e o co-enunciador, que serve de suporte para a argumentação.

Enunciados 32 a 34

Pré-discursivo: A preocupação paterna com os filhos

TEXTO 11

(32) ***Pai, não precisa se preocupar comigo** porque quando não estamos juntos, nós ligamos a todo momento um para o outro e as minhas notas na escola são umas das melhores,*

Crença velada: os pais se preocupam com os filhos

TEXTO 17

(33) ***Papai**, o meu relacionamento amoroso se torna cada vez mais compulsivo de forma “açucarada” e **você não precisa ficar preocupado.***

Crença velada: os pais se preocupam com o namoro exagerado dos filhos

TEXTO 20

(34) **Quanto a mim, não precisa se preocupar pois ainda não mim sinto totalmente grudado nela, quando isso acontecer espero sim contar com o seu apoio.**

Crença velada: os pais se preocupam com o namoro exacerbado dos filhos

Os enunciadores fizeram uso de mais uma crença velada: os pais se preocupam com os filhos. Nessas negações percebemos implícita a preocupação dos pais em relação ao namoro do filho. Já sabendo da existência dessa preocupação, os enunciadores fazem uso das negações, antecipando o discurso do co-enunciador em prol do fim do namoro, observando que a preocupação não se fundamenta, não havendo, dessa forma, a necessidade de permanecer com ela.

O enunciador utiliza esse tema para refutá-lo. Sabendo que há o interdiscurso de que os pais ficam apreensivos com alguns comportamentos dos filhos, o enunciador utiliza o argumento de que o co-enunciador não precisa se preocupar com ele, haja vista que tem discernimento sobre o que está fazendo, antecipando-se, dessa feita, o discurso do co-enunciador, objetivando, dessa forma, atingir o seu objetivo de conseguir a adesão do outro.

Outro tema desenvolvido por intermédio das negações é a importância de que os pais conheçam o (a) namorado (a) da (o) filha (o). Mais uma vez o enunciador faz uso de um interdiscurso presente em nossa sociedade, dessa vez, o fato de ser importante que os pais conheçam os enamorados de seus filhos.

Enunciados 35 e 36

Pré-discursivo: A importância de o pai conhecer o(a) namorado(a) da(o) filha(o)

TEXTO 16

(35) **afinal o senhor nem o conhece, não sabe o bem que ele me faz, ele se importa comigo, se preocupa com meus problemas e sempre me apoia.**

Crença velada: é importante que os pais conheçam o(a) namorado(a) da(o) filha(o)

(36) **É um pena que o senhor não queira conhecê-lo, acho que acabaria gostando dele, pois vocês até pensam de forma parecida.**

Crença velada: é importante que os pais tenham contato com o(a) namorado(a) da(o) filha(o)

Percebendo que há um discurso reiterado na formação discursiva paterna de que é importante que os pais conheçam os enamorados de seus filhos, os adolescentes fizeram uso desse discurso⁴⁶, ao se posicionarem como filhos, recorreram a uma crença característica da formação discursiva paterna, corroborando com ela. Pressupomos que ao utilizá-la tinham o objetivo de conseguir a adesão do seu co-enunciador. É importante observarmos que o enunciador, fazendo uso do pré-discursivo, se posiciona como alguém que deseja que o pai conheça o seu (enunciador) namorado. Se esse fato não ocorreu, a responsabilidade não é do enunciador, mas do co-enunciador, que não se disponibilizou a conhecer o namorado de sua filha e ela se instaura discursivamente como magoada e certa de que se isso acontecesse, o pai iria aprovar o namoro.

Um outro argumento desenvolvido nos textos em análise foi o medo que os adolescentes têm de perder o ser amado. Corroborando com os temas desenvolvidos anteriormente, esse tema reforça o pré-discursivo de que o namoro é importante para os adolescentes.

Enunciado 37

Pré-discursivo: O medo que os adolescentes têm de perder o ser amado

TEXTO 9

(37) *adoro Mariana e não quero perde-la*

Crença velada: quando o amor é verdadeiro, deve-se ter medo de perdê-lo

Na negativa utilizada, temos a crença velada de que o amor, quando verdadeiro, deve ser cultivado para que não seja perdido. Sendo assim, percebemos que há um certo temor quando o assunto refere-se à perda do amor. Temos então mais um fato que reforça a importância do namoro na adolescência e que serve de base para o desenvolvimento da argumentação. No **exemplo 37**, percebemos que o enunciador demonstra o medo de perder o ser amado, fato que corrobora com o pré-discursivo de que o namoro, o amor, é o sentimento mais importante dentre os

⁴⁶ Percebemos que houve uma alteração em relação à importância dada ao fato de o pai conhecer o namorado da filha. Se observarmos historicamente, houve muitos casamentos realizados sem que os noivos se conhecessem. Muitas vezes eles se viam pela primeira vez no dia do casamento. Esses casamentos eram arranjados pelos pais. Na atualidade, há muita variação, mas ainda é importante que se dê esse encontro entre os pais e os namorados (as) das (os) filhas (os).

vividos pelos adolescentes. Nesse enunciado, há a crença de que quando na fase da adolescência e apaixonados, os adolescentes demonstram medo de perder o ser amado.

O que pode ser notado é que a figura de filho instaurada nos textos, ao falar sobre o tema “medo da perda”, deixa subentendido que pelo fato de ter medo de perder o ser amado, dedica-se intensamente a ele, pois é assim que acredita que o namoro seja promissor.

O efeito de sentido instaurado por intermédio da utilização dessa negação é a afirmação de que o enunciador não pretende perder o ser amado e que tem receio de que isso aconteça. Sendo assim, percebemos que o que é negado não é o medo, mas sim a mudança na forma de namoro, pois essa poderia causar a perda do enamorado, fato que o enunciador não deseja que ocorra.

Conforme analisado, percebemos que o amor é algo importante na vida dos adolescentes. Dessa forma, é natural que esses façam o possível para que não percam os seres amados, e, com isso, se vêm dispostos a realizar até mesmo alterações em sua vida pessoal com o intuito de cultivarem esse amor. Vejamos mais uma crença trabalhada pelos enunciadores em seus discursos.

Enunciado 38

Pré-discursivo: A mudança que o amor provoca na vida pessoal

TEXTO 17

(38) ***também está me ajudando a deixar de lado hábitos que eram vícios em minha vida e que você não gostava*** como: o futebol, amizades indesejadas e outros, está lembrando.

Crença velada: o amor deve mudar as pessoas

Ao utilizarem esse pré-discursivo, percebemos que há a defesa de que o namoro faz bem à vida do adolescente, que todos os esforços realizados em prol da sua manutenção são justificáveis, e também que o namoro muda as pessoas, fazendo-as seres melhores, mais felizes e mais responsáveis. Percebemos também que o enunciador assevera que é só por intermédio de uma proximidade com o enamorado que se torna possível conseguir essa mudança na vida do indivíduo.

Em suma, ao observarmos os pré-discursivos utilizados no interior dos discursos, pudemos perceber que a polifonia se fez reiteradamente presente nos textos analisados, mostrando que os nossos enunciadores fizeram uso do discurso recorrente nas formações discursivas paterna e de filho para que assim conseguissem dar um suporte para a sua argumentação. Para que pudessem defender a sua tese com bom êxito, foram citados discursos que são aceitos pela comunidade discursiva em que estão inseridos o enunciador e o co-enunciador.

O enunciador argumenta embasado no interdiscurso. Ele retoma discursos que julga serem característicos tanto da formação discursiva paterna quanto da formação discursiva de filho, discursos esses preestabelecidos pelo contexto social e que por isso, dão suporte à argumentação. O enunciador insere em seu texto os pré-discursivos concebidos socialmente, pois assim o seu discurso será mais consistente.

No bojo de uma refutação, dá-se uma polêmica discursiva, há um embate ideológico em que o enunciador deseja convencer/vencer o seu co-enunciador através dos seus argumentos. Para que esse convencimento se efetive, geralmente o enunciador assume diferentes posições no interior do texto, inserindo-se ora em uma ora em outra formação discursiva e enunciando por intermédio delas. Em alguns textos, os pais se instauraram na formação discursiva de amigo, em outras vezes, fala do lugar de pai, que se instaura como zeloso, preocupado com o futuro do filho, outras como pai que tenta ser autoritário, outras, como pai que não tem autoridade sobre as decisões do filho e, ainda percebemos, em alguns textos, a instauração da figura de mãe como enunciador, mesmo que na proposta estivesse explícito que o enunciador deveria ser um pai. Já quando têm que se instaurar discursivamente como filhos, falam do lugar de filhos respeitosos, decididos, filhos que em muitos momentos concordam com os discursos paternos e por isso utilizam esses discursos no interior dos seus, porém, nem sempre concordando com eles, há em muitos momentos a refutação desses discursos.

Observemos a seguir, um resumo dos argumentos instaurados nos discursos e que foram mais utilizados.

4.2.2 – Formação discursiva paterna X Formação discursiva de filho: os argumentos mais utilizados nos textos de análise

Ao observarmos os 48 textos que constituíram o *corpus* do nosso trabalho, foi possível notarmos que os pré-discursivos instaurados discursivamente e que serviram de base para a argumentação dos alunos foram numerosos e diversificados, contudo, muito recorrentes, o que nos faz intuir que nossos sujeitos empíricos utilizaram-se desses pré-discursivos como suporte para as suas argumentações, sendo relevantes no momento em que estavam se instaurando discursivamente. Dessa forma, realizaremos a análise dos argumentos abordados, verificando a recorrência da utilização de cada um deles, e o que se faz possível intuir por meio dessa recorrência.

Ao analisarmos os 27 textos pertencentes à **Proposta 1**, percebemos que houve uma variação nos argumentos utilizados pelos enunciadores, e que eles foram recorrentes. Os argumentos que mais apareceram durante a estruturação dos textos foram os seguintes:

TABELA 1
Argumentos presentes nos textos escritos por meio da **Proposta 1**

Argumentos	Total de textos em que ocorrem os argumentos	Porcentagem de textos em relação aos 27 textos
Amizade	20	74%
Família	12	44%
Curtição/Diversão	09	33%
Trabalho	08	29,6%
Preocupação paterna	07	25,9%
Estudos	06	22,2%
Felicidade/Alegria do filho	06	22,2%
Amor paterno	05	18,5%
Tempo para si próprio	04	14,6%
Experiência paterna	03	11,1%
Querer bem	02	7%
Sucesso financeiro	02	7%
Demais temas ⁴⁷	01 (cada um deles)	3,5%

Dos 27 textos analisados, o argumento *amizade* foi o que apareceu em um maior número de textos, sendo o argumento mais recorrente. Sua presença foi notada em 20 textos, perfazendo um total de 74% deles; esse é um fato revelador e

⁴⁷ Alimentação correta, preocupação com o futuro do filho, encontrar uma pessoa melhor, afastar um pouco da namorada, brevidade da vida, amadurecimento pessoal, dentre outros.

que reforça a tese de que durante a adolescência as amizades ocupam um lugar especial na vida das pessoas. Como percebemos, os enunciadores, mesmo quando tiveram que se instaurar como uma figura paterna, fizeram a utilização recorrente do argumento *amizade*, mostrando o valor que dão aos amigos, que nos textos se mostra superior ao valor despendido à família. Esse fato não nos surpreende, haja vista percebermos que nessa fase da vida, como foi discutido anteriormente, os adolescentes valorizam mais o contato com os amigos que o contato com os pais, e muitas vezes se esquecem das famílias e se dedicam especialmente às amizades. E, mesmo tendo que se instaurarem discursivamente como pai de adolescente, os sujeitos empíricos não deixaram as amizades em segundo plano, mas, sim, as incluíram em seus discursos. E, nesses momentos, notamos a presença da voz do adolescente, mesmo quando o enunciador instaurado foi um pai de adolescente. Percebemos, assim, a presença de duas formações discursivas: a paterna e a do filho, que são utilizadas concomitantemente nos textos.

Notamos que nos textos há uma situação de conflito entre dois discursos, o paterno e o de filho. Eles se contrapõem, e deixam-se mostrar. No simulacro de se posicionar como enunciador “pai de adolescente”, o sujeito empírico não se isenta de expor o seu universo nos textos. E, assim, há uma presença marcante do tema *amizade* nos discursos analisados.

O argumento *família*, também é muito recorrente e faz-se presente em 12 das 27 cartas analisadas, um total de 44 % das cartas. Mesmo algumas vezes sendo relegada ao segundo plano, a família é considerada importante pelos adolescentes e, por intermédio dos discursos veiculados, pudemos perceber esse fato, pois o tema família foi bastante reiterado ao longo dos discursos. Ao se instituírem como pai, os sujeitos empíricos fizeram uso recorrente do tema *família* e defenderam a importância que a proximidade dela tem para os adolescentes, colocando, assim, em cena, um discurso característico da formação discursiva paterna.

Já o tema *curtição/ diversão*, está presente em nove cartas, em 33 % dos textos. Fato que também não nos surpreende, haja vista que na adolescência é normal que os adolescentes gostem de sair com os amigos para se divertirem. E, dessa forma, por meio do tema *curtição*, também percebemos a voz do filho, pois a defesa do discurso de que os jovens devem sair com os amigos para se divertirem é característico da comunidade discursiva adolescente.

O *trabalho* também foi outro tema reiterado, aparece em quarto lugar, estando presente em oito cartas, um total de 29,6 % dos textos. Por intermédio desse argumento, podemos perceber a voz da comunidade discursiva paterna, pois o discurso do *trabalho* é comum dentre os pais de adolescentes, especialmente vinculado aos estudos, quando percebemos o discurso de que aqueles que se dedicam mais aos estudos têm a possibilidade de terem melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Um outro argumento abordado foi a *preocupação paterna*, que se fez presente em sete cartas, 25,9 % dos textos. Essa preocupação foi abordada sobre diferentes prismas, como, preocupação em relação à segurança, em relação ao futuro do filho, em relação ao namoro do filho, dentre outras. E mais uma vez, é colocado em cena um discurso característico da formação discursiva paterna, que faz uso de discurso que é reiterado em nossa sociedade.

Há, ainda, dois temas que foram igualmente recorrentes: os *estudos e a felicidade/ a alegria dos filhos*, presentes em seis textos, cada um, perfazendo uma percentagem de 22% das cartas. Essa recorrência nos permite levantar duas hipóteses para explicação do seu uso: uma primeira explicação é que o uso deve-se ao fato de que os adolescentes percebem a importância dos estudos em suas vidas; outra hipótese é que houve a reiteração desse discurso, devido ser ele recorrente na formação discursiva paterna e, tendo que se posicionarem como pais, os enunciadores colocam em cena esse assunto, utilizando, assim, um pré-discursivo comum aos pais. Ao perceberem também que há um outro discurso recorrente em nossa sociedade de que os pais se preocupam com a felicidade dos filhos, notamos que os enunciadores fizeram uso desse.

Outro tema abordado nos textos foi a presença do *amor paterno*, quando os pais instaurados discursivamente declaram o seu amor pelos filhos, manifesto em 18,5% dos textos, o que totaliza cinco dos 27 textos analisados. Esse tema vem com os temas anteriormente expostos, afirmando que é por amor que os pais querem a felicidade dos seus filhos, que os pais se preocupam com os filhos, que se preocupam com o futuro desses. E, mais uma vez, é possível perceber que o argumento utilizado é característico da formação discursiva paterna, pois os pais são os maiores responsáveis por fazerem repercutir que amam os seus filhos.

Já o argumento *tempo para si* é recorrente em quatro textos, o que totaliza 14,6% dos textos. Esse tema demonstra que os adolescentes percebem que ter um tempo só para si é importante, pois assim, podem se dedicar ao que gostam.

A *experiência paterna* também se fez presente dentre os argumentos percebidos mediante análise dos textos, ocorreu em três textos, o que totaliza uma porcentagem de 11,1%. Notamos que os adolescentes percebem que os pais têm mais experiência que eles, mas isso não quer dizer que os adolescentes aceitem a intervenção paterna em seus namoros, pois mesmo sabendo dessa maior experiência, nem sempre aceitam interferências.

Já o *querer bem ao filho* e o desejo de que o filho obtenha um *sucesso financeiro*, são temas que aparecem em dois textos, cada um deles, o que nos dá uma porcentagem de 7%. Esses temas vêm corroborar os analisados anteriormente. O *querer bem ao filho*, corrobora com o tema *amor paterno*, pois quem ama quer bem ao ser amado e o amor paterno ficou explícito em grande parte dos textos apresentados. Já o *sucesso financeiro* corrobora com os temas *estudos e trabalho*, pois quem estuda e trabalha eficientemente, tem uma maior possibilidade de obter sucesso na vida financeira e um discurso reiterado em nossa sociedade é que o melhor que os pais podem deixar para os filhos são os estudos de qualidade, pois essa é uma herança “que ninguém pode tirar da pessoa”.

Há outros argumentos que se fizeram presentes nos textos analisados, mas como apareceram em somente um texto cada um deles, não especificaremos individualmente todos eles. Para maiores esclarecimentos, vide **Tabela 1**.

Em suma, pudemos observar que há dois discursos que se fizeram presentes nos textos: o característico da formação discursiva paterna e, o outro, característico da formação discursiva dos adolescentes. Os enunciadores não mantiveram somente a voz de pai em seus textos, em diferentes momentos deixaram as vozes de adolescentes falarem. Mas, o que é importante considerar é que eles conseguiram se posicionar como pai (enunciador proposto) e fizeram uso de argumentos que são característicos do universo paterno, garantindo assim, uma coerência discursiva.

Quando observamos os 21 textos que pertencem à **Proposta 2**, percebemos que os argumentos mais abordados foram os seguintes:

TABELA 2
Argumentos presentes nos textos escritos por meio da **Proposta 2**

Argumentos	Total de textos em que ocorrem os argumentos	Porcentagem de textos em relação aos 27 textos
Família	12	57,1%
Amizade	9	42,8%
Todos passam por esse tipo de namoro	9	42,8%
Estudos	3	14,2%
Casamento no futuro	3	14,2%
Fidelidade	2	9,4%
Medo de perder o ser amado	2	9,4%
Demais temas ⁴⁸	01 (cada um deles)	4,7%

O tema *família* foi o mais recorrente dentre os abordados nos textos, foi percebido em 12 dos 21 textos, perfazendo uma porcentagem de 57,1% dos textos. Esse fato nos permite levantar duas hipóteses de análise: a família é de fato importante para os adolescentes; mesmo que nessa fase da vida (adolescência) eles se afastem dela, têm ciência da sua importância. Temos também por hipótese que essa recorrência deveu-se ao fato de ao elaborarmos a **Proposta 2**, termos citado a família como argumento para a alteração do tipo de namoro que o adolescente está tendo e, assim, o que houve foi somente uma repetição do tema exposto na proposta. Fato é que os adolescentes colocaram em cena, mais uma vez um discurso característico da formação discursiva paterna, que se apossa da crença veiculada em nossa sociedade de que a família é importante para a formação dos jovens e utilizam-na em seus discursos.

Logo após o tema *família*, notamos que dois temas foram expostos em uma quantidade similar: *amizade* e *todos passam por esse tipo de namoro*. Eles estiveram presentes em nove textos cada um deles, o que instaura um percentual de 42,8% dos textos. Inicialmente analisaremos o tema *amizade*. Assim como nos textos anteriores, essa recorrência não nos causou surpresa, haja vista que nessa fase da vida, adolescência, os jovens se mostram muito próximos dos amigos.

Outro tema valorizado pelos adolescentes foi o *namoro*, e um dos argumentos utilizados reiteradamente foi que todos, quando adolescentes, já passaram por esse tipo de namoro, inclusive o pai, pois quando namorava com a mãe do enunciador, possivelmente também tinha esse tipo de relacionamento. E, assim, remetendo o pai ao passado, o enunciador objetiva lembrá-lo do seu tipo de relacionamento, para

⁴⁸ Vergonha pela reclamação paterna, querer o bem do filho, conhecer o mundo, o namoro causa inveja, deixar de fumar por causa do namoro, gastos telefônicos, dentre outros.

que assim, deixe de recriminá-lo e o apóie. Percebemos que tanto o tema *amizade*, quanto o tema *namoro* são característicos da formação discursiva dos adolescentes.

Outros temas presentes nos textos foram *estudos* e *casamento no futuro*. Esses já foram notados em uma menor quantidade, ambos foram percebidos em três dos 21 textos, perfazendo 14,2% do total das cartas. Ao utilizar o tema *estudos*, possivelmente, o enunciador, ao ter conhecimento do interdiscurso de que os pais valorizam os estudos, fizeram uso desse argumento, visando convencer o seu co-enunciador de que mesmo tendo esse tipo de namoro, é possível haver uma maior dedicação aos estudos, e é isso que vai acontecer se continuar com o relacionamento com o seu enamorado. Já em relação ao *casamento no futuro*, o enunciador faz uso do argumento de que precisa se dedicar muito ao namoro, pois em um futuro próximo, pode ser que ele se case com o ser amado.

Temos também os temas *fidelidade* e *medo de perder o ser amado*. Eles foram percebidos em dois textos cada um deles, perfazendo uma percentagem de 9,4% do total dos textos analisados. A fidelidade é importante quando se quer ter um relacionamento mais sério que pode até gerar um casamento futuro, que foi o argumento defendido anteriormente. O enunciador se posiciona como uma pessoa que está sendo responsável, que está querendo instituir uma família e por amar o seu enamorado, tem medo de perdê-lo e por isso se dedica tanto a ele. Ao utilizar esses argumentos, podemos levantar a hipótese de que o enunciador deseja se instaurar como uma pessoa responsável, que se dedica realmente ao namoro e que tem a intenção de instaurar uma família em um futuro próximo, pois os pais acreditam na importância de se ter responsabilidade.

Os outros temas foram trabalhados em somente um texto, e por isso não especificaremos cada um individualmente.

Em suma, ao analisarmos os argumentos desenvolvidos pelos alunos nos 48 textos, percebemos que há dois temas que sobressaíram, as *amizades* e a *família*. O primeiro foi percebido em 29 dos 48 textos e o segundo, em 24 textos, fato que demonstra que tanto as amizades quanto a família são relevantes para os adolescentes.

Percebemos que nesse contexto, as amizades foram colocadas em primeiro plano, diante disso é possível intuir que essas têm um lugar especial na vida dos adolescentes.

Outro fato que nos chamou a atenção foi a quantidade de argumentos utilizados nos textos elaborados por intermédio da **Proposta 1**, em relação aos argumentos utilizados nos textos redigidos por intermédio da **Proposta 2**. Ao observarmos a quantidade e a diversidade de argumentos utilizados, percebemos que aqueles provenientes da **Proposta 1** são mais numerosos, bem como, mais diversificados. Essa observação faz-se interessante haja vista que nos textos da **Proposta 1**, o enunciador deveria instaurar-se como um pai de um adolescente e nos textos provenientes da **Proposta 2**, como um adolescente, ou seja, falar por intermédio de uma formação discursiva na qual está inserido.

Percebemos que os adolescentes quando se posicionaram discursivamente de um lugar em que tiveram que dialogar com os pais, o assunto foi menos intenso que no momento em que se posicionou discursivamente como um pai que conversasse com o filho.

Essa pouca interação na relação social do filho em relação ao pai, foi percebida por Wagner et al (2002, p.79)

Observa-se que, apesar de a figura paterna estar desempenhando suas funções com maior qualidade e frequência atualmente, o pai ainda ocupa, de forma genérica, um lugar periférico na vida do adolescente no que se refere às questões mais pessoais e de contato íntimo. Este fato está, provavelmente, associado ao dado de que a maioria dos adolescentes consideraram o pai como alguém que nem sempre os entende (56,3%). Esta característica do entendimento entre pai e filhos adolescentes pode estar relacionada ao papel tradicionalmente atribuído à figura paterna, de disciplinador e provedor do sustento familiar em detrimento de uma maior exigência de envolvimento com questões afetivas.

Sendo assim, notamos que talvez seja essa uma das causas para que apareçam menos assuntos quando os enunciadores se posicionam como filhos e têm que argumentar com os seus pais. Se os adolescentes conversam pouco com os seus pais, possivelmente os assuntos que têm em comum acabam se tornando escassos.

Outra hipótese que poderíamos levantar é que a voz do adolescente se posiciona como mais fraca que a voz de pai no interior dos discursos, sendo assim, ao se posicionarem como pais, se acharam no direito de aconselhar o seu co-enunciador, o seu filho.

Mais uma hipótese que pode ser levantada é que o adolescente possivelmente ouve, com frequência, muitos conselhos de seus pais, e assim, quando tiveram que se posicionar como pais, reproduziram em seus textos os

discursos ouvidos ao longo da convivência com eles, e por isso, notamos muitos discursos característicos da formação discursiva paterna.

Como vimos, os adolescentes, ao se instaurarem como pais, fizeram uso tanto de discursos que são característicos do universo paterno, quanto daqueles que são característicos do universo dos adolescentes, e a quantidade e variedade de temas ocorridos foi numerosa.

Contudo, quando tiveram que assumir a posição de enunciador como um adolescente, os discursos foram escassos e pouco numerosos. Somente três discursos se fizeram recorrentes: as amizades, a família e o fato de que todos passam por esse tipo de namoro quando são adolescentes. Se observarmos que a família já havia sido citada na proposta de escrita, podemos intuir que houve somente dois discursos recorrentes, o da amizade e o da recorrência do namoro exagerado na adolescência.

Em suma, percebemos que as argumentações desenvolvidas foram pautadas em opiniões do senso comum, do saber partilhado que são veiculados em nossa sociedade. Os enunciadores embasaram os seus discursos nos lugares comuns. Porém, não entendemos lugar comum como uma noção pejorativa, mas sim, percebemos essa noção como Amossy (2006, p.99) que denomina o conhecimento partilhado como um “discurso social, interdiscurso, intertexto”.

Acreditamos que os textos ora analisados reforçam uma opinião largamente partilhada pelas formações discursivas paterna e de filho na relação social pai-filho.

4.2.3 – A modalização como espelho da relação social pai-filho

Percebemos também dentre as marcas lingüísticas, outro tipo de recurso utilizado pelo enunciador que nos possibilitou observar o seu posicionamento no interior do discurso: a modalização. Sendo assim, observaremos por intermédio das modalizações como é que nosso sujeito se instaura nos textos e qual o *ethos* instituído discursivamente.

A importância do estudo das modalidades neste trabalho, refere-se à possibilidade de observarmos o posicionamento ocupado no interior dos discursos pelos enunciadores por intermédio da análise das modalizações utilizadas por eles. Temos a intenção de depreender como os enunciadores (pai e filho) se apresentam

aos seus co-enunciadores (filho e pai, respectivamente). A análise das modalizações presentes nos enunciados nos permitirá compreender a forma como o *ethos* do enunciador vai se instaurando nos textos. Destacando os efeitos de sentido que são percebidos quando do uso das modalizações, será possível depreender a maneira como vão se configurando as imagens de pai e de filho, ajudando-nos a responder como se constrói o *ethos* de pai e de filho.

A verificação do uso das modalizações nos permite observar as relações estabelecidas entre o enunciador e o seu enunciado, o que nos faz perceber um maior ou menor engajamento ou distanciamento em relação ao que é exposto. Por intermédio do uso das modalizações, é possível notar como o enunciador se posiciona no interior do seu discurso, que pode variar e se apresentar ora como autoritário, ora como uma pessoa serena, ora como alguém arrogante, ora como amigo, dentre outros.

O estudo da modalização não é recente, teve a sua gênese na antiga Grécia, por intermédio dos estudos aristotélicos, e, atualmente, é desenvolvido tanto por pesquisadores da Lógica quanto por lingüistas. Desse modo, como a nossa investigação está inserida no campo da Lingüística, desenvolveremos nossa pesquisa por intermédio dos estudos realizados nesse campo.

O conceito de modalização tem chamado a atenção dos lingüistas contemporâneos. Cervoni (1989) afirma que, linguisticamente, podemos classificar os enunciados como tipicamente modais, parcialmente modais e há ainda aqueles que parece ser mais vantajoso excluir do campo das modalidades. Mas, o estudioso aceita que essa classificação não é necessariamente finda e que “Portanto, mais uma vez a classificação dará lugar a uma problemática.” (CERVONI, 1989, p.63)

O referido autor estudou as modalidades do ponto de vista formal e estrutural e, assim, só considera modais algumas estruturas sintáticas e itens lexicais, que afirma serem pertencentes a um “núcleo duro”.

Cervoni (1989) realiza uma classificação lingüística das modalidades, já os lógicos, dentro do núcleo duro, realizam uma tripartição das modalidades em: aléticas ou assertivas, também designadas ontológicas ou aristotélicas, que se referem ao eixo da existência, determinando o valor de verdade do conteúdo das proposições; epistêmicas, que se relacionam ao saber, ao eixo da crença que temos de um estado de coisas; e as deônticas, referentes ao âmbito da conduta, das normas, destinam-se àquilo que se deve fazer.

Acreditando com Ducrot (1987, p.16) que as “circunstâncias da enunciação são mobilizadas para explicar o sentido real de uma ocorrência particular de um enunciado”, realizaremos uma investigação da significação do uso reiterado de modalizações nos discursos paterno e de filho instaurados nos textos analisados.

Em nosso estudo, o que é relevante em relação ao uso das modalizações são os efeitos de sentido possíveis de serem apreendidos por intermédio do seu aparecimento no discurso. Em pesquisas realizadas por Brandão (1998) e Koch (2002), alguns desses efeitos de sentido foram analisados, e servirão de modelo para a nossa investigação. As modalizações são diretamente ligadas ao evento da produção dos enunciados, e funcionam como indicadoras das intenções e atitudes do enunciador em relação ao seu discurso. As modalizações são ações e sentimentos humanos que se realizam por intermédio da linguagem, revelando o efeito de sentido que o enunciador deseja alcançar ao enunciar o que foi enunciado, da maneira como foi enunciado.

Na relação dialógica, os indicadores modais funcionam como um modo de interpelação do enunciador, procurando orientar a resposta do seu co-enunciador. Os nossos enunciadores, ao se instaurarem em seus textos como uma figura paterna - que será estudada inicialmente - optaram por se instaurarem como não-autoritários, decidiram-se por não serem diretivos nas suas assertivas, fazendo a utilização recorrente das modalizações, como: *espero que, te aconselho, nós lhe pedimos, a pensar e a refletir carinhosamente, desculpe meu amor, talvez você não tenha percebido, estamos todos querendo saber*, dentre outras. E para observarmos os efeitos de sentido gerados por intermédio do uso reiterado das modalizações, inicialmente, analisaremos os discursos produzidos através da **Proposta 1**.

4.2.3.1 – As modalizações presentes nos textos gerados por intermédio da Proposta 1

Um recurso de modalização reiteradamente utilizado nos textos analisados foram as locuções verbais, especialmente aquelas compostas pelo verbo auxiliar + verbo principal no gerúndio. Ao serem utilizadas essas construções verbais, notamos que esse uso provocou diferentes efeitos de sentido, que podem ser

depreendidos por intermédio de uma análise mais detalhada desse uso. Sendo assim, vejamos os três exemplos seguintes:

TEXTO 7

(01) *Estamos todos querendo saber se você **está trabalhando** ainda na rodoviária, e se ainda **está namorando** com a Paula.*

TEXTO 16

(02) *todos os seus amigos **estão ligando** para vocês saírem divertir mais você só sai com ela, eles ate afastaram de você.*

TEXTO 21

(03) *filho se você não acha conveniente terminar o namoro, (mesmo que eu e sua mãe achamos) deixa de ser grudento, ninguém suporta esse “shenhennen” de vocês o tempo todo, considera o que **eu “tô” dizendo** filho, é pro seu bem.*

Nesse contexto, percebemos que o efeito de sentido provocado pelo uso dos verbos no gerúndio expõe uma ação que está em andamento naquele momento. Nos exemplos anteriores, percebemos que o *querer* e o ato de *estar dizendo* estão acontecendo durante o discurso, assim como os fatos de *estar trabalhando* e *estar namorando*, designam fatos que estão ocorrendo naquele contexto. Já o **exemplo 2**, indica uma ação recorrente, não quer dizer que no momento em que o discurso ocorreu, os amigos estivessem ligando, mas que ligam com constância.

Nos exemplos seguintes percebemos que há o efeito de sentido de amenizar o que foi exposto. Notamos que se a forma verbal utilizada fosse a forma simples, deixaria o fato exposto mais objetivo e direto. Ao utilizar a forma verbal composta, é possível notar uma maneira menos direta de o enunciador expor o seu desejo.

TEXTO 1

(04) *porque tenho notado que você tem passado a maior parte do tempo com sua namorada, esquecendo dos seus compromissos, deixando a desejar em seus estudos e no trabalho, você **está prejudicando** sem perceber.*

TEXTO 4

(05) *Pense bem no que você **está fazendo**, será que vale a pena deixar de dá atenção à família e os amigos por causa de uma menina.*

TEXTO 6

(06) *Os seus primos, colegas de faculdade e até mesmo amigos mais íntimos, notaram seu novo comportamento e **vem dizendo** que você vem se afastando a cada dia da amizade que levava com eles.*

TEXTO 11

(07) *Não **estou te impedindo** de namorar, só pesso que seja menos apegado a ela, pode ser que você terminam e você vai se sentir muito mal. Pense bem no que **estou te dizendo**, e evite falar muito dela para seus amigos pois já **está ficando** chato, namoro chiclete as vezes incomoda, e faz perder amizades.*

Pudemos observar que a utilização da forma nominal verbal: *verbo auxiliar + verbo principal no gerúndio* provoca um efeito de sentido de maior maleabilidade ao que está sendo exposto. Neste momento, o enunciador abranda o seu discurso, tornando-o menos objetivo, isentando-se, assim, de ser muito enfático, e se mostrando com menos autoridade e de uma maneira indireta. Dessa forma, orienta o seu co-enunciador a perceber que o conteúdo proposicional deve ser interpretado como uma maneira delicada, agradável de se expressar.

Essa composição dá ao co-enunciador a sensação de abrandamento nas asserções proferidas pelo enunciador e cede ao discurso um tom mais ameno e menos imperativo. E assim percebemos que o co-enunciador não quer ou não pode ser direto em suas assertivas e por isso faz o uso do gerúndio, que deixa o discurso mais brando.

Assim sendo, percebemos que o *ethos* paterno instaurado nos textos é de alguém que dá preferência em se posicionar como amigo, protetor, conselheiro do co-enunciador, como alguém que adverte, alguém que dá opiniões e, não, como aquele que impõe as suas vontades. E é exatamente esse o *ethos* de pai na atualidade, isso é o que nos aponta estudos que estão sendo desenvolvidos na área da psicologia. Os pais atualmente procuram ser mais amigos dos filhos. A figura do pai autoritário está sendo cada vez menos comum nos dias atuais.

É o que nos apresenta a tese de Gomes e Resende (2004, p. 120), quando afirmam que há um novo perfil de pai que vem se esboçando. Segundo os referidos autores, o pai atual

É um homem oriundo das classes médias ou altas, que se beneficia de uma formação e de uma renda mais elevada que a média. Tem uma profissão liberal que lhe permite, bem como à sua mulher, dispor livremente de seu tempo e a cultura masculina tradicional. A maioria se diz em ruptura com o modelo de sua infância e não quer, por nada, reproduzir o comportamento do pai, considerado “frio e distante”.

Outro recurso de modalização percebido nos discursos foi o uso da expressão *Espero que*. Ela foi reiterada em nove dos 27 textos, o que perfaz um total de 33,3% dos textos, sendo que em muitos deles foi percebida mais de uma ocorrência.

Dentre as vezes em que essa expressão apareceu, foram depreendidos quatro diferentes efeitos de sentido. O primeiro efeito percebido e que podemos citar refere-se ao uso dessa expressão, objetivando exprimir um desejo de que o co-enunciador realizasse alguma ação em prol do enunciador, e, nesse caso, o enunciador cedeu ao co-enunciador o poder de decisão, se iria ou não realizar o que foi solicitado. Esse efeito de sentido pôde ser percebido nos **Exemplos 08, 09 e 10**, como podemos observar a seguir.

TEXTO 1

(08) *Espero que não me entrepere mau*

TEXTO 3

(09) *eu espero que você entenda está minha preocupação*

TEXTO 20

(10) *Espera que você entenda.*

Ao utilizar a expressão *Espero que*, o enunciador indica o seu desejo ao co-enunciador, informa o que deseja e repassa ao co-enunciador a responsabilidade pela decisão. O enunciador isenta-se da resolução dos fatos expostos e, assim, concede ao co-enunciador o poder de resolver o assunto da maneira que achar mais acertada.

Percebemos que no **exemplo 08**, há o desejo de que o co-enunciador interprete o que foi dito pelo enunciador de uma maneira adequada. Já nos **exemplos 09 e 10**, o enunciador se preocupa com o fato de o co-enunciador entender o porquê de ele estar preocupado.

Outro efeito depreendido por meio do uso da expressão *Espero que* foi o estabelecimento de um desejo do enunciador de que o co-enunciador realize algo, porém, dessa vez, o desejo é desvinculado do enunciador, o desejo é de que o co-enunciador mude, altere alguma atitude que vem tendo, mas que independe de qualquer ação que possa ser realizada em prol do enunciador.

TEXTO 3

(11) **Espero que** você não esteja deslumbrado

TEXTO 5

(12) Após ler está carta **esperamos que** vocês pensem no assunto e tomem uma decisão boa para todos.

TEXTO 7

(13) **Espero que** você tenha repensado à respeito deste namoro que só te atrapalha, pois você esquece de tudo quando está com ela, até do seu trabalho.

TEXTO 7

(14) **Espero que** não tome nenhuma decisão precipitada.

Nesses exemplos, notamos que o enunciador deseja que o co-enunciador não esteja deslumbrado, que pense no que foi exposto sobre o namoro para que assim possa tomar uma decisão acertada. Vemos, dessa forma, que diferentemente dos **exemplos 08, 09 e 10**; os **exemplos 11, 12, 13 e 14**, não interferem na vida do enunciador, nesses exemplos há uma solicitação de que o co-enunciador altere a sua maneira de agir.

O efeito de sentido em destaque nos **exemplos 15 e 16** gira em torno do desejo expresso pelo enunciador, que independe de que o co-enunciador o realize. Nesse momento, o desejo refere-se a um estado de espírito que não está ligado a uma motivação do enunciador e nem do co-enunciador, funciona como se fosse uma enunciação formal⁴⁹, que acontece de praxe. Percebemos que muitas vezes ao ser proferido esse enunciado, o enunciador não necessariamente deseja que o co-enunciador seja feliz ou que esteja tudo bem, esse é apenas um artifício para iniciar ou finalizar uma enunciação.

TEXTO 3

(15) *espero que esteja tudo bem*

TEXTO 9

(16) *Filho espero que você seja muito feliz e que sua vida seja repletos de alegria.*

E, por último, nos **exemplos 17 a 21**, o efeito de sentido compreendido foi de que o enunciador realizou alguma ação - no nosso caso a ação foi a escritura da carta - e deseja que essa ação provoque mudanças, especialmente, mudanças no comportamento do co-enunciador.

TEXTO 7

(17) *Por fim, espero que você pense um pouco a respeito do que eu te escrevi e tome decisões corretas, pois você já está se tornando um homem e deve ter opiniões formadas.*

TEXTO 9

(18) *Termino esta carta e espero que ela possa te ajudar.*

⁴⁹ “O antropólogo Malinowski introduziu a noção de “comunicação fática” para os empregos do discurso que têm por objetivo essencial manter o laço social (trocas sobre o tempo que faz, saudações, cumprimentos...): “Um tipo de discurso no qual os laços da união são criados por uma simples troca de palavras”(1923:315). Jakobson fez da “função fática”, que visa a “estabelecer e a manter a comunicação”, uma das funções da linguagem (1963:217). Com o desenvolvimento da *etnografia da comunicação ou da análise *conversacional, essa problemática passou ao primeiro plano. Kerbrat-Orecchioni chama fáticos “o conjunto dos procedimentos dos quais usa o falante para se assegurar da escuta de seu destinatário” (1990:18). Esses fáticos não são necessariamente verbais (“hein?”, “está vendo?”, “não é?...”), eles podem ser olhares, mímicas... Os fáticos são comparáveis aos *reguladores emitidos pelo co-enunciador.” (MAINGUENEAU, 2000, P.66-67)

TEXTO 15

(19) *Concluindo, **espero que** você, após ler estas singelas palavras, reflita sobre o que comentei*

TEXTO 9

(20) ***Espero que** quando termina-la de ler, ela possa passar algo de importante para você e sua vida. Afinal se sua vida vai bem a minha também vai.*

TEXTO 17

(21) ***Espero que** você reflita nisso que eu te falei, porquê namorar é bom, mas na medida certa...*

O efeito de sentido observado é de que há um desejo ou um aconselhamento do enunciador de que o co-enunciador atenda aos seus pedidos, que nos discursos variam entre *que o co-enunciador pense, reflita, não faça nada que possa se arrepender, dentre outros*. Assim sendo, é possível notar que há uma exposição de anseios do enunciador que cede ao co-enunciador a possibilidade de escolher se vai ou não atender às solicitações feitas. Sendo assim, modaliza o seu discurso, transferindo ao co-enunciador a responsabilidade pela decisão sobre a forma como deve conduzir o namoro, concedendo ao co-enunciador o poder de decidir sobre os seus atos, o que nos faz inferir que a figura paterna instaurada não deseja se instaurar discursivamente como alguém que cede ao co-enunciador a possibilidade de decidir pelo que achar mais acertado para a sua vida.

Um outro recurso de modalização utilizado nos textos foi a inserção que o enunciador realiza de outrem em seus discursos, também conhecido como discurso relatado ou modalização em discurso segundo⁵⁰, modalização que instaura a polifonia nos discursos, assim como vimos no uso das negações.

Como os adolescentes dão importância ao que é dito pelos seus pares, o enunciador, ao se posicionar discursivamente como pai, insere em seus textos a voz dos amigos. Dessa forma, podemos perceber que o enunciador se posiciona com uma isenção parcial sobre o que foi enunciado, pois divide com outros a responsabilidade pelo enunciado.

⁵⁰ Authier-Revuz, J, 1992, p. 38-42

Há diferentes tipos de responsabilidade sobre o que foi dito. Em alguns contextos, como nos **exemplos 22, 23 e 24**, o dito foi simplesmente a exposição de um desejo, sem nenhuma cobrança, nem constatação sobre nenhum fato.

TEXTO 1

(22) *pois tanto eu quanto seus amigos, queremos o seu bem*

TEXTO 7

(23) *A sua mãe, seus irmãos e eu estamos todos bem e também apreensivos com a sua chegada. Não se esqueça **que todos aqui torcemos muito para que você vença na vida e possa realizar todos os seus sonhos.***

(24) *Quero que saiba que **nós o amamos muito e só queremos a sua felicidade,***

Nesses três exemplos, há a exposição de um desejo de que o co-enunciador seja feliz e que realize os sonhos que por ventura tiver, não é possível percebermos a ocorrência de nenhuma cobrança ao co-enunciador.

Contudo, nos **exemplos 25 a 28**, percebemos que não há somente a exposição de um desejo, mas uma cobrança implícita dirigida aos co-enunciadores.

TEXTO 6

(25) *Os seus primos, colegas de faculdade e até mesmo amigos mais íntimos, **notaram seu novo comportamento** e vem dizendo que você vem se afastando a cada dia da amizade que levava com eles.*

TEXTO 8

(26) *Os seus amigos mais íntimos me disseram, que depois que você começou a namorar, o seu comportamento mudou radicalmente: você não sai, não fala com os outros, não joga futebol e até mesmo perdeu contato com a família.*

TEXTO 11

(27) *Seus amigos me ligam dizendo que não aguentam mais ouvir você falar nela, pois no começo estava ótimo, mas agora até pra sair, você precisa consulta-la, como se ela mandasse em você, você já não é o mesmo.*

TEXTO 16

(28) ***todos os seus amigos estão ligando*** para vocês saírem divertir mais você só sai com ela, eles ate afastaram de você.

Notamos pelos exemplos que não há uma cobrança explícita, o enunciador não expõe diretamente o seu desejo, mas pelo contexto, é possível depreender que por intermédio da figura dos amigos, o enunciador espera que consiga convencer o co-enunciador de que o seu relacionamento deve mudar, que deve voltar a se encontrar com os amigos para que tenha uma vida como antes.

Já no **exemplo 29**, o enunciador foi explícito em seus desejos, solicitando ao co-enunciador que se afastasse um pouco da namorada, haja vista perceber que esse tipo de namoro “grudento” não é adequado.

TEXTO 5

(29) ***Nós lhe pedimos*** que se afaste um pouco dela,

Como vimos, o enunciador fez uso reiterado de uma construção enunciativa que desobriga o enunciador da total responsabilidade sobre o que foi dito. O enunciador inseriu em seu discurso a presença de outrem, e assim, não assumiu sozinho a responsabilidade pelas afirmativas, dividindo com terceiros a responsabilidade pelo enunciado. Esse recurso de modalização isenta o enunciador de assumir sozinho o enunciado e ainda cede a ele a possibilidade de a qualquer momento em que for interpelado, poder negar a sua autoria única, responsabilizando, também, outrem pela assertiva.

A ação de inserir terceiros em seu discurso provoca um efeito de sentido e fortalecimento dos enunciados, pois havendo a presença de mais pessoas que confirmam o fato, se torna mais difícil negar a sua veracidade. Porém, por outro prisma, enfraquece a força que o enunciador tem em relação ao enunciado, pois para que fosse aceito pelo co-enunciador, foi obrigado a introduzir terceiros em seu discurso. Esse fato corrobora com a nossa tese de que a figura paterna instaurada nos textos não firma a sua autoridade perante o co-enunciador.

Outro recurso de modalização percebido nos discursos foi a utilização de verbos modais no futuro do pretérito do indicativo. Analisaremos o verbo modal *gostar*.

TEXTO 3

(30) **Gostaria** de saber como está sua amizade nesta nova vida

TEXTO 8

(31) mas eu **gostaria** que você se conscientizasse que está perdendo pessoas muito próximas a você em consequência do seu novo comportamento. Isso está lhe trazendo danos, e pode ser irreparável.

TEXTO 15

(32) **Gostaria** de induzí-lo a pensar e refletir carinhosamente sobre algo simples, mas que na minha concepção, não está totalmente correto.

TEXTO 22

(33) **Gostaria** de fala sobre o seu namoro com aquele rapaz que conheceu na faculdade o ano passado.

A utilização do verbo modal *gostar* no futuro do pretérito do indicativo tem a pretensão de instaurar um enunciado indicativo de incerteza de que o fato irá ocorrer. Ao utilizar esse verbo, o que o enunciador exprime é somente uma hipótese, uma dúvida sobre o fato.

O que percebemos é que o uso de verbos modais, que por si sós já enunciam um desejo, utilizados no futuro do pretérito, torna mais forte a imprecisão sobre a realização do que é desejado, dando mais autonomia de decisão ao co-enunciador.

Mais um recurso de modalização percebido foi a presença dos verbos no imperativo, que nos textos analisados depreendem um efeito de sentido de que algo está sendo pedido, está sendo solicitado ao co-enunciador.

Esses verbos foram recorrentes em diversos textos e por isso faz-se relevante que os estudemos.

No **exemplo 34**, houve o uso do verbo compartilhar.

TEXTO 2

(34) Filho, por favor, **compartilhe** comigo os seus momentos felizes e triste

O efeito de sentido foi de que o enunciador empregou o verbo com a intenção de pedir, solicitar algo ao co-enunciador. Esse efeito se firma por intermédio da expressão *por favor*.

Da mesma maneira que o verbo compartilhar, tivemos também nos **exemplos 35 a 38**, o uso do verbo *pensar* no imperativo.

TEXTO 4

(35) **Pense** bem no que você está fazendo, será que vale a pena deixar de dá atenção à família e os amigos por causa de uma menina.

TEXTO 14

(36) **Pense** no que eu te falei, divida o seu tempo entre seus amigos, família e namorado, e não só no namorado.

TEXTO 24

(37) Porisso o seu pai pede de coração filho **pense** nesta carta com carinho como você pensa nela.

TEXTO 27

(38) Filho **pense** bem nesse namoro, olhe só um namoro grudento não é bom você larga da família, dos amigos e de várias outras coisa.

Pense bem esse namoro pode estragar toda sua vida,

Percebemos que ao ser utilizado no imperativo, o verbo *pensar* instaura um pedido de reflexão no co-enunciador. Nesses momentos, há uma solicitação de que o co-enunciador reflita sobre as ações que tem tido, que são percebidas pelo enunciador como inadequadas. Contudo, notamos que há uma peculiaridade entre os **exemplos 35 e 38**, o ato de pensar independe de alguma ação praticada pelo enunciador, enquanto nos **exemplos 36 e 37**, o ato de pensar foi vinculado a uma ação realizada pelo enunciador. No **exemplo 36**, houve uma ação de o enunciador ter aconselhado o co-enunciador sobre o namoro, enquanto no **exemplo 37**, o ato foi de mandar a carta para o co-enunciador.

Percebemos, dessa forma, que a modalização instaurada pelo uso dos verbos no imperativo, que a princípio poderia aparentar que o enunciador estivesse emitindo ordens, ao ser observada a utilização desses verbos de maneira

contextualizada, é possível perceber que não há um tom de ordem, mas de pedido, de solicitação.

Nos momentos em que são percebidos os verbos no imperativo, o enunciador modaliza o efeito de sentido de ordem, utilizando expressões como: *por favor*, indicativas de que o que se dá não é uma ordem, mas, sim, um pedido e, dessa forma, destina ao co-enunciador o poder de decisão sobre o fato.

Outro recurso de modalização percebido nos textos foi o uso do verbo *achar*, orientando para um efeito de incerteza. Nos momentos em que o enunciador modaliza o seu discurso utilizando-se desse verbo, percebemos que há um efeito de indecisão sobre a atitude a ser tomada pelo co-enunciador.

Há dois efeitos de sentido que podem ser percebidos por meio da análise da utilização do verbo *achar* em diferentes contextos. Um deles é o fato de o enunciador afirmar o que acha, pensa. Sendo assim, dá a sua opinião e cede ao co-enunciador a possibilidade da decisão sobre a aceitação ou não do seu conselho.

TEXTO 17

(39) *resolvi te escrever esta carta para te falar o que **acho** sobre o seu namoro e te dar alguns conselhos*

TEXTO 18

(40) *mas **acho** que já está exagerando.*

TEXTO 21

(41) *filho se você não acha conveniente terminar o namoro, (mesmo que eu e sua mãe **achamos**) deixa de ser grudento, ninguém suporta esse “shenhenhen” de vocês o tempo todo, considera o que eu “tô” dizendo filho, é pro seu bem.*

TEXTO 22

(42) *Tem apenas dois anos que vocês namoram e **acho** que você esta muito apegada a ele e **acho** que vocês deviam terminar pois você pode se machucar muito pelo fato que não darra certo.*

Já nos exemplos seguintes, percebemos que o enunciador não expõe a sua opinião mas, sim, solicita ao co-enunciador que dê o seu parecer sobre o fato.

TEXTO 21

(43) *filho se você não **acha** conveniente terminar o namoro, (mesmo que eu e sua mãe achamos) deixa de ser grudento, ninguém suporta esse “shenhhenhen” de vocês o tempo todo, considera o que eu “tô” dizendo filho, é pro seu bem.*

TEXTO 22

(44) *Se **acha** que não devo me entrometer lhe pesso desculpa.*

Sendo assim, percebemos que o enunciador faz uso reiterado do verbo *achar*, indicativo de atitude proposicional que aponta para uma incerteza em relação à atitude que o co-enunciador tomará sobre o que foi enunciado. O enunciador expõe o que “pensa” ser correto, não emitindo uma certeza. Isso isenta o enunciador de entrar em embate com o co-enunciador se for inquirido sobre o que afirmou, pois assim pode isentar-se, dizendo que o exposto foi somente o que ele pensa, foi a expressão de uma opinião e não a emissão de uma certeza.

Percebemos que o enunciador, a figura de pai instaurada, é de alguém conselheiro, que não impõe, mas que emite uma opinião.

Em suma, mediante a análise dos textos, notamos que os recursos de modalização utilizados pelo enunciador⁵¹ foram recorrentes e produziram um efeito de sentido de isenção da sua responsabilidade sobre o que foi enunciado, havendo assim a possibilidade de, se ocorrer um enfrentamento de suas idéias com as do co-enunciador, poder eximir-se da culpabilidade pelos enunciados e afirmar que o dito foi apenas uma manifestação dos seus sentimentos, foi uma demonstração do que pensa, do que acha, não uma ordem. Também, percebemos que a isenção da sua responsabilidade pelos enunciados se deu por intermédio de inserção de terceiros em seu discurso. Sendo assim, notamos que o enunciador não impõe a sua opinião ao co-enunciador, evitando um possível confronto.

Como notamos, as marcas lingüísticas presentes nos textos puderam nos orientar para uma análise da figura paterna instaurada pelos sujeitos empíricos. A figura instaurada por eles é de um pai que não se posiciona como autoritário e que em muitos momentos cede ao filho (co-enunciador) o poder de decisão sobre o fato, e que em muitos momentos insere outrem em seu discurso para que tenha maior força persuasiva.

⁵¹ O enunciador “pai de adolescente”.

4.2.3.2 – As modalizações presentes nos textos gerados por intermédio da Proposta 2

Assim como nos textos desenvolvidos por intermédio da **Proposta 1**, os textos desenvolvidos por intermédio da **Proposta 2** também apresentam modalizações. Analisemo-nas para que possamos observar os efeitos de sentido instaurados através dos seus usos.

Inicialmente, percebemos que o uso da locução verbal: verbo auxiliar + verbo principal no gerúndio, foi recorrente. Essas locuções estiveram presentes em 13 dos 21 textos analisados, o que nos permite observar que 62% dos textos apresentaram essa construção verbal, e notamos que a maioria deles, foi percebida em mais de um enunciado no interior dos textos. Porém, os efeitos de sentido depreendidos por meio do seu uso foram diferenciados.

Notamos que em alguns contextos, o efeito instaurado por intermédio do uso dos verbos compostos no gerúndio, expõe uma ação que está sendo desenvolvida. Observemos:

TEXTO 5

(01) *Pude perceber que o meu relacionamento com o meu namorado **não está te agradando** nem um pouco*

TEXTO 6

(02) *ninguém vai substituir minha família é que eu gosto de saber tudo o que ele **está fazendo**. Eu sei que às vezes não dou atenção à vocês minhas as amigas eu não me sinto bem, mais pai **estou apaixonada** tenho de dar atenção a ele também.*

TEXTO 13

(03) ***Estou escrevendo** para dizer que não poderei ir para Porto Seguro passar as férias aí com o senhor*

TEXTO 14

(04) *O senhor **vive dizendo** que não é bom pra mim passar tanto tempo, assim como nós ficamos, juntos,*

TEXTO 19

(05) *Como já sabem **estou namorando** há algum tempo, porém, me parece que você ainda não sabem que realmente estou apaixonado e por isso estou tanto envolvido.*

No **exemplo 03**, percebemos um efeito de que a ação está acontecendo no momento da ação, isto é, o enunciado assertivo de que está escrevendo a carta ocorre simultaneamente à ação de escrevê-la. Nos demais **exemplos, 01, 02, 04 e 05**, temos um efeito de sentido indicativo de que há ações recorrentes no presente da enunciação, sendo assim, os atos de *agradar, fazer, estar apaixonada e escrever* revelam ações no presente contínuo, que são recorrentes naquele contexto, não querendo isso dizer que no momento em que o discurso ocorreu, estivessem praticando as ações anteriormente descritas.

Já nos **exemplos 06, 07 e 08**, percebemos que o efeito de sentido instaurado ao serem utilizados os verbos no gerúndio, alterou-se. Não há mais um indicativo de que as ações estejam ocorrendo simultaneamente à enunciação, mas há um efeito de amenizar o que foi exposto. Notamos que se a forma verbal utilizada fosse a forma simples, deixaria o fato exposto mais objetivo e direto. Ao utilizar a forma verbal composta, é possível notar uma maneira menos diretiva de expor o desejo do enunciador.

TEXTO 9

(06) *Sei que você já foi jovem, e **está entendendo** minha atitude e o momento no qual **estou passando**.*

TEXTO 17

(07) *Pai, acho que agora **você deve está entendendo** o quero dizer. Então, não reprima o meu namoro e sim supere-o, também **está me ajudando** a deixar de lado hábitos que eram vícios em minha vida e que você não gostava como: o futebol, amizades indesejadas e outros, **está lembrando**.*

TEXTO 20

(08) *Mesmo assim, sei que mudei muito, **estou sendo prejudicado** na Escola, os amigos **estão afastando** de mim, mas **estou fazendo** o maior esforço possível para vencer **está** fase de minha vida e espero contar com o seu apoio, que nestas horas é muito importante.*

Em relação aos **exemplos 06 e 07**, o enunciador expõe um desejo de que o co-enunciador realize alguma ação em prol do seu namoro, contudo, não a expõe de uma maneira objetiva, direta, a faz de uma forma mais amena, ato que nos permite inferir que possui respeito pelo co-enunciador, e, dessa forma, pode não querer ser diretivo, pois poderia dar um efeito de imposição aos enunciados. Já no **exemplo 08**, o efeito percebido é que o enunciador modaliza as suas próprias ações e as ações dos outros em relação a ele, possivelmente porque deseja amenizar o que foi enunciado.

Notamos também em outro contexto um efeito de sentido apreendido de que o uso do verbo composto no gerúndio, aponta-nos para uma ação futura. No **exemplo 09**, há o desejo do enunciador de que o co-enunciador compreenda o seu relacionamento.

TEXTO 5

(09) *Através desta, creio que você tenha mais calma e que tenha entendido o que eu sinto e **venha está me compreendendo** e fique do meu lado.*

Já no **exemplo 10**, não percebemos uma projeção para o futuro, mas, sim, para o passado. Não há nesse momento nenhum indicativo de que a ação continua em andamento no momento da enunciação.

TEXTO 5

(10) *Obrigada por me deixa te explicar o **que estava acontecendo comigo**.*

Enfim, o recurso de modalização, uso das locuções verbais: verbo auxiliar + verbo principal no gerúndio, foi recorrentemente utilizado. Essas construções enunciativas dão ao discurso um tom mais ameno e menos imperativo. E, percebendo que o enunciador não se posiciona enfaticamente, intuímos que o motivo pelo qual há a modalização é que o co-enunciador instaurado discursivamente é o pai, e por isso, possivelmente para demonstrar uma posição de respeito, o enunciador sentiu a necessidade de se posicionar de uma maneira mais amena, realizando um discurso mais brando.

Porém, mesmo apresentando um discurso ameno, o enunciador não se isenta de se posicionar de uma maneira enfática e objetiva no interior do discurso. Mesmo

que modalize em alguns momentos, em outros, deixa explícito em seu discurso, que já se decidiu em permanecer com o namoro e uma das formas de se instaurar essa objetividade é por intermédio da utilização do modo verbal no indicativo, que nos dá a idéia de certeza, de convicção do que ele quer. Notamos ao longo das nossas análises que o indicativo foi o modo verbal mais utilizado pelos enunciadores que se mostraram decididos, não deixando, em muitos momentos, ao co-enunciador o poder de decisão sobre as suas ações.

Um outro recurso de modalização presente nos textos foi o uso da expressão *Espero que*, que assim como o recurso de modalização anterior, provocou diferentes efeitos de sentido no interior dos discursos.

Observemos os **exemplos 11, 12 e 13**.

TEXTO 2

(11) *eu também já não agüento mais **espero que** o senhor entenda o que eu estou passando*

TEXTO 5

(12) ***Espero eu que** o senhor compreenda pois afinal, todo mundo já passou por isso.*

TEXTO 8

(13) ***Espero que** o senhor entenda e me mande respostas!*

Nesses exemplos, o enunciador faz um pedido de compreensão ao co-enunciador, solicita a ele que entenda o seu namoro. Nesses contextos, percebemos que não há especificamente uma ação, mas um trabalho com a emoção do co-enunciador, para que esse atenda à solicitação do enunciador. Já nos **exemplos 14, 15 e 16**, o efeito de sentido percebido foi diferente do anteriormente exposto.

TEXTO 9

(14) ***espero que** você aceite minha decisão.*

TEXTO 15

(15) ***Espero que** você atenda o meu pedido e entenda o nosso amor.*

TEXTO 16

(16) *Apesar da sua oposição quero que saiba que eu continuo te amando, e **espero de** com o tempo o senhor aceite meu relacionamento.*

Nesses exemplos, é possível notar que o enunciador espera do co-enunciador uma ação em relação ao namoro, que o aceite. Entendemos que a aceitação é diferente da compreensão e do entendimento, pois o fato de alguém entender ou compreender um namoro, não significa que tenha aceitado o relacionamento.

Já os **exemplos 17 e 18** não especificamente indicam que haja um desejo, o que pode ser notado é que o enunciador mantém a comunicação com o co-enunciador, a expressão *Espero que*, nesses enunciados, funciona como um artifício para que a enunciação seja iniciada.

TEXTO 15

(17) ***espero que** esteja tudo muito bem e tranquilo.*

TEXTO 18

(18) *Oi pai, tudo bem contigo? **Espero que** sim.*

Em suma, a expressão *Espero que* foi recorrente em vários textos, porém, os efeitos de sentido instituídos por intermédio da sua utilização foram diferentes, variando entre desenvolver a emoção no co-enunciador e estabelecer a comunicação entre o enunciador e o seu co-enunciador.

Percebemos, contudo, que as solicitações não são para que o co-enunciador decida algo para o enunciador, já que a decisão sobre o namoro já foi tomada, mas para que ele decida pelo aceite das decisões do enunciador. O enunciador afirma, assim, o desejo de que o co-enunciador compreenda uma decisão que já foi tomada e, não que ele decida sobre a permanência ou término do namoro.

Já em outros momentos, como nos **exemplos 17 e 18**, nota-se um cumprimento, uma saudação. O enunciador não objetiva repassar ao co-enunciador nenhum poder de decisão, somente há um ato de cumprimentar.

Percebemos que outro recurso de modalização utilizado foi o uso de verbos no imperativo. Ao observarmos essa utilização de maneira contextualizada, é

possível perceber que em alguns momentos a utilização se dá em tom de ordem, e, em outros, em tom de pedido. Observemos os **exemplos 19, 20 e 21**.

TEXTO 1

(19) **Fique** tranqüilo, eu sei o que eu estou fazendo.

TEXTO 11

(20) **Fique** tranqüilo porque nós nos amamos, a família dele gosta muito de mim, ele é e sempre será o homem da minha vida.

TEXTO 17

(21) Então, **não reprima** o meu namoro e sim **supere-o**, também está me ajudando a deixar de lado hábitos que eram vícios em minha vida

Nesses exemplos, há uma ordem em relação ao que foi exposto. O enunciador impõe o seu desejo ao co-enunciador. Já nos **exemplos 22 a 26**, o efeito de sentido percebido diferencia-se do anterior. É possível pressupor um efeito de pedido, de solicitação.

TEXTO 4

(22) *peço que o senhor **me compreenda** porque ao seu lado ficarei para sempre, mas ao lado dela só Deus sabe. Um abraço, **fique** com Deus!*

TEXTO 7

(23) *Então peço-lhe que **me entenda**, e que **compreenda** as minhas faltas com relação ao requisito família.*

TEXTO 12

(24) **Desculpe** se estou sem tempo para o senhor e a mamãe, mas é assim mesmo.

TEXTO 15

(25) *Por favor, **não reclame** mais da conta do telefone. Eu não estou gastando impulsos em vão.*

(26) *Papai vou me despedindo de você deixando um abraço e uma clemência: **Aceite-nos** como somos; gostamos de ser assim*

Nesses exemplos, os verbos no imperativo são utilizados em tom de solicitação, o enunciador pede ao co-enunciador que aceite o seu namoro. Esse pedido pode ser percebido por meio de expressões como: *por favor, desculpe, peço, clemência*; que acompanham os verbos no imperativo.

Assim sendo, observamos que nesses enunciados o enunciador não impõe as suas vontades ao co-enunciador, pelo contrário, solicita que aceite o seu namoro, que compreenda o momento que está passando, que não reclame de algumas ações praticadas. Porém, nos momentos em que se refere especificamente à permanência do namoro, o enunciador é objetivo e assertivo (enfático) em suas declarações, afirma veementemente que o namoro não será deixado e que essa é uma situação já definida. Dessa forma, podemos perceber que há a modalização em relação à aceitação ou não do namoro, mas não em relação ao seu término ou a sua permanência.

Observamos em nossos textos de análise a presença de mais um recurso de modalização, o uso do verbo “achar”, orientando os enunciados para um efeito de sentido de incerteza. Em alguns enunciados, a incerteza relaciona-se ao enunciador que expõe o fato que pensa estar correto, mas se isenta de afirmar veementemente esse fato. Vejamos os **exemplos 27 a 31**.

TEXTO 7

(27) Não **acho** e não vejo nada de mal nisso ou até mesmo que o nosso namoro e grudento como o senhor diz.

*Eu **acho** que isso contribui para que mais tarde possamos obter um bom relacionamento.*

TEXTO 10

(28) Na verdade **acho** que achei o amor da minha vida e por isso afastei de vocês

TEXTO 16

(29) É um pena que o senhor não queira conhece-lo, **acho** que acabaria gostando dele, pois vocês até pensam de forma parecida.

TEXTO 17

(30) Pai, **acho** que agora você deve está entendendo o quero dizer. Então, não reprima o meu namoro e sim supere-o,

TEXTO 18

(31) *nos entendemos muito bem, e **acho** que você pai, deveria entender minha relação com ele.*

Já nos **exemplos 32 e 33**, notamos que a indecisão se dá em relação ao co-enunciador. Nesses enunciados, o enunciador delega ao seu co-enunciador o poder de decisão sobre o fato. No **exemplo 32**, cede a ele (co-enunciador) a possibilidade de achar a namorada “grudenta” e, no **exemplo 33**, cede ao co-enunciador a possibilidade de achar o relacionamento do enunciador algo bonito, contudo, o que o co-enunciador “acha” não interfere no relacionamento do enunciador.

TEXTO 13

(32) *sei que **acha** ela muito grudenta, pega muito no meu pé*

TEXTO 15

(33) *Ele deixa de sair com os amigos sempre, só para ficar comigo. Não **acha** isso lindo?*

Sintetizando, observamos que a modalização instaurada por meio do uso do verbo *achar*, indicando uma atitude proposicional de incerteza em relação ao que será enunciado, cedeu ora ao enunciador, ora ao co-enunciador, um efeito de sentido de hipótese, de dúvida, de suposição em relação ao que foi enunciado.

Percebemos pela prática discursiva que o enunciador intui que o pai deveria aceitar o seu namoro, e expõe motivos pelos quais ocorre a não-aceitação paterna do seu relacionamento: o fato de não conhecer o (a) seu (sua) namorado(a) e o fato de achá-lo(a) muito grudento(a).

É importante salientar que a incerteza se dá em relação ao pai aprovar ou não o namoro, pois em relação à permanência do namoro, essa já é uma decisão tomada pelo enunciador.

Outro recurso de modalização reiterado nos textos foi o uso do verbo auxiliar modal *querer*, que impetra diferentes efeitos de sentido no interior dos discursos tendo em vista os contextos em que foi percebido. Em alguns enunciados, houve a exposição de um desejo do enunciador; em outros, uma imposição da sua vontade.

Observemos os exemplos seguintes.

TEXTO 4

(34) *ela é a minha prioridade no momento e **quero** aproveitar cada minuto que posso ficar ao lado dela*

TEXTO 9

(35) *Gosto muito de toda família, porém, adoro Mariana e **não quero** perde-la.*

TEXTO 12

(36) ***Quero** te dizer que o meu namoro, foi um modo para que eu aproveita-se mais, a presença de vocês e a do Andre.*

TEXTO 14

(37) *Com esse namoro **quero** que seja diferente que nada nem ninguém atrapalhe nosso amor.*

TEXTO 16

(38) *Apesar da sua oposição **quero** que saiba que eu continuo te amando, e espero de com o tempo, o senhor aceite meu relacionamento.*

Nos **exemplos 34 a 38**, observamos que o enunciador expõe a imposição da sua vontade. Mesmo que modalizada por meio do uso do verbo auxiliar modal *querer*, percebemos que há o estabelecimento de uma vontade. Nesses enunciados, o enunciador não cede ao co-enunciador o poder de decisão, pois essa já está tomada. O enunciador assevera que vai aproveitar todo o tempo que puder ao lado da amada, que não deseja perdê-la, que ninguém irá atrapalhar o seu namoro e que deseja que o co-enunciador aceite a sua decisão, haja vista essa já ter sido tomada. Essa imposição é corroborada com o uso do verbo *querer* no presente do indicativo, que nos indica uma ação que certamente está acontecendo. O uso desse modo verbal no tempo presente não nos deixa dúvidas, nem incertezas em relação à realização do fato.

Contudo, nos **exemplos 39 a 41**, não percebemos ter havido uma imposição de vontade por parte do enunciador, mas podemos intuir que houve a exposição de

um desejo. A própria utilização do verbo *querer* no pretérito imperfeito do indicativo nos dá a sensação de que o que será exposto, não será imposto.

TEXTO 12

(39) **Quería** te dizer que esses relacionamentos são assim mesmo, desculpe se estou sem tempo para o senhor e a mamãe, mas é assim mesmo.

(40) **Quería** te dizer também que amo muito vocês três, e esses relacionamentos quando estão no início são assim mesmo,

TEXTO 15

(41) Eu **quería** lhe pedir uma coisa. Por favor não reclame mais da conta do telefone.

Nos **exemplos 39 e 40**, percebemos que o enunciador expõe a sua vontade de dizer algo, e, no **exemplo 41**, o uso do verbo *pedir* corrobora com a nossa hipótese de que houve uma exposição de um desejo, pois, ao pedir, ao solicitar algo, há a isenção do efeito de sentido de que haja uma ordem, visto que cede ao co-enunciador o poder de decisão se irá ou não atender ao pedido realizado.

Em síntese, observamos que em alguns momentos o uso do verbo *querer* cede o poder de decisão ao co-enunciador. Porém, isso nem sempre ocorre. Em alguns textos, mesmo fazendo o uso do verbo “querer” que a princípio concede ao co-enunciador o poder de decidir se vai ou não acatar o pedido do enunciador, há momentos em que percebemos que o enunciador impõe a sua vontade, isentando, dessa forma, o co-enunciador do poder de decisão.

Outro recurso de modalização percebido foi o uso de verbos no subjuntivo, observemos:

TEXTO 5

(42) creio que você **tenha** mais calma e que **tenha** entendido o que eu sinto

TEXTO 6

(43) Sei eu **pudesse** pai ficaria colada com ele o tempo todo eu me sentiria bem mais feliz que eu já sou.

TEXTO 9

(44) *Mas quanto a você, meu pai, que é de minha família, eu jamais poderia imaginar que você **pedisse** para eu pensar em meu relacionamento.*

TEXTO 16

(45) *É uma pena que o senhor não **queira** conhecê-lo, acho que acabaria gostando dele, pois vocês até pensam de forma parecida*

(46) *Apesar da sua oposição quero que **saiba** que eu continuo te amando, e espero de com o tempo, o senhor aceite meu relacionamento.*

Como observamos, o uso do subjuntivo foi notado em poucos textos. Esse fato nos faz intuir que, como a utilização desse modo verbal provoca um efeito de sentido de incerteza em relação ao que é enunciado, o enunciador praticamente se eximiu de utilizá-lo, fato que vem corroborar a nossa tese de que o enunciador se posiciona como alguém decidido, que toma as suas decisões e as impõe ao seu co-enunciador.

Em suma, ao analisarmos a modalização utilizada nos textos, percebemos que os enunciadores instaurados (filhos) se instituem como filhos respeitosos. Um dos meios de modalização que é utilizado por eles é o uso recorrente do pronome de tratamento “senhor”, utilizado na maioria dos textos, indicando respeito e consideração ao seu co-enunciador.

Outra marca lingüística instaurada nos textos, indicativa de respeito, é a utilização do verbo auxiliar + verbo principal no gerúndio, o que demonstra que eles nem sempre se posicionam diretamente e deixam ao co-enunciador poderes de decisão sobre a aceitação ou não do namoro. Nesses contextos, o enunciador não impõe ao co-enunciador a aceitação do seu namoro, mas sim, solicita a esse que o aceite.

Porém, percebemos que a modalização indicativa de poder de decisão ao co-enunciador ocorre nos momentos em que há referência à aceitação ou não do namoro, contudo, quando se refere à permanência do namoro, percebemos que a modalização se torna diferente. Nesse momento, o enunciador já se posiciona no interior dos textos de uma maneira objetiva e direta. Notamos que há uma

recorrência no uso do modo indicativo, o que nos possibilita refletir que o enunciador se institui discursivamente de uma maneira objetiva.

A análise das modalizações demonstra que a imagem de adolescente instaurada nos textos é de alguém decidido, que sabe o que faz e o que quer, que conhece os seus próprios sentimentos, mas que mesmo assim, tem respeito pela figura de pai, instaurada discursivamente como co-enunciador.

O enunciador discorda do posicionamento do co-enunciador em relação ao seu namoro, mas informa isso de maneira educada, de maneira que não o ofenda.

Em suma, quando observamos os efeitos de sentido depreendidos por meio do uso das modalizações no interior dos discursos, é possível perceber que no momento em que o enunciador refere-se aos sentimentos do co-enunciador em relação ao namoro, utiliza-se dos verbos *querer*, *achar*, bem como da expressão *espero que*, há também o uso do modo verbal no subjuntivo. Quando a modalização refere-se à **Proposta 1** de escrita, o enunciador demonstra incerteza dos pais em relação ao namoro. Porém, quando há a exposição dos sentimentos através da **Proposta 2**, o enunciador modaliza o seu discurso de forma que expresse certeza da decisão tomada em relação ao seu namoro. Quando expõe os seus argumentos em prol do namoro, o faz por intermédio dos verbos no modo indicativo, sendo objetivo.

Sendo assim, o que podemos intuir é que no momento em que o nosso sujeito se posiciona como enunciador (pai de adolescente), ele se instaura discursivamente como um sujeito sem voz ativa, que não se impõe no interior do seu discurso. Ele instaura um *ethos* de um pai não autoritário, que em alguns textos se posiciona como amigo, como conselheiro, como aquele que se preocupa com o bem estar do filho, enfim, como alguém próximo ao filho. Vemos que aquela figura de pai autoritário não fez parte do imaginário dos nossos sujeitos empíricos.

Já quando o enunciador se posiciona como adolescente, se mostra mais objetivo, demonstrando que tem autonomia e que é senhor dos seus atos.

5. A INTERFERÊNCIA DO PREESTABELECIDO SOCIAL NA INSTAURAÇÃO DO *ETHOS*: RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS

Toda tomada de palavra é, com efeito, em diversos graus, incursão em risco, sobretudo quando se trata de gêneros ou de tipos de discurso que têm necessidade de se impor contra outros pontos de vista e de provar uma adesão que está longe de ser dada. (MAINGUENEAU, 2006, p.113)

Em busca de se saber como se encontra a relação familiar entre pai e filho na atualidade, objetivamos desvendar como se instaura o *ethos* paterno e o *ethos* do filho no atual contexto social. Sabemos que os textos a serem analisados apresentam problemas de acordo com as regras e conceitos da gramática normativa, mas não nos prenderemos a eles.

Os nossos estudos serão realizados à luz de alguns conceitos desenvolvidos dentro da Análise do Discurso, haja vista que ela remete o texto ao discurso e esclarece as relações deste com as formações discursivas, refletindo sobre as relações delas com a ideologia (MAINGUENEAU, 2002, p. 54-57). Como já anteriormente afirmado, interessa-nos o texto, neste estudo, não como objeto final de sua explicação, mas como algo que nos permite ter acesso ao discurso.

É por meio da linguagem que o sujeito se constitui e instaura o seu *ethos* discursivo, deixando as suas marcas no texto. É por intermédio dos discursos proferidos que somos capazes de desvendar os segredos mais íntimos que o locutor vai revelando em seus discursos, somos capazes de desvendar até o que muitas vezes nem mesmo o enunciador percebe.

Objetivando analisar, a partir das marcas lingüísticas, os efeitos de sentido que se instauram nos discursos, seguiremos a análise dos textos que fazem parte da nossa investigação. Preocupar-nos-emos com a construção do *ethos* discursivo e com os argumentos utilizados para a construção do mesmo, bem como com formação discursiva, com o interdiscurso, etc.

5.1 – Análise dos textos com a primeira proposta de escrita

A situação empírica em que foi desenvolvida a execução desta tarefa⁵² exigiu que os alunos realizassem um simulacro de uma situação vivida por muitos adolescentes na atualidade. Situação em que eles têm um relacionamento constituído por um namoro “grudento”. Tendo em vista o namoro, eles deveriam redigir uma carta como se fosse o pai desse adolescente. A partir desse simulacro, desejamos analisar como se instaura, nos textos desses adolescentes, o *ethos* paterno. Concordamos com Maingueneau (2005, p.55) quando afirma que “os Sujeitos não escolhem ‘livremente’ os seus discursos”, pois estão historicamente determinados e quando se inscrevem em uma competência discursiva estabelecida, apossam-se dos discursos que são proferidos e recorrentes naquele contexto para que possam se adequar linguisticamente.

O adolescente, para escrever o seu texto tendo em vista a proposta, deve ter apreendido as “regularidades interdiscursivas historicamente definidas” (MAINGUENEAU, 2005, p.55) para que seja capaz de adequar o seu discurso à situação.

Os sujeitos enunciam a partir de um “posicionamento” ou de outro, sendo assim, o sentido de suas palavras dependerá da posição da qual o sujeito enuncia. Observemos por intermédio da proposta de escrita, qual é o primeiro posicionamento que o aluno deverá ocupar durante a escritura da sua carta:

Imagine que você seja um pai de um adolescente que está tendo um “namoro grudento”. Preocupado com a situação e desaprovando o tipo de relacionamento do filho, redija uma carta a ele, tentando convencê-lo a repensar o seu tipo de namoro. Procure explorar as informações presentes nos textos.

Realizaremos uma análise do *ethos* paterno instaurado nos textos produzidos pelos alunos.

⁵² Como exposto anteriormente, a situação foi a escritura de textos por alunos do Ensino Médio na sala de aula.

Sabendo desse fato e conhecendo a figura paterna, bem como os seus discursos, os adolescentes ao terem em mãos a proposta de escritura, adequaram-se e reproduziram os discursos que eles consideram ser freqüentes entre os pais.

5.1.1 – Da cena da enunciação

A cena da enunciação é responsável por orientar o enunciador a moldar o seu discurso, é a situação que deve ser observada para que o discurso seja pertinente. Como afirma Maingueneau (2006, p. 47) a cena é uma situação de enunciação e essa situação “não é, com efeito, um simples quadro empírico, ela se constrói como *cenografia* por meio da enunciação.” E complementa que

-grafia é um processo de inscrição legitimante que traça um círculo: o discurso implica um enunciador e um co-enunciador, um lugar e um momento da enunciação que valida a própria instância que permite sua existência. Por esse ponto de vista, a cenografia é ao mesmo tempo dada e construída. (MAINGUENEAU, 2006, P. 47)

A cena de enunciação engloba três cenas: englobante, genérica e cenográfica.

5.1.2 – Da cena englobante

A cena englobante é a responsável pelo tipo de discurso a que a mensagem pertence. É por intermédio dessa cena que o interlocutor se orienta na interpretação dos enunciados que foram proferidos, e interpreta com qual finalidade o discurso foi organizado. Conforme Maingueneau (2006, p.111), é uma caracterização mínima, mas que tem a sua importância, pois “define o estatuto dos parceiros e um certo quadro espaciotemporal.”

Analisar somente a cena englobante não é suficiente para caracterizar “as atividades discursivas nas quais se encontram engajados os sujeitos.” Por isso, Maingueneau (2006) propõe o estudo de outra cena, a cena genérica.

5.1.3 – Da cena genérica

Como a cena englobante não é suficiente para descrever com propriedade o contexto de enunciação, devemos observar também a cena genérica correspondente aos gêneros do discurso que se desenvolvem na enunciação, isto é, de acordo com o gênero discursivo, há uma predeterminação dos papéis sociais dos enunciadores envolvidos no processo, da finalidade do discurso, dos rituais sócio-linguageiros, etc.

Conforme Maingueneau (2006), tanto a cena englobante, quanto a cena genérica são responsáveis por definir “o espaço estável” no qual o sentido do enunciado é instaurado. E ainda afirma que há muitos casos nos quais a cena de enunciação é reduzida a essas duas cenas, não existindo, assim, a cenografia.

Contudo, a cenografia, mesmo que não podendo ser percebida em alguns casos de textos, como por exemplo, em uma conta de energia elétrica, não se faz menos importante. Em nosso trabalho, é nela que vai se fixar a nossa investigação, haja vista que por intermédio da cenografia é que os discursos de pai e de filho serão instaurados.

Sendo assim, as cenas englobante e a genérica nos auxiliarão na análise discursiva, mas o que no nosso estudo será de grande relevância é o estudo da cenografia.

5.1.4 – Da cena cenográfica e da constituição do *ethos* discursivo

Para melhor compreendermos os enunciados produzidos nas cartas redigidas pelos nossos alunos, utilizaremos as noções de cenografia e *ethos*, embasados em Maingueneau (2005; 2006). Para o autor, a cenografia é a mais importante das três cenas expostas, a partir de uma boa elaboração da cenografia, é possível colocarmos as duas cenas anteriores em um segundo plano, ou até mesmo transformá-las em cenas diferentes.

Conforme o referido autor, a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso se mostrasse inesperadamente no interior de um

espaço já construído e independente dele, ao contrário, ela deve ser instituída no discurso tendo em vista o efeito de sentido que o enunciador quer instaurar no texto, a partir da cena de enunciação que a legitima. A cenografia, que é construída no e pelo texto, é responsável pela cena de fala da qual o texto origina-se.

Em uma cenografia devem ser instauradas simultaneamente as figuras de enunciador e de co-enunciador(es), bem como uma cronografia e uma topografia, das quais devem emergir o discurso. A cronografia refere-se ao tempo em que o enunciador enuncia, e a topografia, ao lugar de onde enuncia. Para que haja uma adequação discursiva, é necessário que os enunciadores se instaurem discursivamente em formações delimitadas. Vale ressaltar que estamos nos referindo ao discurso e em nenhum momento devemos retomar o sujeito empírico.

A formação discursiva institui um *ethos* dos enunciadores e estabelecem um modo de enunciação. Assim, essas categorias que constituem a cenografia nos permitirão depreender a imagem paterna instaurada pelos adolescentes em seus textos, resumindo, qual o *ethos* paterno instituído discursivamente pelos adolescentes. Nesse sentido, a análise da cenografia e tudo o que a constitui se faz pertinente neste trabalho, pois nos fornecerá pistas para responder uma parte da nossa pergunta de pesquisa: como se constrói o *ethos* paterno nas redações dos alunos provenientes do Ensino Médio. Vejamos, então, a análise de alguns dos textos provenientes da **Proposta 1**.

TEXTO 1

Januária, 14 de dezembro de 2006

Eduardo⁵³,

Escrevo-te esta carta, porque tenho notado que você tem passado a maior parte do seu tempo com sua namorada, esquecendo dos seus compromissos, deixando a desejar em seus estudos e no trabalho, você está prejudicando sem perceber; sua rotina, hoje, gira em torno do seu relacionamento.

Percebo que até seus amigos tem se distanciado de você, ou será o contrário? Desta forma, meu filho você vai deixar de aproveitar a melhor fase de sua vida, não quero

⁵³ Os nomes dos enunciadores e co-enunciadores são fictícios.

que quando for tarde demais você olhe para trás e veja que não obteve êxito em sua juventude. Espero que não me entereprete mau, pois tanto eu quanto seus amigos, queremos o seu bem, não estamos recomendando que você termine seu namoro, mas sim, que reveja seus conceitos e atitudes sobre um relacionamento a dois.

Atenciosamente

Ademar

A produção textual inicia-se com o vocativo representado somente pelo nome do co-enunciador, não houve em um primeiro momento nenhuma manifestação de carinho nem a preocupação do enunciador em se instaurar discursivamente como pai, por exemplo, chamando o co-enunciador de “filho”. Logo após, o enunciador expõe os motivos pelos quais se deteve e escreveu esta carta, pois estava preocupado com as atitudes que o co-enunciador estava apresentando em relação ao namoro, isolando-se socialmente em prol desse namoro, argumenta que essa atitude poderia prejudicá-lo, fazendo com que perdesse os amigos e não aproveitasse a sua juventude. Em seguida, o enunciador solicita ao co-enunciador que o compreenda, pois só quer o que é melhor para ele, e solicita, ainda, que repense algumas das suas atitudes em relação ao namoro. Não há um preâmbulo de despedidas e o fecho se dá com a utilização de fechamento recorrente em cartas formais “Atenciosamente”, seguido de assinatura.

Em relação à cena englobante, o discurso que se instaura na produção textual dos alunos é o paterno, percebido por, ao longo do discurso, serem abordados temas que são recorrentes na formação discursiva paterna, como: a preocupação que os pais têm em relação aos estudos do filho; a preocupação paterna em relação às possibilidades de trabalho que o filho vai ter ao longo da vida; e a preocupação com o futuro do filho, tanto profissional, quanto pessoal. O discurso paterno também é caracterizado pelo uso do vocativo “Filho”, que se dá somente no meio da carta.

Como a cena englobante não é suficiente para especificar as atividades discursivas em que se encontram engajados os sujeitos (MAINGUENEAU, 2006; p.112), analisaremos a seguir a cena genérica e a sua constituição.

A cena genérica pode ser caracterizada pelo suporte material, que será recorrente em todos os textos a serem analisados: o papel manuscrito; e pela

finalidade, que em todos os textos redigidos por meio da **Proposta 1** deve ser semelhante, um pai tentando convencer o filho a repensar a forma do seu namoro, e para isso, teria que redigir uma carta. Para realizar a atividade proposta, escrever um texto epistolar, o enunciador utiliza a estrutura reiterada em cartas: há a presença do local e da data; há o uso de um vocativo “Eduardo”, seguido pelo texto; há uma despedida em forma de fecho “Atenciosamente”; bem como a assinatura. Para que se instaurasse como pai, o enunciador optou por se posicionar discursivamente de uma maneira formal, empregando expressões como a utilizada no início da carta “Escrevo-te esta carta”, característica de correspondências formais, o próprio fecho “Atenciosamente”; houve o uso de expressões como “Escrevo-te”, “Desta forma”; “Espero que”; fez uso adequado dos verbos no subjuntivo “olhe”, “veja”, “termine”, “reveja”, que são mais comuns em textos escritos e mais formais, que em textos informais e falados⁵⁴ e assim dão um tom de formalidade ao discurso. Dessa forma, percebemos a formalidade presente no discurso.

Conforme Maingueneau (2006, p.112), as cenas

englobante e genérica, definem em conjunto o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentido, isto é, o espaço do tipo e do gênero de discurso. Em muitos casos, a cena de enunciação reduz-se a essas duas cenas; porém, uma outra cena pode intervir, a **cenografia**, a qual não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, sendo instituída pelo próprio discurso.

Como na cena de enunciação, na cenografia não há a imposição das cenas englobante e genérica, e é nela que o discurso se instaura. Analisemos como se desenvolve o discurso paterno instaurado pelo enunciador no texto em questão. O discurso que se constitui é cheio de modalizações.

Um recurso de modalização utilizado foi o uso da locução verbal: verbo auxiliar + verbo principal no gerúndio. Pudemos observar que a utilização dessa forma nominal verbal provoca um efeito de sentido de maior maleabilidade ao que está sendo exposto. Neste momento, o enunciador abrandava o seu discurso,

⁵⁴ Em pesquisa de mestrado desenvolvida por Neta (2000), na qual analisou dentre outros assuntos, o uso dos verbos no imperativo, concluiu que é altamente recorrente o uso de formas do presente do indicativo por formas do presente do Subjuntivo. Um fator que fortalece essa troca é o grau de escolaridade. Sendo assim, objetivando se posicionar de uma maneira mais formal no interior do seu discurso, o enunciador utiliza esse modo verbal. Percebemos, dessa forma, que o sujeito empírico ao se instaurar como pai, deseja passar mais formalidade, é a percepção de respeito que tem pela figura paterna.

tornando-o menos objetivo, isentando-se, assim, de ser muito enfático, e se mostrando com menos autoridade e de uma maneira indireta. Dessa forma, orienta o seu co-enunciador a perceber que o conteúdo proposicional deve ser interpretado como uma maneira delicada, agradável de se expressar.

No enunciado seguinte, em apreciação, constatamos os efeitos de sentido explicitados anteriormente:

(01) porque tenho notado que você tem passado a maior parte do tempo com sua namorada, esquecendo dos seus compromissos, deixando a desejar em seus estudos e no trabalho, você está prejudicando sem perceber.

Percebemos que se a forma verbal utilizada fosse a forma simples, essa deixaria o fato exposto mais objetivo e direto, pois ao utilizar o modo verbal do indicativo simples, temos um efeito de sentido de que o que será dito é algo indicativo de certeza, de objetividade, de decisão em relação ao que será enunciado.

Outra modalização percebida no texto foi a utilização da expressão “Espero que”. Observemos:

(02) Espero que não me entreprete mau

Ao utilizar essa expressão, o enunciador indica o seu desejo ao co-enunciador, informa a ele o que pretende, exprime o que deseja que o co-enunciador faça, e repassa a ele a responsabilidade pela decisão, se irá ou não realizar o que lhe foi solicitado. Nesse momento, o enunciador isenta-se, por não querer ou não poder, da autoridade em relação ao co-enunciador e, assim, concede a ele o poder de resolver o assunto da maneira que achar mais acertada.

Um outro recurso modalizador utilizado pelo enunciador foi o uso de uma construção enunciativa responsável por sua desobrigação da total responsabilidade sobre o que foi dito. Percebemos nesse contexto, que há a inserção de vozes de outros em seu discurso, remetendo a terceiros não envolvidos no processo enunciativo a responsabilidade pelo enunciado.

(03) pois tanto eu quanto seus amigos, queremos o seu bem

Nesse caso, a responsabilidade pelo enunciado é dividida com os amigos do co-enunciador. Esse recurso de modalização é responsável pela isenção do

enunciador de assumir sozinho o enunciado e a qualquer momento em que for interpelado, poder negar a sua autoria única, responsabilizando, também, outrem pela assertiva.

O fato de inserir terceiros em seu discurso fortalece o que é afirmado, pois há a presença de mais pessoas que confirmam o fato. Porém, enfraquece a força que o enunciador tem em relação ao enunciado, pois para que fosse aceito pelo co-enunciador, foi obrigado a introduzir terceiros em seu discurso. Esse fato corrobora com a nossa tese de que a figura paterna instaurada nos textos dos adolescentes não firma a sua autoridade.

Percebemos ainda o uso de negação polêmica, como no seguinte exemplo:

(04) não estamos recomendando que você termine seu namoro, mas sim, que reveja seus conceitos e atitudes sobre um relacionamento a dois.

Esse fato revela que o enunciador se posiciona no lugar de um pai que não impõe a sua autoridade, mas que aconselha o seu co-enunciador, porque aquilo que pensa e deseja que o filho faça, não se apresenta em forma de ordem e, sim, de aconselhamento, mesmo quando é utilizado o verbo no modo imperativo que deveria indicar a autoridade, ordenamento, ele faculta ao filho o poder de decidir sobre a sua própria vida.

Notamos pela dêixis discursiva de espaço, a presença de um pai preocupado com o relacionamento do filho e com as conseqüências desse namoro. O tom em que o enunciador se expressa é de um pai preocupado, conselheiro, mas que ao mesmo tempo procura ser formal, demonstrando um distanciamento em relação ao filho.

Um recurso de argumentação utilizado foi o enunciador trazer para o interior de seu texto crenças e valores reiterados em nossa sociedade e que no texto se constituíram como argumentos. O enunciador implicitamente recorreu a realidades exteriores e preexistentes ao seu texto e no momento em que foram utilizadas serviram de argumentos para convencer o co-enunciador.

(05) Escrevo-te esta carta, porque tenho notado que você tem passado a maior parte do seu tempo com sua namorada, esquecendo dos seus compromissos, deixando a desejar em seus estudos e no trabalho, você está prejudicando sem perceber; sua rotina, hoje, gira em torno do seu relacionamento.

Percebemos que o enunciador trouxe para o interior de seu texto crenças e valores reiterados em nossa sociedade, como a importância de se honrar com os compromissos de um modo geral, a importância de se estudar, e de ser responsável com os assuntos de trabalho. Dessa forma, fez com que o seu discurso tivesse mais credibilidade. Sendo assim, essas crenças e valores inseridos nos textos são responsáveis por constituírem um universo onde estão inseridos o enunciador e o co-enunciador - no texto em questão, pai e filho, respectivamente - e, por isso, são utilizados esses argumentos característicos da formação discursiva de pai e da formação discursiva de filho.

É possível realizar também uma análise pressuposicional no discurso. Ao afirmar que o filho “*tem passado a maior parte do tempo com a namorada, esquecendo dos seus compromissos, deixando a desejar em seus estudos e no trabalho*”, o enunciador nos faz perceber que, antes, o co-enunciador se apresentava com maior responsabilidade nesses assuntos, pois se preocupava com os compromissos assumidos, com os estudos e com o trabalho. Porém, a partir do início do namoro, essas preocupações foram esquecidas, deixadas de lado, fato que faz com que o enunciador se preocupe com as conseqüências decorrentes dessa falta de compromisso.

Outro pressuposto que podemos observar é que o co-enunciador tinha proximidade com amigos, o que deixou de acontecer devido o namoro.

O enunciador traz para o seu texto uma voz que não é sua, mas, sim, de toda a família, dos amigos. Neste momento, o enunciador traz a família e as amizades para o interior do discurso, pois são eles quem são capazes de asseverar esse fato. Como o enunciador faz parte da família, também se responsabiliza pelo pressuposto.

A cronografia se constitui pelo posicionamento do pai no tempo presente e pela preocupação com o futuro do filho, um pai que no momento em que escreve está aflito com as atitudes do filho, pois estas podem prejudicá-lo em um futuro próximo.

Percebemos, assim, que o *ethos* constituído nesta cenografia discursiva é de alguém que se preocupa com o bem estar do seu co-enunciador, alguém que se inquieta com os atos realizados pelo co-enunciador e debate sobre quais poderão ser as conseqüências advindas se continuar a agir da mesma forma.

A partir do exposto até o presente, percebemos que o *ethos* fundado é de um pai zeloso, um pai conselheiro, um pai preocupado com o bem estar e com o futuro do seu filho, pois o alerta de tudo o que está fazendo de errado atualmente, bem como chama a sua atenção para possíveis problemas futuros, que certamente virá a ter se continuar a agir da maneira como vem agindo. Porém, esse pai que se instaura, mesmo se preocupando muito com o filho, não impõe a autoridade necessária para obrigá-lo a seguir os seus conselhos, pois esses são somente pedidos, solicitações e não ordens. O pai se instaura como um conselheiro e por isso, não-autoritário. Observemos:

(06) não quero que quando for tarde demais você olhe para trás e veja que não obteve êxito em sua juventude.

Pela análise da carta, é possível perceber que o estereótipo de pai que o adolescente tem formado e que instaurou em seu texto é bastante diferente daquela imagem do sistema patriarcal do século XVIII. O pai está sendo instituído como alguém que não pratica uma autoridade, como aquele que para dar conselhos pede desculpas ao filho. Como podemos observar no trecho seguinte:

(07) Espero que não me entereprete mau, pois tanto eu quanto seus amigos, queremos o seu bem

A escolha de uma tese adequada de defesa do seu ponto de vista é a base da construção argumentativa. Trata-se da escolha de um posicionamento, ou seja, para que sua tese seja aceita, o enunciador insere-se em uma ou mais formações discursivas que corroborem com as condições sócio-históricas adequadas àquele lugar e àquele co-enunciador.

O nosso sujeito empírico, tendo ciência desse fato e percebendo a importância de se posicionar adequadamente no discurso, faz uso do seu conhecimento interdiscursivo e insere-se em uma formação imaginária. Percebemos a existência de uma formação imaginária prévia, há um interdiscurso de que o pai é aquele que se preocupa com o seu filho, que se preocupa em dar a ele bons estudos para que consiga um bom emprego, que lhe dê uma estabilidade. O nosso aluno, tendo conhecimento desse interdiscurso e objetivando atingir a sua meta instaura a figura de pai como conselheiro, como amigo preocupado com o futuro do filho.

Em suma, o enunciador, tendo uma proposta do *ethos* (pai), adaptou-se a esse *ethos* tendo em vista o estereótipo de pai constituído em sua formação imaginária.

É de fato essencial no desenvolvimento dessa proposta que os sujeitos empíricos tivessem muito bem formado o estereótipo de pai para que conseguissem se estabelecer discursivamente.

Assim, percebemos que no texto há um discurso impregnado de afeto. O *ethos* quis persuadir o seu interlocutor por meio da emoção. Ele mostrou ao seu co-enunciador que o que estava falando era para o seu bem, e o que desejava ao co-enunciador é que fosse feliz.

TEXTO 2

Januária, 14 de dezembro de 2006

Querido filho. Venho através desta, primeiramente, para parabeniza-lhe por mais um ano de vida, o seu aniversário de 16 anos. E principalmente para conta-lhe um pouco do meu namoro a uma garota, a sua mãe.

Eu tinha, praticamente a sua idade quando conheci a sua mãe. Isso aconteceu no CEFET-Januária. Ela estudava na mesma série que eu, mas em turmas diferentes. A primeira vez que a beijei foi em uma festa de escola, e a partir de então todos os dias tínhamos que ficar juntos.

Na época para o namoro ser oficializado, o namorado tinha que pedi a permissão do pai da garota para namorá-la. No meu caso, isso não foi difícil, pois seu avô admirava-me muito.

A partir da permissão ao nosso namoro todos os dias ficávamos “grudados”. Isso no início do namoro foi bom demais, mas depois ambos começamos afastarmos dos nossos amigos e até mesmo dos familiares. Nós não conseguimos perceber isso, pois esse namoro “grudento” impedia. Só conseguimos perceber essa situação quando seu padrinho Robson, na época nosso melhor amigo, nos disse que o nosso namoro tornou-se algo contrário a amizade. Então percebemos que realmente o nosso namoro “grudento” estava nos fazendo afastar de pessoas queridas. Com isso conseguimos fazer uma conciliação do nosso namoro de forma a não nos afastarmos destes. E fruto desse namoro de várias fases, nasceu você meu filho, a quem damos muito amor.

Após a morte de sua mãe, sinto ainda mais no dever, de lhe dá conselhos. E um deles é que esse namoro seu, aí em Montes Claros, não se torne àquele namoro “grudento” que eu e sua mãe tínhamos.

Filho, por favor, compartilhe comigo os seus momentos felizes e triste. Mande-me notícias suas!

Atenciosamente,

De um pai que te ama muito...

O enunciador começa a produção textual com saudações carinhosas ao filho, parabenizando-o pela passagem do seu aniversário, já se colocando, desde o início, como um pai amoroso, que faz questão de se lembrar de datas importantes na relação familiar pai-filho, no caso em questão, o aniversário do filho. Após, realiza a narração da história de amor vivida por ele e pela sua namorada (a mãe do co-enunciador). Narra que quando adolescente namorou uma colega de colégio, autorizado pelo pai da moça. No início, tiveram um namoro que começou a prejudicá-los, pois ficavam juntos a todo momento. Esse tipo de relacionamento foi interrompido pelos conselhos de um amigo. O namoro se transformou em casamento e eles tiveram um filho, o co-enunciador. Em seguida, o enunciador afirma que devido à morte da esposa, se vê no dever de cuidar do filho, aconselhando-o a não agir como ele agiu um dia. Finaliza o texto suplicando ao filho que esteja sempre em contato e conte com ele em todos os momentos. O fechamento do texto se dá de uma maneira formal, utiliza apenas um “Atenciosamente”.

A cena englobante trata-se de um discurso familiar, pois são abordados temas que se referem à família: aniversário do filho, lembranças de um passado relacionado ao namoro com a esposa falecida, preocupação paterna e morte da mãe. Pelos temas ora citados, é possível notar que o enunciador instaurou-se na formação discursiva paterna, fazendo uso de discursos que são reiterados nessa formação.

Como, para especificar as atividades discursivas nas quais os sujeitos se encontram engajados, a cena englobante nem sempre é suficiente, observemos a seguir a cena genérica e a sua constituição.

Em relação à cena genérica, o enunciador tem um objetivo a ser alcançado, a redação de uma carta em que um pai convença o filho a repensar a sua forma de namoro. O suporte material utilizado foi o texto manuscrito, e para que o objetivo fosse alcançado, a estrutura de uma carta foi respeitada, podendo-se notar a presença de local e data, bem como o uso do vocativo “Querido filho”, que veio seguido por uma introdução característica de correspondências formais, de correspondências técnicas “Venho através desta, primeiramente”. Logo em seguida, foram expostos o texto, o fecho “Atenciosamente” e a assinatura. Na tentativa de se adequar ao discurso paterno, o enunciador utilizou um discurso formal, marcado pela introdução realizada de uma maneira formal, como explicitado anteriormente, pelo uso do fecho “Atenciosamente”; pela utilização de verbos no imperativo, como “compartilhe”, “Mande-me”. Mas notamos que a formalidade foi relegada a um segundo plano, só sendo percebida na introdução e no fechamento da carta e, ao longo do texto, mesmo que utilizando verbos no imperativo, o tom do discurso é de amizade. Durante o texto, o enunciador instaurou-se como um amigo, conselheiro do filho. O que podemos intuir é que a formalidade esteve presente somente em momentos nos quais o sujeito empírico utilizou-se de modelos preexistentes para redigir um texto epistolar e, apossando-se desses modelos, tornou-se formal. Contudo, no transcorrer do texto, a formalidade praticamente inexistiu, o enunciador que se instituiu no texto, não deixou de ser carinhoso, amigo, conselheiro, ao narrar a história do seu namoro com a mãe do co-enunciador.

Neste texto, constatamos a utilização de recursos de modalização. Dentre eles, o mais destacado foi o recurso de modalização vinculado à estruturação do texto que se deu de modo narrativo. A organização discursiva ficou envolta em uma atmosfera de amizade, de cumplicidade entre o enunciador e o co-enunciador. O discurso como um todo direciona para um sentido de amenização do pedido do enunciador para que o co-enunciador repense a sua forma de namoro.

O enunciador utiliza-se de uma estratégia de argumentação vinculada ao desenvolvimento da emoção no co-enunciador. Para conseguir a adesão do co-enunciador, realiza o relato da vida amorosa de uma maneira muito emotiva, especialmente pelo fato de utilizar a figura da mãe, pois essa já havia falecido. Sendo assim, percebemos que por intermédio da estratégia argumentativa vinculada à emoção, o enunciador procurou criar um *pathos* favorável, fazer com que seu co-enunciador se emocionasse e, assim, aderisse ao seu discurso.

Observamos que o enunciador se posiciona no discurso como um pai sem intenção de impor a autoridade, ele se preocupa em demonstrar que é um pai amoroso, preocupado com o bem estar do filho e que se posiciona como amigo. Para atingir o seu objetivo, o enunciador faz uso de recursos de modalização que fortalecem o efeito de sentido da não-intenção de demonstrar a autoridade da figura paterna através dos enunciados, mas sim, afirmar o seu desejo de ser amigo do filho, havendo dessa forma a afirmação de que o que foi exposto é apenas um conselho.

(1) sinto ainda mais no dever, de lhe dá conselhos

Reforçando a intenção de se posicionar de uma maneira não-autoritária, há ainda um outro enunciado em que o enunciador solicita ao co-enunciador a autorização para dividir com ele os momentos da sua vida por intermédio de um pedido “por favor”:

(02) Filho, por favor, compartilhe comigo os seus momentos felizes e triste. Mande-me notícias suas!

Notamos que houve duas vezes o uso de verbos no modo imperativo. Entretanto, em nenhum desses usos houve uma imposição dos desejos do enunciador, não houve uma ordem, o que percebemos é que houve um efeito de sentido de solicitação, de pedido, reforçado pela expressão “por favor”, que orienta para o co-enunciador o poder de decisão de aceitar ou não “compartilhar os momentos felizes e triste” com o enunciador.

Mesmo fazendo uso de recursos de modalização, é possível perceber que devemos destacar o recurso do reconto da sua (enunciador) vida amorosa, do seu passado ao filho. Por intermédio desse reconto, envolvido por uma atmosfera de carinho e de amor, o pai modaliza o seu discurso como um todo e se instaura como um amigo.

Há a instauração de uma dêixis discursiva em um espaço passado, a cronografia instaurada é um momento que sucedeu anteriormente. Por intermédio de uma narração, o pai se situa em um momento próximo passado e se coloca como exemplo para o filho, contando a história da sua própria vida.

(03) Eu tinha, praticamente a sua idade quando conheci a sua mãe. Isso aconteceu no CEFET-Januária. Ela estudava na mesma série que eu, mas em turmas diferentes. A primeira vez que a beijei foi em uma festa de escola, e a partir de então todos os dias tínhamos que ficar juntos.

Ele mostra que quando um namoro tem muito contato, e os enamorados deixam de lado as outras pessoas e se isolam um em prol do outro, esse ato pode prejudicar a vida dos dois, fazendo com que se afastem de pessoas que os amam e querem bem a eles.

(04) A partir da permissão ao nosso namoro todos os dias ficávamos “grudados”. Isso no início do namoro foi bom demais, mas depois ambos começamos afastarmos dos nossos amigos e até mesmo dos familiares.

Logo após o regresso ao passado para servir de exemplo, há um retorno ao momento presente e o pai se mostra preocupado com as atitudes do filho em relação ao namoro.

(05) E um deles é que esse namoro seu, aí em Montes Claros, não se torne àquele namoro “grudento” que eu e sua mãe tínhamos.

O tom em que o enunciador se expressa é de um pai carinhoso, que deseja o melhor para o filho, especialmente após a morte da esposa, mãe do co-enunciador.

Há um interdiscurso de que o pai se preocupa com o filho, com o seu futuro. Dessa forma, fazendo uso desse pré-discursivo, defende que as ações desenvolvidas pelo filho no tempo presente, podem vir a prejudicá-lo em um futuro próximo, e por isso se vê no direito de dar conselhos a ele.

Em suma, o locutor tematiza um *ethos* de pai amoroso, aquele que quer o melhor para o filho, mas não pensando em bens materiais, como emprego, salário - em nenhum momento, o locutor deixou aparecer essa figura de pai que se preocupa com o futuro financeiro do filho - mas com os sentimentos do filho, ele se preocupa com a felicidade do filho. O pai explica que o namoro grudento não é a melhor maneira de se namorar, e quem o alertou quanto a isso foi o seu melhor amigo na época. E ele, o pai, ao estar fazendo o mesmo que o amigo fez a ele anos atrás, podemos inferir que deseja se instaurar como o melhor amigo do filho, o que corrobora com o posicionamento que ele teve durante todo o texto.

TEXTO 4

Januária 14 de dezembro de 2006

Filho eu sei que seu namoro não é de minha responsabilidade, mas desde que seja um namoro sem compromisso sem muita grudação, o que não é o caso, pois você so anda grudado com sua namorada, não dá atenção à família e nem aos amigos, nos poucos momentos que fica em casa só fala na namorada, não joga mais futebol e nem videogame, isso é preocupante. Pense bem no que você está fazendo, será que vale a pena deixar de dá atenção à família e os amigos por causa de uma menina.

Não que eu queira que você fique sem namorada, mas namorar desse jeito não dá, quantas outras garotas você já perdeu por causa dessa menina? Reflita.

Atenciosamente:

Seu pai

O texto inicia evocando a figura do filho. O enunciador não despende tempo em saudações ou cumprimentos e logo inicia afirmando que tem conhecimento do namoro do filho e sabe que não deve se responsabilizar por ele. No entanto, o que gera preocupação não é o namoro, mas a forma de namoro, que provoca um afastamento da família, dos amigos, da diversão, em prol da namorada. Em seguida, o enunciador reafirma a preocupação com a forma de namoro e com o isolamento do filho, provocados pela namorada. Adiante, declara que a intenção não é terminar com o namoro e sim fazer com que o co-enunciador pense na maneira de se namorar. Ele defende o namoro sem compromisso, bem como a troca de namoradas, o que nos faz perceber o posicionamento machista assumido pelo enunciador. Ao final, despede-se formalmente sem nenhum preâmbulo.

A cena englobante trata-se de um discurso paterno, que pode ser percebido pelo uso reiterado de valores comumente divulgados pela formação discursiva paterna, como: a preocupação com o namoro exagerado do filho, o distanciamento dos amigos, o distanciamento que o filho apresenta em relação à família. O enunciador se posiciona como um pai preocupado com o filho, com a forma de

namoro que vem tendo e com o futuro desse, haja vista que está se afastando de todos que gostam dele em prol do namoro.

Quanto à cena genérica, uma característica dessa cena, que é recorrente em todos os textos em análise, é o suporte material. Todos os textos têm como suporte o papel e são manuscritos. Outra característica comum é a finalidade: temos um pai dirigindo-se ao filho por meio de uma carta para convencê-lo a repensar a sua forma de namoro. Neste texto, percebemos a procura de se utilizar uma estrutura adequada à proposta de escritura do texto: uma carta. Há a presença de local e data, do vocativo “Filho”, que se encontra no corpo do texto; logo após, percebemos o texto em questão; seguido pelas despedidas e pelo fechamento com despedida característica de correspondências formais “Atenciosamente” e assinatura.

Por se posicionar como pai, o enunciador utilizou-se de uma formalidade em relação ao vocabulário. Sendo assim, cremos que o enunciador foi capaz de adequá-lo à proposta, pois não utilizou gírias, se preocupou com a correção lingüística, utilizou enunciados formais como “isso é preocupante”, com o uso adequado do subjuntivo “Não que eu queira”, que já discutimos quando da análise do **Texto 1**, anteriormente analisado.

Pela dêixis discursiva de espaço, o enunciador se posiciona como pai que não intenciona impor a sua autoridade, e que demonstra a sua preocupação com as atitudes do filho, percebida em enunciados como: “isso é preocupante”, “Pense bem no que você está fazendo”, “Refleta”, que incitam o co-enunciador a refletir sobre os seus atos, a pensar a respeito das suas ações e as conseqüências que pode ter.

Mas como é a cenografia que se constitui no texto, esse se trata de um texto epistolar (uma carta) enviado de um pai ao filho, aquele, preocupado com o relacionamento amoroso que este vem tendo.

Dentro do discurso, percebemos que há também o uso reiterado de modalizações.

O enunciador inicia o seu texto com uma afirmativa realizada por intermédio do verbo “saber”, indicativa de autoridade, ele afirma saber que tem o conhecimento sobre o fato.

(01) Filho eu sei que seu namoro não é de minha responsabilidade

Porém, o que a princípio parecia um enunciado de autoridade, mostra-se justamente o contrário, pois o fato afirmado fortalece a falta de autoridade paterna, sendo que afirma que o que é sabido é que o namoro do filho não é de sua responsabilidade, e concede a ele (filho) a responsabilidade pela decisão a ser tomada.

Outro recurso de modalização utilizado é o uso de negações polêmicas. Vejamos:

(02) Filho eu sei que seu namoro não é de minha responsabilidade

(03) Não que eu queira que você fique sem namorada, mas namorar desse jeito não dá, quantas outras garotas você já perdeu por causa dessa menina?

Esses enunciados nos permitem inferir que essas negações não têm o objetivo específico de negar, pois o interdiscurso nos faz perceber que os pais se responsabilizam pelas atitudes dos filhos. Sendo assim, pressupomos que nessas negações encontram-se subentendidas as seguintes afirmativas: “o seu namoro é de minha responsabilidade”, “quero que fique sem namorada”. Intuímos que o enunciador não quis ou não pôde utilizar as afirmativas por não achar conveniente fazê-la. Esse tipo de negação é que Ducrot (1972; 1987) denomina *negação polêmica*. O enunciador nega fatos que na realidade gostaria que acontecessem e não diz o que realmente pensa, faz rodeios e diz de uma maneira indireta. Podemos deduzir que seja por precaução, pois o co-enunciador pode não gostar de ouvir o que o enunciador está dizendo e se rebelar contra o seu discurso. Enfim, notamos que o enunciador não ordena, o máximo que ele se digna a fazer é pedir, solicitar para que os seus conselhos sejam aceitos e seguidos.

Posteriormente, podemos perceber que outro recurso de modalização utilizado foi o enunciador trazer para o interior de seu texto crenças e valores reiterados em nossa sociedade e que no texto se constituíram como argumentos. Esse recurso foi reiterado por meio do uso de negações polêmicas, quando o enunciador implicitamente recorreu a realidades exteriores e preexistentes ao seu texto e que no momento em que foram utilizadas serviram de argumentos para convencer o co-enunciador.

(04) não dá atenção à família e nem aos amigos

(05) não joga mais futebol e nem videogame

No trecho 04, podemos observar a seguinte crença divulgada em nossa sociedade: os filhos devem se preocupar com a sua família e com as suas amizades. É a utilização do interdiscurso que faz com que o aluno utilize esses argumentos na tentativa de convencer o seu co-enunciador. Percebemos a “primazia do interdiscurso”⁵⁵ que orienta o enunciador no momento da elaboração do seu discurso e na utilização dos seus argumentos.

Já no trecho 05, podemos perceber a presença do seguinte valor: é importante que os filhos joguem futebol e videogame, como uma forma de se divertirem com os amigos. Percebemos um discurso preestabelecido de que antes de iniciar o namoro, o filho se divertia com os amigos. Também notamos neste momento a presença do interdiscurso, pois é natural que homens joguem e gostem de futebol e de outros tipos de jogos, como o videogame.

Notamos dessa forma, que o provável enunciador em cena, possivelmente não é um enunciador definido, mas, sim, uma determinada formação discursiva, a formação discursiva paterna, que propaga as crenças de que a família e os amigos são importantes na vida dos filhos. Percebemos, assim, que há a interferência do pré-discursivo no texto, pois sendo que o enunciador deveria falar do lugar de pai, lança mão de um discurso que é não somente aceito, mas reiterado no interior da formação discursiva paterna. Esse fato nos remete à presença de enunciados polifônicos, haja vista que a voz ouvida não é de somente “um” enunciador, mas de toda uma comunidade discursiva.

Posteriormente, o enunciador faz uso do verbo “pensar”, transferindo mais uma vez o poder de decisão para o co-enunciador. Ele concede ao filho o direito de pensar sobre os seus atos e resolver qual a melhor maneira de lidar com a situação.

(06) Pense bem no que você está fazendo, será que vale a pena deixar de dá atenção à família e os amigos por causa de uma menina.

Esse fato revela que o enunciador se posiciona no lugar de pai não-autoritário, porque aquilo que pensa e deseja que o filho faça, não se apresenta em forma de ordem e, sim, de aconselhamento, mesmo com a utilização do verbo no

⁵⁵ Maingueneau (2005).

imperativo, não é percebida a ordem e, sim, um pedido, uma solicitação. O enunciador faculta ao filho o poder de decidir sobre a sua vida.

O enunciador finaliza o seu discurso perguntando ao co-enunciador quantas namoradas perdeu devido ao seu namoro atual. Por esse questionamento podemos levantar duas hipóteses. Inicialmente, podemos imaginar que o enunciador está sendo machista pelo fato de defender que o filho deve namorar muitas garotas. Entretanto, podemos inferir também que essa seja uma estratégia para se aproximar mais do seu co-enunciador, haja vista que assuntos sobre namoradas, os garotos têm com os seus amigos, e o pai, inserindo esse tema em seu discurso, tem a intenção de se posicionar como um amigo do seu filho.

Em síntese, após a análise do texto, é possível notar que o enunciador tematiza um *ethos* paterno instituído discursivamente como alguém não-autoritário, que é amigo, conselheiro, e se instaura como um pai que se preocupa com o bem estar do filho. Para a manutenção dessa figura utiliza um tom ameno em seu discurso e faz uso recorrente do preestabelecido social para que seja possível a instauração do *ethos* paterno.

5.2 – Análise dos textos com a segunda proposta de escrita

Após realizarmos a análise dos textos oriundos da **Proposta 1**, procederemos à análise dos textos escritos a partir da **Proposta 2**.

Como vimos anteriormente, a formação discursiva institui um *ethos* dos enunciadores e estabelecem um modo de enunciação. Assim, essas categorias que constituem a cenografia nos permitirão depreender a imagem de adolescente instaurada pelos alunos em seus textos, resumindo, qual o *ethos* de adolescente instituído discursivamente pelos próprios adolescentes. Nesse sentido, uma análise mais detalhada da cenografia e tudo o que a constitui se faz pertinente neste trabalho, visto que nos fornecerá pistas para responder a nossa segunda pergunta de pesquisa: como se constrói o *ethos* dos adolescentes nas redações dos alunos provenientes do Ensino Médio?

Imagine que você seja um jovem que está tendo um “namoro grudento” e que por isso não tem mais tempo para a família. O seu pai começa a reclamar e exige que você repense o seu tipo de relacionamento. Redija uma carta a ele, justificando que esse é o tipo de relacionamento correto. Procure explorar as informações presentes nos textos.

TEXTO 1

Januária, 17 de agosto de 2006

Querido Pai,

É normal para mim namorar. O senhor mesmo namorou com minha mãe e não aconteceu nada. E porque agora o senhor reclama tanto na frente dos outros, me deixando envergonhada? O senhor deve ter consciência que eu estou conhecendo o mundo à fora e, se eu seguir o que você pensa, vou acabar com a minha felicidade e meu amor vai ficar angustiado. Fique tranqüilo, eu sei o que eu estou fazendo.

Abraços e beijos de sua filha

Isabelle

O discurso epistolar se inicia sem nenhum preâmbulo de cumprimento após o vocativo. Logo de imediato o enunciador argumenta em prol da normalidade do namoro, especialmente porque esse é recorrente nesta faixa etária. Nesse momento, evoca o co-enunciador e afirma que ele também já fez o mesmo e não ocorreu nada de ruim. Em seguida, reclama que está sofrendo queixas em público e isso a deixa envergonhada. No diálogo instaurado, o enunciador reclama ao co-enunciador a sua liberdade, para que possa desvendar os segredos do mundo, fazendo o que acredita estar correto. Se não for possível essa liberdade, não será possível que seja feliz e o seu amor ficará “angustiado”. Finaliza o texto, suplicando

pela tranqüilidade do pai, pois o enunciador tem ciência dos seus próprios atos. Ao final da carta, despede-se com manifestações de carinho e de afeto.

Percebemos que a cena englobante trata-se do discurso adolescente, pois aborda temas que são próprios dessa faixa etária, como: sentir vergonha de algumas atitudes do pai, acreditar que sabe sobre a sua vida e que por isso não precisa de conselhos paternos, especialmente no que tange sobre a forma correta de se namorar e, por fim, reclama pela liberdade para realizar ações que acredita serem corretas.

A cena genérica pode ser caracterizada pelo suporte material: papel manuscrito, e pela finalidade, que nesse caso temos um adolescente escrevendo uma carta ao seu pai, tentando convencê-lo a aceitar o seu tipo de relacionamento. Por ser um texto escrito, percebemos a necessidade de uma adequação vocabular, e de fato, o enunciador se preocupou com essa adequação, por ser a escrita diferente da oralidade, houve uma maior aproximação da formalidade. E, pensando na estrutura do texto epistolar, percebemos que existem a localização e a data, o vocativo “Querido pai”, seguido pelo texto. Logo após, temos a despedida e a assinatura.

As cenas genérica e englobante corroboram com o gênero epistolar. Ao analisarmos os enunciados que constituem a cenografia discursiva, percebemos que o enunciador não utiliza modalizações com o objetivo de amenizar o seu discurso, pelo contrário, é objetivo em suas assertivas, posiciona-se no lugar de filho independente, o qual sabe o que é melhor para a sua vida e por isso, faz aquilo que acha correto, sem ouvir os conselhos do pai, inclusive, recrimina-o por aconselhá-lo em público, causando constrangimento.

Notamos que existe a instauração de uma dêixis discursiva em um espaço passado (época do namoro dos pais) para exemplificar que namoros podem dar certo.

(1) O senhor mesmo namorou com minha mãe e não aconteceu nada

Há a presença do enunciador que argumenta, exemplificando a convivência dos pais na época em que os dois eram enamorados, provando que o namoro foi promissor. O enunciador utiliza o co-enunciador como modelo na sua argumentação, o pai foi citado com o objetivo de demonstrar que o namoro pode ser promissor. No

exemplo, houve a afirmativa de que na adolescência, o co-enunciador também namorava, e que esse namoro não gerou nenhum desgaste, pelo contrário, foi muito feliz e culminou com o casamento dos enamorados.

Argumenta ainda que há o desejo de ser feliz e de desvendar os segredos do mundo.

(02) eu estou conhecendo o mundo à fora e, se eu seguir o que você pensa, vou acabar com a minha felicidade

Percebemos, assim, que o *ethos* instaurado nesta cenografia discursiva anseia por liberdade e tem certeza do que faz, é, portanto, decidido, decisão que pode ser percebida por intermédio do uso de verbos no indicativo. As modalizações presentes no texto indicam certeza de sentimentos e determinações do enunciador. Vejamos:

(03) É normal para mim namorar.

(04) se seguir o que você pensa, vou acabar com a minha felicidade

(05) eu sei o que estou fazendo.

Pela análise, é possível perceber que o enunciador se posiciona de uma maneira muito decidida no texto. Ele sabe o que quer, sabe o que é melhor para a sua vida e por isso se reserva o direito de tomar as suas próprias decisões.

Como o *ethos* discursivo se constitui no e pelo discurso, constitui-se por intermédio do lugar social do qual fala, percebemos no enunciado abaixo que o sujeito discursivo enuncia de um lugar superior em conhecimento, em experiência de vida. Percebemos que não aceita sequer a hipótese de ouvir o outro, que representa empiricamente o papel social de pai, e de seguir os seus conselhos.

(06) se eu seguir o que você pensa, vou acabar com a minha felicidade

Como é afirmado pelo próprio enunciador, se ele seguir os conselhos do pai, é certo que não será feliz, pois quem sabe o que é melhor para ele, é ele mesmo. Sendo assim, o pai é colocado em posição de inferioridade em relação ao conhecimento de vida, o enunciador se acha mais vivido e mais experiente que o co-enunciador.

Finalizando o texto, há um recurso de modalização utilizado pelo enunciador que foi o uso de verbo no imperativo. Ao observarmos essa utilização de maneira contextualizada, é possível perceber que há em tom de ordem.

(07) Fique tranqüilo, eu sei o que eu estou fazendo.

Podemos notar que ao utilizar o verbo “ficar” no modo imperativo, há um ordenamento para que o pai fique tranqüilo haja vista não ter motivo para se preocupar. Esse tom de ordenamento é fortalecido pelo argumento de que o enunciador sabe o que faz, tem domínio das suas ações. Sendo assim, seria inaceitável que houvesse uma preocupação por parte do co-enunciador.

Em síntese, observamos que o *ethos* de filho que se instaura discursivamente é de uma pessoa decidida, que tem plenas convicções dos seus atos, e que por isso não necessita de conselhos paternos. Na relação social instaurada discursivamente entre pai e filho, notamos que o filho é decidido, sabe o que de fato quer e demonstra a sua decisão ao seu pai por meio dos verbos no modo indicativo, que provocam o efeito de sentido de objetividade em relação ao que será enunciado, bem como pelo uso de verbos no imperativo, dando um tom de ordenamento ao enunciado.

TEXTO 2

Januária, 17 de agosto de 2006

Caro pai:

Estou lhe mandando esta carta para lhe falar sobre meu relacionamento que estou tendo com minha namorada, comecei a namorar este ano e por isso me afastei dos meus amigos e até de você e minha família. Coisa que eu não queria de jeito nenhum estou muito grudado com ela, sei que não sou a única pessoa que passa por isso! eu também já não agüento mais espero que o senhor entenda o que eu estou passando sinto saudades de vocês, um abraço pra todos vocês. Tchau vejo vocês em breve mil beijos para vocês, de seu filho.

Fabício

O texto inicia com cumprimento através do uso do vocativo “Caro pai” e imediatamente inicia a sua argumentação em prol da aceitação do pai pelo seu namoro. O enunciador argumenta que o seu namoro é recente e que por isso está muito ligado à namorada, afastando-se das pessoas que ama. Mas não é o que ele queria que acontecesse, tanto é que nem mesmo ele concorda com o tipo de relacionamento que está tendo. O enunciador deixa marcas de uma dualidade que é típica desta fase da vida, quando os adolescentes dizem saber o que querem, mas mudam de opinião a todo momento. Ele afirma que não deseja ter esse tipo de relacionamento, entretanto, em nenhum momento demonstra o desejo de terminar o namoro, e, inclusive, solicita ao pai que o compreenda e afirma ainda que esse tipo de relacionamento é recorrente entre os jovens. Ao final, despede-se com sentimento de saudades e promessa de se encontrarem brevemente.

A cena englobante é recorrente nos textos, trata-se do discurso adolescente, abordando temas típicos dessa fase da vida, como, por exemplo: a importância do namoro na adolescência, a importância da família na vida do adolescente mesmo que quando namoram se afastem um pouco dela, e o afastamento dos amigos, gerado pelo namoro.

A *dêixis* discursiva de espaço caracteriza-se pela inserção do adolescente em um namoro grudento, demonstrado pelos enunciados do próprio enunciador como, por exemplo: “me afastei dos meus amigos e até de você”, “estou muito grudado com ela”, “que o senhor entenda o que estou passando”.

Percebemos um tom filial no discurso do enunciador, quando chama o pai de “senhor”, o que indica que o enunciador tem respeito pelo co-enunciador.

O enunciador procura se adequar à cena genérica que é caracterizada, além do suporte material adotado em todos os textos: o papel manuscrito, também pela finalidade: convencer o pai de que o tipo de relacionamento adotado pelo enunciador é adequado. Outra característica dessa cena genérica é a estrutura do texto que deve ser uma carta. Verificamos a presença de todos os elementos que compõem a estrutura de uma carta: o local e data, o vocativo, os enunciados, as despedidas e a assinatura. A enunciação está adequada à cena genérica proposta.

A cenografia, instituída pelo próprio discurso, se bem explorada, permite que o co-enunciador ao receber o texto, o perceba como tal. O enunciador instaura em seu texto um co-enunciador e conforme Maingueneau (2006, p.113) “esses dois lugares supõem igualmente uma **cronografia** (um momento) e uma **topografia** (um

lugar), das quais *pretende* originar-se o discurso”. O enunciador foi capaz de legitimar a sua enunciação por intermédio de um discurso filial direcionado ao pai, o discurso origina-se de um filho que está tendo um tipo de namoro que não é aceito pelo pai e por isso direciona a ele uma carta, explicando-lhe o porquê de ele ter se afastado.

No discurso, notamos o uso de alguns recursos de modalização. Logo no início do texto, o enunciador faz uso dos verbos compostos: verbo auxiliar+ verbo composto no gerúndio. Esse uso pode provocar diferentes efeitos de sentido nos enunciados proferidos. Observemos os nossos em questão:

(01) Estou lhe mandando esta carta para lhe falar sobre meu relacionamento que estou tendo com minha namorada,

Nesse enunciado, o efeito observado é de que a ação de redigir a carta está em andamento, isto é, o enunciado assertivo de que está escrevendo a carta ocorre simultaneamente à ação de escrevê-la. No momento do discurso, a carta está sendo redigida. E, em relação ao verbo *ter*, indica um presente contínuo, o relacionamento está em andamento no momento da enunciação, há um efeito de sentido indicativo de que há ações recorrentes no presente da enunciação.

Outro recurso de modalização percebido é a inserção no discurso de crenças e valores aceitos por nossa sociedade. Observemos,

(02) comecei a namorar este ano e por isso me afastei dos meus amigos e até de você e de minha família. Coisa que eu não queria de jeito nenhum

No exemplo exposto, percebemos que o enunciador fez uso da crença de que a proximidade da família e dos amigos é importante para os adolescentes. No **exemplo 02**, o enunciador aceita o fato de que ao estar namorando, se afastou da família e dos amigos, porém, se diz sentido por ter se afastado e demonstra o desejo de se aproximar novamente em um futuro próximo. Contudo, mesmo sentindo a falta dos familiares e das amigadas, o enunciador demonstra felicidade em relação ao namoro, não demonstrando arrependimento ou sentimento de culpa mediante o afastamento e não demonstrando, ainda, desejo de terminar o namoro.

Outra crença inserida no discurso foi de que todos passam por um namoro exagerado em alguma fase da vida.

(03) sei que não a única pessoa que passa por isso!

O enunciador faz uso da crença de que todos têm uma fase da vida em que namoram exageradamente, geralmente essa fase é a adolescência. E, dessa forma, utiliza o preestabelecido social para que o seu discurso ganhe mais força e a sua argumentação tenha uma maior possibilidade de ser aceita pelo co-enunciador.

Como notamos, o pré-discursivo está presente nos **exemplos 02 e 03**, percebemos que essas crenças veladas, não são de um enunciador determinado, mas de uma formação discursiva determinada. A crença trabalhada por meio do **exemplo 02** é característica da formação discursiva paterna, que é responsável por propagar o discurso da importância da família na vida do adolescente, sendo por isso indispensável a presença do filho no seio familiar. Já no **exemplo 03**, observamos que é uma crença característica da formação discursiva do adolescente, que defende o seu namoro exagerado e uma forma de defesa é a justificativa de que todos passam por uma fase de muito namoro.

Percebemos que o objetivo do enunciador ao colocar em cena uma crença característica da formação discursiva paterna é refutar o discurso paterno. Sendo assim, antecipa a figura do co-enunciador e a traz para o interior de seu discurso, objetivando conseguir a sua adesão.

Outro recurso de modalização foi o uso da expressão “Espero que”.

(04) espero que o senhor entenda o que eu estou passando sinto saudades de vocês, um abraços para todos vocês.

Nesse exemplo, o enunciador faz um pedido de compreensão ao co-enunciador, solicita a ele que entenda o seu namoro. Nesse contexto, percebemos que não há especificamente uma ação, mas um trabalho com a emoção do co-enunciador, para que esse atenda à solicitação do enunciador.

O *ethos* que se constitui nesta cenografia discursiva está em conformidade com a proposta de escrita que demandava que o enunciador a ser instaurado deveria ser um filho e o co-enunciador, um pai. A cena da enunciação constituída legitima o enunciador, porque a persuasão determinada na proposta constrói

enunciados característicos do discurso de filho adolescente, como a defesa de que no começo do namoro é normal haver o afastamento dos amigos e da família, de que essa atitude é recorrente entre os adolescentes e de que não se esquece da família.

Sendo assim, o lugar social do qual fala o enunciador garantiu o seu posicionamento de uma figura de filho, um filho que não se isenta do que foi enunciado, que é objetivo e ciente dos seus desejos. Houve um distanciamento na relação entre o enunciador e o co-enunciador. No discurso, a relação pai-filho instituída pelo enunciador é de respeito e tem uma tentativa de instaurar um distanciamento do filho em relação ao pai, como por exemplo, quando do início da carta, no uso do vocativo “Caro pai”, em que há um tom de formalidade.

Percebemos, dessa forma, que no discurso se instaura uma imagem de enunciador que se caracteriza como uma *pessoa determinada*, que percebe o que os outros pensam de seu tipo de relacionamento, mas que, mesmo assim, não está disposto a desistir ou alterar o seu namoro. Notamos que, pelo contrário, ele se defende, utilizando argumentos que julga serem convincentes para que o seu co-enunciador seja persuadido a aceitar a sua decisão.

TEXTO 15

Januária, 11 de dezembro de 2006

Olá querido papai, como vai? espero que esteja tudo muito bem e tranqüilo.

Pai te escrevo para contar sobre o meu relacionamento com o Jorge.

Você sempre diz que o nosso namoro é íntimo demais!

Na verdade existe intimidade, mas além disso, muito companheirismo, amor e sobretudo papai, harmonia em cada palavra e gesto; nós fomos feitos um para o outro, literalmente.

Nosso relacionamento é maravilhoso e não é à toa que já decidimos que iremos nos casar brevemente.

Eu o amo papai e pode ter certeza de que o amor é recíproco. E ao contrário do que você pensa, estar junto compartilhando os momentos da vida e dividindo as alegrias e tristezas não é chatície, pelo contrário é vontade de está sempre ao lado de alguém muito importante para doar todos esses acontecimentos.

O Jorge é o genro que você pediu a Deus! é carinhoso, alegre, simpático, divertido e além de tudo me faz ser a pessoa mais feliz do mundo.

Eu queria lhe pedir uma coisa. Por favor não reclame mais da conta do telefone. Eu não estou gastando impulsos em vão. É que tudo o que acontece no meu dia-a-dia, eu preciso falar, compartilhar com ele. Espero que você atenda o meu pedido e entenda o nosso amor.

Somos feitos um para o outro. Se você acredita em ditos populares como: metade da laranja, outro lado da moeda, alma gêmea ou até mesmo cara metade, pode ter certeza que somos assim, um completando o outro.

Papai o nosso amor é lindo e o nosso relacionamento é perfeito, dividimos tudo um com o outro. Isso é que é amor de verdade! Ele deixa de sair com os amigos sempre, só para ficar comigo. Não acha isso lindo? É difícil encontrar um amor como o nosso nos dias de hoje.

Papai vou me despedindo de você deixando um grande abraço e uma clemência: Aceite-nos como somos; gostamos de ser assim e somos felizes, isso é o mais importante, só queremos, agora, sua compreensão e aceitação.

Fique com Deus e grande abraço!

Atenciosamente

sua querida filha Clara

Beijos!

O texto inicia evocando o co-enunciador de uma maneira carinhosa. O enunciador cumprimenta o seu pai, chamando-o de querido, o que cria um preâmbulo amoroso, e, ainda, usando o diminutivo “papai”, seguido da indagação sobre o seu bem-estar. Logo em seguida, há a exposição de um desejo de que a vida esteja tranquila e que o co-enunciador esteja bem. Mais uma vez há a evocação do co-enunciador por meio da palavra “pai”, reafirmando a posição de filho, ocupada no contexto. O enunciador afirma que deseja falar sobre o seu relacionamento com o enamorado, concordando com a intimidade existente entre eles, fato que garante, faz do relacionamento um namoro promissor. Logo em seguida há a exaltação do amor que sente pelo namorado e a afirmação de que ele é o genro ideal. Em seguida, solicita ao pai que não reclame dos gastos realizados em prol do namoro, pois esses são imprescindíveis para que haja a continuidade

dessa relação de grande intimidade, na qual são compartilhados todos os momentos vividos por ambos, sendo por isso realizada a defesa de que foram feitos “um para o outro”, e por isso há a certeza de que o namoro culminará em casamento. Nas despedidas, há novamente o uso do diminutivo ao se referir ao pai “papai”, o que dá uma sensação de carinho, seguida de um pedido de que aceite o relacionamento amoroso, pois é só com o namorado, que há a felicidade total. Há um fecho formal, “Atenciosamente”, seguido de mais uma demonstração de que sabe que o pai nutre um carinho pela filha.

Em relação à cena englobante, o discurso instaurado no texto é de uma filha carinhosa, que detém uma consideração pelo pai e por isso faz-se importante que aceite o seu relacionamento amoroso. Percebemos o discurso de filha pelo uso recorrente dos vocativos “pai” e, especialmente “Papai”, indicativos do carinho expresso pelo enunciador. Há também a presença de temas abordados que são recorrentes na formação discursiva do adolescente em sua relação com os pais: a importância de que o pai aceite o namoro, a reclamação reiterada pelo gasto excessivo com o celular, o amor exacerbado que os adolescentes demonstram pelos seus namorados.

A cena genérica caracteriza-se pelo suporte material, que, como já percebemos, é recorrente em todos os textos analisados: o papel manuscrito; e também pelo objetivo a ser alcançado, que é um filho convencer o pai, por meio de uma carta, a aceitar o seu relacionamento amoroso. Para realizar tal objetivo, o enunciador, inicialmente refletindo sobre a estrutura de um texto epistolar, uma carta, faz uso de um vocativo “Olá querido papai”, seguido pelo texto e, no final, há o fecho característico de correspondências formais “Atenciosamente”.

Quanto à cena cenográfica, sabemos que é nela que se instaura o discurso, dessa forma, analisaremos como se desenvolve o discurso de filho instituído pelo enunciador no texto em questão.

Percebemos que o discurso apresenta um tom que traduz uma atmosfera de consideração, de carinho para com o pai. Essa consideração pode ser notada por meio do uso do diminutivo “papai”, pelo respeito que o enunciador apresenta em relação ao pai, quando demonstra que gostaria da aprovação dele para o seu namoro.

No texto são percebidas diversas modalizações. Logo no início, é utilizada a expressão “Espero que”.

(01) espero que esteja tudo muito bem e tranquilo

Nesse caso, o uso dessa expressão provocou um efeito de cumprimento, uma saudação que muitas vezes é utilizada apenas para se iniciar uma conversa, e em muitos casos não podemos sequer afirmar que de fato o enunciador deseja ao co-enunciador que esteja bem. Mas, nesse texto, como a atmosfera é de carinho, acreditamos que o desejo seja verdadeiro e que o enunciador almeja que o co-enunciador esteja bem. Mas também, não podemos negar que serviu como início de um diálogo, como uma abertura para uma conversa.

Mais a frente, há novamente a utilização do “Espero que”, mas com um efeito de sentido diferenciado daquele demonstrado anteriormente.

(02) Espero que você atenda o meu pedido e entenda o nosso amor.

Nesse caso, essa expressão indica um desejo do enunciador de que o co-enunciador realize uma ação em prol do enunciador. No caso em questão, que atenda ao pedido de aceitação do namoro e também que entenda o seu relacionamento. Assim, cede ao co-enunciador o poder de decisão sobre uma determinada situação. Contudo, não cede ao co-enunciador o poder de decisão sobre o namoro.

Outro recurso de modalização presente no texto foi o uso de verbos compostos: verbo auxiliar+ verbo principal no gerúndio.

(03) E ao contrário do que você pensa, estar junto compartilhando os momentos da vida e dividindo as alegrias e tristezas não é chaticie, pelo contrário é vontade de está sempre ao lado de alguém muito importante para doar todos esses acontecimentos.

O uso de verbos compostos no gerúndio pode indicar diferentes efeitos de sentido dependentes dos contextos em que estão inseridos. Nesse contexto, o uso dos verbos *compartilhar* e *dividir* no gerúndio são indicativos de ações que estão em andamento no momento em que o discurso foi elaborado. Podemos perceber que, naquele contexto, os enamorados compartilhavam e dividiam as alegrias, não quer

dizer, contudo, que essas ações estivessem ocorrendo no momento da escrita, mas que era algo recorrente naquele tempo presente.

Também no **trecho 03** observamos que há a defesa da tese de que quando se ama, deve querer-se estar junto. O discurso ora apresentado traz para o seu interior uma crença existente em nossa sociedade de que os adolescentes namoram exageradamente. O enunciador declara aceitar o fato de estar tendo um namoro “chiclete” e não se importar com o que os outros pensam, contudo que esteja feliz, e, conforme ele, esse é o caso. Sendo assim, afirma que quer continuar ao lado do enamorado para sempre.

Outro momento em que, no discurso, há a inserção discursiva de crenças e valores preexistentes em nossa sociedade é o momento no qual o enunciador utiliza a crença de que os adolescentes costumam conversar bastante ao celular.

(04) Eu queria lhe pedir uma coisa. Por favor não reclame mais da conta do telefone. Eu não estou gastando impulsos em vão. É que tudo o que acontece no meu dia-a-dia, eu preciso falar, compartilhar com ele.

Essa crença é inserida discursivamente por meio de uma negação, e assim, insere em seu texto um discurso reiterado na formação discursiva paterna que é a discussão que os pais costumam ter com os filhos devido aos altos custos das contas telefônicas, bem como um discurso reiterado na formação discursiva de filho, que é afirmar que não gasta excessivamente o celular e se o faz é por ter bons motivos, por necessidade.

Notamos, ainda, mais um recurso de modalização, o uso de verbos no imperativo.

(05) Por favor não reclame mais da conta do telefone.

(06) Papai vou me despedindo de você deixando um grande abraço e uma clemência: Aceite-nos como somos; gostamos de ser assim e somos felizes, isso é o mais importante,

Nos dois momentos em que o imperativo foi utilizado, não há um tom de ordenamento, mas, sim, de solicitação. No **trecho 05**, o enunciador explicita que “queria pedir uma coisa” e antes de o pedido ser feito, utilizou a expressão “por favor”, fato que nos permite perceber mais forte a iminência do pedido. No **trecho 06**, o tom de solicitação foi reforçado pela assertiva de que está se despedindo, mas há a “clemência”, o que nos faz inferir o efeito de sentido de solicitação de que

aceite o relacionamento, e não uma imposição. Porém, a solicitação de que o pai aceite o namoro, não delega a esse o poder de decisão sobre o término do namoro, pois já há a decisão de que esse irá continuar. O pedido é somente sobre o aceite, não há nenhuma pista deixada no discurso que nos autoriza a admitir que se o pai não aceitar o namoro, ocorrerá o fim do namoro, pelo contrário, o enunciador deixa explícito que a decisão sobre a permanência do namoro já foi tomada, inclusive com a possibilidade de vir a se casar em um futuro próximo.

(07) Nosso relacionamento é maravilhoso e não é à toa que já decidimos que iremos nos casar brevemente.

Há também o recurso de modalização do uso do verbo “achar”, indicando uma atitude proposicional de incerteza sobre o que o co-enunciador pensa a respeito do seu relacionamento. Nesse enunciado, o enunciador delega ao seu co-enunciador o poder de decisão sobre o fato, cedendo ao co-enunciador a possibilidade de *achar* o relacionamento do enunciador algo bonito.

Percebemos pela prática discursiva que o enunciador intui que o pai deveria aceitar o seu namoro, e expõe o motivo pelo qual deveria ocorrer a aceitação paterna do seu relacionamento: o fato de o namorado deixar de sair com os amigos para ficar com ela.

Contudo, é importante salientar que o que o co-enunciador *acha* não interfere no relacionamento do enunciador, pois em relação à permanência do namoro, essa já é uma decisão tomada.

Em suma, ao analisarmos os textos neste capítulo, podemos perceber que houve uma interferência do preestabelecido social na instauração do *ethos* paterno e do *ethos* de filho nos discursos em pauta, observando a relação entre esses. Pelo que podemos perceber por meio das análises desenvolvidas é que os enunciadores fizeram uso recorrente do que é amplamente aceito e divulgado na sociedade, especialmente nas formações discursivas paternas e de filho para que seus discursos tivessem maior credibilidade e aceitabilidade por parte dos seus co-enunciadores.

6. A FIGURA DO PAI NO IMAGINÁRIO DOS FILHOS ADOLESCENTES

Ao investigarmos a história da família brasileira e percebermos que a figura de pai tem sofrido alterações ao longo dos séculos, sentimos a necessidade de averiguar como essa figura se instaura discursivamente nos textos de alunos provenientes do Ensino Médio. cremos que por meio de seus discursos seja possível observar como se institui a figura paterna no imaginário dos adolescentes, e, por isso, decidimos solicitar a eles que redigissem textos nos quais deveriam se posicionar como pais de adolescentes.

Ao analisarmos a figura de pai, percebemos que essa se apresentava como alguém não-autoritário, amigo, próximo do filho, conselheiro. Contudo, essa foi a imagem criada no interior dos textos, e não tínhamos como saber de onde se originava essa imagem ora instaurada discursivamente. Surgiu assim a necessidade de investigarmos que imagem era essa: se era a imagem que o adolescente tem do pai e a transmitiu para o texto; se era uma imagem de pai que o adolescente gostaria de ser; se era a imagem de um pai que ele gostaria de ter; se era a imagem de pai que os veículos de comunicação expõem; enfim, de onde se originava essa imagem?

Em meio a tantas perguntas, e aguçada a curiosidade, aplicamos uma entrevista para que alunos do Ensino Médio – não os mesmos que redigiram os textos, pois muitos deles já se formaram ou saíram da escola, mas alunos que pertencem a uma mesma comunidade, sendo também alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Januária – respondessem. Acreditamos que por intermédio dessa entrevista, sejamos capazes de dirimir muitas das perguntas ora levantadas.

Sabemos que o analista do discurso, ao estudar o discurso não deve se preocupar com o sujeito empírico. Entretanto, este capítulo veio, não para analisar como se constitui o *ethos* discursivo, haja vista esse já ter sido analisado, mas para acrescentar informações. Neste capítulo, objetivamos desvendar a imagem que os adolescentes têm dos seus pais. E, com esse objetivo, decidimos aplicar uma entrevista, através da qual acreditamos ser possível solucionar alguns dos nossos questionamentos, já que os alunos teriam que responder dando as suas opiniões.

A entrevista continha quatro perguntas que deveriam ser respondidas pelos alunos. São elas:

- 1) Descreva as características do seu pai.
- 2) Se pudesse mudar algumas características dele, quais você mudaria?
- 3) Quais as características dele você acha que deveriam permanecer?
- 4) Quando você for pai, como se relacionará com o seu filho? A sua relação com ele será igual a sua relação com o seu pai? Por quê?

Foram aplicadas 75 entrevistas⁵⁶. Inicialmente, explicamos aos alunos que ao responderem à entrevista, não necessitariam colocar os seus nomes, pois percebemos que alguns alunos ficaram preocupados com a possibilidade de que as suas respostas fossem mostradas aos seus pais e isso poderia fazer com que as alterassem. Afirmamos que as respostas dadas por eles serviriam de base para uma pesquisa, que seriam analisadas e por isso não precisavam ficar preocupados, pois não seriam entregues às suas famílias. Ainda afirmamos que seria necessário que dissessem a verdade para que os dados não fossem manipulados. Os alunos também tiveram a liberdade para responder à entrevista de diferentes maneiras: poderiam responder a cada pergunta isoladamente ou poderiam elaborar um único texto contendo todas as respostas.

Em relação à primeira pergunta, solicitando ao entrevistado que falasse sobre como é o seu pai, dando características, obtivemos diferentes posicionamentos. Dentre as qualidades apontadas, podemos citar: brincalhão, conselheiro, extrovertido, amigo, honesto, educado, religioso, compreensivo, bem-humorado, sincero, inteligente, humilde, trabalhador, companheiro, carinhoso, dentre outras. Dentre elas, destacaram-se seis qualidades, sendo citadas por um número expressivo de sujeitos. A qualidade mais recorrente foi o *bom-humor*, qualidade citada por 22 entrevistados e que nos faz inferir que grande parte dos pais desses adolescentes tem uma relação amigável com os filhos. Essa qualidade acabou sendo fortalecida por outra, *extrovertido*, que apareceu em nove questionários, o que não nos surpreende, haja vista que geralmente uma pessoa considerada extrovertida é porque se encontra bem-humorada em grande parte do tempo. Outra qualidade atribuída ao pai foi o fato de ser *brincalhão*, que também está interligada

⁵⁶ Somente serão inseridas nos anexos deste trabalho, as entrevistas citadas em nossa tese.

ao bom-humor e ao fato de ser extrovertido o que corrobora com a nossa tese de que a relação pai-filho é amigável, pois ao brincar com os filhos, os pais se mostram numa relação de proximidade, essa qualidade se fez presente em 14 entrevistas. A *compreensão* também esteve presente dentre as qualidades vistas no pai, e apareceu em 13 entrevistas. É importante que em uma relação de amizade haja a compreensão, e assim ocorreu, ela se fez presente em muitos questionários. Outra qualidade recorrente foi o fato de ser considerado *trabalhador*, reiterado em doze entrevistas.

Para melhor percebermos essas qualidades atribuídas aos pais, observemos de maneira contextualizada algumas respostas dadas pelos nossos entrevistados:

ENTREVISTA 01

(01) Meu pai é legal, engraçado, extrovertido, compreensível, inteligente, companheiro, so pença no bem para mim e meus irmãos sem importar nas consequencias, paciente e etc.

ENTREVISTA 02

(02) Meu pai sempre foi muito amigo ele sabe se relacionar com as pessoas, ele me ensina da melhor maneira possível, e está sempre querendo o bem para seus filhos.

ENTREVISTA 03

(03) O meu pai é um homem generoso, trabalhador, pensa em sua família, procura nos proporcionar o melhor bem possível.

ENTREVISTA 04

(04) Meu pai é alegre muito calmo e paciente, é uma pessoa extremamente bom com as pessoas, principalmente pelos seus filhos e minha mãe.

ENTREVISTA 05

(05) Uma pessoa bem educada, sempre feliz e de bem com a vida

Vemos que os adolescentes percebem os seus pais como alegres, conselheiros, amigos, trabalhadores, generosos, preocupados com a família, o que nos faz perceber que a figura paterna que os filhos têm na atualidade é diferenciada daquela existente há alguns séculos, quando o pai era tido como alguém distante,

inacessível. Contudo, percebem que nem sempre os pais são assim, há momentos em que ficam nervosos, e nesses momentos, como afirmam eles, é bom “manter distância”. Mas, mesmo assim, em meio a esses momentos de atritos, notam que as qualidades dos pais são superiores aos defeitos ora apresentados.

ENTREVISTA 06

(06) Meu pai ele não é ignorante, não é mal educado: Ele é um bom pai, mas quando esta nervoso, sai de bacho

ENTREVISTA 21

(07) Ele é uma pessoa muito trabalhador, as vezes quando nervoso ele fexa a cara por nada nesse mundo o fassa sorrir mas forra isso ele gosta de muita brincar com os filhos.

Mas os adolescentes aceitam que na maioria das vezes quando o pai se altera, ficando nervoso, tem um motivo, geralmente o filho fez algo que não deveria ter feito, e por isso o pai acaba alterando-se.

ENTREVISTA 07

(08) Meu pai é o melhor que qualquer pessoa quer, é gentil, educado, alegre; quando faço algo de errado me olha de cara feia, briga comigo, mas depois me da conselho e diz que me ama.

ENTREVISTA 08

(09) de vez em quando é bagunceiro e reclamão, mas eu entendo né pois agente apronta;

ENTREVISTA 10

(10) O meu pai é muito educado, mas de vez em quando ele é impassiente, mas é so quando atentamos ele.

ENTREVISTA 11

(11) Cara meu pai é d+. Ele é muito alegre sempre me faz ficar mais feliz do que eu sou quando estou perto dele, ele é cicero, legal, brincalhão, onesto, mas às vezes ele sai do serio por causa de algumas travessuras de alguém.

Sendo assim, observamos que o nervosismo não é apontado especificamente como um defeito inerente ao pai, pois só ocorre quando é incitado pelos filhos. E, dessa forma, é como se os filhos dividissem a culpa com o pai.

É claro que os filhos também vêem defeitos em seus pais. Ao apontarem esses defeitos, podemos citar alguns que apareceram: incompreensivo, ignorante, alcoólatra, chato, impaciente, autoritário, arrogante, mal-humorado, agressivo, dentre outras. O defeito mais frequentemente apontado nas entrevistas foi a *incompreensão* dos pais, 13 pessoas a citaram. Esse defeito não nos surpreende, haja vista que é uma reclamação constante dentre os adolescentes, de que os pais não os compreendem. A *incompreensão* vem seguida pela *impaciência* e pela *ignorância*, percebidas em 11 entrevistas cada uma. A *chatice* foi citada em cinco entrevistas.

Para melhor visualizarmos esses defeitos, observemos de maneira contextualizada como foram expostos.

ENTREVISTA 13

(12) Meu pai é um homem sério, malhumorado agressivo, sem paciência, é um cara que conhece muita gente as vezes é muito simpático e muito solidário com as pessoas.

ENTREVISTA 14

(13) Meu pai é um cara sério que vê a vida como uma realidade muito dura foi um homem que Praticamente não teve infância, ele é um homem muito duro, e rígido, mais as vezes ele não é tão rígido. Mas tem um bom coração

ENTREVISTA 16

(14) Ele é zangado, não gosta de falar mais de duas vezes, não compreende as coisas e gosta de ser vaidoso.

Houve um caso em particular que nos faz perceber que o filho tem muita mágoa do seu pai, ele afirma defeitos de uma maneira muito agressiva. Observemos:

ENTREVISTA 19

(15) Ele é prosa rui mão fechada é vagabundo e de veis enquanto ele é legau.

Quando perguntado se pretende ter uma relação com o filho da mesma maneira que tem com o seu pai, ele é bastante objetivo ao negar. Mais a frente, discutiremos mais detidamente sobre a resposta dada pelo adolescente.

Exceto esse caso extremo de mágoa em relação ao pai, notamos que a imagem que os filhos têm de seus pais é positiva. Mesmo percebendo os defeitos, os filhos admiram-nos e notam que as suas qualidades superam os seus defeitos.

QUESTIONÁRIO 09

(16) Meu pai eu posso dizer que é tudo de bom, é carinhoso, amoroso, tem um bom coração e acima de tudo é um bom pai, respeitador, e as vezes meio impróprio pois é um pouco incompreensivo, porém sua qualidades com certeza prevalecem.

Há uma entrevista respondida em forma de texto que cremos resume a posição de muitos desses adolescentes em relação aos seus pais.

ENTREVISTA 12

(17) Meu pai não compreende as coisas da adolescência, vive no tempo passado é do tipo machista que não quer saber de nada que que fique dentro de casa e quando eu saio tem que voltar cedo, mas tem o seu lado bom que é quando ele começa com agente sobre a escola, fala sobre os seu tempos antigo quando ele era menino era tudo diferente, eu acho que é por isso que ele não compriende as coisas dos dias de hoje.

Ele pelo lado de preocupar com a casa ele é um otimo pai eu tiro o chapéu para ele, pelo fato de resolver coisas que aparenta ser tão difisio.

O que eu mudaria no seu jeito de ser, seria sua arrogancia que é imença. As características que deveria permanecer seria de preocupar muinto com a familia. A relação minha com os meus filhos quando eu for pai sera quase igual meu pai puso firme autoritário e au mesmo tempo carinhoso e compriencivo.

Como vemos, os filhos percebem os defeitos dos pais, mas, em muitos momentos, justificam-nos. No texto anterior, o filho assume que o pai é machista e que não o compreende, mas há a justificativa, o motivo da incompreensão se deve ao fato de que no tempo quando o seu pai era garoto, as coisas eram bem diferentes, sendo assim, não há como o pai aceitar e compreender tantas mudanças. Observamos que o filho em muitos momentos isenta o seu pai da culpa sobre os seus ditos defeitos.

Mas o pai também apresenta qualidades como: ser um ótimo pai e se preocupar com a família. E, o adolescente admira o seu pai e deseja que a sua relação com o seu filho seja igual a que tem com ele. Os adolescentes afirmam que terão pulso firme e serão autoritários quando for preciso, mas que ao mesmo tempo serão carinhosos e compreensivos. Essa exposição do adolescente foi importante para percebermos que o fato de ser autoritário nem sempre é visto como um defeito, sendo comedido, não há recriminação dos filhos.

Em relação à segunda pergunta sobre quais as características mudariam em seus pais, nove pessoas responderam que não mudariam nada em seus pais, sabem que têm defeitos, mas já se acostumaram com os pais como são. Outros dez entrevistados afirmaram que mudariam a incompreensão do pai, afirmaram que esses precisariam ser mais compreensivos. Esse fato nos chama a atenção, pois a compreensão está entre as qualidades mais citadas pelos filhos. Ao analisarmos as respostas, percebemos que quando se referem à incompreensão, eles afirmam que ela é pontual, em alguns momentos os pais não compreendem algo que eles querem, mas que na maioria do tempo são compreensivos. Contudo, mesmo sendo esporádica, a incompreensão acaba incomodando os filhos e, por isso, eles a mudariam. Outros defeitos citados em menor quantidade foram: a ignorância, a qual notamos que é utilizada em muitas entrevistas, como sinônimo de incompreensão; a seriedade, referindo-se, também, a momentos de seriedade, assim como a incompreensão, é pontual; a preocupação excessiva; os vícios de beber e de fumar, a impaciência, o nervosismo, o temperamento, dentre outros.

Quando perguntados sobre quais as qualidades dos pais deveriam permanecer, 18 entrevistados afirmaram que deveriam permanecer todas as qualidades que foram citadas por eles, e que elencamos anteriormente. Dentre as qualidades mais defendidas pelos alunos temos: dez entrevistas afirmaram que a alegria é uma qualidade importante, o que nos faz perceber que valorizam a felicidade dos pais. A compreensão, o modo brincalhão e carinhoso apareceram como qualidades importantes para oito entrevistados, cada uma. Em menor quantidade notamos as qualidades: bondoso, honesto, trabalhador, humilde, bem-humorado, dentre outras.

Quando perguntados se ao serem pais teriam uma relação parecida com a dele e a do seu pai, notamos três diferentes tipos de resposta: alguns afirmaram que sim, que gostariam de ter o mesmo tipo de relacionamento que têm com o seu pai;

outros responderam que não, pois acham que o relacionamento deles com os pais não é agradável e que por isso desejam se relacionar de uma maneira diferente com os seus filhos. Houve ainda aqueles que afirmaram que a relação seria mais ou menos igual, que a relação com o pai não era muito ruim, mas que poderia ser melhor se houvesse algumas alterações.

Inicialmente, discutiremos sobre os entrevistados que afirmaram que seus relacionamentos seriam iguais aos seus com os seus pais. Dentre os 75 entrevistados, 44 deles, o que nos dá um total de 58,6% dos entrevistados, responderam que gostam do jeito que o seu pai é e que gostariam que o seu relacionamento com os seus filhos fosse igual.

Para uma melhor compreensão do tipo de relacionamento que têm com os seus pais, observemos o que os filhos alegaram quando afirmaram pretender que a relação entre eles e os seus filhos fosse igual a que têm com os seus pais.

ENTREVISTA 01

(18) Eu quero ser igual ao meu pai com meus filhos pois meu pais compreende tudo que eu penso pois ele sabe que é uma fase da vida, ele trabalha muito mas sempre arranja um tempo para conversar e se divertir comigo, ele conversa comigo sobre coisas da vida e me diz qual a melhor escolha em certas situações, ele me faz rir muito com suas piadas, palhaçadas, por isso com o meu filho eu quero ser igual o meu pai é comigo

.

ENTREVISTA 03

(19) Espero que sim, porque vejo meu pai como meu espelho, quando crescer educarei meus filhos do mesmo modo.

ENTREVISTA 06

(20) Vou me esforçar o maximo para ser um bom pai, o melhor possível. Sim, por que meu pai é e sempre sera um bom exemplo de pai.

ENTREVISTA 07

(21) Da melhor maneira possível, vou tentar ser como meus pais são, para eles. Sim, a minha relação com os meus pais são maravilhosos, eles me amam muito e fazem de tudo por mim

ENTREVISTA 08

(22) Quero ser igualzinho sabe para que o meu filho também tenha orgulho de mim, quero ser coruja quando puder, brigona quando precisar e palhaça nas horas certas e acima de tudo lembrar da criação que eu tive e como fui feliz e tentar imita-la ao máximo.

ENTREVISTA 25

(23) Eu me relacionarei assim como meu pai se relaciona com mim, pois eu sei que tudo que ele proíbe ou me manda fazer é para o meu bem. Quando eu for mãe eu irei querer o melhor para os meus filhos assim como meu pai quer para mim e meus irmãos.

ENTREVISTA 26

(24) Meu relacionamento com meu filho será como meu pai é comigo. Graças a Educação e ao ensinamento que meu pai me deu é que eu sou essa pessoa que apesar de jovem, Responsável e de um grande caráter. Eu me espelho em meu pai.

ENTREVISTA 27

(25) Eu quero ter um bom relacionamento com meu filho conversando com ele, dando carinho, explicando o que é certo e o que é errado, dando uma boa educação para que não precise bater. que ao falar ele esteja obedecendo e também para que ao entrar na vida adulta não possa estar sofrendo por não ter tido uma boa educação em casa. Sim, porque meu pai soube me educar e eu agradeço muito a ele por isso.

Dentre os que afirmaram que a relação será mais ou menos parecida, temos 12 adolescentes, o que nos dá uma percentagem de 16,0% do total de adolescentes que optaram por essa afirmativa. Nesses casos, percebemos que muitos deles não seriam iguais pelo motivo de o pai ser uma pessoa diferente deles, mas a figura do pai se mostrou positiva.

ENTREVISTA 22

(26) Vou ser um pai que terá maior interação com meu filho, serei compreensivo, carinhoso e legal.

Mais ou menos por que cada um tem seu estilo, mais algumas características de meu pai eu irei ter.

ENTREVISTA 23

(27) Da melhor forma possível, pois gostaria que houvesse uma comunicação entre nós já que somos pais e filhos. Nem tanto pois meu pai é um cara que ao mesmo tempo e gente boa ele consegue ser ignorante. Eu com meus filhos daria um jeito de melhorar, faria de tudo para sermos amigos, pois hoje em dia um pai vale muito.

ENTREVISTA 24

(28) Tentaria ser compreensivo, comunicativo, questionador.

Não vou dizer que a relação minha com o meu filho será igual a minha com o meu pai mas vai bem parecida, a relação muda porque meu pai tem as características dele e eu as minhas.

Já os outros 25,3% dos entrevistados, ou seja, 19 adolescentes, afirmaram que não teriam uma relação como a dele e a do seu pai. Observamos dentre esses entrevistados um grande número de adolescentes que afirmaram que o maior motivo pelo qual quer uma relação diferente com os seus filhos é o fato de que o pai é ausente, de que não há diálogo entre eles. Conforme os entrevistados, eles desejam ter com os seus filhos um relacionamento mais próximo, de mais diálogo e mais amizade, e devido a esse distanciamento é que eles não desejam ter com os filhos um relacionamento igual ao dele com o pai.

ENTREVISTA 13

(29) Eu me relacionaria bem com ele. Minha relação não seria igual a do meu pai, porque ele já me bateu muito e eu não quero isso para o meu filho.

ENTREVISTA 15

(30) Quero se amiga, presente, compreencível. Não Porque mesmo sendo amoroso, divertido, comprieencível ele não é muito presente em minha vida e eu sinto falta disso.

ENTREVISTA 16

(31) Não. Por que meu pai era mais ruim para mim, até por que ele e separado da minha mãe.

ENTREVISTA 28

(32) O melhor que eu puder dar e fazer por ele eu farei, vai ser uma relação aberta, vou tentar dar muito amor, carinho, e atenção, tudo que um filho merece de um pai ou de uma mãe.

Não. Porque ele não me deu nada do que eu precisava.

Uma observação diferente das outras, e que foi percebida em somente um texto, ocorreu na **entrevista 29**, quando o adolescente afirma que não será igual ao pai, pois esse é muito bondoso e paciente.

ENTREVISTA 29

(33) Espero que bem, Feliz, atencioso etc. Acho que não Por que quando eu era menor era muito atentado e meu pai teve muita paciência acho que eu seria um pouco mais dura mas as outras características acho que seria igual.

No exemplo anterior, o **exemplo 34**, o adolescente não especifica o distanciamento do pai, mas pelos pais serem separados, há implicitamente essa cobrança por uma maior proximidade.

ENTREVISTA 17

(34) Através do diálogo. Não. Por que não quero que eu tenha o mesmo erro que ele, pretendo dar o que eu nunca tive para que ele se sinta feliz.

ENTREVISTA 18

(35) Aceitar e apoiar as opções e decisões, dialogar bastante e ser amigo. Não. Porque ele age e pensa diferente de mim e critica minhas decisões.

ENTREVISTA 20

(36) Quero estar mais presente com meus filhos, e dar o que meu pai não pode dar para mim, como sua presença em casa e muitas vezes apoio nas suas decisões.

ENTREVISTA 19

(37) não vou ser pio vo bater nel toda hora so diriaiva do meu pai domei trauma

Na **entrevista 19**, tivemos um extremo, o adolescente afirmou que iria bater sempre em seu filho, pois o pai dele o havia traumatizado. Podemos inferir que esse adolescente tem muita mágoa do pai, guardando dele um grande rancor. Levantamos uma hipótese de que ao afirmar que bateria muito em seu filho, possivelmente está agindo com uma intenção de chocar o leitor. Podemos pressupor ainda que essa seja uma maneira que encontrou de pedir ajuda, talvez pressuponha que o leitor possa auxiliá-lo na relação pai-filho, ou, ainda hipotetizamos que seja mesmo para demonstrar como tem raiva do seu pai.

Em suma, percebemos que uma grande maioria dos entrevistados afirma que o relacionamento com os pais é agradável, pelos relatos é possível verificar que há diálogo entre pais e filhos, que eles se entendem, que brincam e se divertem em família. É claro que também há momentos de crise, em que há brigas e até surras, mas os adolescentes percebem que as qualidades de seus pais são superiores aos seus defeitos.

Dessa forma, notamos que o *ethos* paterno instaurado nas cartas não se distancia sobremaneira do *ethos* que os adolescentes demonstraram ter de seus pais. E, assim, podemos inferir que a figura paterna instaurada nos discursos dos adolescentes é um *ethos* que se aproxima da imagem que os adolescentes demonstraram ter de seus próprios pais. Intuímos que esses adolescentes não precisaram se embasar em figuras de outros pais, como por exemplo, aqueles mostrados pelos veículos de comunicação, aqueles distantes deles, que só vêm em novelas, ou mesmo criarem imagens de pais diferentes dos seus, haja vista que têm pais com os quais conseguem ter uma relação saudável.

Sabemos que não há perfeição em qualquer tipo de relacionamento, mas no caso por nós analisado, a relação social entre pai e filho, percebemos que os filhos estão satisfeitos com os pais que têm. Notamos que nas famílias que esses adolescentes vivem, os momentos de alegria, de proximidade, de companheirismo, existem e foram demonstrados em praticamente 80% das entrevistas, nos faz notar que a relação pai-filho de fato sofreu grandes alterações e que aquela figura de pai distante e autoritário, está cada vez mais distante da figura de pai que está se instaurando atualmente nos lares brasileiros.

7. CONCLUSÃO

Finalizar uma investigação, quase sempre, é uma tarefa árdua e complexa. O ato de recuperar os questionamentos que a fundaram, refazer o percurso seguido, discutir os resultados, implica um distanciamento que nesse momento final, por se encontrar envolvido, o pesquisador não consegue alcançar.

Após o desenvolvimento de todo o percurso da tese, para concluirmos a pesquisa, seria importante voltarmos ao objetivo do nosso trabalho. Uma questão básica pautou a consecução deste trabalho, conforme apresentamos no início da tese. Tivemos como objetivo desvendar as imagens de pai e de filho que seriam instauradas discursivamente nos textos dos alunos provenientes do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – Campus Januária.

Para conseguirmos realizar o nosso objetivo, inicialmente solicitamos aos nossos sujeitos empíricos que redigissem cartas: parte deles se posicionou discursivamente como pai e, a outra, como filho.

Por meio dos textos obtidos, foi realizada a investigação do *ethos* discursivo paterno e do *ethos* discursivo de filho. Esses *ethé* puderam ser percebidos por intermédio da análise das marcas lingüísticas presentes nos textos, especificamente as negações polêmicas e as modalizações.

Para analisarmos as negações, apoiamo-nos no trabalho desenvolvido por Ducrot (1972; 1987) sobre as negações polêmicas. Percebemos que no bojo de algumas refutações, deu-se uma polêmica discursiva, e notamos que a partir dessas negações o enunciador inseriu em seu discurso pré-discursivos que eram reiterados nas formações discursivas paterna e de filho. Foram colocadas em cena crenças divulgadas nas comunidades discursivas de pai e de filho e que foram inseridas nos textos por intermédio das negações. Percebemos, então, a interferência do preestabelecido social na instauração dos *ethé* paterno e de filho. Essas crenças serviram de apoio para que o enunciador no embate ideológico convencesse o seu co-enunciador.

Para que esse convencimento se efetivasse, geralmente o enunciador assumiu diferentes posições no interior do texto, inserindo-se ora em uma ora em outra formação discursiva e enunciando por intermédio delas.

Quando se posicionaram como pais, a partir da análise das negações polêmicas, percebemos que foram colocados em cena discursos que são característicos da formação discursiva paterna, como: a importância da presença do filho no seio familiar, a necessidade de que os filhos estudem se desejam um futuro promissor, o desejo de que os filhos sejam felizes. Percebemos que esses discursos são recorrentes no interior da comunidade discursiva paterna e que os pais os defendem.

Tendo ciência dessas crenças e valores reiterados na formação discursiva paterna, por intermédio das negações polêmicas, os enunciadores utilizaram esses discursos, muitas vezes de maneira subentendida que somente foram perceptíveis pela análise das negações. Sendo assim, acreditamos que os enunciadores conseguiram se firmar discursivamente como pais, usando argumentos coerentes com a posição assumida no discurso.

Ao analisarmos as modalizações desenvolvidas ao longo dos textos, os enunciadores que deveriam se instaurar como pais de adolescentes, instauraram-se como pais amigos, como pais zelosos, preocupados com o futuro do filho, e também como pais conselheiros. Os textos ora analisados estiveram repletos de modalizações que objetivavam deixar o discurso mais ameno e menos objetivo, como, por exemplo, o uso de verbos compostos: verbo principal + verbo auxiliar no gerúndio, provocando efeitos de sentido de amenização em relação ao fato a ser enunciado, ou de expor ações que estão em andamento. Outro recurso percebido foi o uso da expressão “Espero que”, com os efeitos de ceder ao co-enunciador o poder de decisão sobre os atos a serem tomados, bem como usado como forma de iniciar e prolongar o discurso. Notamos também a inserção de outrem em seus discursos, objetivando fortalecer o enunciado, haja vista ter sido percebido por outras pessoas e não somente pelo enunciador em questão. Houve ainda a utilização dos modais *pensar* e *gostar*, bem como o uso de verbos no imperativo, com os efeitos de sentido de solicitação, de pedido, e não de ordem. Sendo assim, esses fatos nos permitem inferir que ao se posicionarem como pais, os nossos enunciadores falaram como um sujeito que não teve a intenção de se impor no interior do seu discurso, como um pai

que pretende se posicionar como amigo, conselheiro, próximo do filho. A figura de pai autoritário não se fez presente no imaginário dos nossos sujeitos empíricos.

Do mesmo modo que realizamos a análise da posição assumida pelos sujeitos discursivos quando se posicionaram como pais, analisamos, também, textos em que os sujeitos se posicionaram como filhos.

Quando os enunciadores se instauraram discursivamente como filhos, percebemos que também houve a inserção no discurso de crenças e valores característicos da formação discursiva de filho, que se encontravam subentendidos e foram percebidos por intermédio da análise das negações polêmicas, sendo eles: os filhos demonstraram que têm a necessidade de que os pais aprovelem os seus namoros; há também a necessidade de namorarem exageradamente; falaram sobre a importância que o namoro tem na fase da adolescência; comentaram sobre a importância da amizade nessa fase da vida; demonstraram também que sabem da preocupação que os pais têm com os filhos; e, finalizando, demonstraram que admitem a importância de os pais conhecerem os seus namorados.

Por meio da inserção dessas crenças, notamos que os enunciadores objetivavam convencer os co-enunciadores. Sendo assim, essas crenças foram utilizadas como argumentos nos textos e nos conduziram a notar a importância do pré-discursivo na elaboração discursiva.

Ainda analisando os discursos proferidos pelos enunciadores que deveriam se instaurar discursivamente como filhos, observamos as modalizações utilizadas no interior de seus textos. Percebemos que os enunciadores falaram do lugar de filhos respeitosos, como filhos que em muitos momentos concordam com os discursos paternos e por isso utilizam esses discursos no interior dos seus. As modalizações foram basicamente as mesmas percebidas nos textos provenientes dos enunciadores anteriormente analisados. Um fato que diferenciou foi o uso de verbos no modo indicativo, o que deu um tom de segurança, de decisão em relação aos discursos proferidos.

Os enunciadores, neste caso, os filhos, ao utilizarem as modalizações, notamos que o uso recorrente acontece nos momentos em que solicitam aos co-enunciadores, os pais, a compreensão dos seus namoros, que os aceitem. Contudo, ao se referirem aos namoros propriamente ditos, não cedem ao co-enunciador o poder de decisão. Nesses momentos, há um discurso objetivo, notamos a utilização de verbos no modo indicativo, o que nos faz perceber a decisão dos filhos.

Todavia, mesmo aderindo a alguns discursos paternos, os enunciadores se posicionaram como pessoas decididas, que impõem os seus desejos e não se deixam influenciar pelas vontades do co-enunciador. Quando em momentos em que demonstraram discordar das opiniões desse, não aderiram a elas, entretanto, geralmente a refutação se deu de uma maneira polida, educada.

Então, percebemos que ao se posicionarem discursivamente como filhos, os enunciadores se mostram objetivos, demonstrando que têm autonomia e que são senhores dos seus atos.

Diante do exposto, é possível notar que os enunciadores (pai e filho) argumentaram embasados no interdiscurso. Ao longo do discurso, retomaram crenças e valores que julgaram serem característicos tanto da formação discursiva paterna quanto da formação discursiva de filho, discursos esses preestabelecidos pelo contexto social e que por isso, deram suporte à argumentação. Observamos que os enunciadores inserindo em seu texto os pré-discursivos concebidos socialmente, acreditaram que os seus discursos se tornariam mais consistentes.

Consideramos que esta investigação tenha contribuído para uma melhor compreensão da relação social pai-filho, posto que atualmente é percebida uma alteração no contexto familiar. Cremos que tenhamos ajudado a desvendar algumas dessas alterações e deixamos, aqui, um caminho aberto para que futuras pesquisas nessa área sejam implementadas e venham complementar os resultados aqui obtidos.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. Une approche textuelle de l'argumentation: <<schéma>>, séquence et phrase périodique. In: **L'argumentation aujourd'hui: position théoriques em confrontation**. Paris: Sorbonne Nouvelle. p. 77-102

AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

AMOSSY, R. **L'argumentation dans lê discours**. 2006

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ARISTÓTELES. Retórica. Trad. Alexandre Júnior, Manuel; Alberto, Paulo Farmhouse; Pena, Abel do Nascimento. **Imprensa Nacional – Casa da Moeda**.

AUTHIER-REVUZ, J. **Repères dans Le champ Du discours rapporté**. L'information Grammaticale, 55. 1992. 38-42.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BASTOS, Lúcia Kopschitz. **Coesão e coerência em narrativas escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRANDÃO, H. H. N. **Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagens, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 1999.

CERVONI, J. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

CHARAUDEAU, P. **Análise do discurso controvérsias e perspectivas**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

DECLERCQ, G. Schèmes argumentatifs et cultures oratoire: l'exemple de Jean Racine. In: **L'argumentation aujourd'hui: position théoriques em confrontation**. Paris: Sorbonne Nouvelle. p. 125-157.

DIJK, T.A.V. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, O. Argumentation rhétorique et argumentation linguistique. In: **L'argumentation aujourd'hui: position théoriques em confrontation**. Paris: Sorbonne Nouvelle. p. 17-34

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, O. **Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1972.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

EMEDIATO, W; MACHADO, I.L.; MENEZES, W. (Orgs). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, 2006.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2003.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Lingüística textual: introdução**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FERNANDES, C. A.; DOS SANTOS, J. B. C. **Análise de discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004.

FERNANDES, C.A.; SANTOS, J.B.C. dos. Teorias lingüísticas – problemáticas contemporâneas. In: ARRUDA-FERNANDES, V.M.B. **Introdução aos estudos sobre argumentação**. Uberlândia: Edufu, 2003.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. **Barrocas famílias – Vida familiar em Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997.

FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à lingüística II: princípios de análise**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Artigo Estudos do discurso)

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução: Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**: aprender a escrever, aprendendo a pensar. 18 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. **O pai presente**: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 119-125

GRIZE, J. B. Lê point de véu de la logique naturelle: démontrer, prouver, argumenter. In: **L'argumentation aujourd'hui**: position théoriques em confrontation. Paris: Sorbonne Nouvelle. p. 35-44.

GUIMARÃES, E. (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos – O breve século XX (1914-1991)**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. **Texto e coerência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2001.

LAPAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. P. (orgs). Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade. In: ZOPPI-FONTANA, M. **Retórica e argumentação**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

LEAL, T.; MORAIS, A. G. de. **A argumentação em textos escritos**: a criança e a escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

- MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. Gêneros: reflexões em análise do discurso. In: MENDES, Paulo Henrique Aguiar. **Os gêneros discursivos em debate**: análise de uma crônica de L. F. Veríssimo. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas de enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. Diversidade dos gêneros do discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (orgs). **Gêneros**: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. (Org) Amossy, Ruth. São Paulo: Contexto, 2005c.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. L'analyse Du discours et ses frontières. In : Marges linguistiques. N.9. Analyse Du discours. État de l'art et perspectives WWW.marges-linguistiques.com, p. 64-75. 2005a.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. Présentation. **Langages**, 117, p. 5-12, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MARI, H. et al (org.). Análise do discurso em perspectivas. In: MELLO, R. de. **Os múltiplos sujeitos do discurso no texto literário**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2003.
- MARI, H. et al (org.). Fundamentos e dimensões da análise do discurso. In: PINTO, P. R. M. **Análise do discurso e argumentação**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999.
- MATOS, Mariana; FERES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. **Adolescência e relações amorosas**: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 2005, 9(1), p. 21-33.
- MENDES, Paulo Henrique Aguiar. **Linguagem e emoção**: ethos, logos e pathos em "Antiperipléia." *Scripta*, BH, V.9, nº 17, 2005.

MUNIZ, Maria Ieda Almeida. **As práticas discursivas em situação de trabalho e o real da atividade**: uma consciência jurídica. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. v. 2. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (artigo análise do discurso)

NETA, Ana Alves. **O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2000. (Dissertação de Mestrado)

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, São Paulo: 2002.

ORLANDI, E.P. et al. **Sujeito e texto**. São Paulo: Educ, 1988.

PAVEAU, Marie-Anne. **Les prédiscours**: sens, mémoire, cognition. Paris : Sorbonne Nouvelle, 2006.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso**. 2003.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**: *uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

PÉCORA, A. **Problemas de redação**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERRELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. A nova retórica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETRI, M. J. C. **Argumentação lingüística e discurso jurídico**. São Paulo: Selinute, 1994.

PLANTIN, C. Situation des études d'argumentation: de délégitimations em réinventions. In: **L'argumentation aujourd'hui**: position théoriques em confrontation. Paris: Sorbonne Nouvelle. p. 159-181.

PLEBE & EMANUELE. **Manual de retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Crise na linguagem: a redação no vestibular**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

ROCHA, Décio Orlando Soares da. **Polifonia em enunciados negativos: vozes que habitam o dizer "não"**. São Paulo: Delta, 1998.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social**. Ensaio sobre a origem das línguas. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores)

SEGUIN, E. **Unidade e pluralidade da análise de discurso**. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. PUC/Minas, abril de 2000. Texto publicado sob o título Unité et pluralité de L'analyse de discours, em Language et Societé 69, Paris: Maison de Sciences de l'Homme, 1994, pág 37-58.

SOUZA, S.M.R. de. **Um outro olhar: filosofia**. São Paulo: FTD, 1995.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder – A família no mundo (1900-2000)**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.

TRAVAGLIA, L. C. **Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático**. Rio de Janeiro: VII Fórum de Estudos Lingüísticos. 2003. (Mimeo)

VAN EEMEREN, F. H. Une vue synoptique de l'approche pragma-dialectique. In: **L'argumentation aujourd'hui: position théoriques em confrontation**. Paris: Sorbonne Nouvelle. p. 45-75

VEJA On-line, edição 1738, de 13 de fevereiro de 2002.

VIGNAUX, G. Une approche cognitive de l'argumentation. In: **L'argumentation aujourd'hui: position théoriques em confrontation**. Paris: Sorbonne Nouvelle. p. 103-124.

WAGNER, Adriana et al. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 75-80, jan./jun

ANEXOS

TEXTOS DA PROPOSTA 1

TEXTO 1

Januária, 14 de dezembro de 2006

Eduardo,

Escrevo-te esta carta, porque tenho notado que você tem passado a maior parte do seu tempo com sua namorada, esquecendo dos seus compromissos, deixando a desejar em seus estudos e no trabalho, você está prejudicando sem perceber; sua rotina, hoje, gira em torno do seu relacionamento.

Percebo que até seus amigos tem se distanciado de você, ou será o contrário? Desta forma, meu filho você vai deixar de aproveitar a melhor fase de sua vida, não quero que quando for tarde demais você olhe para trás e veja que não obteve êxito em sua juventude. Espero que não me entereprete mau, pois tanto eu quanto seus amigos, queremos o seu bem, não estamos recomendando que você termine seu namoro, mas sim, que reveja seus conceitos e atitudes sobre um relacionamento a dois.

Atenciosamente

Ademar

TEXTO 2

Januária, 14 de dezembro de 2006

Querido filho. Venho através desta, primeiramente, para parabeniza-lhe por mais um ano de vida, o seu aniversário de 16 anos. E principalmente para conta-lhe um pouco do meu namoro a uma garota, a sua mãe.

Eu tinha, praticamente a sua idade quando conheci a sua mãe. Isso aconteceu no CEFET-Januária. Ela estudava na mesma série que eu, mas em turmas diferentes. A primeira vez que a beijei foi em uma festa de escola, e a partir de então todos os dias tínhamos que ficar juntos.

Na época para o namoro ser oficializado, o namorado tinha que pedi a permissão do pai da garota para namorá-la. No meu caso, isso não foi difícil, pois seu avô admirava-me muito.

A partir da permissão ao nosso namoro todos os dias ficávamos “grudados”. Isso no início do namoro foi bom demais, mas depois ambos começamos afastarmos dos nossos amigos e até mesmo dos familiares. Nós não conseguimos perceber isso, pois esse namoro “grudento” impedia. Só conseguimos perceber essa situação quando seu padrinho Robson, na época nosso melhor amigo, nos disse que o nosso namoro tornou-se algo contrário a amizade. Então percebemos que realmente o nosso namoro “grudento” estava nos fazendo afastar de pessoas queridas. Com isso conseguimos fazer uma conciliação do nosso namoro de forma a não nos afastarmos destes. E fruto desse namoro de várias fases, nasceu você meu filho, a quem damos muito amor.

Após a morte de sua mãe, sinto ainda mais no dever, de lhe dá conselhos. E um deles é que esse namoro seu, aí em Montes Claros, não se torne àquele namoro “grudento” que eu e sua mãe tínhamos.

Filho, por favor, compartilhe comigo os seus momentos felizes e triste. Mande-me notícias suas!

Atenciosamente,

De um pai que te ama muito...

TEXTO 3

Januaria 14 de dezembro de 2006

Saudações

Oi filho, tudo bem com você, comigo está tudo ótimo e como está seu relacionamento com a sua namorada, espero que esteja tudo bem. Gostaria de saber como está sua amizade nesta nova vida, se estar curtindo bastante.

Espero que você não esteja deslumbrado pela sua namorada, pois no início com aquela paixão, vocês querem ficar só os dois e acaba separando dos amigos, fazendo o que não gosta para agradar a sua parceira.

Então eu espero que você entenda está minha preocupação, pois todo mundo vai ou já passou pela essa fase. Quero sempre o melhor para sua vida esperamos vocês para o Natal e sua mãe estar com muita saudade.

Um abraço esperamos vocês no Natal

TEXTO 4

Januária 14 de dezembro de 2006

Filho eu sei que seu namoro não é de minha responsabilidade, mas desde que seja um namoro sem compromisso sem muita grudação, o que não é o caso, pois você so anda grudado com sua namorada, não dá atenção à família e nem aos amigos, nos poucos momentos que fica em casa só fala na namorada, não joga mais futebol e nem videogame, isso é preocupante. Pense bem no que você está fazendo, será que vale a pena deixar de dá atenção à família e os amigos por causa de uma menina.

Não que eu queira que você fique sem namorada, mas namorar desse jeito não dá, quantas outras garotas você já perdeu por causa dessa menina? Reflita.

Atenciosamente:

Seu pai

TEXTO 5

Januária 13 de dezembro 06

Caro filho, todos nós sabemos do seu namoro e também que você ama à sua namorada.

Assim sendo estamos preocupados com suas atitudes apresentada no dia a dia.

Não queremos acabar com o seu relacionamento, pelo contrário, queremos que vocês fiquem juntos pois temos medo de acontecer algo de ruim à vocês.

Nós lhe pedimos que se afaste um pouco dela, pois você nem tem tempo e disposição para realizar outras atividades no decorrer do dia; ou mesmo pode-se tornar um namoro enjuativo, pois não ficam sem se ver, nem mesmo um dia, ou sem se falar durante uma hora.

Após ler está carta esperamos que vocês pensem no assunto e tomem uma decisão boa para todos.

Grato seus queridos pais.

TEXTO 6

Januária, 14/12/2006

Querido filho,

Escrevo-te essa carta, porque estou preocupado com você. Sei que você começou a namorar e deixou de lado a vida normal que levava e passou a viver a vida da sua namorada.

Os seus primos, colegas de faculdade e até mesmo amigos mais íntimos, notaram seu novo comportamento e vem dizendo que você vem se afastando a cada dia da amizade que levava com eles.

Meu filho, namorar é bom, você sabe que o seu pai torce por sua felicidade, mas as pessoas tem que sempre se colocar em primeiro lugar e viver a própria vida. Entendo que o início do namoro é assim, mas entenda também que existem pessoas que gostam de você e estão tristes por está os deixando de lado.

Será uma pena, meu filho, se algum o seu namoro terminar e você se vê sozinho, pois os seus amigos poderão fazer o mesmo com você.

Volte a ser o que era antes!

Beijos, do seu pai

João

TEXTO 7

Januária, 13 de dezembro de 2006.

Caro filho, primeiramente quero te desejar muitas felicidades e dizer que estou com muitas saudades. Espero que venha passar o Natal com a nossa família como costumamos fazer todos os anos.

A sua mãe, seus irmãos e eu estamos todos bem e também apreensivos com a sua chegada. Não se esqueça que todos aqui torcemos muito para que você vença na vida e possa realizar todos os seus sonhos.

Estamos todos querendo saber se você está trabalhando ainda na rodoviária, e se ainda está namorando com a Paula. Espero que você tenha repensado à respeito deste namoro que só te atrapalha, pois você esquece de tudo quando está com ela, até do seu trabalho.

Quero que saiba que nós o amamos muito e só queremos a sua felicidade, mas namoros do tipo “grudento”, nessa sua idade, prejudica muito, pois gera uma grande ilusão. Como você vai fazer ano que vem, quando vir morar aqui em Januária? Espero que não tome nenhuma decisão precipitada.

Durante esse tempo que você está aí, tome muito cuidado para não se envolver tanto com essa sua namorada e se previna por que nada ocorra e que no futuro possa se arrepender, como por exemplo um filho.

Com a experiência de vida que tenho, te aconselho a não se envolver muito com namorada nessa idade. Procure sair com os amigos no tempo ocioso e deixe por namorar apenas no fim de semana. Namoros desse tipo torna às vezes, chato, irritante e o pior é quando um enjoa do outro.

Por fim, espero que você pense um pouco a respeito do que eu te escrevi e tome decisões corretas, pois você já está se tornando um homem e deve ter opiniões formadas. Ligue sempre que puder.

Abraços e beijos.

Ass.: Gilberto

TEXTO 8

São João das Missões 14/12/2006

Querido filho,

Os seus amigos mais íntimos me disseram, que depois que você começou a namorar, o seu comportamento mudou radicalmente: você não sai, não fala com os outros, não joga futebol e até mesmo perdeu contato com a família.

Filho, estou preocupado com voce! É certo que uma pessoa a partir do momento que começa a namorar muda o seu comportamento; mas eu gostaria que você se conscientizasse que está perdendo pessoas muito próximas a você em consequência do seu novo comportamento. Isso está lhe trazendo danos, e pode ser irreparável.

Meu filho, família e amigos são fundamentais em nossas vidas! Não deixe de viver a sua vida, para viver a vida da sua namorada.

Deixo em suas mãos a resolução desta questão. Lembre-se: você conhece a sua namorada a um tempo muito inferior aos seus amigos e familiares.

Comporte-se como antes!

Abraços de seu pai,

Gilmar

TEXTO 9

Januária, 13 dezembro de 2006

Caro filho, é com grande prazer que escrevo esta carta. Espero que quando termina-la de ler, ela possa passar algo de importante para você e sua vida. Afinal se sua vida vai bem a minha também vai.

É no intuito de que possa levar uma vida feliz e alegre, que hoje parei para escrever esta carta e dizer que estou preocupado com o relacionamento entre você e sua namorada. Pois penso que existe algo que pode prejudicar o seu namoro. Não tenho nada contra ela, pelo contrário, a admiro muito. O problema é que seu namoro esta intenso e muito além dos limites de um namoro. Este tipo de relacionamento traz conseqüências negativas, tanto a você quanto a quem realmente o estima.

No início do namoro, é claro que há uma forte prisão e a vontade de ficar um perto do outro, mas naturalmente as coisa voltam ao normal e se torna um namoro sadio. Porém o seu namoro ja tem um certo tempo e ainda continua intenso. Estou notando que seus amigos se afastaram, você não se diverte mais, não tira um tempo para si próprio. Sinto até que está esquecendo um pouco à família.

Com toda a minha experiência de vida, quero lhe dar um conselho. Viva mais à vida com seus amigos, familiares e também com a namorada. Tire um tempo reservado para você, para que você possa pensar e refletir. E sempre se lembre é preciso viver a vida ao lado das pessoas que gostam de você. Um dia dê um tempo a todos e você será mais feliz.

Termino esta carta e espero que ela possa te ajudar.

Filho espero que voce seja muito feliz e que sua vida seja repletos de alegria.

Ass.: Getúlio

TEXTO 10

Januária, 17 de agosto de 2006.

Como esta ai no Estados Unidos. Liguei sabendo que você esta namorando. Minha finha tome muito cuidado minha finha porque esses homens são aproveitador. Por favor entre em contato. Varios beijos para você.

Os seus amigos esta com saudade. Favor entrar em contato.

TEXTO 11

Querido filho!

Januária. 17/08/06

Te envio esta carta, pois precisamos conversar, você nem vem mais me visitar, só fica com sua namorada, mesmo sabendo que não aprovo esse namoro, ela é uma menina muito grudenta para um cara tão solto como você. Seus amigos me ligam dizendo que não aguentam mais ouvir você falar nela, pois no começo estava ótimo, mas agora até pra sair, você precisa consultá-la, como se ela mandasse em você, você já não é o mesmo.

Não estou te impedindo de namorar, só peço que seja menos apegado a ela, pode ser que você termine e você vai se sentir muito mal. Pense bem no que estou te dizendo, e evite falar muito dela para seus amigos pois já está ficando chato, namoro chiclete as vezes incomoda, e faz perder amizades.

Um grande abraço.

De seu pai:

Fernando

TEXTO 12

Januária 19/08/06

Meu filho

Venho escrever esta carta para te dar alguns pulchões de orelha, a respeito desse seu namoro maluco.

Peço que você repense o seu namoro juntamente com suas atitudes, vamos deichar claro garoto isso não é um pedido é uma ordem.

Você não mudou de cidade pra ficar de namorado babão, como sua tia me conta e sim estudar, e ser alguém na vida, e é bom sua tia me ligar falando que esta tudo resolvido ou eu irei ai em São Paulo resolver tudo pessoalmente, te cuida garoto e um abraço de seu pai.

TEXTO 13

Januária, 17 de agosto de 2006

Meu querido filho Fernando, estou muito preocupada com você, pois você está cada vez mais afastado da sua família, nós quase não o vemos mais, até mesmo seus amigos andam reclamando que ligam e você nunca esta em casa.

Filho eu acho que você está muito preso a sua namorada Pâmela, tudo bem que vocês se amam e não querem se desgrudar eu também já passei por isso, mas esse grude demasiado acaba prejudicando vocês dois. Suas notas caíram muito pois você não tem mais tempo nem para estudar.

Fernando se estou fazendo isso é porque eu me preocupo com você e acho que você não está fazendo a coisa certa, isso é fase e vai passar, não perca o carinho do seus amigos, o dia tem 24 horas, eu acho que você tem tempo o bastante para dar atenção a tudo e a todos que você ama e que também o amam.

Com carinho,

Mamãe.

TEXTO 14

Januária MG, 13 de dezembro de 2006

Oi minha filha, tudo bem? Espero que sim.

Você deve está achando estranho de eu estar te escrevendo e de ter colocado a carta dentro da caixinha de música que o seu namorada te deu, eu não pensei duas vezes em colocá-la dentro desta caixinha, pois sempre você fica ouvindo a mesma para lembrar do seu namorado.

Filha estou te escrevendo para te dizer que você está muito distante da sua família, você quase não fica com a gente, nos finais de semana nem se fala, eu nem sei mais o que é passar o domingo com a família, pois, você está ausente. Tudo isso por causa desse seu “namoro grudento”. Até suas amigas me param na rua, perguntando por você, porque você sumiu? Enfim até elas estão sentindo a sua falta.

Filha vou deixar bem claro pra você: eu não estou aprovando esse relacionamento, do jeito que ta. Você ainda é uma menina, uma adolescente! Do jeito que ta, você estão parecendo um casal de marido e mulher. Vocês estão demais! Você quer que eu coloque duas vezes por semana crédito em seu celular, quer dinheiro pra comprar presentes pra ele, é ele pra lá, ele pra cá, ele em primeiro lugar. Filha já chega!

Oh! Eu te escrevi não foi por opção, pois não tinha outro meio de conversar com você, pois você fica pendurada nesse celular o dia todo conversando com ele. Pense no que eu te falei, divida o seu tempo entre seus amigos, família e namorado, e não só no namorado.

Filha lembre-se, isso é só um cuidado de seus pais, filha nós te amamos.

TEXTO 15

Januária, 13 de dezembro de 2006.

Antes de tudo, quero cumprimentar-lhe e parabenizar-lhe pela passagem do aniversário. É com grande prazer, meu caro filho, que lhe desejo muito sucesso e muita felicidade na vida. Espero que possa tornar-se um homem realizado socio-profissionalmente. Assim, terá contribuído também para a felicidade do seu pai, que muito te aspira o bem.

Pensando nisso e baseado na experiência de vida que possuo, gostaria de induzí-lo a pensar e refletir carinhosamente sobre algo simples, mas que na minha concepção, não está totalmente correto. É o relacionamento entre você e sua namorada. Não tenho nada contra ela, pelo contrário, a admiro bastante; mas penso que a relação entre vocês está muito intensa, estreitamente além do necessário, podendo você ficar subordinado a essa. E isso não é bom, pode influenciar nos seus planos de estudo, trabalho, emprego e até mesmo lazer e divertimento. Não digo que deves deixá-la em segundo plano, muito menos que lhe causará algum mal o relacionamento, até porque quando nos encontramos em estado de paixão como estão vocês, conselhos nem sempre são bem-vindos; apenas imagino que devas aproveitar de forma mais abrangente cada momento de sua vida, pois ela é maravilhosa mas também breve! Digo isto porque já passei por essa fase, da qual eu aproveitei bastante.

E mais, vejo um namoro de vocês extremamente lindo e interessante, mas quando se gruda demasiadamente, pode tornar-se chato e estressante, sendo motivo de comentário populares.

Concluindo, espero que você, após ler estas singelas palavras, reflita sobre o que comentei, resultando numa mente mais amadurecida e capaz de decidir seus caminhos corretamente. Espero ainda que valorize bastante sua amada, beije muito na boca, “sem ficar colado nela 24 horas por dia”, e curta bastante sua juventude.

Ass.: Luiz

TEXTO 16

Januária-MG 18-08-2006

Oi filho, como você está? Estou morrendo de saudades de você e de sua mãe, e também de sua namorada e por isso mesmo que eu estou mandando esta carta. Eu queria te dizer sobre você e Thais sua namorada. Eu queria falar sobre seus comportamentos que sua mãe esta preocupada com você. Sobre sua relação com ela, que vocês estão muito ligados, vocês tinham que parar mais com esse grude, todos os seus amigos estão ligando para vocês saírem divertir mais você só sai com ela, eles ate afastaram de você.

Era isso que eu queria te falar para você não ficar muito grudado nela para você sair com seus amigos mais, que você so fica na casa de Thais, você parou de jogar bola aos fins de semana com seus amigos.

So queria que você soubese, mais você tinha que desgrudar mais dela. Obrigado.

E siga o meu conselho.

João Carlos

TEXTO 17

Mato Grosso, 21 de abril de 2006.

Oi meu filho, tudo bem?? Espero que sim. Estou te escrevendo porque estou querendo saber como vc está indo no colégio, no namoro... Eu estou com muita saudade. Não vejo a hora de entrar de férias no trabalho pra poder te ver.

Sua mãe me escreveu falando sobre seu namoro, ela está meio preocupada. Aí resolvi te escrever esta carta para te falar o que acho sobre o seu namoro e te dar alguns conselhos... A sua mãe me falou muitas coisas que me deixaram triste... Que namoro é esse?? Eu soube que você quase não estuda, não sai, nem se alimentando direito você está, tudo por causa dessa garota. Vocês não se desgrudam um minuto. Meu filho isto é preocupante.

Nada é melhor que um namoro eu admito! Mas esquecer do mundo, se fechar pra tudo, não pode! Você tem que curtir, você é novo! Se vc está apaixonado curta a garota mais não esqueça de outras coisas, suas amizades, estudar que é o mais importante. Espero que você reflita nisso que eu te falei, porquê namorar é bom, mas na medida certa... ta bom!

Um abraço bem forte pra você e sua mãe.

Paulo Ricardo

TEXTO 18

Januária, 13 de dezembro de 2006.

A minha amada filha adolescente.

Como sua mãe não posso deixar de me meter em sua vida como você deseja. Você foi desejada, planejada e esperada com muito amor e carinho, cada passo e gesto seu era admirado, e eu me sentia o máximo de ver um ser tão pequeno e frágil ser dependente dos meus cuidados e amor.

O tempo passou para você, mas para mim, você continua a ser um bebê que precisa dos meus cuidados, atenção e das minhas decisões.

Filha, doeu muito quando você pediu que a deixasse viver sozinha sua vida e que eu não tenho nada a ver com ela, como não tenho a ver? Eu te gerei, te deia vida. Entenda que você precisa crescer, mas não quero que você sofra.

A razão desta carta, é que ela talvez traga a você um pouco de razão. O amor é a coisa mais linda que existe, e a paixão a mais gostosa quando não deixamos que ela nos domine.

Entendo que você goste dele, e até acha que o ame, mas sua vida não deve tê-lo como centro. Não é compreensível que você abandone sua escola, seus amigos e viva como se só existisse ele. Você nem se preocupa mais em arrumar, sair com seus amigos. O que você fez com seus planos? Sonhos? Será que seus objetivos foram esquecidos só porque você o conheceu agora.

Filha, você existia antes de conhecer este garoto. Viver grudada nele 24 horas por dia te torna uma parasita, não uma namorada melhor. Ele não te valorizará, pelo contrário. O que os homens procuram são garotas e mulheres independentes que tenham opinião, gosto e saibam também dizer não, mas acima de tudo que gostem de si próprias.

Desculpe, meu amor, como sua mãe, sou contra esse jeito moderno de namorar, principalmente porque sei que não te faz bem.

Espero que ao ler esta carta você reflita sua postura e perdoe a entromissão daquela que te ama muito.

*Com carinho,
sua mãe.*

TEXTO 19

Januária, 13 de dezembro de 2006

Filhão,

Eu, venho te pedir, com grande humildade, para você repense no seu tipo de namoro.

Não tive coragem de lhe dizer pessoalmente, mas também, depois que você começou este namoro quase não para quieto aqui. Eu não sou a favor desse desse seu namoro, que já está virando uma doença. Talvez, você não tenha percebido ainda o quanto você mudou de comportamento: você já não tomo decisões sozinho, precisa da opinião da sua namorada, se seus amigos lhe convidam para uma festa, fica todo empolgado, mas depois você liga pra eles para desmarcar, motivo: você e sua namorada querem ficar juntos, meu filho você já não sai mais com os amigos, se passa um minuto longe de sua namorada, falta morrer de saudades, se por acaso, chega a sair com os amigos, passa o tempo todo falando de sua namorada!

Meu filho, nós sabemos que essa é uma ótima fase de sua vida, mas acho que já está exagerando. Tente mudar o seu comportamento, isso é uma coisa que tem de partir de você e ela. Prove para ela que você a ama mais do que ela imagina. Faça alguns sacrifícios. Tente ficar mais afastado dela. Só assim o amor de vocês dois vai fluir como águas de um rio.

Até mais tarde,

do seu pai que lhe ama muito

Mauro

TEXTO 20

Januária-MG, 13 de dezembro de 2006

Saudações

Olá meu filho como vai? Espero que bem! Porque eu realmente não sei como você esta. Meu filho eu redigi esta carta por causa que nós moramos na mesma casa porem você não conversa com migo e nem sua mãe.

Filho depois que você começo a namora com aquela garota você não tem mais tempos para sua família e seus amigos. Seus amigos já me perguntaram varias vezes porquê você esta assim eu desfaço para não fala a verdade mas eles já devem ta sabendo da verdade.

Filho eu você claro e coerente na estou gostando desse seu relacionamento pelo que eu to vendo ele não ira lê propociona nenhum tipo de felicidade pois a felicidade e em sociedade e não so com sua namorada.

Espero que você me considere e pense nisto porquê não esta dando certo esse namoro crudeto e acaba ficando chato.

Beijo de seu pai...

TEXTO 21

Januária, 13 de dezembro de 2006

Querido filho

Como você está?

Espero que esteja tudo bem com você, eu estou ótimo, sua mãe e eu estamos morrendo de saudades de você, filho, não querendo começar a critica-lo, mas, demonstrando que me preocupo com você porque te amo, eu queria te fazer uns comentários, oh meu filhinho, pelo amor de Deus, o que essa moça que você namora está pensando? se você vai ao supermercado ela quer ir, se você vai pra faculdade, ela fica te esperando na porta, se você vai a esquina essa "mula" te acompanha e vocês ficam se beijando o tempo todo, na frente de qualquer um, filho se você não acha conveniente terminar o namoro, (mesmo que eu e sua mãe achamos) deixa de ser grudento, ninguém suporta esse "shenhenhen" de vocês o tempo todo, considera o que eu "tô" dizendo filho, é pro seu bem. (e pro bem da humanidade).

Um beijo grande

Seu pai!

e larga de ser chiclete!

TEXTO 22

Januária, 13 de dezembro de 2006

Querida filha

Aí minha filha tudo bem com você?

Espero que sim mas vamos logo ao assunto.

Gostaria de fala sobre o seu namoro com aquele rapaz que conheceu na faculdade o ano passado.

Tem apenas dois anos que vocês namoram e acho que você esta muito apegada a ele e acho que vocês deviam terminar pois você pode se machucar muito pelo fato que não darra certo.

E não quero que você fique triste comigo pois sou o seu pai e quero apenas o seu bem.

Se acha que não devo me entrometer lhe pesso desculpa.

Do seu pai que te ama muito beijos!!!

TEXTO 23

Januária, 13 de dezembro de 2006

Meu filho:

Venho através desta carta, lhe pedir para você se separar mais de sua namorada, ou até termina com ela. Pois você se separou da sua família e de seus amigos, por causa do seu “namoro chiclete”, você não me liga mais, não me procura, não vai mais a balada e nem no futebol. Tem que voltar a ser uma pessoa normal.

Abraços, de seu pai.

TEXTO 24

Januária, 13 de dezembro de 2006

Prezado filho, Estou escrevendo esta carta com muito carinho. Estou muito “preocupado com o seu” namoro você mudou muito depois desse relacionamento. Você deixou tudo para trás. Até seus amigos. De infância, para e pense sobre o seu namoro, por que você não pare para pensa porque eu já passei por isso meu filho isto o normal mais pode, atrapalhar o seu futuro.

E não estou pedindo para você termina mais sim para pensa porque o seu lindo futuro. Esta em jogo eu sei que e bom amar mais, amor grudento não porque você não é chiclete, mais sim um menino com um coração muito mole. Por isso o seu pai pede de coração filho pense nesta carta com carinho como você pensa nela.

De: seu papai.

De bem longe para você.

Beijos: Papai

TEXTO 25

Januária, 13 de dezembro de 2006

Minha querida filha, tudo bem? Aqui é o seu pai que está morrendo de saudades, estou escrevendo esta carta por um outro motivo. É sobre o seu namoro, não que eu esteja contra, mas também não estou muito a favor, não sei porquê mas o seu namorado não é um genro que eu pedir para Deus. Ele é muito grudando, vive só aqui em casa o tempo todo e além de tudo não larga do seu pé, esse tipo de namorado não é pra você, você que eu cuidei desde pequenininha dei tudo que você precisou, sempre mimei e agora vou deixar namorar com qualquer um? Nada disso, você tem que terminar com ele e procurar uma pessoa que realmente vale a pena e que te mereça. Minha querida filhinha escutai o seu pai que te ama muito e só quer te ver feliz, larga esse namorado e venha viver com seu pai como era antes. E dê um tempo ao tempo que um dia você vai encontrar uma pessoa bem melhor.

Espere que você entenda.

Mil beijos e fique com Deus.

TEXTO 26

Januária, 13 de dezembro de 2006

Meu filho você não acha que esta na hora de você dar um tempo, terminar com essa menina, pois você não tem mais tempo para a sua família, para seus amigos, para seu estudo. Essa menina esta levando você para um caminho ruim. Tudo que você faz ou deixa de fazer ela te reclamar, alias você esta sendo mandado e dismandado por essa menina. Então pessa no que eu estou te falando qualquer coisa me liga.

Um grande abraço de seu pai que te ama muito.

TEXTO 27

Januária-MG 13 de dezembro de 2006

Filho pense bem nesse namoro, olhe só um namoro grudento não é bom você larga da família, dos amigos e de várias outras coisa.

Pense bem esse namoro pode estragar toda sua vida, todos os seus sonhos, você só vai querer ficar com ela, pense bem, pense nos concelhos do seu pai que está mandando essa carta.

Ass.: seu Pai

TEXTOS DA PROPOSTA 2

TEXTO 4

Januária, 17 de agosto de 2006

Pai,

Quero lhe dizer meu velho, que para mim, o tipo de relacionamento que eu levo é correto, porque hoje estou ao lado de uma garota que em um futuro bem próximo pode ser a mãe dos meus filhos, então tente me entender, agora eu tenho que me dedicar a ela, ela é a minha prioridade no momento e quero aproveitar cada minuto que posso ficar ao lado dela, pesso que o senhor me compreenda porque ao seu lado ficarei para sempre, mas ao lado dela só Deus sabe. Um abraço fique com Deus!

Ass.: Leon

P.S.: Afinal meu velho, o senhor que me disse, “o importante é ser feliz”!!!.

TEXTO 5

Januária, 17 de agosto de 2006

Querido Pai,

Pude perceber que o meu relacionamento com o meu namorado não está te agradando nem um pouco, mas é normal agente começar a namorar e transformar a coisa em algo açucarado e grudento, mais depois de algum tempo essa fase crítica passa, e tudo volta ao normal.

Espero eu que o senhor compreenda pois afinal, todo mundo já passou por isso.

Através desta, creio que você tenha mais calma e que tenha entendido o que eu sinto e venha está me compreendendo e fique do meu lado.

Obrigada por me deixa te explicar o que estava acontecendo comigo.

Beijos e abraços

Te amo sua filha

Gabriella

TEXTO 6

Januária 17 de agosto de 2006

Oi pai tudo bem? Resolver te escrever para ver se o senhor entende sobre o meu relacionamento.

Isto é normal em todo casal apaixonado ficar colado um no outro eu gosto assim ele também.

O senhor fala que eu não dou mais atenção a ninguém só penso em namorar, não é verdade ninguém vai substituir minha família é que eu gosto de saber tudo o que ele está fazendo. Eu sei que às vezes não dou atenção à vocês minhas as amigas eu não me sinto bem, mais pai estou apaixonada tenho de dar atenção a ele também.

Eu sei que o senhor pede pra mim afastar um pouco dele que o senhor que o meu bem quer me ver feliz eu acho pai que esse é o tipo certo de relacionamento ficar o tempo todo com ele, assim a gente nos conhecer cada dia melhor.

Sei eu pudesse pai ficaria colada com ele o tempo todo eu me sentiria bem mais feliz que eu já sou. Estou muito apaixonada.

Um beijo de sua filha que te ama muito

Jeane

P.S.: Obrigada pelos conselhos pais, mais eu estou feliz assim.

TEXTO 7

16 de agosto de 2006

Januária - MG

Papai,

Venho por meio dessa, justificar-lhe a minha tão ausente presença familiar.

Desde que comecei a namorar o Aldomiro, passei a ficar mais tempo com ele. Não acho e não vejo nada de mal nisso ou até mesmo que o nosso namoro e grudento como o senhor diz.

Eu acho que isso contribui para que mais tarde possamos obter um bom relacionamento.

Então peço-lhe que me entenda, e que compreenda as minhas faltas com relação ao requisito família.

Te amo! Mil beijos!

De sua filha querida

Karla

TEXTO 8

Londre, 25 de agosto de 2005

Meu caro Dad...

É com muita decepção que lhe escrevo esta carta, digo isto porque li a que você me enviou em julho e percebi que o senhor foi muito radical ao dizer que o meu namoro me afastou da nossa família e por um motivo completamente fútil: uma simples namoradinha. O senhor tem idéia da sandice que me escreveu naquela carta? Eu que esperava cumprimentos de saudades, perguntas sobre os negócios, mas não, o senhor me escreveu e o conteúdo principal foi “reclamação” sobre o meu comportamento em relação à nossa família e o ridículo papel que segundo o senhor eu presto tendo um “namoro grude”.

Mas eu entendo também o seu lado, passou o dia dos pais e eu nem telefonei para desejar felicidades e te agradecer por ser seu filho e por isso eu te digo que hoje em dia, principalmente no exterior é normal que um casal de namorados do mesmo país fiquem sempre juntos e não queiram se afastar e que eu não me desliguei, é que morar no exterior é assim mesmo! As relações com os parentes ficam mais complicadas!

E ainda disse que eu me afasto dos meus amigos, do meu trabalho por causa também do meu namoro coladinho. Pai não tem nada a ver!

Espero que o senhor entenda e me mande respostas!

Tchau... Seu querido filho Danilo

TEXTO 9

Januária – MG

14/12/06

Caro pai, já faz 2 meses que namoro com Mariana, ela me faz tão bem, e me sinto muito feliz ao lado dela.

Eu me sinto tão bem ao lado dela, que esqueci dos meus amigos, que era quem eu mais dependia. Por ela parei de fumar e a cada minuto que passa, é uma eternidade sem ela.

Um dia, um dos meus amigos falou que eu e ela era igual chiclete e que não se desgrudava nunca e disse também que eu era pau mandado e iria sofrer muito quando ela enjoasse de mim.

Mas, sei que é inveja deles, pois ela é muito bonita e simpática. Mas quanto a você, meu pai, que é de minha família, eu jamais poderia imaginar que você pedisse para eu pensar em meu relacionamento.

Pois você era quem eu mais contava para me apoiar em minhas decisões e é a única pessoa com que converso esses assuntos.

Sei que você já foi jovem, e está entendendo minha atitude e o momento no qual estou passando.

Gosto muito de toda a família, porém, adoro Mariana e não quero perde-la.

Portanto este é o relacionamento correto e que eu sempre quizei, espero que você aceite minha decisão.

Abraços!

Marcelo

TEXTO 10

Januária-MG 14 de dezembro de 2006

Pai e mãe venho através dessa justificar o meu comportamento diante da minha família a nossa família.

Na verdade acho que achei o amor da minha vida e por isso afastei de vocês, a vida e assim eu não posso ficar junto com vocês mais todo o tempo tenho que começar a construir a minha família, mas vocês estão no meu coração sou muito grato a vocês mas tenho que me distanciar um pouco.

Espero a sua compreensão amo vocês e lembrem-se que vocês estão no meu coração e independente de perto ou longe sempre estarei lembrando de vocês.

Atenciosamente,

Vinícius

TEXTO 11

Januária MG 14 de dezembro 2006

Oi pai tudo bem! porque comigo e com o meu namorado esta tudo ótimo. Pai, estou muito feliz, porque ele é o homem da minha vida, não posso viver um minuto sem ele.

Pai, não precisa se preocupar comigo porque quando não estamos juntos, nós ligamos a todo momento um para o outro e as minhas notas na escola são umas das melhores, a tia Edna me ligou e falou que o senhor já está implicando com meu namoro, disse que não tenho mais tempo para a família, que só fico com ele e que só falo dele.

Pai, o senhor está sendo injusto, a maior parte da minha vida eu fiquei com vocês agora tenho que cuidar de mim. Olha, fique tranquilo porque nós nos amamos, a família dele gosta muito de mim, ele é e sempre será o homem da minha vida.

Da sua filha Viviane

TEXTO 12

Portugal 17 de agosto de 2006.

Querido pai

Queria te dizer que esses relacionamentos são assim mesmo, desculpe se estou sem tempo para o senhor e a mamãe, mas é assim mesmo. Não lembra, quando o senhor namorava a mamãe? Ela me contou...

Quero te dizer que o meu namoro, foi um modo para que eu aproveita-se mais, a presença de vocês e a do Andre.

Queria te dizer também que amo muito vocês três, e esses relacionamentos quando estão no início são assim mesmo, como diz aquele velho ditado:

- Tudo de novo é flor. Mas com o tempo tudo volta ao normal, eu volto a sair com as amigas e a estudar mas um pouquinho. É assim mesmo.

Saudades de vocês.

*Amo muito vocês e vocês sabem,
guardo respostas não esqueci de vocês. Beijos*

Ana Paula

TEXTO 13

14 de dezembro de 2006.

Caro Papai;

Estou escrevendo para dizer que não poderei ir para Porto Seguro passar as férias aí com o senhor, passarei aqui mesmo em Januária com a Maria, sei que o senhor não aprova o meu namoro com ela, sei que acha ela muito grudenta, pega muito no meu pé, bom, mas quem pensa isso é o senhor.

Aliás, não existe coisa melhor que namorar a Maria, ela não sai de perto de mim, já veio até morar comigo, isso não é ótimo? Assim poderei ver ela a toda hora sem me desgrudar um segundo.

*Tenho toda atenção a todo momento, ela é ótima não me larga um momento, adoro isso nela. Pelo menos sei que em todos os momentos ela está comigo e não com outro.
Risos!!!*

Bom, Papai é só isso. Beijos e Boas Férias.

De seu querido filho:

João Carlos

TEXTO 14

Januária, 14 de dezembro de 2006.

Paim,

Sei que o senhor não está muito satisfeito com o meu namoro, ou melhor, a forma, com a qual eu e meu namorado nos relacionamos. O senhor vive dizendo que não é muito bom pra mim passar tanto tempo, assim como nós ficamos, juntos, pois segundo o senhor que pode ser prejudicial a mim. Mas eu penso que não é bem assim, que acontece com nós dois, o nosso relacionamento é do tipo que acontece muito companheirismo.

Quando eu estou com ele eu me sinto mais segura de mim, pois, sempre quando eu preciso dele, ele está por perto sempre pronto a me ajudar. Penso que depois de algum tempo de namoro ele passou a ser mais que um namorado, mais sim, um grande amigo; Um amigo incomum daqueles difíceis de achar, enfim ele é perfeito, ou melhor, somos um casal perfeito, digo isso por causa dos meus ex's, os quais, eu não dediquei uma atenção especial e que por causa disso não consegui enxergar o real valor de cada um deles e talvez por isso eles sejam ex hoje, pra mim.

Com esse meu namoro quero que seja diferente que nada nem ninguém atrapalhe nosso amor.

Um grande abraço

De sua filha

TEXTO 15

Januária, 11 de dezembro de 2006

Olá querido papai, como vai? espero que esteja tudo muito bem e tranquilo.

Pai te escrevo para contar sobre o meu relacionamento com o Jorge.

Você sempre diz que o nosso namoro é íntimo demais!

Na verdade existe intimidade, mas além disso, muito companheirismo, amor e sobretudo papai, harmonia em cada palavra e gesto; nós fomos feitos um para o outro, literalmente.

Nosso relacionamento é maravilhoso e não é à toa que já decidimos que iremos nos casar brevemente.

Eu o amo papai e pode ter certeza de que o amor é recíproco. E ao contrário do que você pensa, estar junto compartilhando os momentos da vida e dividindo as alegrias e tristezas não é chatície, pelo contrário é vontade de está sempre ao lado de alguém muito importante para doar todos esses acontecimentos.

O Jorge é o genro que você pediu a Deus! é carinhoso, alegre, simpático, divertido e além de tudo me faz ser a pessoa mais feliz do mundo.

Eu queria lhe pedir uma coisa. Por favor não reclame mais da conta do telefone. Eu não estou gastando impulsos em vão. É que tudo o que acontece no meu dia-a-dia, eu preciso falar, compartilhar com ele. Espero que você atenda o meu pedido e entenda o nosso amor.

Somos feitos um para o outro. Se você acredita em ditos populares como: metade da laranja, outro lado da moeda, alma gêmea ou até mesmo cara metade, pode ter certeza que somos assim, um completando o outro.

Papai o nosso amor é lindo e o nosso relacionamento é perfeito, dividimos tudo um com o outro. Isso é que é amor de verdade! Ele deixa de sair com os amigos sempre, só para ficar comigo. Não acha isso lindo? É difícil encontrar um amor como o nosso nos dias de hoje.

Papai vou me despedindo de você deixando um grande abraço e uma clemência: Aceite-nos como somos; gostamos de ser assim e somos felizes, isso é o mais importante, só queremos, agora, sua compreensão e aceitação.

Fique com Deus e grande abraço!

Atenciosamente

sua querida filha Clara

Beijos!

TEXTO 16

Januária, 14/12/06

Oi pai

Primeiro quero dizer que fiquei muito triste, por sua oposição ao meu namoro, afinal o senhor nem o conhece, não sabe o bem que ele me faz, ele se importa comigo, se preocupa com meus problemas e sempre me apoia.

É um pena que o senhor não queira conhecê-lo, acho que acabaria gostando dele, pois vocês até pensam de forma parecida.

Apesar da sua oposição quero que saiba que eu continuo te amando, e espero de com o tempo o senhor aceite meu relacionamento.

Beijos da

Sua filha

Dayanne

TEXTO 17

Januária, 13-12-2006

Papai, o meu relacionamento amoroso se torna cada vez mais compulsivo de forma “açucarada” e você não precisa ficar preocupado.

Pois, quase todos os jovens passam por está fase crítica na vida depois retorna à seu normal. Eu estou até gostando devido estarmos namorando e nesse namoro criarmos um laço tão grande de fidelidade e amizade e assim, passarmos todo o tempo juntos.

Pai, acho que agora você deve está entendendo o quero dizer. Então, não reprima o meu namoro e sim supere-o, também está me ajudando a deixar de lado hábitos que eram vícios em minha vida e que você não gostava como: o futebol, amizades indesejadas e outros, está lembrando.

Agora fica a cargo do senhor não só criticar num namoro onde que, ambos trocam sentimentos sistematicamente, como diz o ditado: “Quem tem telhado de vidro não atira pedra no telhado dos outros”.

Um grande abraço de seu filho querido,

Rodrigo

TEXTO 18

Januária, 14 de dezembro de 2006

Oi pai, tudo bem contigo? Espero que sim. Você sempre reclama que eu não me preocupo com você, mas está enganado; é que nesta fase da minha vida estou muito feliz com o meu namorado; nós, nos entendemos muito bem, e acho que você pai, deveria entender minha relação com ele.

Eu não me esqueci de você e para te deixar mais feliz, nas férias estarei ai com o meu namorado e você verá como ele é maravilhoso.

Nós somos um casal que tomamos nossas próprias decisões juntos e que ao invés de sair com amigos, vamos ao cinema e curtimos juntos um bom filme. É porisso que nossa relação é ampla e com raras confusões. Eu e ele, nos amamos muito e gostaríamos do carinho e compreensão de você. Beijos da sua filha que te ama de verdade!

TEXTO 19

Januária-MG, 14 de dezembro de 2006

Queridos pais

Venho através desta justificar minhas atitudes, diante da situação existente. Como já sabem estou namorando há algum tempo, porém, me parece que você ainda não sabem que realmente estou apaixonado e por isso estou tanto envolvido. Realmente mudei muito nos últimos tempos, já não lhe dou à atenção que merecem, mas tudo é uma questão de tempo e logo isso vai passar. Por isso, peço a compreensão de vocês, me apoiando nesse momento de desespero.

Com isso, espero ter conseguido convencê-los a respeito da situação e principalmente ganhado respeito e confiança.

Atenciosamente

Tiago

TEXTO 20

Januária, 13 de dezembro de 2006

Pai, quero através desta demonstrar a minha real situação diante do frágil problema existente, como também esclarecer o máximo possível sobre o assunto. Olha já faz alguns meses que conheci a ela, e realmente você não tem noção do tamanho amor que sinto pela garota, isto sem explicar o por que do nosso namoro grudento que todos lhe conta. Pai, também tente voltar ao passado, que você vai ter um pouco de compreensão comigo. Pois a final o seu namoro com minha mãe foi grudento, ou não? Mesmo assim, sei que mudei muito, estou sendo prejudicado na Escola, os amigos estão afastando de mim, mas estou fazendo o maior esforço possível para vencer está fase de minha vida e espero contar com o seu apoio, que nestas horas é muito importante.

Quanto a ela, não pretendo abandona-lá pois sinto que se acontecer isto não teria mais razões para viver. Quanto a mim, não precisa se preocupar pois ainda não mim sinto totalmente grudado nela, quando isso acontecer espero sim contar com o seu apoio.

Abraços do seu filhão apaixonado.

Orozino

TEXTO 21

Pedras de Maria da Cruz / 13-12-06

Oi pai, tudo bem, confeso que estou um pouco sumido, mais que você me entende, afinal de contas, comecei a namorar este ano e é normal quando a gente começa a namorar e transforma a coisa em algo açucarado e grudento. Porque no início é aquela paixão e deslumbramento um pelo outro, mas por sorte a maioria dos casais de namorados, depois de passar por esta fase volta ao normal, pois, quando você, além de namorar, cria amizade com o rapaz da vontade de ficar todo tempo juntos.

Bom mesmo é saber que, eu não sou a única, todo mundo já passou por isso, até mesmo você.

Saudades!

Qualquer hora eu apareço, bjos!

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ALUNOS

- 1) Descreva como é o seu pai. (Redija em forma de texto)
- 2) Se pudesse mudar algumas características dele, quais você mudaria?
- 3) Quais as características dele você acha que deveriam permanecer?
- 4) Quando você for pai, como se relacionará com o seu filho? A sua relação com ele será igual a sua relação com o seu pai? Por quê?

ENTREVISTA 01

- 1) Meu pai é legal, engraçado, estrovertido, compreensível, inteligente, companheiro, sopeça no bem para mim e meus irmãos sem importar nas conseqüências, paciente, e etc.
- 2) Eu mudaria sua estatura física pois é magro mais merece ser um pouco mais gordo.
- 3) Todas menos sua estrutura física
- 4) Eu quero ser igual ao meu pai com meus filhos pois meu pai compreende tudo que eu penso pois ele sabe que é uma fase da vida, ele trabalha muito mas sempre arranja um tempo para conversar e se divertir comigo, ele conversa comigo sobre coisas da vida e me diz qual a melhor escolha em certas situações, ele me faz rir muito com suas piadas, palhaçadas, por isso com o meu filho eu quero ser igual a meu pai é comigo.

ENTREVISTA 02

Meu pai sempre foi muito amigo ele sabe se relacionar com as pessoas, ele me ensina da melhor maneira possível, e está sempre querendo o bem para seus filhos.

O meu pai é uma pessoa muito séria e as vezes eu acho que ele devia ser mais brincalhão más se ele permanecer dessa maneira acredito eu que nós nunca nos desentederemos e quando eu for pai serei como o meu, simples e objetivo, terei uma relação muito saudável com os meus filhos.

ENTREVISTA 03

- 1) O meu pai é um homem generoso, trabalhador, pensa em sua família e procura nos proporcionar o melhor bem possível. O meu pai é um ótimo conselheiro, se preocupa com os filhos com sua esposa, tentar saber de tudo o possa nos magoar e procura resolver.
- 2) Meu pai é um pouco preocupado, ele tenta resolver quase tudo que diz respeito a família acho que mudaria isso nele.

- 3) O seu jeito generoso, conselheiro, amigo.
- 4) Espero que sim porque vejo meu pai como meu espelho, quando crescer educarei meus filhos do mesmo modo.

ENTREVISTA 04

- 1) Meu pai é alegre muito calmo e paciente, é uma pessoa extremamente bom com as pessoas, principalmente pelos seus filhos e minha mãe.
- 2) Praticamente nenhuma, pois do jeito que ele é está bom, pois é um pai muito bom.
- 3) Ser calma e como sempre alegre e que entende as coisas erradas do mundo.
- 4) Espero que eu seja um pai bom e que entenda o seu filho. Minha relação com ele será igual a do meu pai, por que meu pai sempre foi uma pessoa boa comigo e com meus irmãos.

ENTREVISTA 05

- 1) uma pessoa bem educada, sempre feliz e de bem com a vida.
- 2) mudaria apenas o seu pé pois é muito grande.
- 3) o seu sorriso, olhar, jeito de ser.
- 4) Creio que deverá ser a melhor possível, pois gosto muito de crianças, e quero passar tudo aquilo que eu aprendi durante a vida, para ele. Sim pois eu e meu pai temos uma relação muito boa.

ENTREVISTA 06

- 1) meu pai ele não ignorante, não é mal educado. Ele é uma bom pai, mas quando esta nervoso, sai de bacho, claro ne quem nunca ficou nervoso. Mas ele tem um grande problema ele gosta de uma cachaça que só, o defeito dele é esse. Mas meu pai ele é bom de +, ele é brincalhão, estrovertido; não há ninguem nesse mundo que não goste dele, todas as pessoas conversam com ele, é amigo para sempre. Para ele não tem momento ruim.
- 2) o vicio de beber.
- 3) bom caráter, brincalhão, estrovertido, boa pessoa.
- 4) Vou me esforçar o maximo para ser um bom pai, o melhor possível. Sim por que meu pai é e sempre sera um bom exemplo de pai.

ENTREVISTA 07

- 1) Meu pai é o melhor que qualquer pessoa quer, é gentil, educado, alegre; quando faço algo de errado me olha de cara feia, briga comigo, mas depois me da conselho e diz que me ama. Quando convido minhas amigas para ir em casa meu pai é super gentil, pai é muito sincero, todas as pessoas conhecem meu pai pela sua bondade e sua educação, o que os

outros precisam e está ao seu alcance pai ajuda, o coração de pai é o mais bondoso que eu conheço.

- 2) A curiosidade, pia é muito curiosos tudo o que ele houve falar quer saber.
- 3) Todas as características boas que há nele.
- 4) Da melhor maneira possível, vou tentar ser como meus pais são, para eles. Sim, a minha relação com os meus pais são maravilhosas, eles me amam muito e fazem de tudo por mim.

ENTREVISTA 08

- 1) Meu pai é o melhor do mundo né, é lógico, mas eu sei que eu sou suspeita pra falar mas ele é bem humorado (mesmo que de vez em quando seu extresse me assusta); é compreensível (pelo menos faz o máximo); adora nos mimar; de vez em quando é bagunceiro e reclamão, mas eu entendo né pois agente apronta; ele e bem esperto, ou aomenos tenta pois ta sempre alerta; de vez em quando ele esagera na briga, mas eu ja até me acostumei sabe! Pois ele é de lua e quando você menos espera ele te surpreende. Ele é pai e tambem humano né e como tal tambem tem seus defeitos né as vezes é preguiçoso, exagerado, palhaço e escandaloso mas são defeitos que eu não posso nem reclamar pois foram bem os que eu erdei!!!
- 2) Olha só pra não dizer que não o mudaria acho que se tirasse um pouco do stress seria perfeito viu pois sem ele não teria os outros defeitos.
- 3) O seu jeito de entender e cuidar da gente sempre tão coruja, protetor, preocupado e atencioso.
- 4) Quero ser igualzinho sabe para que o meu filho tambem tenha orgulho de mim quero ser coruja quando puder, brigona quando precisar e palhaça nas horas certas e acima de tudo lembrar da criação que eu tive e como fui feliz e tentar imitá-la ao máximo.

ENTREVISTA 09

- 1) Meu pai eu posso dizer que é tudo de bom, é carinhoso, amoroso, tem um bom coração e acima de tudo é um bom pai, respeitador, e as vezes meio impróprio pois é um pouco incompreensivo, porém sua qualidades com certeza prevalecem.
- 2) Falta de compreensão. Seu jeito meio groceiro e sua dependência em relação as cobranças.
- 3) Sua vontade de ajudar o próximo, sua bondade, honestidade e acima de tudo sua responsabilidade.
- 4) Primeiramente, pretendo ter filhos quando eu souber cuidar de mim mesmo, pois responsabilidade é algo muito importante. Minha relação com ele será igual sim pois tudo que sou devo ao meu pai.

ENTREVISTA 10

- 1) O meu pai é muito educado, mas de vez em quando ele é impassiente, mas é se quando atentamos ele. Meu pai é muito brincalhão, alegre e bem humorado, mas também sabe a hora de brincar e a hora de brincar.
- 2) O meu pai não é perfeito, mas na minha opinião ele não precisaria de mudar em nada.
- 3) As características que devem permanecer nele é todas as citadas.
- 4) Quando eu for pai eu me relacionaria muito bem, igual eu relaciono com o meu pai. O fato de a relação com os meus filhos serem igual a com meu pai é porque eu acho que seria o melhor para todos nós, porque ele sobre educar, falar sério e brincar como verdadeiros amigos.

ENTREVISTA 11

- 1) Cara meu pai é d+. Ele é muito alegre sempre me faz ficar mais feliz do que eu sou quando estou perto dele, ele é cicero, legal, brincalhão, onesto, mas às vezes ele sai do serio por causa de algumas travessuras de alguém. Como eu sou interno eu fico com muita saudade dele, quando chego em casa de férias nós fazemos muitas coisas legais tipo pescar, jogar bola, etc. E assim é meu super-herói.
- 2) Eu não mudaria nada porque já acostumei com seu jeito de ser.
- 3) Todos porque eu não mudaria nenhuma.
- 4) Praticamente do mesmo modo que o meu pai. Sim, porque nós nos damos muito bem e é assim que eu quero lidar com meu futuro “filho”.

ENTREVISTA 12

Meu pai não compreende as coisas da adolescência, vive no tempo passado é do tipo machista que não quer saber de nada que que fique dentro de casa e quando eu saio tem que voltar cedo, mas tem o seu lado bom que é quando ele comveças com a gente sobre a escola, fala sobre os seu tempos antigo quando ele era menino era tudo diferente, eu acho que é por isso que ele não compriende as coisas dos dias de hoje.

Ele pelo lado de preocupar com a casa ele é um otimo pai eu tiro o chapéu para ele, pelo fato de resolver coisas que aparenta ser tão difisio.

O que eu mudaria no seu jeito de ser, seria sua arrogancia que é imença. As características que deveria permanecer seria de preocupar muinto com a familia. A relação minha com os meus filhos quando eu for pai sera quase igual meu pai puso firme autoritario e au mesmo tempo carinhoso e compriencivo.

ENTREVISTA 13

- 1) Meu pai é um homem sério, malmorado agrecivo, sem paciência, é um cara que conhece muita gente as vezes é muito simpático e muito solidario com as pessoas. Não teve muito estudo mas me ama do jeito dele e eu compreendo porque ele faz parte da minha criação.
- 2) Mudaria a sua impassiência e que ele me ouvisse mais.
- 3) Simpático.
- 4) Eu me relacionaria bem com ele. Minha relação não seria igual a do meu pai, porque ele já me bateu muito e eu não quero isso para meu filho.

ENTREVISTA 14

- 1) Meu pai é um cara sério que vê a vida como uma realidade muito dura foi um homem que praticamente não teve infancia, ele é um homem muito duro, e rígido, mais as vezes ele não é tão rígido. Mas tem um bom coração.
- 2) Queria fazer que ele enchegase o mundo com menos rigidez.
- 3) Todas, menos a rigidez.
- 4) Acho que não porque eu não sofri tanto quanto meu pai.

ENTREVISTA 15

- 1) Muito amoroso, mais um pouco ignorante, compreensível, divertido, extrovertido.
- 2) Ignorância.
- 3) Compreensão, amor.
- 4) Quero ser amiga, presente, compreensível. Não. Porque mesmo sendo amoroso, divertido, compreensível ele não é muito presente em minha vida e eu sinto falta disso.

ENTREVISTA 16

- 1) Ele é zangado, não gosta de falar mais de duas vezes, não compreende as coisas e gosta de ser vaidoso.
- 2) Colocava ele pra ser mais calmo, preocupava mais com eu e meus irmãos, gostar mais de nós e ser menos obscuro.
- 3) Na hora de dar presente eu passava no parque zoológico.
- 4) Vou ser muito bom para ele dar tudo que ele precisa e o que eu pude dar. Não; por que meu pai era mais ruim para mim, até por que ele e separado da minha mãe.

ENTREVISTA 17

- 1) Meu pai é uma pessoa bem humorada, gosta de conversar e brincar nas horas certa e humilde e estar sempre presente nas horas mais difíceis da família. Gosta também de ajudar os outros. Gosta de beber, não viciadamente mas mantendo o controle.
- 2) O vício de beber.
- 3) Bondade, brincadeiras e conversas.
- 4) Autravés do dialogo. Não por que não quero que eu obtenho o mesmo erro que ele, pretendo dar o que eu nunca tive para que ele se sinta feliz.

ENTREVISTA 18

- 1) Imcompreensível, as vezes chato e inguinorante, não muito inteligente, religioso, de vez emquanto carinhoso, dificilmente pensa como eu mas é uma boa pessoa.
- 2) Que ele fosse mais compreensível.
- 3) A religiosidade.
- 4) Aceitar a apoiar as opções e decizões, dialogar bastante e ser amigo. Não. Porque ele age e pensa diferente de mim e critica minhas decisões.

ENTREVISTA 19

- 1) Ele é prosa rui mão fechada é vagabundo é de veis inquando ele é legau (não da para fazer em forma de texto por que eu vo ficar o dia inteiro).
- 2) Ele deveria ser legau senpre e tem que muda o resto tudo.
- 3) Só legau.
- 4) Não vou ser pia vo bater nele toda hora so diraiva do meu pai domei trauma.

ENTREVISTA 20

- 1) Meu pai é alegre, honesto, trabalhador, impaciente, não sabe ouvir as pessoas, se acha sempre com a razão, teimoso, exigente, brincalhão, carreta, não permite que nada falte para os seus filhos, etc.
- 2) A teimosia e o jeito dele ao não ouvir as pessoas.
- 3) A honestidade e seu espírito trabalhador.
- 4) Quero estar mais presente com meus filhos e dar o que meu pai não pode dar para mim, como sua presença em casa e muitas vezes apoio nas suas decisões.

ENTREVISTA 21

- 1) Ele é uma pessoa muito trabalhador, as vezes quando ta nervoso ele fexa a cara por nada nesse mundo o fassa sorrir, mas forra a isso ele gosta de muito brincar com os filho.
- 2) Esse modo que as vezes ele tem de fica com a cara fechada.

- 3) O modo dele ser trabalhado e gosta de brincar.
- 4) Sera uma relação muito amigavel. Sim, porque ele é o melhor pai do mundo.

ENTREVISTA 22

- 1) Ele é uma pessoa calma, que gosta das coisas organizadas e bem esclarecidas procura sempre que pode expecionar a minha vida, fazendo isso de forma indireta, não é muito carinhoso. Procura sempre atende minhas necessidades ao seu alcance.
- 2) Ele teria que ser menos extressado no final do dia, mais compreensivo, ser mais economico.
- 3) Sua calma, inteligencia e humildade.
- 4) Vou ser um pai que tera maior interação com meu filho, serei compreensivo, carinhoso e legal. Mais ou menos porque cada um tem seu estilo, mais alguma características de meu pai eu irei erdar.

ENTREVISTA 23

- 1) Meu pai é uma pessoa, podemos dizer que de lua, pois em um momento ele é de um jeito depois de outro. Ele é aquele tipo de pessoa ignorante, incompreensivo, chato, mais tem os seus momentos em que ele é legal, e sabe se dá bem com as pessoas.
- 2) Principalmente eu jeito de ser e agir. Pois ele é aquele tipo de pessoa que não sabe compreender nada só ele quer ter a razão e quando alguém tem mais razão do que ele ele fica magoado e sai de casa, esse seria a principal característica que eu mudaria nele.
- 3) O modo com que ele trata suas filhas, pois por mais que ele seja ignorante ele sabe ser um bom pai.
- 4) Da melhor forma possível, pois gostaria que houvesse uma comunicação entre nós já que somos pais e filhos. Nem tanto pois meu pai é um cara que ao mesmo tempo e gente boa ele consegue ser ignorante. Eu com meus filhos daria um jeito de melhorar, faria de tudo para sermos amigos, pois hoje em dia um pai vale muito.

ENTREVISTA 24

- 1) Papai é uma pessoa inigmática, difícil de se entender. É uma pessoa “cara fechada”, é bem humorado quando quer, é uma pessoa questionadora e realista, é compreensível, mas se necessário dá uma surra. Faz carinho e é amável, mas da forma dele. A vida o ensinou a nunca desistir, até mesmo porque veio de família humilde. É ignorante, mas escuta ambos os lados e respeito a opinião de ambos, mas não muda a dele. Papai pode até ser sensível mas demonstra o bastante para mim afirmar isso, é vaidoso até certo ponto. É persistente e comunicativo.
- 2) Mudaria a ignorância, melhoraria o humor.

- 3) O aspecto realista, questionador, comunicativo e compreensivo.
- 4) Tentaria ser compreensivo, comunicativo, questionador. Não vou dizer que a relação minha com o meu filho será igual a minha com o meu pai, mas vai ser bem parecida, a relação muda porque meu pai tem as características dele e eu as minhas.

ENTREVISTA 25

- 1) Meu pai é muito legal um pouco nervoso as vezes. Ele é uma pessoa super amiga com quem faz as coisas certas, mas se pisar na bola ele muda radicalmente.
- 2) Eu mudaria apenas a questão do nervosismo por que ele é muito nervoso, não só ele mas toda a família dele é nervoso.
- 3) O jeito amigo, companheiro, compreensivo etc.
- 4) Eu me relacionarei assim como meu pai se relaciona com migo, pois eu sei que tudo que ele proíbe ou me manda fazer é para o meu bem. Quando eu for mãe eu irei querer o melhor para os meus filhos assim como meu pai quer para mim e meus irmãos.

ENTREVISTA 26

- 1) Meu pai é uma pessoa de grande caráter. É muito sério quando precisa, mas quando não precisa é só gargalhada. Ele é um homem trabalhador e sua vida gira em torno de sua família tudo que faz é pensando em seus filhos e esposa. É uma pessoa forte, pois agüentou e superou grandes perdas em sua vida. Ele é sorridente, alegre, conselheiro, amigo.
- 2) Mudaria apenas o jeito quando está nervoso. Nossa ele fica muito sério.
- 3) Todas pois ele é para mim um homem perfeito por isso eu o amo.
- 4) Meu relacionamento com meu filho será como meu pai é comigo. Graças a Educação e ao ensinamento que meu pai me deu é que eu sou essa pessoa que apesar de jovem, responsável e de um grande caráter. Eu me espelho em meu pai.

ENTREVISTA 27

- 1) O meu pai é uma pessoa muito boa, que sabe entender os outros, tem diálogo, é muito compreensivo, educado, gentil carinhoso, sabe escutar mas na hora que precisa ele dá os famosos puxões de orelha, não é agressivo, adora conversar só é meio impaciente de vez em quando.
- 2) Eu mudaria a impaciência dele, pois ele é muito impaciente mesmo, ele não sabe esperar.
- 3) Retirando a impaciência, todas devem permanecer.
- 4) Eu quero ter um bom relacionamento com meu filho conversando com ele, dando carinho, explicando o que é certo e o que é errado, dando uma boa educação para que não precise

bater, que ao falar ele esteja obedecendo e também para que ao entrar na vida adulta não possa estar sofrendo por não ter tido uma boa educação em casa. Sim, porque meu pai soube me educar e eu agradeço muito a eles por isso.

ENTREVISTA 28

- 1) Chato, incompreensivo, parece que não tem amor no coração. Não é comunicativo, etc.
- 2) Quase tudo, além do que eu já citei acima eu mudaria o modo de pensar, agir e etc.
- 3) Nenhuma, pois eu não tenho boas lembranças dele.
- 4) O melhor que eu pudor dar e fazer por ele eu farei, vai ser uma relação aberta, vou tentar dar muito amor; carinho, e atenção, tudo que um filho merece de um pai ou de uma mãe. Não. Porque ele não me deu nada do que eu precisava.

ENTREVISTA 29

- 1) Meu pai é um homem bom, carinhoso, feliz e quando precisa é claro que ele sabe se linha dura mas quase sempre ele não é desse jeito e apesar de sermos varios filhos ele sabe muito bem dar atenção, carinho a todos.
- 2) Eu mudaria seu jeito ele parece um segurança. Não mudaria nada no seu interior.
- 3) Carinho, amor, felicidade etc...
- 4) Espero que bem, feliz, atencioso etc. Acho que não por que quando eu era menor era muito atentado e meu pai teve muita paciência acho que eu seria um pouco mais duro mas as outras características acho que seria igual.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)